

MEMÓRIA INSTITUCIONAL DO CAMPUS ALEGRETE

DA ESCOLA AGROTÉCNICA
AO INSTITUTO FEDERAL



**INSTITUTO
FEDERAL**
Farroupilha

Campus
Alegrete



ALEGRETE / RS
INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA 2022

MEMÓRIA INSTITUCIONAL DO CAMPUS ALEGRETE

DA ESCOLA AGROTÉCNICA
AO INSTITUTO FEDERAL



São Paulo – 2023

Copyright © 2023 por Instituto Federal Farroupilha - Campus Alegrete/RS
**Memória Institucional do Campus Alegrete: da Escola Agrotécnica ao
Instituto Federal / Instituto Federal Farroupilha - Campus Alegrete/RS**
Rebecca Corrêa e Silva

1ª Edição

Dezembro de 2023

Edição:
Fontenele Publicações

Revisão:
Tiago Rosa

Diagramação:
Marcos Dígues

Capa:
Jianlis Flores

ISBN – 978-65-5871-581-8

CIP – (Cataloguing-in-Publication) – Brasil – Catalogação na Publicação
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Memória Institucional do Campus Alegrete [livro eletrônico] : da Escola
Agrotécnica ao Instituto Federal / Instituto Federal Farroupilha : Campus
Alegrete - RS ; coordenação de Rebecca Corrêa e Silva. 1 ed. São Paulo,
Fontenele Publicações, 2023.

ISBN 978-65-5871-581-8

CDD 370.7108165

Índice para catálogo sistemático

1. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha –
Campus Alegrete – História I. Silva, Rebecca Corrêa e. II. Título

A editora não se responsabiliza, nem de forma individual nem de forma solidária,
pelos conceitos e opiniões no conteúdo deste livro.

Todos os direitos reservados ao autor. Proibida sua publicação total ou em partes por
qualquer meio de comunicação, sem a autorização prévia do autor.

Fontenele Publicações

Av. Paulista, 1765 - 7º Andar cj 72 cv10028 - Bela Vista - São Paulo/SP - CEP: 01311-930
Contato/WhatsApp: 11 98635-8887 / 95150-4383 / 95150-3481
contato@editorafontenele.com.br

Agradecimentos

Gostaria de agradecer em primeiro lugar a colega Marciéle Lucher que esteve presente desde a origem até a elaboração do projeto “Memória Institucional do campus Alegrete: da Escola Agrotécnica ao Instituto Federal” e me auxiliou em duas entrevistas. Agradeço também os doze entrevistados pela generosidade e disponibilidade em ajudar na construção deste trabalho. Agradeço aos bolsistas Luis Felipe Gomes pelas transcrições; Diogo Monteiro pela digitalização e organização das dezenas de fotografias e Jianlis Flores pela produção da capa e contracapa deste livro. Sou grata ao colega Tiago Rosa pela revisão textual cuidadosa e à Diretora Ana Rita Parizi agradeço pela disposição em ajudar e pela escrita da apresentação.

Rebecca Corrêa e Silva
Coordenadora do Projeto

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	6
INTRODUÇÃO.....	8
HISTÓRICO DE DENOMINAÇÕES	9
MINI BIOS - ENTREVISTADOS(AS) PELO PROJETO	10
INGRESSO E PERMANÊNCIA NA ESCOLA	15
RELEVÂNCIA DA ESCOLA PARA A REGIÃO.....	42
DESLOCAMENTO/TRANSPORTE	50
INFRAESTRUTURA, INSUMOS E MAQUINÁRIO	56
A VIDA DOS INTERNOS.....	68
COZINHA & REFEITÓRIO.....	74
ROTINAS, TURNOS E HORÁRIOS	81
CURSOS E DISCIPLINAS	85
CONVIVÊNCIA E RELACIONAMENTO	100
MOMENTOS DE INTERVALO E LAZER.....	113
FESTAS E COMEMORAÇÕES.....	119
ATIVIDADES ARTÍSTICAS E CULTURAIS.....	124
A PRÁTICA DESPORTIVA.....	134
O GRÊMIO ESTUDANTIL.....	139
OUTRAS HISTÓRIAS... ..	144
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	155
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	156

APRESENTAÇÃO

Aos 68 anos de história que completamos neste ano em 21 de março de 2022, é importante resgatarmos como chegamos até aqui e quem somos. Em 1954 iniciaram as atividades do Campus, a partir da iniciativa do, então, Deputado Federal Ruy Ramos, que pleiteou junto à Secretaria Estadual da Agricultura a criação de uma escola para atender aos jovens da colônia do Passo Novo. Naquele ano, 34 alunos fizeram parte da primeira turma de Iniciação Agrícola, em regime de internato.

Em 1956 a Escola passou a ofertar o Curso de Mestria Agrícola, destinado a receber alunos oriundos do Curso de Iniciação Agrícola. Também neste ano entrou em funcionamento a Escola de Economia Doméstica, destinada somente às meninas. No ano de 1961 foi criado o Curso Colegial.

Ao longo destes 68 anos a Instituição passou a integrar a administração estadual, vinculada, depois, à Universidade Federal de Santa Maria. Em 1985, tornou-se Escola Agrotécnica Federal de Alegrete (EAFA), sendo mantida pela COAGRI. A estrutura física e o número de cursos cresceram gradativamente. Em 2005, foram autorizados os cursos superiores de Tecnologia em Produção de Grãos e Tecnologia em Agroindústria; no ano seguinte, a escola passou a oferecer Cursos Técnicos Integrados à Educação de Jovens e Adultos de Nível Médio (PROEJA), nas áreas da Informática e Agroindústria. Neste mesmo ano de 2005 ocorreu a oferta do Curso de Técnico Agrícola Integrado ao Ensino Médio, na habilitação Agropecuária.

Com a publicação da Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, foram criados os Institutos Federais – com isso, por meio da integração da EAFA, do Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) de São Vicente do Sul, de sua Unidade Descentralizada de Júlio de Castilhos, e do acréscimo da Unidade Descentralizada de Santo Augusto que anteriormente pertencia ao CEFET de Bento Gonçalves, foi criado o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha (IFFar), que hoje conta com 11 campus no interior do Rio Grande do Sul.

Atualmente, o IFFar – Campus Alegrete oferta os seguintes cursos:

- Técnicos Integrados: Agropecuária, Informática e Química; PROEJA (Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional Tecnológica); Agroindústria;
- Técnico Subsequente (EaD): Agroindústria. Tecnólogos: Alimentos, Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Produção de Grãos;

- Licenciaturas: Ciências Biológicas, Química, Matemática;
- Bacharelado: Zootecnia
- Pós-graduação *lato sensu*
- Especialização: Ciências e Matemática, Gestão Escolar, Tecnologias Aplicadas a Culturas de Lavoura.

Nossa comunidade escolar conta, atualmente, com aproximadamente 1.400 alunos, 106 docentes efetivos, 85 técnicos administrativos em educação e 59 funcionários terceirizados. Ao celebrar 68 anos, resgatamos a importante missão dos Institutos Federais ao contribuir para o desenvolvimento local, auxiliando na região que estamos inseridos. Vale também valorizar os muitos sonhos, desafios e conquistas deste período e a responsabilidade que temos em seguir em prol da educação pública, gratuita e de qualidade.

Ana Rita Parizi
Diretora do Campus

INTRODUÇÃO

O projeto de extensão “Memória Institucional do campus Alegrete – da Escola Agrotécnica ao Instituto Federal”, foi desenvolvido durante o segundo ano da pandemia do Coronavírus, em 2021, e buscou a valorização dos patrimônios locais em meio a um contexto marcado pela espetacularização e massificação da cultura., Ao lado disso, o trabalho remoto e a redução dos contatos presenciais produziu maior necessidade de estreitamento dos vínculos do IFFar com a comunidade escolar. Neste sentido, buscamos aproximar (e)afetivamente as pessoas que fizeram e fazem parte da história do campus Alegrete, tornando-os partícipes neste processo de resgate e preservação de nossa memória institucional.

Compreendendo o patrimônio como uma dimensão da memória, e a contribuição desta no fortalecimento da identidade, tanto individual quanto coletiva, observamos que a identidade cultural expressa a forma como os indivíduos se imaginam e se percebem enquanto “membros de um grupo e produzem diversas representações quanto à origem, história e natureza desse grupo”¹. Do mesmo modo, ao reunir esses fragmentos das memórias individuais e compartilhadas (patrimônio imaterial) sobre o campus Alegrete, ao lado dos registros fotográficos (patrimônio material), também estamos contribuindo para potencializar a noção de pertencimento identitário e promover aos diferentes grupos, unidos em torno do IFFar, a apropriação de seus patrimônios.

Este ebook foi construído a partir de trechos de doze entrevistas com ex-estudantes e ex- servidores do campus Alegrete (alguns desses ainda na ativa) realizadas entre os meses de julho e setembro de 2021. Dado as poucas fontes documentais escritas, o resgate histórico de nossa trajetória institucional foi viabilizado pela coleta de depoimentos orais, seguindo o método da História Oral e pela formação de um banco de imagens contendo fotografias, algumas delas são encontradas nas transições dos capítulos a seguir.

Muitos dos que já estudaram e trabalharam no campus, principalmente entre as décadas de 1960 e 2010², poderão rememorar uma parte de suas vidas passadas em nossa Escola, contada por doze diferentes vozes. Aos “novos”, que chegaram a pouco e às gerações vindouras, tais depoimentos informam e encantam até mesmo o leitor leigo sobre a trajetória deste Instituto.

Rebecca Corrêa e Silva
Coordenadora do Projeto

1 CANDAU Joel. Memória e Identidade. 1ª Ed. . São Paulo: Contexto, 2019.

2 Período sobre o qual discorre a maioria das narrativas.

HISTÓRICO DE DENOMINAÇÕES

1954 - Escola Agrotécnica de Alegrete (EAA)
1964 - Colégio Agrícola de Alegrete (CAA)
1985 - Escola Agrotécnica Federal de Alegrete (EAFA)
2008 - Instituto Federal Farroupilha (IFFar)

Diretores (as)

1. 01. Dr. Carlos Martins Bastos (1953-1955)
2. Dr. Péricles Cardim Alencar Osório (1956-1960)
3. Sr. Ivan Joaquim Barros de Moraes (1961-1963)
4. Ten. Ismael Barreto Passos (1964)
5. Ten. Cel. Jim Meirelles (1964-1968)
6. Prof^a. Ely Pinheiro Machado (1968)
7. Eng. Agrônomo Marco Aurélio Oliveira da Silva (1968-1971)
8. Médico veterinário Paulo Roberto Rodrigues Teixeira (1971)
9. Médico veterinário José Scheid Ramos (1972-1976)
10. Prof. Marcos Valdemar Ruffo Goulart (1977-1985)
11. Prof. João Carlos Carvalho (1986-1990)
12. Prof. Gaspar Paines Guterres (1990-1991)
13. Prof. Iracildes Goulart de Souza (1991)
14. Prof. Marcos Ruffo Goulart (1993)
15. Prof. José Romeu (1993-1998)
16. Prof. Hércules José Procópio (1998)
17. Prof. Amir Peres dos Anjos (1999)
18. Prof. Gaspar Paines Guterres (2000)
19. Prof. Rivadávia Leite da Silva (2000-2001)
20. Prof^a. Rosani Raffi Shiller (2002)
21. Prof^a. Carla Comerlato Jardim (2003-2011)
22. Prof. Otacílio Motta (2011-2012)
23. Ana Paula Ribeiro (2013-2015)
24. Prof. Rodrigo Ferreira Machado (2016-2020)
25. Prof^a. Ana Rita Costenaro Parizi (2021-)

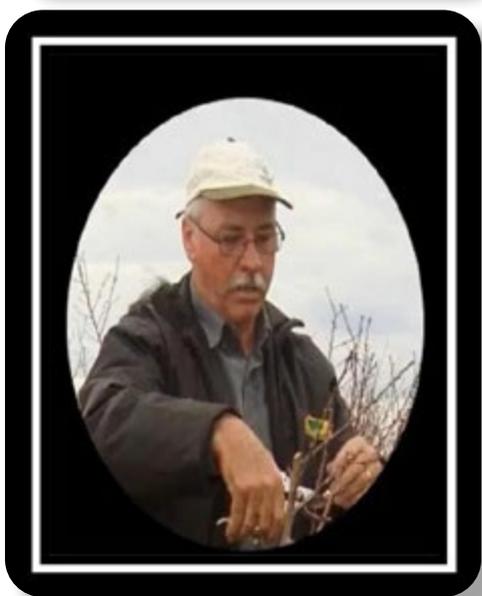
MINI BIOS - ENTREVISTADOS(AS) PELO PROJETO



Eunice Gomes Poitevin

(Apelido: Cigana)

Ex-aluna do Ginásio Agrícola de Alegrete (1964-1967) e do Técnico Agrícola (1967-1970).



José Nilton Rodrigues Dorneles

(Apelido: Birolho)

Ex-aluno do Ginásio Agrícola de Alegrete (1966-1970) e do Técnico Agrícola (1971-1973). Professor de Agricultura e Fruticultura (02/1983-1997; 2009-06/2016).



Joaquina Loriz Adolpho

Ex-aluna do Ginásio (1967-1969) e do Técnico Agrícola (1970-1973).



Francisco Lima(Chiquinho)

(Apelido:Tambicu)

Ex-aluno do Técnico Agrícola (1975-1978).
Técnico Agropecuário do campus (1986 -).

Agricultura II e Silvicultura.



Gaspar Paines Guterres

Professor de Agricultura e Topografia (1977 – 2008).

Diretor (1990-1991) e (2000).



Gleice Gomes Koop

(Apelido: Saracura)

Ex-aluna do Técnico Agrícola (1982-1985).



Bento Alvenir Dornelles de Lima

(Apelido: Saraquá)

Ex-aluno do Técnico Agrícola (1983-1985).

Professor de Olericultura (1991 -).



Luciano Prates da Costa

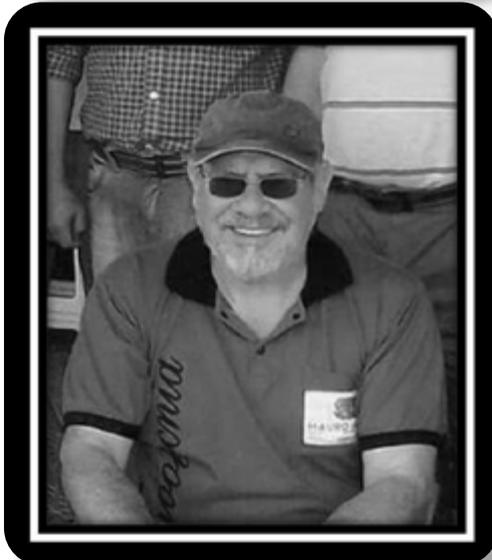
Vigilante noturno e assistente de alunos (1984 - 2017).



Carla Cormelato Jardim

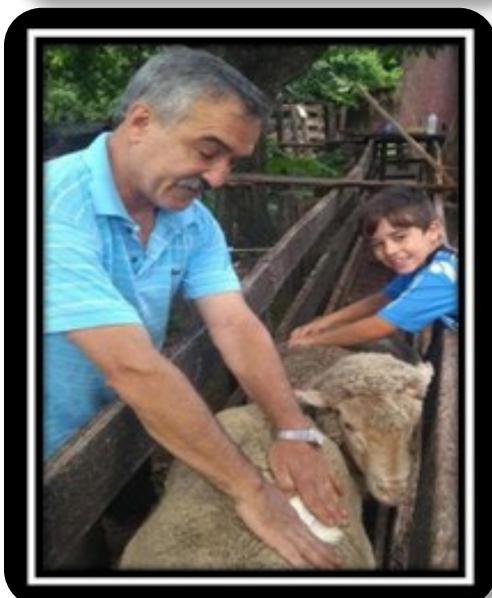
Professora da EAFA (1992-2011) nas disciplinas Ovinocultura e de Agroindústria. Diretora Geral do Campus Alegrete do IF Farroupilha/RS por dois mandatos consecutivos (2003/2007 e 2007/2011).

Reitora reeleita do IFFar nos mandatos de 2012/2016 e 2016/2020.



José Ernesto Alves Grisa

Professor da EAFA (1994-2014) nas disciplinas de Sociologia e Extensão Rural.



Otacílio Silva da Motta

Professor da EAFA (1995-2021) nas disciplinas de Zootecnia e Ovinocultura.

Diretor Geral do Campus Alegrete do IFFarroupilha/RS, mandato (2011/2012).



José Luiz Ferraz Aires

Estagiário no Colégio Agrícola de Alegrete (1984)
Agente de Atividades Agropecuárias (1986). Pro-
fessor da EAFA (1987-2019) nas disciplinas:
Agrostologia, Forragicultura, Pastagens e Forra-
geiras, Gado de Leite, Comportamento e Bem Es-
tar Animal.

INGRESSO E PERMANÊNCIA NA ESCOLA

Este capítulo apresenta as memórias dos entrevistados sobre sua chegada no campus, em que época se deu e de que maneira, seja para estudar ou trabalhar, e em quais condições. Temos entrevistados que possuem dois momentos de entrada: como estudante ou como servidor da escola. Há aqueles que estudaram e, anos depois, vieram a trabalhar na escola. Os entrevistados abordam como foi sua permanência nesta instituição, narrando também sobre suas vivências em determinada duração temporal. O presente texto permite entrever os capítulos que seguem, principalmente no que diz respeito à posição em que cada pessoa se vê dentro da escola e aqui já narram boa parte do sentimento de fazer parte desta história.



Figura 1- Entrada do campus na época em que era o Colégio Agrícola de Alegrete, unidade descentralizada da UFSM - Universidade Federal de Santa Maria. Fonte:Acervo Instituto Federal Farroupilha - campus Alegrete

Eunice: “Eu nasci lá na chácara dos meus pais, eu, a minha irmã mais moça, a minha irmã mais velha e três irmãos homens. O pai (Ângelo Denei Gomes) veio do Inhanduí, quando ele morava no Inhanduí, ele veio com as três filhas mais velhas, já nascidas, e o filho (Angel) Denei, esse que foi inspetor de aluno lá (...). Meu pai foi inspetor na época, meu pai foi guarda, guarda, chamavam naquela época guarda, passava a noite cuidando. Mas ele não trabalhou muito tempo, ele foi dos primeiros, mas não trabalhou muito tempo, ele resolveu se dedicar à agricultura e deixou. Quando foi criado o Colégio Agrícola tinha os colonos e ali já fizeram aquilo ali por causa desses colonos que tinham filhos, então a gente aproveitou o Colégio Agrícola para estudar, todos nós, filhos de funcionários, os filhos de colono, tudo. (...)

Entramos todo mundo junto. Abriu, entrou nós as três, as mais moças, as três juntas. Ceres, a mais moça, entrou depois, aí nós já estávamos no segundo ano, eu e a Ester. Mas ela no segundo ano deixou e casou e a Ester também, já no terceiro ano casou, e fiquei só eu, mais dezessete moças. No Técnico era só eu. A Loriz (Joaquina Loriz Adolpho) era uma que morava muito longe da Escola, ela morava no “29” (RS 377-Km 29) para o lado do São João e vinham a pé de lá para estudar, elas fizeram um sacrifício, a irmã dela eu admiro muito, a Doril, bah, por causa disso, paravam às vezes lá em casa, quando chovia muito ficavam lá... Vinham atravessando o campo e passavam o nosso campo e, obrigatoriamente, passavam na nossa casa(...). Os nossos pais, recebiam alunas que estudavam no Colégio e paravam na nossa casa(...). Primeira mulher a se formar na Agrotécnica de Alegrete(...). O Ginásio no Colégio Agrícola foi aberto para filhos de funcionários e gente ali do loteamento, que foi o meu caso.

A gente entrou para o Ginásio primeiro, fez os quatro anos de Ginásio, foram dezessete moças junto comigo. E aí criaram o... Era só homem no Técnico, mas aí criaram para moças também, foi no ano que eu entrei, em 1967. Era só rapazes antes, não tinha menina no Técnico, tinha só no Ginásio. Éramos dezessete moças e, dessas dezessete, só duas entraram no curso Técnico. Uma que agora é minha comadre, ela engravidou de um aluno e teve que deixar, então segui só eu sozinha até o terceiro ano, e aí entrou a Loriz(...). Meu apelido era cigana, porque eu usava trança. Eu tinha o cabelo comprido, meu pai era da Assembleia de Deus, não deixava a gente cortar o cabelo, então eu usava trança, porque eu não gostava, ainda mais para fazer a aula prática também, com o cabelo solto. Era cigana, até hoje me chamam de cigana. Todo mundo tinha apelido... Eu não, nunca sofri trote, nem no Ginásio, foi proibido para as mulheres(...). Mas olha que eu tenho uma saudade de lá que nem sei, daquela época!”(Eunice)

Joaquina: “(...) eu tinha treze anos e eu estudava no grupinho ali embaixo a quinta série, e na época tinha prova de admissão ao Ginásio, e aí fui contemplada, meus irmãos, meus colegas tudo rodaram, mas eu tive a felicidade de passar e fiz todo o Ginásio lá, 1967, 1968, 1969, mas naquela época era assim, eles estavam acabando com o Ginásio porque ia ficar só colegial, só o segundo grau, quem rodava estava fora, mas tinha o segundo grau aqui, que hoje é a Secretaria da Agricultura lá, então o pessoal fazia o Ginásio ali, quem rodava vinha embora para Alegrete. Eu continuei. Depois, 1970, ingressei no segundo grau, fiz todo o segundo grau, os três anos, a única mulher no... Na época era Escola Agrotécnica de Alegrete, porque ela teve vários nomes, já no

último ano que nós ficamos eu acho que era COAGRI, mas era filiada, era uma digamos assim, uma filha da Universidade de Santa Maria, nós pertencíamos à Universidade de Santa Maria.

Todos os alunos eram batizados com nome de bicho³, mas devido ao tempo da ditadura, da educação, devido à, digamos à cultura, as mulheres eram poupadas, poupadas do apelido, mas a gente não era poupada do batismo do bicho, a gente recebia, lavava cueca, a gente tocava caneca no chão com nariz, a gente fazia, olha, copiava provas e provas e provas, fazia questionário para os alunos, para os colegas, lavava camisa, a gente sofria. Ali embaixo, entre o prédio lá de cima, lá embaixo tem uma lagoa, ali eles batizavam os bichos. Graças a Deus não fomos batizada, não tinha apelido, mas a gente tomava trote igual, eram eu acho que uns quinze dias de trote, era sacramentado (risos)

(...) depois eu tive dificuldade para sair de lá e fazer o estágio. Porque ninguém acreditava que uma... Menina, eu era bem nova, tinha 20 anos, e na época era assim, quem ia para o segundo grau era 20, 25, 30 anos, as pessoas iam muito tarde para a sala de aula e eu saí muito nova, aparentemente eu era nova para a época e eu não consegui estagiar, eu não consegui estagiar porque a lei 5692/71 do ano de 1971, ela dizia que aluno não podia mais concomitar estágio com o segundo grau, então tinha que fazer o estágio supervisionado fora de... 1200 horas, eu não me lembro quanto que era. Então quando eu chegava em uma empresa, em uma fazenda para me inscrever para estagiar ninguém acreditava que eu ia, que eu ia regular uma ceifa, que eu ia castrar um touro, não acreditavam em mim, não me davam

(...) A mulher era muito discriminada, ela era vista como do lar. Eu, na verdade, eu revolucionei, eu revolucionei, porque no caso da Eunice, tudo o que ela fez foi lá dentro do Colégio e eu fiz fora do Colégio. Eu estagiei com Ordram 6Z, que é o herbicida do arroz, pinga-pinga, e o Vernan 12E, que é o pinga-pinga do soja. Então foi aí que eu consegui, graças a Deus, estagiei em uma multinacional, levei comigo três colegas que, um está bem até hoje, que é o Sebo, até hoje, porque começou nessa época trabalhando junto. Mas eu acho que é isso aí, eu só tenho boas lembranças, depois o meu marido, já bem depois eu casei em... Eu saí em 1973 e casei em 1983, aí em 1987 ele (Irion Pujol) foi trabalhar lá, trabalhou até final de 2011, quando ele teve o AVC. E entre 2001 e 2005, meu filho fez o curso de Informática e depois que ele terminou o curso de Informática ele fez mais um curso técnico em Santa Maria e aí veio para fazer o curso de Engenharia Agrícola aqui na Agrotécnica e na... Era um pouco aqui e um pouco lá na UNIPAMPA(...).

Hoje ele é professor da UNIPAMPA, e ele é engenheiro do IRGA, graças a Deus que estão os filhos encaminhados. E essa é a nossa vida, só tenho a agradecer a Deus pela Agrotécnica, que abriu as portas para mim, que me poupou muito de muito sacrifício lá dentro (...). E eu fui assim, como é que eu vou dizer, muito, muito bem recebida por funcionários, fui muito bem recebida por colegas, por professores e eu louvo a Deus por ter passado por lá, aprendi a viver, hoje eu sou bióloga, sou técnica agrícola e tenho pós-graduação, tudo sempre ligado a terra (...). Mas a minha vida pela Agrotécnica foi um espetáculo, depois de lá eu vim para o Oswaldo Aranha, lecionei 12 anos no

3 Denominação utilizada para os alunos iniciantes.

Oswaldo Aranha, mais 11 e meio no Emílio (Emílio Zuneda), me aposentei professora de química (...)" (Joaquina)

José Nilton: “Inicialmente me apresentando, sou José Nilton Rodrigues Dornelles, professor aposentado dessa instituição desde junho de 2016, fui professor de silvicultura, de fruticultura e por lá tive todo esse período até cumprir minha, meu destino de aposentado. Colaborando então com o NAC, vou fazer essa narrativa, partindo inicialmente do histórico que tem, li várias publicações, sei que já é de conhecimento de todos as datas de fundação da nossa antiga Escola Agrotécnica de Alegrete, que posteriormente, passou a denominar-se Colégio Agrícola de Alegrete e em outra oportunidade mudou o nome para Escola Agrotécnica de Alegrete e, na sequência Escola Agrotécnica Federal de Alegrete, em 1985 e, por último, Instituto Federal Farroupilha, campus Alegrete, em 2008. (...) fui aluno dessa Instituição em 1966, quando funcionava o Ginásio Agrícola, então fui aluno do Ginásio Agrícola de Alegrete nos anos 1966, 1967, 1968, 1969 e 1970, porque cinco anos, então, eu rodei um ano, fui reprovado na primeira série do Ginásio.

Então eu sou desta época, mas de antemão já conhecia a Escola Agrotécnica de Alegrete, porque já tinha familiares alunos e amigos também, vizinhos da minha casa de onde eu morava na vila de Passo Novo ao lado, praticamente, ao lado da escola, nós morávamos na vila e se nos deslocávamos todos os dias para a escola. O meu irmão, que em 1965 tornou-se aluno da primeira série do Ginásio e, na sequência, no próximo ano, eu segui os mesmos passos do irmão.(...) eu era um aluno dos mais novos da turma, sempre fui o guri da turma, sempre fui o mandalete, qualquer coisa: ‘Ah o Zé vai, o Zé Nilton vai’, ah meu apelido era biroio (birolho): ‘O biroio faz, o biroio vai’, porque era o guri da turma. Biroio, apelido de Técnico, de guri, então no internato também tudo era o biroio.(...) em 1965 eram tantos alunos na Escola, que houve um descontentamento dos alunos pela falta de estrutura, falta de alimentação e o ensino deixava a desejar, então, e pelo número de alunos que se matricularam naqueles dois últimos anos ali, então houve um somatório de alunos, um agregamento de... Alunos que somaram até mais de trezentos e a Escola não comportava naquela época, que faltava até, era a maioria internos, faltava gênero alimentícios, muitas vezes faltando professor e isso houve um descontentamento por parte dos alunos e estourou então, organizaram uma greve, onde houve a intervenção militar naqueles anos, então essa intervenção militar deu uma reviravolta muito grande na escola, porque... Os alunos tiveram que ser... Das duas últimas séries do Ginásio, tiveram que ser deslocados para outra instituição, o caso da cidade de Cachoeirinha, lá em Viamão, na ETA, para concluir o seu curso e por lá então continuaram estudando. E os alunos de primeira e segunda série do Ginásio continuaram ali como alunos, ou seja, foi dividida a turma: terceira e quarta foram embora e primeira e segunda continuaram na Escola, tá, até o término do Ginásio e conseqüentemente deram sequência aos seus estudos no Técnico Agrícola, onde o meu irmão continuou e eu logo em seguida acompanhei.

(...) então eu em 1965 acompanhei todo esse movimento, porque eu estudava na vila de Passo Novo, concluindo o antigo primário, que dali em diante então eu concluí o primário e passei a frequentar a Escola Agrotécnica de Alegrete na primeira série

do Ginásio. Então para ingressar na primeira série do Ginásio que foi a escolhida na época, porque a gente morava na vila do Passo Novo, era filho de agricultor e já pela divulgação que faziam da Escola que era boa, perfeita, que tinha planos para o futuro e a gente também sempre almejando um algo melhor, a família também querendo que os seus filhos seguisse aquela Escola. Então houve por bem também eu dar continuidade por lá. Então em 1966 segui os estudos no Ginásio Agrícola, ou seja, na primeira série e por ali fomos. Concluso o Ginásio, passei de imediato para o Técnico Agrícola, sem uma seleção, quem havia concluído... A quarta série do Ginásio, já passaria para o segundo grau, ali no caso, que era o Técnico Agrícola.

(...) eu concluí a Escola em 1973, como Técnico Agrícola e dali em diante segui procurando uma vida profissional, que onde logo de início vem o estágio, até um bom estágio, na Estância Minuano dos Macedo, fiquei, era três meses naquela época o estágio e eu fiquei quatro estagiando lá, até abril e, logo de abril eu findei o estágio. Aí não quis ficar na fazenda, consegui um emprego em outra fazenda, já era Técnico Agrícola da fazenda do Quirino Ferreira da Costa, fiquei uns quatro meses também, plantando lavouras, colhendo soja, plantando trigo, ajudando na pecuária, criação de gado. Venceu os quatro meses e eu fui solicitado, convidado a me inscrever num projeto do município, que é em convênio com o estado, para montar esse projeto. Era para montar uma escola ambulante, Escola Técnica Ambulante, para os alunos de sexta, sétima e oitava série do interior do município. Esse projeto caiu em 1979, terminou, chamado projeto UMIT e eu fui selecionado. Tinha que formar (...) duas equipes de professores e irem se deslocar para Passo Fundo, fazerem a licenciatura curta, de curta duração, ou seja, adquirir habilitação para lecionar alunos de primeiro grau na área técnica(...).

Fomos selecionados em Alegrete, lá no finalzinho de 1974 e em, já janeiro de 1975 fomos para Passo Fundo adquirir habilitação na licenciatura curta, para adquirir habilitação para lecionar no primeiro grau técnicas da área técnica(...). Voltamos já em maio daquele ano de 1975, fomos contratados pelo estado com a participação do município(...). E assim fizemos até 1979, então o meu começo na primeira vida como professor foi 1975, professor da UMIT, Unidade Móvel de Iniciação para o Trabalho, no município de Alegrete. Dali então que eu iniciei como professor, lecionando primeiro grau. E em 1978, estava no UMIT ainda, descobri que em Santa Maria haveria uma seleção de candidatos para a licenciatura plena, colocar, ou seja, regularizar a situação de professores que estavam nos colégios agrícolas do Brasil todo para adquirir habilitação para lecionar ou continuar lecionando no segundo grau e eu era do primeiro grau, então fazia esse curso para lecionar no segundo grau e voltar para a minha escola de onde eu saí, entende, então me inscrevi em Santa Maria, consegui transferência daquela unidade móvel da UMIT, para o Colégio Agrícola da Universidade Federal de Santa Maria e consegui continuar, fazer o curso e trabalhando no Colégio Agrícola, em final de 1978. Fiquei 1979 estudando e no início de 1980, foi até abril de 1980, foi a conclusão. O curso levou o nome de 'Esquema 2', ou seja, uma habilitação a nível de licenciatura plena para lecionar em segundo grau. Então eu vim para Santa Maria, fiz o curso 'Esquema 2' e continuei no Colégio Agrícola de Santa Maria, da Universidade Federal de Santa Maria, de 1979 até 1982. Fiz o curso, continuei lecionando, lecionava agricultura geral, lecionava jardinagem, culturas regionais e as aulas práticas de la-

voura, plantava soja, milho; atendia os alunos do terceiro ano, que era outro professor, ele não podia dar as aulas práticas e eu assumi as aulas práticas na lavoura com os alunos de terceiro ano do técnico agrícola. Fiquei até 1982 em Santa Maria. Consegui no início de 1983(...).

Batalhei voltar para Alegrete, então estava fazendo dez anos que eu saía como aluno, voltei para Alegrete como professor no dia 01/03/1983, foi quando eu assumi em Alegrete. Então de 1983 até 2016 eu fui alegretense. Eu, como professor da época, entrei lá em 1983 na Fruticultura e continuei o meu setor da Fruticultura. Essas árvores frutíferas que existem aí tudo foi orientado por mim, o plantio todo; a disposição de número de plantas; as variedades, uma planta, uma variedade para produzir em primeira mão depois a do meio ou a tardia; as uvas(...). Todas essas plantas atrás do refeitório onde começa o pomar, inclusive é um pomar novo que quando eu estava na plena atividade consegui montar esse pomar, que é o primeiro pomar, logo na beira da estrada de quem vai para o Passo Novo. Começaram a roubar muita fruta pela estrada do Passo Novo, aí resolvemos aumentar o pomar, mais para o lado central em direção à agroindústria e refeitório, então existe esse pomar, 1997/1998 foi implantado esse pomar.

(...) como professor, inicialmente em 1983, eu cheguei na Escola, morei na Escola, dentro da Escola por onze anos, quer dizer, onze anos eu fui servidor em todos os momentos. Passava no setor dando aula durante o horário escolar e no final do horário ainda tinha que ajudar no refeitório e, muitas vezes, também, nós fazíamos um rodízio na biblioteca. Os professores que moravam na Escola prestavam umas horas a mais na biblioteca também, fazendo um rodízio com os outros professores; auxiliava no refeitório também, na supervisão do refeitório; na disciplina, nós éramos auxiliar disciplinar; nós ajudávamos no estudo noturno, que continuava na minha época como professor, e dali então fui... Adquirindo experiência, muita experiência, muito desenvolvimento.

(...) morava ao lado ali, naquela casa ao lado onde tem um pinheiro na frente, depois, tem uma araucária bem na frente, uma casa velha antiga e uma garagem do lado direito, aquela garagem foi eu que construí, então esse galpão, eu ajudei a levantar de novo, reerguer, ali nós rascunhamos o estatuto da ASEAFA, hoje existe, já foi reestruturado o estatuto e dentro daquele galpão eu e mais alguns colegas, já fomos os pioneiros em montar o primeiro estatuto e inaugurar ou decretar formada a Associação dos Servidores da Escola Agrotécnica Federal de Alegrete. Eu fui um fundador, primeiro presidente, aí uma história também dentro do galpão velho ali que depois começamos a fazer folias, festa de aniversário, tudo era ali, tinha de noite às vezes nos intervalo, quarta-feira, quinta tinha um joguinho de pife, um carteio ali entre os funcionários, era vizinho, ah e eu era o copeiro, eu atendia a copa, vendia bebida, tá, então tinha o rodízio das bebidas ali, tinha um fornecedor, nós fazíamos pastéis, fazia carreteiro, os puchêro, puchêro de mandioca com fervido, então a turma gostava se reunia: 'hoje vamos fazer o quê? O quê que tu tem lá?', 'Ah eu tenho uns ossos, umas carne com osso', outra: 'Eu tenho mandioca', outro não sei o quê, 'Tenho pão' se reunia quatro, cinco ali e fazia um panelão de puchêro e já convidava os vizinhos e aquela janta estava feita, a festa estava feita, então era, era muito interessante assim, entre funcionários a morada ali, eu morei onze anos, gostando muito, saí porque eu briguei com o diretor.

(...) O diretor foi o meu colega de Ginásio Agrícola lá e depois ele se formou, ficou na Escola, trabalhando na Escola como professor e depois foi nomeado diretor. E ele, como diretor, o cargo cresceu com a cabeça e ele começou a perseguir os funcionários e professores e esse, esse colega ficou, assim, um ponto insuportável, aí eu comecei, como eu era colega mais chegado dele, considerava amigo, comecei a xingar ele e ele foi envareando comigo, até que ele num daqueles dias ruins, me obrigou a entregar a casa, me pediu: 'Nessas condições tu não é digno de morar mais dentro dessa casa, então pode fazer a tua mudança', aí eu me retirei. Fui morar em Manoel Viana, morei seis anos em Manoel Viana. E aqui, nesse período, eu resolvi brigar, com a briga, com o diretor José Romeu Oviedo, já ficamos quebrados e eu dei um jeito de sair da Escola. Fiquei só esperando completar o tempo de serviço para me aposentar proporcionalmente, ou seja, perdendo 15% do salário, cinco anos antes de fechar as contas para aposentar normal, então me aposentei em 1997, assim, meio forçado, me aposentei, fiquei fora da Escola. Então encerrei as minhas atividades, fui morar em Manoel Viana, dali em Manoel Viana, logo em seguida eu fiz uma inscrição no SENAR - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural e continuei lá no SENAR. Depois fui selecionado para ministrar cursos dentro do Rio Grande do Sul, onde fosse chamado por um sindicato, sindicato dos trabalhadores rural, sindicato rural.

(...) O sindicato abria as inscrições para um curso em fruticultura, por exemplo lá, cultura do citrus, lá estava o José Nilton, cultura da videira, cultura do pessegueiro, da ameixa, da nectarina, curso de poda, podas em árvores frutíferas, então eu comecei a dar esses cursos e aquele dinheirinho dos 15% que eu perdi para sair fora da Escola eu ganhei fora da Escola. Então eu fiquei trabalhando ainda sem patrão, viajando, conhecendo os recantos gaúchos e fazendo amizade, uma satisfação muito boa, viajei bastante e depois, então passou-se um tempo e, na época que o Tribunal de Contas não concordou com meu tempo de serviço que eu usei como aluno aprendiz, que eu fui interno e aluno de Colégio Agrícola, aluno interno no período de sete anos, um mês e sete dias, esse período todo o Tribunal de Contas não aceitou para a aposentadoria e eu tive que voltar para o serviço para pagar esse ágio aí. Então voltei em 2009 professor da Escola Agrotécnica Federal de Alegrete, aí já era IF, Instituto Federal Farroupilha.

Em 2009, onde inclusive continuei no mesmo setor com aval da professora Carla, minha colega Carla, que me orientou que eu deveria voltar, porque seria bom voltar naquela situação que estava o setor formado, e eu voltaria para o mesmo lugar que eu saí ... lá do setor de Fruticultura, pomar, a disciplina de Fruticultura e até com uma certa abertura de flexibilidade do horário. Então, naquela temporada eu aceitei e voltei para o serviço de novo, e aí saí do SENAR, voltando pro serviço, foi a coisa melhor que me aconteceu, voltei aí peguei umas melhorias de salário, umas vantagens que estavam perdidas, chefia de setor e consegui o RSC a nível de mestrado, que eu não tinha, então aí já deu um bom reajuste salarial e também consegui até um prêmio que veio a somar também na minha receita de eu ficar três meses em Portugal trocando experiências lá em Bragança, no Instituto Politécnico de Bragança, três meses lá eu levando a minha experiência de fruticultura e trazendo experiências e conteúdos em olivicultura. Então foi o fechamento ali que logo em seguida me aposentei, quer dizer, isso aí foi em 2014, e depois o RSC e 2016 fechou o meu tempo e me aposentei." (José Nilton)

Francisco: “(...) a base de tudo que está aqui é o Colégio Agrícola de Alegrete, é o CAA, que foi fundado lá em 1954, em cima da primeira colônia agrária que houve... do movimento agrário, a Colônia do Passo Novo, isso aqui foi cortado em 27 lotes, então assentaram 27 famílias... nesse, como é que chamava, núcleo agropecuário, 27 foi cortado, existe o mapa oficial de todo esse Passo Novo aqui, cortado nos lotes, existe o mapa oficial lá no gabinete, tem mapa oficial, todos os lotes, nome, fulano que lá de um a vinte e sete, foi quando o seu Edmundo Vilas, que era dono de toda essas sesmarias aqui, vendeu para a União e eles transformaram isso aqui na primeira reforma agrária que tentaram fazer aqui nessa região, era um núcleo de reforma agrária, só que não deu certo, foi um, assim, uma boa vontade do governo na época de ter feito isso, pegou terra, dividiu para as pessoas. Ali na frente tem o núcleo agropecuário, que tem lá o centro agropecuário, ali na frente onde mora o Siqueira (...) o horto agora, mas ali era o núcleo agropecuário, que foi criado ali para dar suporte para pessoas que foram assentadas nessa colônia agrária. Essa casa que eu moro aqui, todo esse prédio aqui, isso aqui não é da União, isso aqui é do estado, foi o estado que construiu aquele posto agropecuário, construiu isso aqui para transformar isso aqui em um centro de formação de pessoas, de tratorista, de outras coisas assim e ... que também não andou.

Fizeram um centro de formação de tratorista, mas na época tinha só um boi de canga, tinha três ou quatro tratores na região, então foi uma coisa bem fora da casinha para época, mas era uma, uma vontade do governo militar naquela época, de que se desse assistência para esses assentados (...) tinha uma cooperativa, tudo (..) a intenção era que eles produzissem, entregasse nessa cooperativa, eles ganhavam, ali na cooperativa tinha roupa, tinha comida, tinha tudo, eles entregavam os produtos lá e pegavam o que tinha ali. (...). Isso foi na... época de 1959, 1958, por aí, até 1964 por ali ainda tinha isso, até 1964.

Em 1964 que houve o golpe, mesmo, aquela vez que deu todo esse problema, que houve uma rebelião aqui dentro (...) que houve uma função bem grande aqui e esse prédio aqui foi colocado, o pai desse seu Jorginho que mora aqui ao lado, finado já, seu João Leães para cuidar esse prédio, para não deixarem invadir. João Leães, seu João que nós chamava, pai do Sérgio Leães que foi nosso aluno, foi laboratorista aqui. Tem, a família Leães deles aqui, então por isso que esse prédio foi colocado aqui, feito naquela época, em cima de um lote, mas esse lote, essa área foi doada para o estado pelo seu Dídimo Pedroso, que era dono do lote, então ficou, isso aqui não é registrado da União e não tem nem registro do estado, então isso aqui é um prédio que é usado pela Instituição porque tomou conta, simplesmente tomou conta, mas tu vais procurar registro não existe, e aí foi andando. (...) Começam a perguntar, porque que eu vim para cá, por que na época, então, a gente aqui nessa região o que era? qual era a produção primária aqui? era vaca e lavoura, era gado e lavoura, não tinha outra coisa aqui na região, então os pais da gente: ‘não, vai pro Colégio Agrícola, porque lá tu vai aprender alguma coisa,(...).

E eu em 1975, março de 75, me atiraram de cima de uma camioneta ali na frente e disseram: ‘te vira, te vira’. E a coisa era tão boa, assim, que o diretor veio receber meu

padrinho, tudo, me receber ali, conversar, e ele disse: 'Não, te ajeita aí' e ele falava grosso: 'Te ajeita aí guri, agora, porque isso aqui oh, isso aqui é Escola pra macho, tem que aguentar e te virar, que isso aqui é Escola pra macho', o José Scheid, para mim e para o meu padrinho, e aí meu padrinho disse: 'Não, ele veio pra estudar e ele vai ficar aí' e não tinha que dizer não, naquela época não existia dizer para pai ou para (...) Interno aqui, e aí a gente foi se virando, 1975 até 1978, porque naquela época era por semestre e eu rodei, no quarto semestre eu rodei, me envolvi com as borracheiras internas e acabei rodando em física. Então, por isso que eu me formei em 1978. A minha turma toda se formou em dezembro de 1977 e eu passei para um semestre adiante porque eu rodei no quarto, não foi só eu, foi eu e outros ali que rodaram. Mas nos formamos no meio do ano, em julho de 1978 nós nos formamos. E aí em dezembro ... eu já me formei empregado

(...) um senhor de São Francisco de Assis passou aqui e entrou lá por cima conversando com o pessoal e eu estava no, que o estágio era feito aqui dentro mesmo, o último semestre a gente fazia o estágio daí você pegava um setor. Eu estava fazendo estágio na bovinocultura, lá embaixo, vacas de leite e de corte, aí esse senhor passou aqui em cima e pediu para o, esse finado Denei, Ângelo Denei Gomes, que era a única pessoa que cuidava de toda a disciplina dentro dessa Escola, era um só que cuidava de tudo, internato, refeitório, tudo era ele, o Denei que tomava conta. Naquela época eram 270, 260 por aí ... de alunos, quase tudo interno, tinha uns filhos de funcionários, uns daqui de pertinho, acho que cinco ou seis semi-internos, que se chamava, o resto tudo, tudo era internato, e aí esse senhor (...) Agripino Menini, passou aqui, aí conversou com o Denei: 'bah, precisava de um técnico, os meus gurus vão pra Bagé fazer faculdade e eu vou ficar sozinho lá e precisava de um técnico pra me ajudar a tocar a lavoura lá e a fazenda' e aí o Denei, eu tinha uma certa referência, um bom aluno e aí o Denei disse: 'não, tem um guri aí que é bom, filho do seu Ismael Almeida, eu vou ver se acho ele'. Eu sei que de pouquinho saiu... aqueles recadinhos: 'acha o Lima', que ele me chamava de Lima, 'acha o Tambicu por aí que o Denei precisa falar com ele urgente', só que falar urgente naquela época com o cara já da disciplina, tu sabe o que o cara já imaginava né, que(...) eu fiz? o que que eu fiz que o Denei quer, tá me chamando urgente? Eu já fui, eu subi da onde eu estava lá embaixo, estava no setor da fruticultura, nós estávamos lá, aí larguei aquela enxada, nós estávamos limpando, capinando, eu subi, o coração a mil.

(...) o Denei me chamou! Porque aí te deixava impedido, tu não podia sair de dentro da Escola, tu tinha que cumprir, eu já tinha pegado outro impedimento por causa de borracheira, abri um buraco de 3x4, eu e mais uns cinco, para fazer lixão para botar lixo, na pá e no picão, passamos todo um fim de semana abrindo aquele buraco para botar lixo, porque nós tínhamos sido punidos. E aí eu vim pensando o que o Denei, o que eu fiz? O Denei, ah, pelo amor de Deus! chega a trazer o meu padrinho aqui, ele enlouquece. Meu padrinho era sobra de guerra, lutou na Revolução de 1923, ele tinha espadas e tudo da revolução, ele tinha em casa. E era o regime, era militar mesmo, para nós era militar, ele criou os filhos e eu como regime militar mesmo (...) E agora! pelo amor de Deus! E rezando, e eu digo: 'bah, o que eu fiz?', mas eu pensei, mas eu não fiz nada... aí cheguei, cheguei ali em cima e aí disseram: 'não, é lá no gabinete', porque

aí digo: ‘bah, aí sim, um gabinete é pior ainda, agora mesmo que eu tô sendo expulso’ e aí era completamente diferente a história.

O seu Agripino estava sentado ali aí o Denei, chegaram e aí me chamaram: ‘ah, o Francisco tá aí’, aí o Denei: ‘Lima, esse senhor aqui oh, tá procurando um técnico pra lá pra São Chico e eu te indiquei. Tu conversa com ele, quem sabe tu te acerta, tudo mais, tu é um guri bom e tal, responsável’. Aí tá, entrei e falei com o seu Agripino Menini esse e ele aí disse: ‘Não, eu sou de São Francisco’, eu disse: ‘Ah, tenho minhas tias lá em São Francisco, as irmãs do pai moram lá também, às vezes eu vou em São Francisco’ aí ele disse: ‘Onde é que tu mora?’, eu digo: ‘Ah, a minha tia mora na Treze de Janeiro, quase na esquina do hospital de lá, meu tio tem uma feira, tem uma feirinha lá’ e aí ele disse: ‘não me diz que é a Gleni, casada com o Renê gago’, eu digo: ‘É, a tia Gleni é irmã do meu pai’, ‘Mas moram na frente da minha casa, guri! tu tá empregado’, (*toc toc*)bateu na mesa, assim: ‘Tu tá empregado então. Agora tu te forma, tu descansa um pouco, aí tá em dezembro quando os guris vão ir fazer vestibular tu te apresenta lá na fazenda, assim, assim, assado’. Aí então eu já me formei empregado na época... tinha essa possibilidade, porque na época o aluno técnico mesmo, ele era preparado para trabalhar nas fazendas e granjas. A gente no médio já estava pensando em, alguns iam para nível superior, mas a grande maioria de nós, técnicos daquela época, era já começava a trabalhar no nível médio, ajudar os pais a se defender. E aí eu já fui, desde dezembro de 1978, eu trabalho até hoje, é um pouco de história. E agora não consegui comprovar, porque a primeira carteira do seu Agripino, depois trabalhei com o Urbano Miranda, trabalhei, perdi essa carteira... sei lá, que eu nunca mais consegui.

(...) E aí fui trabalhar no grupo Macedo daí, aquele Cabanha Azul lá de Quaraí (...) eles tem frigorífico também, tinha ainda lã na época, o grupo Macedo era enorme, da Cabanha Azul, campeões de gado, naquela época era um grupo enorme e forte, trabalhei quase três anos no grupo Macedo. Estava trabalhando em Manoel Viana, fazenda São José, eu trabalhava no escritório, fazia todo o controle de pessoal e tudo, pagamentos, manutenção, eram seis fazendas, o setor dois que eu atendia, eu e outro técnico, Farias Vieiro, e aí fiquei lá. E olha como as coisas acontecem, eu trabalhando lá na fazenda, recebi dois estagiários daqui do Colégio Agrícola, o Satanás (Nelci Pires) (...) o Satanás era de Cerro Largo e o Donande era de Manoel Viana ... os guris estagiaram comigo, estavam estagiando lá na fazenda comigo lá e tudo e trabalhando, tanto na lavoura como na pecuária, que eles tinham que ver tudo o que funcionava na fazenda lá. Nós tínhamos produção de semente, de tudo, a fazenda era muito grande, eu tinha 49 funcionários ali e aí esse Satanás é um gringo louco, borracho, gringuinho... estágio obrigatório lá na fazenda, foi em 1982 (...) o Satanás era o Nelci Pires. Era um grupo ali num complexo grande de Manoel Viana, a fazenda de São José. Trabalhei com esses dois estagiários, eles estavam trabalhando comigo e aí esse Satanás, o Nelci Pires, ele descobriu que tinha um concurso pro Ministério da Agricultura, tinha que fazer um concurso, não sei quantas vagas eram para o Ministério da Agricultura do Rio Grande do Sul, que tinha que repor e tal, uns iam trabalhar no IRGI, tal e coisa. Aí eu estava trabalhando lá (fazenda) e ele sempre ia lá no escritório, ficava conversando comigo lá e a gente falava alguma coisa sobre a fazenda e tal e ele pedia opinião também, sabia que eu era técnico a mais tempo né, aí ele descobriu esse... concurso e me disse:

‘Chiquinho’, sempre me chamou de Chiquinho: ‘Chiquinho, vamos, vamos fazer esse concurso do Ministério que tem’ aí eu disse para ele: ‘não Satanás, eu tô tranquilo aqui, tô trabalhando, tô ganhando meu dinheiro aqui, tô tranquilo, não tem porque fazer, nem sei’ era, como é que se chamava o concurso, era para agente agropecuário do Ministério da Agricultura, e aí eu não queria fazer, ‘não, eu não vou fazer’, aí ele ficou estudando, às vezes ia lá com apostilas e coisa e nós conversávamos sobre os assuntos e tal, estudando à mil para esse concurso né, aí chegou um dia ele disse: ‘me dá a tua carteira de identidade que eu vou ir lá em Alegrete fazer a minha inscrição e já vou fazer a tua também, eu não conheço Alegrete, aí tu vai comigo’, aí pegou a minha carteira, ele pagou a minha inscrição para nós ir, aí ele foi, o concurso foi num domingo, para nós ir a Alegrete, fomos às dez horas para Alegrete, o concurso era duas horas da tarde lá no Oswaldo Aranha, mas era um monte de gente, encheu todo o Oswaldo Aranha de candidato (...)

Eram em torno de vinte vagas mais ou menos, no geral, no Rio Grande do Sul assim. Aí tá, fui com ele, aí fomos lá pro Quiosque na praça, se atraquemo a tomar cerveja e almoçar lá e sei que chegamos lá pra fazer a prova já a meio pau, ele já bem, porque ele, e eu também tomava, olha, eu vou te contar, eu acho que chutei tão bem porque eu estava meio gordo. Resultado, passei em décimo sexto, de mais de dois mil candidatos e o Satanás nem se classificou, não se classificou, e o cara fez a inscrição para mim, olha como é a vida, nem se classificou, era uns cem eu acho que iam classificar para depois, para a segunda entrevista, nem para segunda entrevista ele se classificou, eu passei na frente do professor José Luiz, que já era zootecnista; do Otacílio. O Antônio Renato Machado, que tá ali na parte financeira, por ali, o Renato passou, foi para o Ministério da Agricultura.

Mas aí o que aconteceu, eu estava lá no grupo Macedo e aí um ano acho que depois, um ano e pouco depois desse concurso, eu me desacertei com o doutor Macedo lá, saí do grupo Macedo. Aí eu estava ali ajudando o pai, plantando umas coisinhas lá, tudo mais, até que um dia eu recebi uma, virou e mexeu, chegou uma notícia em mim que estavam me chamando urgente aqui no Colégio Agrícola. (...) o finado Denei também, ele sempre me quis muito, achou quando descobriu que era eu: ‘bah, achem o Chico aí por Manoel Viana que tem uma vaga pra ele aqui no Ministério da Agricultura, ele foi nomeado pra aqui, pra assumir aqui’.

Virou e mexeu até que alguém, um taxista foi atrás de mim, o Manoel, me conhecia e sabia onde é que morava o pai e aí deixou um recado para um vizinho e chegou no pai, estava lá fora no pai e aí disse: ‘oh, tu tem que te apresentar urgente no Colégio Agrícola’ e eu não sabia porque também né, aí quando vim aqui o Denei disse: ‘não, é pra tu, tu passou num concurso do Ministério da Agricultura que tu fez’ e eu digo: ‘eu fiz, sim’ e ele disse: ‘não, tu passou e agora tu foi nomeado pra cá, tem mais’, fui eu e mais acho que oito ou nove, fomos, eu acho que era uns dez nomeados aqui, aquele concurso, e aí por isso que desde abril de 1986 eu comecei aqui, aí sim a vida pública mesmo né, mas piso aqui dentro dessa Instituição desde março de 1975, sempre tem uma história, daqui eu conheço a palmo, porque vem me procurar às vezes: ‘Chiquinho, tu que conhece essas histórias aí, como é que funciona tal coisa, como é que funciona tal coisa’ e aí graças a Deus a gente sempre vai aprendendo, vai buscando

e eu sempre me relacionei bem com todo mundo aqui, então a gente aprende essas histórias, vai conhecendo e vai conseguindo passar. Tanto é, que quando vieram fazer o georreferenciamento aqui, fazem eu acho que uns cinco, seis anos que veio um pessoal de Frederico Westphalen, uma equipe, e me chamaram para andar com eles para mostrar cada ponto dentro dessa Instituição, que são 318 hectares aqui no total, por dentro desse rio Lajeado e tudo. (...) Eu, pessoalmente, lisonjeado enormemente, me prestarem uma homenagem, eu vivo e ainda funcionário ativo, claro quem me fez isso, esse agrado a mim, foi a professora Ana Cláudia Betancor, engenheira florestal, ela até com licença está, gestante, agora até tá mais, tá, também tá em casa por causa da pandemia, mas tem filho agora, o marido dela também é professor aqui, professor Edenir Grim, professor aqui também. Como eu trabalhava na Agricultura 13, a Fruticultura e Silvicultura, é onde a vida inteira praticamente eu trabalhei ali, quando ela chegou eu estava ali, eu que fazia toda a parte de silvicultura e ela é engenheira florestal.

Aí ela veio para fazer a parte de silvicultura e me pedia ajuda para sair nesses matos aí para poder identificar as espécies nativas daqui. E aí eu saía com ela caminhar nesses matos, aí levava ela em tudo o que era beco e ela disse: ‘mas tu conhece tudo’ e eu digo: ‘mas também professora, há quarenta anos que eu piso dentro disso aqui’, eu tenho um acampamento lá em baixo, que junto alunos e ex-aluno, tudo, fazia festa, tem a toca da onça e tudo, eu sei que aí ela me disse: ‘nós podíamos fazer uma trilha ecológica aqui’, eu digo: ‘é, dá bem, tem bem os pontos, começar na toca da onça que tem, que é famosíssima a toca da onça’, virou e mexeu que eu tracei essa trilha e aí depois ela começou a trazer alunos, vem gente de fora fazer e tudo, e aí ela me pediu autorização, assinei documentação e tudo, para ela usar o meu nome e me homenagear com essa trilha

(...) eu disse para ela: ‘bah professora, se tu acha que eu mereço, eu fico lisonjeado, com certeza’ e aí ela disse: ‘não, porque tudo, desde que eu cheguei aqui’, que eu ajudei ela a fazer um doutorado aqui dentro também, eu montei um projeto junto com ela, muito ajudei ela e me dou bem com ela, a gente não é amigo de se visitar, porque não temos muita relação assim, familiar mesmo, mas se dá bem, conversamos, e aí ela me disse: ‘não, eu quero fazer essa homenagem para ti, que eu sei de tudo o que tu já fez dentro dessa Instituição e isso aí para mim foi uma coisa muito linda tu ter feito isso aí, ter me ajudado de graça a fazer um doutorado, fazer tudo isso aí e eu quero te homenagear, mas aí tu tem que assinar uns’, me disseram que ‘tem que assinar uns papéis aí autorizando né’ e aí fiz certo, então por isso que eu fui homenageado naquilo ali, mas é assim, as histórias ao longo desses 35, em abril eu fechei 35 anos de trabalho só aqui, só aqui, só como funcionário público federal, 35 anos, juntando mais os de fora, dá 41 anos já de trabalho.

(...) me chamaram algumas vezes para trabalhar em serviços burocráticos aqui em cima, eu fui desde chefe de gabinete eu fui, aqui dentro, e chefe de internato, coordenador geral de disciplina, onde era, a Marcele (Marcele Barros), eu chamo minha chefinha, que era CAE agora. (...) Ali onde a Marcele hoje é coordenadora, eu fui coordenador ali também um ano, que aí tu pega tudo, tu pega a padaria, refeitório, tudo, tudo, disciplina geral dos alunos. Eu fui o primeiro que criou o departamento de compras, criei ali, comissão de licitação, aqui dentro também, fui presidente, quando saiu a

lei 8666 aquela, lei de licitações, em 1993, eu passei dez dias em Bento Gonçalves sendo instruído com o pessoal de Brasília, vendo como ia funcionar essa lei de licitações (...) eram 257 artigos, eu acho que nós estudamos lá dez dias em Bento Gonçalves, confinado lá. E nessa época, nós estudando as leis que a recém iam ser instituídas, a gente já descobria que já tinha maracutaia, que existe até hoje, né. Lá em Bento Gonçalves nós já descobrimos que tinha gente já com todo um aparato para fazer isso que criaram norma no Brasil depois, de fraldar dado e fazer tudo, o cara chegou na nossa e ofereceu ‘não, eu tenho três firmas, não precisa vocês estarem procurando outros, eu tenho três firmas aqui, oh’. Uma firma dele ia ganhar, era só ele que botasse as firmas. Isso que está acontecendo hoje. Lá em 1993 já fizeram isso.” (Francisco)

Gaspar: “(...) eu sou natural de Alegrete, me formei em Agronomia na Universidade de Santa Maria e retornei para trabalhar em Alegrete. Eu trabalhava numa propriedade e fazia outro serviço, neste meu trabalho eu já conheci o pessoal do Instituto, mas às vezes eu fazia algum trabalho junto com professores do Instituto, eles faziam algum trabalho ... fora lá do trabalho do Instituto, prestação de serviço alguma coisa assim, e aí um dia eles falaram, porque tu não vai trabalhar no Instituto e tal.

Eu trabalhava bem. E aí, de repente, um professor se exonerou lá do Instituto, o salário era baixo na época, e as disciplinas que ele lecionava era Irrigação e Drenagem, Desenho e Topografia, aí criou um problema lá dentro que não tinha quem, ninguém gostava dessa disciplina ou não estava preparado. Tinha na época o professor colaborador, era uma situação de CLT, aí me convidaram, mas tinha mais outros candidatos, aí eles fizeram uma escolha, mas sem entrevista, foi mais ou menos em cima do que cada um fazia (...) eu fui lá saber o resultado, aí alguém me disse lá: ‘não, o senhor foi o escolhido’, aí me deram a relação de documentos e eu fui a Santa Maria e fiz um contrato de vinte horas. E nesse local que eu trabalhava o dono às vezes dizia: ‘mas tu deveria dar aula e tal’, e ele também me dava uma incentivada.

E, na ocasião, assim, eu procurei pelo Instituto porque era algo mais garantido assim, em termos de futuro. O salário não era convidativo, mas tinha aquilo assim de ser uma instituição pública e reconhecida. Eu trabalhei um tempo com vinte horas e depois mais adiante eu fiz formação pedagógica, aí eu passei para o sistema de quarenta horas, mas CLT. Eu comecei com essas vinte horas em primeiro de abril de 1977, aí eu trabalhei 1977, 1978, aí por 1979 eu peguei quarenta horas, regime de quarenta horas, mas CLT (...) depois teve legislações que quem já estava trabalhando no serviço público, porque não era obrigatório eu não, não tenho assim, conhecimento, mas no serviço público não tinha concurso (...) eu acho que foi uma grande acertada trabalhar no Instituto, porque eu não tinha essa experiência de magistério, de lecionar ... é que se tu trabalha em uma empresa, a empresa resolve mudar de ramo, tu está desempregado, por melhor que seja o teu trabalho ou vamos dizer, alguém não gosta do teu estilo de trabalho. E dentro de uma escola, assim, quando tu trabalhas com educação, o teu retorno é o aluno. E o aluno é sempre bem agradecido, durante o curso ou depois, quando ele vai trabalhar ele começa a valorizar aquele ensino que ele recebeu. E eu, eu sou muito grato de ter trabalhado lá em função desse retorno do aluno, não é, que eu acho que é um trabalho que não se perde nunca. O trabalho do professor não se perde nunca.” (Gaspar)

Gleice: “(...) na verdade, eu nem queria estudar lá na Escola, eu queria estudar em Alegrete, porque com quatorze anos eu queria sair de lá, eu já tinha vivido lá toda a minha infância, lá dentro da Escola, e daí o pai (Angel Denei Gomes), na primeira vez que eu conversei com ele sobre isso: ‘pai, o que que tu acha de eu ir estudar em Alegrete?’, ‘nem pensar, tem Escola aqui, uma Escola maravilhosa, vem gente de tudo o que é lugar do país para estudar aqui e tu vai querer ir estudar em Alegrete’, daí eu não tive como né, fui estudar lá na Escola, como eu era filha de funcionário, não precisava fazer nenhuma prova, nada para ingressar na Escola, simplesmente eu fui estudar. Meu apelido lá na época era Saracura, quem me conhecia lá vai lembrar das pernas finas né, era um apelido que não era utilizado, que ninguém usava, ninguém me chamava pelo apelido, porque nas meninas eu acho que só a Rose que tinha apelido que era Cuca, porque as outras não lembro de... pegar assim o apelido.” (Gleice)

Bento: “(...) meu nome é Bento Alvenir Dornelles de Lima, sou natural do interior de Manoel Viana, tenho 53 anos, sou professor do Instituto Federal Farroupilha desde quando era Escola Agrotécnica Federal de Alegrete. Ingressei em julho de 1991, como professor substituto e o primeiro concurso que teve da rede federal para as Escolas Agrotécnicas Federais, em novembro de 1991, eu fiz o concurso e passei em primeiro lugar, que era um concurso nacional, então fui o primeiro professor concursado da rede federal em Alegrete, que antes as pessoas entravam por indicação, então entramos eu e a professora Carla, professora Carla entrou um pouquinho depois do que eu, acho que uma semana, uns quinze dias depois, mas eu fui o primeiro a entrar. Mas muito bem, vamos contar a história então, por que que eu quis estudar no Colégio Agrícola do Alegrete, então na época, a minha família é ligada a agricultura, meu pai possuía propriedade rural, nós tínhamos uma fazenda no interior, então até os 6 anos eu morei no interior e depois sempre permanecemos com a área produzindo, e com 6 anos, como não tinha escola próxima a fazenda, a minha família veio morar em Manoel Viana, exclusivamente para que eu pudesse estudar, então eu estudei em Manoel Viana até a oitava série e não tinha escola de, na época segundo grau em Manoel Viana, e a única opção que nós tínhamos ou era estudar em Alegrete, na cidade de Alegrete ou São Francisco, ou no Colégio Agrícola do Alegrete.

O Colégio Agrícola era famoso na nossa época, naquela época, porque eles vinham jogar futebol nos torneios em Manoel Viana e eles geralmente ganhavam, e era umas pessoas diferentes né, totalmente diferente do que a gente estava acostumado aqui, e nós acabamos fazendo amizade, e aí conversamos, como é que é lá, não sei o que pá, eles: ‘não, não, é ótimo’ e eu disse: ‘eu quero ser técnico agrícola’, porque eu fiz as contas lá do campo dos meus pais, repartido entre cinco filhos vai sobrar um pedacinho pequeno para cada um, vou ter que estudar mesmo, e aí tinha, havia uma seleção, era tipo um concurso, uma seleção com uma prova escrita, nós fomos uma turma aqui de Manoel Viana, fazer a seleção, processo seletivo, mas na época não era o nome, o processo seletivo, era seleção mesmo para ingresso no Colégio Agrícola de Alegrete, eram 120 vagas, eram turmas de 30 alunos, entravam 120 alunos, eu fiquei em 23º colocado, era muito concorrido, e aí eu ingressei e eu cheguei em casa, quando

eu soube do resultado e eu falei para a minha mãe e ela disse: ‘mas tu é louco ir lá, só tem maconheiro, não vai te meter no meio daqueles maconheiros lá’, eu disse: ‘não, mas eu quero ser técnico agrícola, agora eu passei, eu vou ir’ e aí meu pai disse: ‘não, tu que sabe da tua vida, tu acha que é bom pra ti, tu tem meu apoio’.

Bueno, e eu, na época com 14 anos, fui morar interno, hoje onde é o centro de informática que... tinha um alojamento, e como o alojamento era longe da Escola, o apelido era ‘subúrbio’, então quem morava lá naquele alojamento era do subúrbio e o pessoal que morava no prédio atual dos alojamentos ali, era a ‘cidade’, e sempre teve uma certa rixa entre os moradores do subúrbio e os moradores da cidade. Muito bem, fomos para lá, os alunos ingressantes do primeiro ano, eles faziam uma semana de adaptação, então onde só tinha os alunos do primeiro ano, essa semana de adaptação era para passar em todos os setores do Colégio Agrícola, fazendo manutenção e limpeza.

Então era, na verdade era para ver se trabalhava mesmo, porque era uma semana de enxada, machado, foice, era uma semana de serviços forçados, digamos assim, e quem não gostava do trabalho naquela semana já abandonava, então assim, desses 120 alunos que entraram, nessa primeira semana já saíram pelo menos uns 15, aí chamavam outros, e o grande temor nosso, dos bichos na época, era o que, na próxima semana chegam os veteranos e na chegada dos veteranos eles faziam o batismo, o primeiro veterano que te enxergava era o padrinho, e aí eles já davam apelido né, que na verdade era nome, o apelido era o nosso nome verdadeiro e o nome era o apelido, então o rapaz da época, do terceiro ano, o Gato, o apelido dele era Gato, de Santiago, ele me apelidou de Saraqua, então é o apelido com o batismo, o batismo era um tapa na testa, é um tapa, mas tapa forte, então era uma época de que tinha uma hierarquia muito grande dentre os alunos, então o aluno bicho, o primeiro ano, obedecia todo mundo, ele inclusive tinha uma frase assim: ‘o que que tu veio fazer aqui, bicho? Servir, servir aos veteranos e estudar nas horas vagas, se possível’.

Então tinha até essa brincadeira, mas era levado muito a sério, depois, e aí cada bicho dormia em uma beliche, em baixo de um veterano, então bicho não podia dormir na beliche de cima, sempre embaixo, e esse bicho era responsável pela arrumação das duas camas, só os bichos que faziam a limpeza do alojamento, e geralmente o bicho que dormia embaixo na cama, era o que ia cedo para o café para pegar a repetição para trazer para o veterano.

Tinha toda essa hierarquia, e nós éramos internos, nós ficávamos, final de semana tinha o sistema de plantões para manutenção do Colégio Agrícola e tinha também os que ficavam impedidos, o que era os impedidos? era quem cometia alguma falta e era uma penalidade da direção, o impedimento era ficar trabalhando. Então tinha três tipos de penalidade: impedido, ficar trabalhando; suspenso, que aí não podia ir nas aulas e expulso, então essas três situações. Na nossa época, eu tinha 14 anos e a grande maioria dos alunos todos eram de 20, 23 anos, então era uma, dava para dizer que quase que uns marginais, inclusive assim, de usarem armas né, andar sempre com faca na cintura, com pistola, aí já não... aparecia, mas andavam de faca, pistola, adaga, certa feita, inclusive, quando um Miguelão, em um trote ele colocou uma adaga... na minha garganta e contra... ‘escala a parede bicho’, mas de que

jeito né, tem umas coisas, coisas absurdas da época, e muita gente de fora, a gente fez muita amizade com pessoas que vinham estudar de Roraima, da Serra, aqui do Guarani das Missões, Santa Rosa, Giruá, então era muito bom que a gente conhecia pessoas diferentes, de culturas diferentes, e aí eu fiz os três anos dentro da Escola, comecei como Colégio Agrícola de Alegrete, no segundo ano, em 1984, mudou a denominação para Escola Agrotécnica de Alegrete, e aí quando eu saí se tornou Escola Agrotécnica Federal de Alegrete.

(...) acabei me formando em 1985, o nosso estágio era no final, a gente tinha aula até novembro e aí um mês de final de novembro, de 15 de novembro a 15 de dezembro era o nosso estágio, fazia defesa de estágio e a formatura era dentro do ano já, então eu fui fazer estágio na COTRISAL em São Borja, e aí talvez onde surgiu o meu gosto por semente, eu fazia vistoria e laudo de lavouras de trigo para semente na COTRISAL, inclusive na época eu tive oferta de emprego, foi uma experiência muito boa, porque saía eu e outro técnico para fazer vistoria, a gente saía às seis da manhã e voltava a noite (...). Então aí nessa época entrou na Escola Agrotécnica como professora, a professora Rose Mari Kerber, para substituir o professor José Carlos na horta e a professora Rose Mari ela veio de um curso, de uma faculdade, onde a COAGRI que estava assumido as Escolas Agrotécnicas priorizava os alunos dessa faculdade para trabalhar nas Escolas Agrotécnicas, é a faculdade de licenciatura em Ciências Agrícolas na Universidade Rural do Rio de Janeiro, eu, vendo aquilo ali, vendo aquela possibilidade, eu disse: 'vou fazer essa faculdade porque eu quero ser professor também, quero ser professor do Colégio Agrícola', aí como estava a função da COAGRI, eu disse: 'vou ser professor de uma Escola Agrotécnica Federal', e aí eu resolvi fazer o vestibular, na época a gente tinha um convênio da Universidade Rural com as Escolas Agrotécnicas e tinha aqui no sul era com a Escola Agrotécnica de Sertão

(...) Sertão tem duas coisas interessantes, Sertão eu fui fazer o vestibular, que inclusive eu e o Flávio Camargo fomos juntos, e eu passei no vestibular e fui fazer, fui pro Rio de Janeiro fazer licenciatura em Ciências Agrícolas e lá nós morávamos dentro da universidade também, tem uns prédios lá com uns apartamentozinhos e aí tinha uma turma de gaúchos e catarinenses, eu fui morar lá, fiquei no Rio de Janeiro por 4 anos, para me manter eu dançava chula em hotéis, tinha um pessoal lá que se apresentava para turista em um programa chamado *Brazilian Folk* (...) uma equipe lá que fazia esses **shows**, eu fazia a parte gaúcha do *Brazilian Folk*, então eu me sustentava na faculdade fazendo apresentação de chula (...) como eu dançava invernada e coisa, tem um CTG chamado 'Desgarrados do Pago', eles me contrataram para ser professor de dança, então eu tinha o salário do CTG para os finais de semana e dançava durante a semana para shows e aí eu fiquei lá me sustentando, então aí eu vim, me formei e logo que eu me formei eu cheguei e fui lá na Escola Agrotécnica Federal de Alegrete me apresentar para o professor José Carlos, que era o diretor, tinha sido meu professor, e eu disse: 'olha, eu me formei e quero trabalhar' e ele disse: 'não, nós vamos fazer de tudo para te contratar', só que ele teve um problema de saúde e veio a falecer, aí teve eleição e entrou o professor Iracildes como diretor e o professor Iracildes estava precisando de professores substitutos e abriu a seleção e eu passei na seleção para professor, inclusive substituto da professora Rose Mari (Rose Mari Kerber Aires), para

professor de Irrigação e Drenagem e Jardinagem, isso foi em julho de 1991, eu com 22 anos, os meus alunos do terceiro ano eram a grande maioria mais velhos do que eu, então foi uma experiência bem interessante.

(...) novembro no governo Sarney, não me lembro se foi o Sarney, agora eu não estou lembrado, teve o primeiro concurso para as Escolas Agrotécnicas Federais e era o mesmo concurso para todas elas, então eu fiz para área de Agricultura, era por área, Agricultura ou Zootecnia, então na época eu fiz para Agricultura e eu estudei muito e tive a felicidade de ficar em primeiro lugar, só que aí entrou o Collor e proibiu as contratações, ele simplesmente disse, não, teve concurso, mas não tem como contratar, então o resultado do concurso saiu véspera de natal, 24 de dezembro de 1991, eu lembro de ter ligado para o MEC, porque nós não tínhamos *Internet* naquela época, mas tinha telefone, eu liguei para o Ministério da Educação e perguntei se já tinha alguma coisa de resultado, e a moça lá, senhora, perguntou meu nome, ela pegou e me disse o seguinte: ‘tu vais ter um belo presente de natal’, mas não disse mais nada, e aí no natal saiu no Diário Oficial o resultado do concurso e aí nós acabamos sendo nomeados, depois de muita luta dos diretores, em final de abril de 1992 saiu a autorização para nos chamarem e eu assumi, levei a documentação toda 9 de maio de 1992, então professor na época de primeiro e segundo graus da Escola Agrotécnica Federal de Alegrete, desde maio de 1992 e estou até agora.

Eu sempre fui da área agrícola, eu trabalhei muitos anos na área com Olericultura e Irrigação, e depois, basicamente a parte de lavouras. (...) com a criação dos Institutos Federais, 2009, aí eu 2007 eu saí para doutorado, fiquei quatro anos na Universidade Federal de Pelotas na parte de semente, que eu não falei anteriormente, eu, eu sou especialista, mestre e doutor em ciência e tecnologia de sementes, então eu gosto de sementes desde a época do Técnico Agrícola e acabei me especializando mais ainda na área de Sementes, é uma área que eu adoro.” (Bento)

Luciano: “(...) eu fui indicado. Se aposentou um funcionário. E se aposentava um funcionário, nomeava um para a vaga, porque não tinha concurso na época. Aí se aposentou um funcionário, seu Delfino (...) me convidaram para trabalhar, para ocupar a vaga dele, só que ele era uns serviços, função já extinta lá, e eles estavam precisando de, de vigilante, aí me nomearam como vigilante, aí eu fui lá, fiz um cadastro lá tudo, pediram para mim arrumar documentação, e ficar aguardando, que me chamavam.

(...) antes de mim tinha um guardinha que tinha lá, que trabalhei com ele ainda, seu Alvarim. (...) ele já era antigo quando eu fui para lá, aí quando a Escola saiu do domínio da universidade (UFSM), ele foi para a universidade, ele não quis ficar. (...) quando eu ingressei na Escola, eu assinei a primeira nomeação lá na universidade, a gente fazia... acho que ali não tinha nem, só tinha uma máquina de escrever e não tinha datilógrafo ((risos)) (...) quando eu iniciei a trabalhar, a gente ia dormir que não sabia se ia ter escola no outro dia, não tinha dinheiro para nada.

A escola funcionava numa precariedade, assim, em 1985 o diretor comprou alimentação para os alunos, de setembro até dezembro, tudo... que a universidade não repassou o dinheiro, aí final do ano, que a escola passou para a COAGRI (...) a COAGRI que assumiu as dívidas da universidade. É, foi quando ela saiu da universidade para a

COAGRI, ficou praticamente a organização direta do ministério, secretaria, e aí eles pagaram, mas a gente ficava imaginando... a Escola amanhã não vai funcionar mais, não vai ter como funcionar, aí dava uma briga de aluno lá, saia no jornal, ah os alunos vão desistir tudo, agora não vai ter mais escola, a gente nunca sabia se no outro dia ia ter o emprego da gente.(...) Quando eu iniciei, a gente conhecia muito (os estudantes), porque não era muitos mesmo, e ficava muito com eles, muito tempo com eles, eu conhecia o ... tinha um colega meu lá, um homem velho já, e ele conhecia no lusco-fusco, o aluno cruzava lá: 'e lá vai o fulano', e conhecia pelo carro, pelo caminhar, pelo balanço do movimento do corpo, ele conhecia os guris, eu cansei de sair atrás e conferir, porque ele já era um homem velho e morava ali no pavilhão lá... ali embaixo ali, seu João Leães, João Armando da Silveira Leães, muito bom colega.(...) No começo a gente trabalhava... a gente folgava, trabalhava uma noite, folgava uma (...) das, das dezoito às seis da manhã (...) Era tudo aberto, e nem cerca não tinha, quanto mais tela (...) De começo a gente ficava armado, mas assim, não davam munição, os revólverezinhos, era uns revolverzinho antigo, não sei se inventava de se, graças a Deus nunca precisou ((risos))

(...) tinha a mínima segurança, na opinião deles lá. Para ficar de guarda no Colégio, quando eu iniciei, só velho que não prestasse para os outros serviços pesados ... que tinha o seu João de Azevedo, tinha o seu Miguel Carpas, que se aposentou também. O seu Miguel era, o tempo que eu trabalhei lá, ele ficou só de vigilante comigo lá, mas antes a função dele era agente de agropecuária, que tinha naquela época, ele era envolvido com o campo. (...) eu comecei nesse, nesse horário, porque tinha uns vigilantes, uns assistentes de aluno, eram tudo velho, já cansados, aí o diretor me botava todas as noites para trabalhar com um deles, aí eu ficava, porque tinha ... a Escola tinha uns cento e dez alunos mais ou menos, que era só o internato, não tinha semi-internato, não tinha nada, porque não tinha transporte. E daquele cento e poucos que tinham a maioria era viciado ou de bebida ou de droga ((risos)). E aí aqueles homens, aqueles assistentes de aluno, estavam meio cansados, e me botavam, o diretor me botava eu e um deles para revezar... aí na sexta-feira, aqueles de Alegrete, mais de perto, saíam e ficava menor a turma, aí sábado e domingo.

(...) outra coisa que a gente passava muito mal lá é com a alimentação, porque davam a janta seis horas e deixavam ((risos)). Deixavam uma panela com comida para o guarda lá, e deixavam, mas aí dava meia-noite, a hora que dava fome, a gente ia lá, aquela comida estava fria, ficava ali na caixa d'água que era aberta, ali em baixo, ali, e ficava ali a comida para nós. Às vezes a gente ... a fome era tanta, que a gente comia um pouco, mas outras vezes nem provava. Nem, nem mate... não podia levar, porque não tinha onde colocar, não tinha espaço. (...) tinha uns colegas lá que gostavam de dormir. Depois começou a vir as molezas também, quando nomearam os primeiros guardas concursados, o diretor era o professor José Carlos (Carvalho). Ele chegou lá uma noite e os guris estavam todos com cara de sono, não estavam acostumados a trabalhar de noite, e aí o diretor me chamou: 'Luciano, avisa esses caras que de madrugada alguém deita, dorme um soninho e o outro fica cuidando'. (...) e eu fui lá e abri essa exceção, era eu que meio era o chefe deles ali, que era o antigo que tinha. (...) Aí eu disse para eles: 'ó guris, o negócio está feio, a gente está vendo aí, o diretor me disse isso, isso e isso'. Ah! teve uns que faziam para se defender mesmo, mas teve dois que dormiam a toda noite ((risos))

(...) Mas nós não tinha, não tinha nada. Não tinha, tinha uma sala lá, quando eu iniciei a trabalhar, que era, que foi feita na planta para o assistente de aluno, só que não tinha assistente de aluno, e eles deixaram. Foram embora os assistentes de aluno e não nomearam outros, aí os guardas que cuidavam dos alojamentos, aí não cuidavam nada, nem os alojamentos nem o patrimônio, que quando estava numa, estava abandonado outra ((risos)).(...) Aí eu fiquei só na vigilância, teve uns ... dois anos e meio que a gente trabalhou, como é que eles falam, teve umas brigas, umas coisas feias lá, destituíram o diretor, saiu o professor Iracildes Goulart. Teve umas brigas muito feias, destituíram o diretor, a Escola estava quebrada e os alunos tinham demolido tudo. Aí o diretor fez um convite para a gente pegar junto para recuperar a Escola, era uma imagem da Escola, e a gente pegou, e aí ele solicitou para mim e outro colega meu, o Araci, para nós trabalharmos como assistente de alunos, só como assistente de aluno, aí não era como vigilante.

(...) Nós pegávamos às cinco da tarde, porque nós tínhamos que receber da diretora... o serviço e tinha que entregar para ela no outro dia. Ela chegava às oito horas, a gente tinha que estar lá às cinco da tarde e sair de lá às oito da manhã. A gente trabalhava uma noite, folgava outra. A gente fazia uma carga horária horrível(...) judiavam muito dos (bichos) que dava pena de ver. Em 1984 iniciou o ano com 66 calouros, e terminou com 22, que chegaram ao fim do ano, o resto desistiu de tudo.

A gente chegava às três horas da madrugada em um tanque que tinha no pavilhão, ali estávamos guris com aquele montão de roupa, e calçado, e bota, lavando... e aí a gente ... interrogava para dizer de quem era, eles não, é tudo meu. A gente sabia que não era, mas eles diziam que era deles (...) eu pegava eles no flagra, judiando dos bichos, faziam ocorrência, botava lá na, para o diretor, no outro dia chamavam o bicho lá, e ele: 'não, esse veterano é meu amigo, nunca me fez nada, é confusão', e não admitiam. Ficavam com medo, se eles entregassem eles apanhavam o resto do ano. Tinha um guri que expulsaram uma vez, um guri de Uruguaiana, e ele fez os bicho ir levar as malas dele lá na porteira para ele pegar o ônibus. E os guris, uns guris de Itaqui, dois irmãos, eram brigador... na porteira, xingavam, humilhavam bem o guri, não sei até se não deram uns cascudos, e o guri chegou aqui na cidade (Alegrete), ligou pra, lá para o Marcos (Marcos Ruffo Goulart), pediu para falar com um colega dele lá, e avisou. Tchê, aqueles guris se incomodaram tanto por causa daquilo ali, o cara já estava até fora. Os outros que ficaram lá, se vingaram dele pelo que tinha ido embora. Eram uns esquemas assim, que se arrepiava de ver.

E a droga que usavam naquela época era uma droga, uma droga injetável que tinha, os mais avançados, assim, usavam aqueles aparelhos, tudo o que é lugar por lá tu achava seringinha. Os guris se drogavam, ficavam deitados para dormir... quando dava o ... batia o sol, a gente tinha que arrastar para a sombra. Cansei de fazer isso. Pegar de tarde lá, arrastar os guris para a sombra, se deitava na sombra e a sombra correndo, vinha o sol ... corria e queimavam ali... tinha um guri de Uruguaiana, de Santa Maria, até não lembro o nome dele... o cara super legal que era assim, um cara educado, maduro, mas usava as drogas mais fortes que tinham... eu cansei de chegar lá, ter que pegar eles no sol e botar para sombra, meio de arrasto, porque eu não podia... um alemão grande. "A gente passou ... às vezes tinha, chegava uma turma de sessenta

alunos, tudo bêbado, na lata do lixo da porteira ((risos)). Aí tava um guarda só, e aí não era guri, porque usava naquela época tudo rapaz de quinze, dezoito, dezessete, vinte anos. (...) eles vinham e ficavam, podia ficar seis anos lá, podia rodar um ano em cada série, se chegassem lá com, chegavam com dezessete, dezoito anos, naquela época, que terminavam o primeiro grau, eles chegavam lá e ficavam seis anos, saíam com vinte e tantos de lá. (...) primeiro teve um brigadiano, esse não é do meu tempo, não conhecia, depois teve o Bolicho da Zilá que é o mais famoso, mais conhecido, que é onde é o seu Jaci agora.

(...) E assim que era, a escola quando eu comecei, mas depois foi melhorando, aquilo ali foi melhorando. No final do ano de 1985 fizeram uma limpa muito grande ali, eles criaram uma lei lá que quem rodasse duas vezes perdia o internato, e aí eles desligaram um monte de gente... quando começou a melhorar, dali que começou a melhorar. Depois trocou de diretor, veio o professor José Carlos, foi muito bom diretor, já fez aqueles pavilhões no centro ali e o refeitório; aquele alojamento lá, o mais novo, aquele menor, aquele lá também, fez um monte de obra, que aí já era administração direta da COAGRI, aí vinha a verba direto (...) Essa COAGRI foi extinta pelo Sarney, foi extinguida.” (Luciano)

José Luiz: “(...) Eu, na verdade, desde de criança conhecia o Colégio Agrícola, era minha rota de passagem, era uma estrada que também atendia uma comunidade vizinha aí, que se chama Passo Novo. E nesse vilarejo os meus avós maternos eram residentes, então eu sempre me utilizei da estrada, dos caminhos da Escola Agrotécnica para chegar até o Passo Novo. Em 1983 eu concluí meus estudos em Zootecnia ... Em 1984 eu dei sequência, a partir da minha convicção, que eu queria trabalhar na Educação ... vim fazer o Curso de Formação Pedagógica em Alegrete. E parte desse curso, durante o ano de 1984, um estágio supervisionado dentro da Escola Agrotécnica, então, àquela época era Colégio Agrícola. Eu estagiei em 1984, num curso que hoje é ministrado pela, pela URCAMP aqui da nossa região. E em 1984, portanto, eu fiz estágio dentro do Colégio Agrícola de Alegrete, e, posteriormente, em 1986, eu retornei sendo redirecionado, a partir de um resultado de concurso do Ministério da Agricultura, na época estava por fechar a agência em Alegrete, então eu já assumi o meu cargo no Ministério da Agricultura como Agente de Atividades Agropecuárias, e fui imediatamente redirecionado para a Escola Agrotécnica. Quando cheguei lá fui recebido pelo diretor geral da época, professor José, José Carlos Carvalho, uma saudosa figura humana que a gente teve a satisfação de conviver dentro desse âmbito escolar. E ele já me conhecendo desse período que eu fiz estágio, vai imediatamente me prometendo que no próximo ano eu deveria ajudar a Escola lá, trabalhando dentro da minha área, enquanto zootecnista e, dentro da condição que eu tinha me qualificado para desempenhar ao longo da vida.

Então isso para mim foi uma surpresa muito interessante, porque essa redistribuição do Ministério da Agricultura fez com que eu ingressasse já naquela época, em 1986, na condição de concursado. Eu era um dos poucos concursados que tinha lá dentro, basicamente. E era uma época que não existiam muitos concursos públicos. Em 1987, no início do ano letivo, então eu começo as minhas atividades como docente,

e a partir de lá, até 2019 eu segui efetivamente colaborando, excetuando-se o tempo aí que eu ... me ausentei do âmbito escolar por força das capacitações profissionais que a gente foi buscar. A nível de especialização ali de mestrado, a nível de doutorado, então todas elas feitas com o objetivo de estar mais capacitado e, conseqüentemente, poder ensinar melhor, tá, e foi o que justificou o nosso desligamento temporário da Instituição. Mas a partir de 2000, eu saí em 2002 para mestrado e acabei emendando o doutorado e retornei em 2008.

E de 2008 até 2019 nós permanecemos na ativa. Então esse é o meu histórico de acesso ao Colégio Agrícola de Alegrete, na condição de estagiário. A Escola Agrotécnica Federal de Alegrete, já nessa época, pertencente à Secretaria de Ensino Médio e Tecnológico, que era o órgão do MEC que nos gerenciava, vamos dizer assim. Então esse é o meu acesso ... entrei com 28 anos, parece que foi, e saí agora, já beirando aos 60, tá ((risos)). (...). Bom, eu gostaria de acrescentar que... a Educação tem exigências com os professores e eu cheguei num nível que as minhas insatisfações com o cotidiano e a necessidade de progressão pessoal fizeram com que eu voltasse, fizeram com que eu me submetesse a ser novamente acadêmico. Então eu voltei para dentro da academia aos 40 anos de idade e foi uma experiência maravilhosa, foi uma coisa muito boa.

Eu articulei uma série de contatos com instituições, com órgãos de pesquisa, com universidades. Até me sinto como uma espécie de uma ponte, né, entre as instituições, inclusive vindo a formalizar vários contratos ou convênios de cooperação técnica. Isso aproximou as instituições de Ensino Superior da Escola Agrotécnica e nós tivemos, assim, uma facilitação funcional a partir dessas aproximações que aconteceram. Fui também um intermediador da presença da EMBRAPA dentro do nosso âmbito de ensino, foi também uma coisa maravilhosa para todos os nossos educandos. Então me considero muito feliz, a partir do momento que eu vim à luz, eu digo, a partir da minha formação pedagógica, onde eu comecei e trabalhei efetivamente. Desempenhei com determinação minhas funções, com muita alegria, com muito compromisso e por isso eu permaneci onde eu permaneci, pelo tempo que eu quis permanecer, sem que eu tenha tido nenhum problema para me manter nessa condição. Uma vida muito ativa, uma vida muito maravilhosa, conheci muitas pessoas, enfim, uma vida de... convívio.

(...)Tenho grande orgulho de dizer que também fui um dos gestores da Associação dos Servidores, apesar também de a gente passar por várias crises de gestão, de outros que deixaram de prestar contas por quinze anos dentro da nossa história, da nossa Associação, e do Conselho Fiscal inoperante, que não cobrou essa prestação de contas de quinze anos, lamentavelmente existe isso. Eu tenho também a grande satisfação ainda de... voltar para esse campo profissional e dizer que eu auxiliiei o meu Instituto em duas ocasiões. Eu fui uma ponte de aproximação entre a EMBRAPA, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, de Passo Fundo, a Universidade de Passo Fundo. Nosso curso a nível tecnológico, de Agroindústria, eu fiz aproximação, nós tínhamos um intercâmbio de intenções de desenvolvermos coisas juntos, inclusive um dos projetos da EMBRAPA Trigo implantei juntamente com o professor Rodrigo Machado, juntamente com o professor Adão Leonel. Nós implantamos várias, diversas variedades de trigo, de duplo propósito, seja trigo de produção de grãos e trigo para pastejo dos animais.

(...) também ajudei a construir, ajudei a aproximar um protocolo de intenções de colaboração técnica entre a Escola Agrotécnica Federal de Alegrete e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (...) Nós trouxemos equipamentos para o nosso educandário, nós desenvolvemos pesquisas de âmbito científico dentro do interior do nosso educandário. Eu tenho a honra de te dizer que eu fui o primeiro pesquisador, o primeiro professor do nosso campus, aqui de Alegrete, a desenvolver um projeto científico dentro do âmbito da nossa Instituição. A nossa Instituição já viajou por vários lugares aqui da América Latina em nossas publicações internacionais, nós fizemos aí com um grupo de investigadores.

Nós temos uma série de oito artigos produzidos nos periódicos internacionais. Eu tenho a honra também de dizer, que além de professor, eu fui presidente da Comissão Permanente de Pessoal Docente, eu fui membro do CEP, do Conselho de Ensino de Pesquisa e de Extensão, eu fui membro do Conselho Consultivo da Escola Agrotécnica Federal de Alegrete, representando os docentes, sempre nessa condição. Tenho também a honra de te dizer que eu sou consultor 'Ad hoc' de periódicos nacionais, Pesquisa Agropecuária Brasileira, presto assessoria. Então isso não é enaltecer o meu lado profissional, mas eu tenho que enaltecer o meu vínculo institucional, o meu vínculo institucional é que possibilitou essa aproximação, esses órgãos de colaborações, essas publicações, então isso não... satisfaz o meu eu pessoal, são conquistas da Instituição onde eu trabalhei, e nós temos esses contratos firmados e todos eles documentados, caso tu queiras catalogar oficialmente esses dados da existência desses projetos, desses trabalhos.

Ainda, só para complementar... da minha parte pessoal (...) eu fui um atrevido no meio funcional, porque eu fui o primeiro doutor da área de Zootecnia, eu fui o primeiro a chegar no último degrau da condição de professor titular. Então esse atrevimento aí, na verdade... é uma ousadia que no momento quando a gente começou a trabalhar com uma obrigação social maior. Nós tínhamos que justificar a nossa presença no meio científico, nós tínhamos que dar a nossa contribuição ao meio científico ... o docente passou a ser exigido de uma outra forma, o docente passa a ter a possibilidade de uma atuação junto ao CNPq, dentro do Conselho Nacional, com a possibilidade da gente vir a contribuir com informações imprescindíveis para o nosso progresso científico, porque eu sou um dinossauro que passei por todas as fases, eu vim evoluindo à medida que o tempo veio fiz um paralelo junto. Eu sou do tempo do mimeógrafo, felizmente cheguei até a era do xerox dentro do Instituto.

Então esses avanços todos a gente acompanhou e a nossa exigência aumentou bastante. Mas eu fui bastante atrevido, porque quando mudou essa nossa filosofia... a nossa ex-reitora e diretora me chamou, na condição de professor doutor, para que eu apresentasse para os meus colegas o meu ponto de vista a respeito da Pesquisa, porque aquilo passava a ser uma exigência nova dentro da nossa atribuição profissional. Então eu me atrevi a pegar minha área de Zootecnia e fazer um projeto-piloto para cada área que a gente tinha dentro do nosso Instituto. Foram vários dias de um árduo trabalho, mas que até hoje tem coisas bastante atuais e indispensáveis para o nosso andamento, dentro do nível tecnológico. Bom, ao dizer tudo isso que eu disse, obviamente que a gente tem que, se posteriormente for necessário, as devidas comprovações, eu tenho toda essa documentação para te apresentar.

(...) Eu quero só concluir te dizendo que... eu fui muito feliz aí, dentro do âmbito do Instituto, apesar de ser muito assediado, apesar de ter sido até excluído de fazer o que realmente eu gostava, porque tinha gente que gostava mais que eu, apesar das capacitações não serem as mesmas. Então eu sofri muito assédio na minha vida laboral, mas sempre trabalhei com afinco, com muito comprometimento com a Instituição e sempre com a certeza que eu estava fazendo o que realmente era o melhor para a Instituição. Trinta e dois anos foram bem interessantes na minha vida, dependi totalmente durante esse período, tive muita incerteza, fui muito feliz, alternei isso tudo aí com momentos... da gente, realmente, se desgostar bastante, através dessa prática nojenta, que eu te digo novamente, que se chama de assédio, seja ele da ... intensidade que for, assédio moral, seja assédio funcional, porque é o que normalmente acontece. E eu sei que nós temos muitos problemas ainda dentro do âmbito do Instituto (...) mas a gente tem que também ter a consciência do nosso trabalho, que a gente faz o que a gente é pago para fazer da melhor forma possível, eu acho que a gente tira de letra essas perseguições ... que normalmente são injustificadas.” (José Luiz)

Carla: “A minha relação com a antiga Escola Agrotécnica Federal de Alegrete, ela é bem anterior ao meu ingresso enquanto professora, porque eu não sou natural de Alegrete, mas fui morar em Alegrete com doze anos de idade. (...) Depois eu trabalhava no frigorífico em Alegrete como veterinária, no controle de qualidade, e eu fiz uma formação pedagógica, porque eu era veterinária, e fiz então a formação pedagógica, e o meu estágio, que era obrigatório, ainda como é até hoje. Eu o fiz aí no Colégio Agrícola, na disciplina de Zootecnia III, na Bovinocultura. Então eu desenvolvi as horas de estágio tanto de observação, quanto às práticas de sala de aula, no Colégio Agrícola. Então isso foi antes, bem antes, foi na década de oitenta, foi bem antes de eu ingressar na Escola. (...) no final de 1991 a gente teve, então, o primeiro concurso público para ingresso nas escolas agrotécnicas, porque até então, o ingresso não se dava por concurso público, isso foi uma decorrência da constituição de 1988. Eu fiz esse concurso público porque eu já tinha muita afinidade com o Colégio Agrícola e fiz esse concurso público, que inclusive foi concentrado lá em Bento Gonçalves. A equipe do MEC contratou a UFRGS e todos os candidatos para todas as vagas de escolas agrotécnicas, aconteceram lá.

E em primeiro de abril de 1992... eu fui empossada, porque eu tinha sido classificada em primeiro lugar neste concurso público. Então a minha relação com o Colégio Agrícola, depois a EAFA, e depois campus Alegrete, ela começou lá na minha adolescência. Sintetizando, em função da questão esportiva, inclusive tive namorado aluno do Colégio Agrícola, natural da adolescência, e ... depois a questão do meu estágio da formação pedagógica muitos anos antes, e depois foi que surgiu a oportunidade: eu trabalhava na EMATER do Paraná e tinha vontade de retornar para Alegrete e surgiu essa possibilidade do concurso público. E, realmente, a partir do meu ingresso eu me senti plenamente realizada profissionalmente, porque as atividades que a gente desempenhava lá, elas eram totalmente alinhadas e afinadas com as minhas duas formações, que era medicina veterinária e a formação pedagógica, então eu consegui juntar as duas questões.” (Carla)

Otacílio: “(...) em relação, a minha entrada na Escola Agrotécnica, é ... na verdade, ela já era um sonho de um profissional. Porque eu sou daqui de Alegrete, eu sou médico veterinário formado na PUC, curso de veterinária em Uruguaiana, e quando eu me formei, eu me formei na PUC, eu vim para Alegrete e em seguida já trabalhei em uma cooperativa de produtores de lã daqui de Alegrete: Cooperativa Rural Alegretense Limitada. É uma cooperativa que tinha de produtores de ovino e tinha também bovinos, que é a área do frigorífico, que até hoje existe.(...) A cooperativa de lã, essa já não existe mais, e nós trabalhamos como veterinário ali na cooperativa, ficamos quase dez anos ali. Eu trabalhei no frigorífico, na parte de controle de qualidade da empresa e depois na parte de lã, junto aos produtores, dando assistência aos produtores, aqui no centro, na cooperativa.

Mas sempre, sempre buscando fazer um concurso, um concurso público na área de docente. E a gente tinha aquela visão: “olha! tem a Escola Agrotécnica!”, como era federal, ela tinha um nome realmente na comunidade quando se dizia “bah! é professor federal” e a escola técnica tinha então esse orgulho da nossa gente aqui, de quem tanto quem trabalhava lá, quem entrava, ou quem pretendia entrar. Então aí o que ocorreu, eu fiz um concurso público, na verdade o concurso quando eu fiz em 1994, foi... foi o último concurso que depois passou-se oito anos, é, no governo Fernando Henrique Cardoso, (...) e aí em 1995, olha, estava difícil até de chamar os concursados de 1994. E eu fui um dos que entrei, naquele concurso, me lembro que foi junto com a professora Marta Borella, o professor José Ernesto Grisa, nós fizemos o concurso junto, que eu estou lembrando agora, nós entramos naquele momento e então, depois fomos chamados em 1995, foi o ano realmente que eu entrei concursado ... foi o início do meu concurso em 1995, e iniciamos os trabalhos de docente lá no nosso, lá no nosso Passo Novo, lá no nosso campus. E, depois, a gente realmente... se fechou oito anos sem concurso público na nossa federal, lá na nossa escola.” (Otacílio)

José Ernesto: “(...) o meu nome é José Ernesto Alves Grisa, sou alegretense, aposentado do Instituto Federal Farroupilha e fui professor durante quase vinte e dois anos nesta Instituição. O meu ingresso se deu através de um concurso público, bastante concorrido, inclusive, acho que foi o primeiro ou segundo concurso que houve depois da promulgação da Constituição de 1988 e eu fiz opção para ir porque era uma Instituição que valorizava, e o reconhecimento profissional. E, na verdade, também, o que me atraiu bastante e, principalmente, foi o concurso para as áreas que eu tenho maior afinidade, que é Sociologia e Extensão Rural. Embora a minha formação tenha sido a graduação em Zootecnia, eu basicamente parti para o lado da Sociologia Rural e fui para o lado da Extensão Rural.

(...) também fiz muita viagem na área de extensão, mais em relação a área técnica, exposição de Esteio, Fundação Gaia, enfim, várias viagens que a gente (...) eu gostaria também de salientar algumas coisas do ponto de vista da vida humana. A gente tem coisas boas e a gente tem coisas ruins, eu tenho algumas questões assim, na minha trajetória aí, que se eu pudesse rever, eu reveria. Basicamente, a minha relação com os órgãos diretivos e os órgão de chefia eram relações muito tensionadas, o meu trabalho foi extremamente prejudicado em alguma etapa da minha passagem aí pela Escola.

Só vou pontuar algumas questões. Lá pelos anos de 1998, eu criei um projeto de extensão rural de atividades práticas de alunos junto à comunidade do Passo Novo e do Vinte e Nove, o que que era isso? Consistia em nós sairmos toda as sextas-feiras às treze horas, a uma hora da tarde, ali da frente da Escola, entrava pelo Passo Novo e nós deixávamos em cada propriedade rural dois alunos que iam semanalmente lá ver quais são as questões que afligiam o processo produtivo dos proprietários, dos pequenos agricultores, levavam pesquisa para na semana seguinte levar a solução, etc. Esse projeto, ele era visto de nariz torcido pelos órgãos diretivos da Escola. Aí nas sextas-feiras, para eles conseguirem terminar com o projeto, começaram, porque eram alunos do terceiro ano, eles começaram marcar. Nós saíamos treze horas da Escola e o ônibus pegava quatro e meia lá no vinte e nove, vinha arrecadando os alunos, chegava na Escola dez para às cinco, os professores que acompanhassem podiam registrar aula, etc., aí eles inventavam o cronograma de prova e colocavam justamente na sexta-feira.

Além disso também, a gente na comunidade, a gente via possibilidade de a Escola emprestar alguma máquina, emprestar algum utensílio de trabalho e a gente até se comprometia com esses agricultores, mas chegava na hora de conseguir a máquina, de mandar um trator para fazer uma pequena hortinha ali em um conjunto de propriedades, a máquina sempre estava estragada, sempre tinha um problema. Então isso me levou até terminar com o projeto de extensão rural. Foi a única vez que eu conheci, que a história da Escola teve extensão rural para a comunidade do Passo Novo, não sei se hoje tem, mas na minha época foi o único projeto que existiu e que já tinha existido de extensão rural junto à comunidade, nunca anteriormente tinha tido e nunca houve mais, era um projeto destinado à vila do Passo Novo e ao quilômetro Vinte e Nove, aonde a gente entrava ali.

Outra questão, que era um projeto que eu tinha, ocupando os alunos oriundos do Movimento dos Sem Terra, que eram internos na Escola e que nós já estávamos em um processo de disputa entre o processo produtivo baseado nos agrotóxicos e nós defendíamos um processo produtivo baseado na agroecologia. Esses alunos, oriundos do MST eram muito identificados com a agroecologia, então nós criamos um grupo, Grupo Agroecológico de Produção Orgânica Sustentável, era um grupo de alunos voluntários, que conseguimos na época um pedaço da horta lá e que o Otacílio era chefe do setor de produção, para esse grupo trabalhar. Esse grupo trabalhava depois das aulas, cinco horas da tarde esse grupo ia para a horta e faziam uma produção agroecológica, então também houve muita resistência por esse grupo, sempre dificultavam o acesso ao maquinário, a insumos e outras coisas mais, mas ele durou quase três anos, de 2000 a 2003, quando eu tive que me afastar para ir para o meu mestrado e era um grupo liderado, nós chegamos a ter quarenta alunos nesse grupo de agroecologia, de produção ecológica, quarenta alunos voluntários.

A produção que eles faziam competia com a própria horta oficial da Escola, então é uma questão que também sempre tinha um problema de acesso a alguma questão para que os alunos .. eu chegava na Escola no outro dia: 'bah professor, ontem quando nós fomos para lá, o galpão ficou fechado, isso não deu, papapapa, papapa né'. Esse projeto durou três anos, era um projeto voluntário, que a professora Marta Borella, a professora Rose Mari, professor Otacílio, professor Joãozinho e outros também cola-

boravam muito com essa turma da Agroecologia. Esse agrupamento embrionário, com identidade na Agroecologia, foi que lutou para a implantação do curso de Agroecologia que era um avanço à nível da rede, na rede a nível nacional, um curso médio de Agroecologia. Esse curso teve durante a sua existência todos os tipos de resistência, não só dos órgãos diretivos, mas também daquele grupo de professores ligado a...agricultura vinculada aos insumos industriais, dos agrotóxicos, sementes selecionadas, etc. essa agricultura de precisão. Então assim oh, houve durante esse processo desse curso muita resistência.

Nós defendíamos que fosse feita seleção exclusivamente com o curso de Agroecologia através de carta-convites para os membros do MST, para os membros da agricultura familiar, para os membros dos quilombolas, para os membros dos pequenos agricultores, foi impedido que isso fosse feito e os alunos de Agroecologia eram os alunos que reprovaram no curso Técnico Agrícola, só por uma questão burocrática, eles não permitiam que fizesse outro tipo de seleção, a não ser a seleção que estava estabelecida, papapa, papapa, né. Então é uma questão assim que, também, acabaram terminando com o curso. Enquanto o mundo está preocupado em produzir de forma ecológica, os caras conseguiram terminar com o curso. E tinha professor que estava a fim de fazer a transição, professores novos que estavam chegando, que deram aula no curso, até alguns estavam se adaptando, estudando para dar aula mais agroecológica, era possível formar um curso com um quadro de professores que pudessem fazer essa transição, mas não houve vontade nenhuma, nesse sentido, então isso é uma coisa também que me frustrou muito. Então o meu projeto de extensão rural junto à comunidade, o GAPOS e o curso de Agroecologia, eram cursos assim, foi as coisas que conseguiram terminar e que eu acho que foi um retrocesso.

(...) nós tínhamos esse grupo da resistência, com viés agroecológico, professor José Luiz, professora Rose Mari, professora Marta, até o próprio professor Otacílio, professor Joãozinho, professor Carlos Alberto e outros que tiveram aí e alguns alunos que também participavam, eu não me lembro do nome dos alunos, mas eu me lembro que o chefe, o coordenador do grupo do GAPOS, era o Chaira, chamavam o Chaira, ele era do MST, tinha o Navalhada que era também um outro rapaz da Agroecologia. Para mim fazer isso eu teria que fazer uma pesquisa desses grupos de ... tinha até um jornalzinho que esse grupo produziu. O GAPOS tinha um jornalzinho, um zine. (...)

(...) eu fiz o meu mestrado em Sociologia Rural, na UFRGS, na área de território e sociedade, então a minha área de pesquisa era as comunidades quilombolas no Angico. Aqui em Alegrete tem uma comunidade quilombola no Angico, eu fiz um projeto para lá, onde os alunos iam lá dar assistência uma vez por semana, isso fica, basicamente, a setenta e cinco quilômetros de Alegrete em direção a Barra do Quaraí, a Itaqui, então outro projeto que eu tive que também, muito pouco tive de... compreensão, numa coisa social maravilhosa que são né, na época dar visibilidade a esse simbolismo importante que são as comunidades negras rurais, que são as comunidades quilombolas, também tive um projeto lá que, assim como os demais, sempre com muita resistência, sempre com muita, tinha que se exigir demais, eram relegados a segundo plano, era 'não vi, não escutei', bom, era coisa com esse nível, né.

Então assim, o que eu puder colaborar com esse teu projeto e dizer assim que na minha trajetória teve bônus e danos, inclusive essas questões todas. Só para finalizar, aqui em Alegrete tem uma comunidade quilombola com vinte e duas famílias na região do Angico, reconhecida pelo INCQ, pelo Instituto Nacional das Comunidades Quilombolas. Eles tinham dois trabalhos que eles faziam de artesanato a partir da lã da ovelha, inclusive veio maquinário de Minas Gerais, maquinário artesanal para eles fazerem esse trabalho de produção de pelegos e outras coisas mais, fiz esse trabalho com eles (...) O projeto dos quilombolas foi de 2007 a 2010, 2011, basicamente que eu, que eu tinha esse trabalho.

(...) Então, para concluir eu vou dizer que se eu tive esses desgostos, vamos dizer assim, também tive muita alegria, principalmente em função dos alunos. Fiz uma relação maravilhosa com os alunos, hoje eu devo ter mais de quinhentos alunos que são meus amigos no Facebook, principalmente alunos que foram para a área da extensão rural, são muito agradecidos ao trabalho que nós lá tivemos. Então... os alunos foram aquele lugar dentro da sala de aula que a gente poderia respirar com mais tranquilidade ao meio a esse processo de tensionamento que eu, como sindicalista, como professor agroecologista, como um professor marxista, tive na resistência dos setores conservadores aí nessa Instituição, que, aliás, para abrir um parênteses, desde a fundação da Escola essa Instituição esteve sobre a tutela da classe dominante de Alegrete, da tutela do latifúndio, da tutela dos setores dos grandes proprietários rurais de Alegrete, inclusive teve um fato que eles fizeram uma eleição para diretor da Escola, patrocinado pelo Sindicato Patronal de Alegrete, influenciou diretamente num processo seletivo dentro da Escola. Então esses meus colegas que eu citei aqui, trago muito carinho deles, uma relação que com certeza vai durar para o resto da vida, o respeito mútuo e, na verdade, é esse depoimento que eu gostaria de dar.” (José Ernesto)

RELEVÂNCIA DA ESCOLA PARA A REGIÃO

Neste capítulo, os entrevistados apontam quais as visões que a comunidade de Alegrete, Passo Novo e Manoel Viana tinham da escola em determinadas épocas e a partir de diferentes contextos. Percebemos também qual era a visão das famílias destes, principalmente daqueles que ingressaram na escola na condição de alunos. Durante um período houve a oferta do curso ginásial, onde os alunos já aprendiam a mexer com a terra. Mas foi o curso de Técnico Agrícola, um dos primeiros criados, e aquele que mais tempo durou, existe até hoje como Técnico em Agropecuária. O presente capítulo aborda também a relevância da escola enquanto uma referência no Rio Grande do Sul inteiro, numa época em que não havia tantos *campi* do Instituto Federal.



Figura 2 - Pátio cercado de prédios administrativos e de salas de aula.
Fonte: Acervo Instituto Federal Farroupilha- campus Alegrete

Eunice: “Aquilo ali era uma benção, não é, aquele terreno ali, aquele campo ali foi doado por um fazendeiro para construção do Colégio Agrícola. (...) Ah, tinha gente até do Rio, de Minas, tinha alunos lá do Rio de Janeiro, de Paraná, Santa Catarina, até agora, tem uns quantos amigos meus que a gente continua se... correspondendo, agora

pelo *Face*, é uma beleza, que são de Santa Catarina, tem o Paulo que me chama só rainha, a nossa rainha, porque foi, eu era a única mulher, era a rainha, não tinha outra ((risos))” (Eunice)

José Nilton: “A escola sempre foi referência na comunidade, comunidade do agro como a gente diz hoje, ou seja, na localidade e regional. Muita procura de vaga, sempre estavam procurando vagas lá e esperando uma vaga para entrar para seguir os estudos na área agrícola ou na agropecuária. A preferência era para filhos de funcionários, inicialmente, davam a preferência para filhos de funcionários ou filhos de colonos locais ou até regionais e abriam ainda as vagas para outras cidades, como São Francisco de Assis, São Vicente, São Luiz Gonzaga, São Borja, Itaqui, Guarani das Missões, Rosário do Sul, São Gabriel, Uruguaiana e até Quaraí, entre outras, porque todas as cidades da fronteira oeste, ou seja, da região da campanha, era muito divulgada essa escola, então havia a procura por vagas (...) essas cidades que eu já referi, todas elas tinham um certo número de alunos, filhos de fazendeiros, filhos de colonos, que se deslocavam para a escola, às vezes ficavam internos, se houvesse vagas e outros ficavam externos, ou seja, ficavam no vai e vem da cidade para a escola. Essa escola se localizava na vila do Passo Novo, 27 quilômetros da sede do município Alegrete, então teriam que se deslocar ou morar próximo a escola como muitos moravam, alugavam quartos, alugavam até umas peças para se acomodarem e ali estudarem. Então esses alunos vinham de outras escolas, havia até um certo, é um convênio como dizia, que em outras cidades existiam os Ginásios Agrícolas regidos pelo estado, então eram escolas agrícolas estaduais e dessas escolas os alunos concluíam o Ginásio Agrícola lá, aquela parte agrícola e se deslocavam para Alegrete, solicitavam, foi o caso da escola de Santiago, de Candelária, a Escola Estadual de São Luiz Gonzaga, Escola Estadual de, lá de Guarani das Missões, então tinha alguns alunos que já vinham com a base agrícola para seguir os seus estudos no Colégio Agrícola, aliás na Escola Agrotécnica. “ (José Nilton)

Joaquina: “(...) a comunidade olhava para a escola como algo extraordinário, porque era o único, único local que o aluno podia ficar interno, recebendo comida, recebendo cama, mesa e banho, não era assim uma Brastemp de... né, mas era o que ofereciam, era o que tinha de melhor para nós. Eu por exemplo, eu fazia cinco quilômetros para ir e cinco para voltar a pé, porque era a escola que tinha perto da minha casa e eu era feliz, porque não tinha outra mesmo, a comunidade em si valorizava muito, valorizava muito a escola.(...) nós tínhamos colegas de tudo o que era lugar, mas a região das missões, ali Santo Antônio das Missões, São Luiz, a minha turma acho que trinta por cento do meu cartão de formatura é São Luiz, Santo Antônio das Missões, Santo Ângelo, por ali, mas tinha gente de Pelotas, de Porto Alegre, de todo o canto do Rio Grande do Sul vinham estudar em Alegrete, tinha em Viamão, tinha uma escola técnica, mas era só ginásio, aí quem queria ser técnico vinha para Alegrete.

Alegrete acolhia todo o Rio Grande do Sul, hoje nós temos IF em tudo o que é canto né, mas agora naquele tempo não, era só, e tinha poucas gurias também, no ginásio eu tive oito colegas, aliás, oito comigo, mas tinha aquelas que estavam na segunda série que eram mais duas, que estavam na terceira série, que estavam na quarta série,

então nós somávamos parece que meio que dezessete mulheres, daquelas dezessete umas formavam na quarta série e iam embora, a maioria indo embora, a única que ficou lá foi a Eunice Gomes, e depois foram rodando, foram saindo de lá, aí foi como se fosse uma peneira, quando terminou o Ginásio era só eu, a única guria para fazer o segundo grau, eu cheguei a ser rainha do colégio, três anos rainha, claro não tinha tanta mulher mesmo ((risos)).” (Joaquina)

Francisco: “(...) naquela época, como em 1975, Colégio Agrícola, mesmo, internato, ele era famoso, porque na época o que menos vinha para cá era alunos de Alegrete. A minha turma foi uma das turmas que mais colocou alunos de Alegrete quando nós entramos em 1975. (...) se olhar os quadros antigos que estão ali, tinha gente de Santa Catarina, de São Luiz Gonzaga, Venâncio Aires, Bossoroca, Horizontina, Santo Cristo. Aquela região lá de cima vinha Candelária, Cachoeira, vinham lá de cima aqueles alunos todos, para fazer o Colégio Agrícola.” (Francisco)

Gaspar: “(...) em Alegrete tinham poucas escolas. Eu acredito que para fazer ensino de segundo grau era o Oswaldo Aranha, depois não sei se surgiu mais, Emílio Zuneda, e o Instituto empregava muitos alunos (...) de vez em quando se fazia um mapa do estado marcando as cidades e teve épocas que chegava até cinquenta cidades, às vezes trinta né, mas assim, tinham umas cidades assim que tinha sempre muitos alunos ... era Rosário do Sul, Quaraí, Uruguaiana, São Borja. (...) E São Francisco de Assis tinha uma corrente, assim, sempre um aluno levava outro. E tinha, por exemplo, Santo Antônio das Missões, tinha uma diretora da escola que tinha conhecimento da Escola, então ela meio selecionava alunos lá e mandava fazer prova aí, e ... o irmão dela estudou aí. Sempre vinham alunos bons de São Francisco de Assis, também, assim era uma corrente de alunos (...) Rosário também tinha uma ligação, no sentido da parte técnica, às vezes vinha aluno para: ‘eu vou pra lá para, eu quero sair bom em defensivos; sair bom em topografia’ e tinham alguma orientação, eles já vinham com uma finalidade”. (Gaspar)

Gleice: “(...) a comunidade que eu vivia, que era dentro da escola, naquela vila que tinha ali embaixo, que a gente dizia, lá em cima, lá embaixo: lá em cima era na escola, ali embaixo era onde os funcionários e os professores moravam (...) a comunidade compartilhava da escola, nós vivíamos, nós fazíamos parte daquele cenário todo (...) o meu pai que fazia parte daquilo tudo ali, meu pai era uma pessoa que se dava com todo mundo, o Denei, ele era inspetor de alunos, meu pai era uma pessoa que era muito querida, uma pessoa muito correta (...) então a minha mãe casou, foram morar lá, então eu nasci em Alegrete mas já fui morar na escola, então durante 17 anos da minha vida eu vivi aquele dia a dia ali, convivendo com os alunos, tinham alunos de inúmeras cidades do país, tinha gente de Roraima, de Rondônia, tinha do país inteiro, bom, tinha até japonês, né?(...)”

Eu nem lembro se eles foram parar lá através de um intercâmbio, realmente eu não sei como esses japoneses foram parar lá, porque, esses orientais, eu vou dizer orientais, porque eu não sei se eles eram japoneses, coreanos, o que que eles eram,

mas a gente tinha uma relação muito boa com os alunos, mesmo antes de eu entrar na escola eu já convivia muito com todas as pessoas que estudavam na escola, justamente pelo trabalho do meu pai, meu pai era muito acolhedor, quando, ele era muito rígido, muito rigoroso, ele exigia bastante dos guris, mas quando ele precisava acolher, quando alguém tinha problema, quando ficava doente e que os pais morassem longe, ele sempre acolhia muito, ele trazia essas, esses alunos, muitos para a nossa casa, para almoçar ou para jantar ou nos finais de semana, para eles se sentirem acolhidos e não sentirem tanta saudade de casa, meu pai trabalhou a vida inteira lá na escola, foi o único emprego que eu acho que ele teve, ele trabalhou acho que 38 anos, para tu ter uma ideia, o meu pai antes de se aposentar, eu acho que a única pessoa que eu conheço que ganhou uma festa quando se aposentou, e na festa do meu pai que foi feito lá no CTG Nico Dornelles em Passo Novo, foi prefeito, foi deputado, pessoas inclusive, deputados inclusive que estudaram na Escola, então assim para tu ter uma ideia do quanto ele era querido, e de quanto ele era importante para aquela comunidade e para escola, e quanto ele foi importante para Escola.” (Gleice)

Bento: “(...) na época de estudante a visão das famílias era que só tinha maconeiro lá, tanto que as mães das meninas não queriam que namorassem os alunos do Colégio Agrícola, mas essa visão foi mudando a partir do momento que se tornou Escola Agrotécnica Federal, que o pessoal que saía, saía trabalhando, todo mundo saía trabalhando de lá, os alunos se formavam e saíam trabalhando, eram muito requisitados os técnicos agrícolas do, de Alegrete... na minha época de aluno o estágio era dentro do curso, então a gente fazia dois estágios, que era um de monitor que eles chamavam, que era um estágio interno, que aí a gente fazia dois estágios, o estágio na área de zootécnica e o estágio na área, no primeiro semestre, por exemplo, eu estagiei na agricultura que é a parte de lavouras e mecanização e no segundo semestre eu estagiei na Bovinicultura, então até porque eu era familiarizado com essas áreas, e depois tinha o estágio externo, que era em uma empresa, que eu fiz na COTRISAL em São Borja, esse estágio interno era muito interessante porque nós éramos digamos o gerente do setor, então nós tínhamos toda uma programação, nós fazíamos um planejamento junto com o professor de todas as nossas atividades, e nós que trabalhávamos com os alunos, quem gerenciava não era o professor, éramos nós, então o professor só ficava meio de fora assim, dava uma aula prática, mas a parte de trabalho mesmo era nossa, nós que gerenciávamos.” (Bento)

Luciano: “(...) naquela época tinha, uma das cidades que tinha mais aluno era de São Borja. Bastante aluno de São Borja, tinha de São Borja; de Itaqui; de Uruguaiana tinha alguns também, e, depois daqui; Encruzilhada do Sul sempre teve alunos, não sei porque, teve uns alunos no início lá da escola, teve uns alunos que gostaram muito, se formaram, foram para lá, foram trabalhar de professor, então eles ficaram como uns agentes da escola lá, eles mandavam os alunos deles para escola, porque era muito bom, e só mandavam gente boa ((risos)). Era um lugar muito tradicional de gente boa ali.” (Luciano)

José Luiz: “(...) Colégio Agrícola e Escola Agrotécnica, mais especificamente Colégio Agrícola, né, ainda sou dessa denominação, enquanto Instituição descentralizada de Ensino da Universidade Federal de Santa Maria, que era o Colégio Agrícola. Na verdade, Alegrete funcionava como uma base de pesquisa de várias áreas de interesse do setor primário, que eram desenvolvidas dentro da UFSM. Então o Colégio Agrícola, com isso, tinha credibilidade perante a comunidade alegretense, em função de que em muitas ocasiões o Colégio Agrícola era base tecnológica de fomento à produção local alegretense, especialmente do pessoal que reside no entorno ali da Escola Agrotécnica, hoje do Instituto.

Então essas pessoas se utilizavam muito desses serviços, uma vez que a origem do campus, a origem do Colégio Agrícola, a origem da Escola Agrotécnica... ela está bastante remotamente ligada ao tempo. Essa região é uma área de colonização, é a primeira área de reforma agrária nessa nossa região. E o Colégio Agrícola era o centro social desse pólo... de micro propriedades que existiam no entorno. Então foi uma coisa assim bem interessante, era muito, muito comentado, muito badalado os encontros, as comemorações sociais que existiam da comunidade de Passo Novo e, dessas pessoas da zona de colonização das colônias de São João, inclusive parte de meus familiares residiram nessas colônias.

Então eu estou contando essa história para ressaltar essa importância do Colégio Agrícola em si. E, casualmente, nos campos, nessa área que é ocupada pelo Instituto hoje, existiu uma antiga fazenda, era sede de uma fazenda e a partir da doação dessas terras foi que se constituiu o Colégio Agrícola de Alegrete (...) nós tínhamos pesquisas na área de trigo, tínhamos pesquisas na área de Olerícolas, com vasto material fotográfico que deve fazer parte do nosso acervo hoje. Coisas assim, muito interessantes, não só do ponto de vista técnico, mas especialmente do ponto de vista histórico, que é o que nos interessa hoje. E nós passamos muito tempo, enquanto cidadãos dessa cidade, tendo uma noção de como a cidade encarava a nossa realidade, enquanto Escola Agrotécnica.(...) o regime de permanência dos alunos, essencialmente, regime de internato.

A Escola tinha uma freguesia de praticamente todos os municípios do entorno, da região de Rosário do Sul, Santa Maria, Santana do Livramento, Quaraí, Uruguaiana, Itaqui, São Borja, Maçambará, Manoel Viana, todo esse entorno nós tínhamos a nossa clientela de alunos e vinham para Alegrete para fazerem a sua formação técnica, era a especialidade do Colégio Agrícola e da Escola Agrotécnica Federal de Alegrete. Acredito que lá pelos anos 1988, 1990, por aí, a gente começou ... era uma Escola essencialmente masculina, a partir dos anos 1990 então a gente começa a ter convívio com maior número de meninas, oriundas das comunidades vizinhas também, e iam para lá para desenvolver os seus estudos. Na época não existiam os internatos femininos, muitas das casas dos servidores, porque dentro do âmbito da Escola existia uma grande comunidade também de residentes, era um numeroso conglomerado de casas familiares que atendiam os servidores da Escola, então ... e alguns professores que residiam, e essas meninas muitas vezes eram residentes junto a essas pessoas, dentro do âmbito escolar portanto.

Então... era uma condição, assim, que nos possibilitava uma intimidade muito grande com o pessoal que era interno, porque eles permaneciam efetivamente

dentro da Instituição. Naquela época tudo era mais difícil. Deslocamento por via terrestre era muito raro, em função da pouca oferta de horários de ônibus para atender essas comunidades todas que estão em nosso entorno e que nos estendiam essa freguesia. Então a nossa convivência era muito estreita com o nosso alunado, porque além dos dias semanais que nós tínhamos as aulas normais, a necessidade, também, da gente se fazer presente durante os plantões de final de semana, tanto os docentes, quanto os técnicos administrativos, tinham que desenvolver para a gente estar mais próximo dessa gente, dos nossos alunos, proporcionando para eles um atendimento que era exigido, cozinha funcionando e alimentação no prato, de forma constante para eles.” (José Luiz)

Carla: “Apesar da escola estar em Alegrete muitos anos, talvez o fato dela ser no interior, havia muito é ... o entendimento de... talvez não seja essa palavra, mas alguma coisa tipo reformatório. Aquela gurizada que não queria saber de estudar... que era indisciplinado, as famílias queriam mandar para lá. Tanto que era uma escola quase que eminentemente masculina. Eram muito poucas as mulheres que estudavam lá, exatamente porque havia esse sentimento assim, na comunidade, de que era um lugar para botar nos eixos aqueles adolescentes e jovens indisciplinados que não queriam saber de estudar. (...) Então era uma visão bem nesse sentido mesmo que a gente percebia na comunidade. Tanto que, só para ilustrar, eu... tentei convencer a minha família a me deixar fazer o ensino médio lá, e ... isso era impensável ! ‘as gurias do Alegrete!’, só estudou lá quem era filha de funcionário e morava ali na escola, porque não era lugar, não era visto como lugar para mulheres, para meninas.

Dos rapazes também tinha muito isso, do guri que não queria saber de estudar, que era indisciplinado (...) a gente não tinha muita mobilidade, então colocava lá e eles ficavam é ...presos, digamos assim, apesar da escola sempre ter sido um lugar grande e aberto (...).Do ponto de vista dos servidores, predominantemente moradores de Alegrete e Manoel Viana. Os professores, os técnicos, eram, aí não vou dizer todos, mas... indiscutivelmente, a grande maioria, pessoas que eram ou naturais ou que residiam a algum tempo em Alegrete ou Manoel Viana e, claro e na e na vila do Passo Novo também. Havia aluno de vários lugares, mas os maiores quantitativos vinham de São Borja, tinha muito aluno de São Borja, muito aluno de Itaqui, Alegrete evidentemente, São Gabriel, Uruguaiana, muito aluno de Uruguaiana também, mas quando eu entrei na escola o predomínio era Alegrete, São Borja e Itaqui e, depois, começamos a ter então bem mais alunos de Uruguaiana, Livramento, Rosário.” (Carla)

Otacílio: “(...) a maioria dos alunos da Escola Agrotécnica eram de Alegrete, evidentemente, oriundos do meio rural. Nós tínhamos bastante alunos, que ficavam inclusive no internato. E os alunos com melhores condições e que tinham possibilidade, ou moravam na zona urbana de Alegrete, ou tinham algum aluguel ali. Esses com mais recurso, eles ficavam, moravam realmente em Alegrete ou faziam esse vai e vem aí diário no ônibus, como é, claro, até hoje. E essas cidades ao entorno, elas dependiam muito também da nossa escola. A escola tem um nome muito forte, até em função dos anos de existência. (...) em 1954 quando um político lá de Itaqui, um advogado e depois foi

deputado, o doutor Ruy Ramos, - um nome histórico para nós. Esse é o grande nome, de que fez com a sua ação como deputado em 1950 surgir a nossa escola que hoje é o nosso instituto.

Então aquele sonho dele, isso aí a gente tem que resgatar, porque era, e é importante resgatar, porque nós tínhamos uma colônia do Passo Novo, por isso que até hoje eu acho importante isso quando diz, assim: “Ah! é lá do Passo Novo”, a gente a pouco tempo quando estávamos com a Agroindústria fazendo venda de, produtos, principalmente venda de leite e derivados, que a Agroindústria sempre mais pujante, ela exerceu uma produção muito forte, principalmente de queijo e também outros produtos que se elaborava, mas principalmente o queijo. Eles eram vendidos. Pessoas aí da cidade de Alegrete, eles encomendavam, inclusive por nós. Claro, dentro das condições, era um queijo com rótulo, dentro de um serviço de inspeção adequado. Mas porque, já tinham a marca do produto, eles queriam o produto da colônia, tu veja só da colônia! Por que colônia? Porque a colônia do Passo Novo é que tinham aqueles lotes que depois foi passado, esses lotes que eram do estado para a escola federal, que passou para o Ministério da Agricultura, por isso que depois do estado virou a federal. (...) Por que, que a gente fala lá na colônia? o que é o produto da colônia? E por que, que nós temos até hoje internato?

É uma coisa ligada a outra. Assim, o internato quando iniciou as escolas era para proporcionar aos filhos dos homens do meio rural, que nós somos de uma região aqui de... grande extensão e esses alunos e as alunas, tinham que estudar, mas estudar com as condições, que sempre se buscou na escola: de tempo integral, manhã e tarde, os alunos saírem com com diploma de técnico. Então acho que isso aí é fantástico quando a gente começa a resgatar o início da missão o início da construção, lá de uma visão da década de cinquenta e para chegar até os dias de hoje (...) porque tudo é política de governo né, então a gente sabe que, que esse desmonte da escola pública federal ela pode ocorrer e nós estamos vendo inclusive agora nesse último ano, últimos dois anos, a diminuição dos investimentos na escola pública.

(...) a escola sempre teve essa visão aqui na região, de desenvolvimento regional, os alunos estudantes da escola agrotécnica, puxa que alunos! Como eles saem, não é? Entram uma criança e saem um cidadão com conhecimento, com relações humanas adequadas. Então é tudo o que a gente como docente gostaria de proporcionar a um aluno, a gente consegue através dessas escolas técnicas, agrotécnicas federais.” (Ota-cílio)

José Ernesto: “(...) quanto a visão que a comunidade tinha da escola, eu posso dizer que existiam duas visões, uma visão que era das famílias que rodeiam a escola, o qual muitos são funcionários ou foram funcionários da escola, principalmente na área do setor do trabalho operacional, tratoristas, pessoal da mecânica, pessoal da marcenaria, pessoal de cuidar os animais, etc., então esse pessoal que era membro dessas famílias tinha uma visão positiva da escola; por outro lado, existia uma visão negativa, podemos assim dizer, porque a escola não tinha nenhuma atividade de extensão, não tinha nenhuma interlocução com a comunidade, a escola parecia que era um enclave colocado no meio do território aí do Passo Novo. Então podemos dizer assim, a gros-

so modo, que tinha essas duas visões, uma positiva que era o pessoal que ganhava a vida trabalhando na Escola e suas famílias, e a outra que entendia que a escola era de costas para a comunidade. Então, basicamente, era isso.(...) além de Alegrete vinha o pessoal de Manoel Viana, São Francisco de Assis, Itaqui, São Borja, Maçambará, Rosário do Sul, Quaraí, Livramento, Bagé e, excepcionalmente, também vinham alunos da região norte do estado, da serra, aqui e acolá vinham alunos de alguma cidade do norte do estado, mas o grosso modo é esse aí da região mesmo, dos municípios que compõem a fronteira oeste da campanha.” (José Ernesto)

DESLOCAMENTO/TRANSPORTE

Este capítulo trata de um tema vital para a instituição, desde o seu início, que é a questão do deslocamento e do transporte via terrestre. Distante 27 quilômetros de Alegrete, localizada no distrito do Passo Novo, são muitas histórias sobre os períodos pelos quais passou a instituição e diferentes as soluções que foram lançadas para enfrentar o problema diário do deslocamento. O motorista da famosa *Kombi* preta que transportava os professores, Bromeu Lara, foi lembrado. Em um passado mais distante, anos setenta e oitenta, poucos se aventuravam de carro na estrada de chão batido. Vale destacar que apesar da conclusão da malha asfáltica nos anos 2000, segue a dificuldade quanto à utilização do transporte público por meio de ônibus de linha, sendo preciso alugar ônibus para suprir a demanda crescente de servidores e estudantes.



Figura 3 - Próximo ao Bolicho da dona Zilé. Vista da entrada do CAA.
Fonte: Acervo particular de Gilmar Bonorino

Eunice: “No início tinha a tal de porca preta que chamavam, a camionete. Era toda de madeira, mas isso no tempo do Getúlio (Motorista) eu acho. Na minha época já tinha ônibus. O ônibus vinha buscar os alunos, vinha trazer os alunos, posava na cidade, de manhã levava de volta, aí quem perdesse pegava o ônibus da linha, que passava lá. (...) ele vinha de tarde, trazer, trazer os alunos de lá para cá, para a cidade, para pousarem em casa, quem não era interno, porque quem morava em Alegrete não tinha quase permissão (...) para economizar na alimentação, eles mandavam os alunos de Alegrete de volta, de tardezinha, depois das aulas o ônibus vinha trazer, ficava aqui e no outro dia pegava esses mesmos alunos e levava de volta.”(Eunice)

José Nilton: “Hoje em dia, nessa atualidade, os alunos têm a facilidade do transporte, mas a realidade lá naquele tempo era outra. Naquele tempo o aluno tinha que se deslocar por conta própria ou dar um jeito de morar próximo a Escola ou ficar no internato e se deslocar. Aqueles que moravam próximo a Escola o deslocamento era a pé ou de bicicleta ou até mesmo a cavalo. Não tinha o transporte escolar, o deslocamento até o campus. (...) quando ainda era Escola Agrícola a grande deficiência era de professor, nós éramos só em torno de 20 professores (...) na época era no máximo 20, porque tinha que limitar o número de professores em função do número da ... lá do transporte.

O transporte era só para professores na época, então tinha uma Kombi, às vezes meio nova ou meio velha, meio estragada, tinha uma única Kombi que fazia o transporte, então ia de madrugada à Alegrete, lotava de professores e chegava às 07:30 na Escola para os professores ainda tomarem o café e irem para a sala de aula, e voltava 5 horas, 5:15 por aí já tava voltando a Kombi com os professores, e os professores servem almoço na escola, no refeitório junto com os alunos. Então vejam, os professores que circulavam dentro da Escola, que tinha que acomodar horário e tudo, eram em torno de vinte, tinham talvez uns quatro que vinham por conta, no seu próprio carro, um deles era o Benvindo e o Marne, Marne Borges, que eram os mais ricaço, então eles tinham os seus carros próprios. E tinha outros, uns três ou quatro professores que moravam dentro da Escola, tinham casas.” (José Nilton)

Joaquina: “(...) os alunos internos não tinham, eram interno mesmo, mas quem não era, não era interno ia a cavalo, ia de bicicleta, ia de a pé como eu, e os professores iam na Kombi, uma Kombi preta, timbrada, da... Universidade de Santa Maria, e era o seu Bromeu o motorista, era o galã da turma. E aquela Kombi que cabiam nove às vezes iam quatorze, cheio dos professores, não tinha muito professor, porque era assim oh, enquanto o professor estava dando aula em uma turma, a outra turma estava na prática, então eles se juntavam.” (Joaquina)

Francisco: “(...) lá naquela década de oitenta, acho que 1987, que não me engane, nós recebemos um ônibus, um ônibus aqui, tá por ali ainda ele, o ‘bragado velho’ que nós chamávamos, era um ônibus pintado assim todo (...) A Instituição mandava e aquele ônibus pousava em Alegrete e todos os dias trazia os funcionários, professores, administrativo, tudo, e alguns alunos, lotava aquele ônibus todos os dias. Ficou aquele ônibus, meio de graça, trazendo, mas acho que não durou dois anos e aí trancaram, o

ônibus não era para isso, o ônibus era para pegar alunos e levar nas fazendas, era para estudo, não era para fazer transporte de funcionários. E aí tivemos problemas sérios, daí até arrumar ônibus para vir era complicado, aí começou a complicar o deslocamento e tanto é que também aumentou, inchou o número de funcionários, perto do que era o Colégio Agrícola, porque aí já era EAFA, a EAFA começou em 1982, aí já não era mais Colégio Agrícola, aí era Escola, era SEMTEC e a COAGRI, foi a COAGRI, que foi um órgão do governo, que foi o primeiro que fez essa mudança, e isso lá em 1986.”

Gaspar: “(...) quando eu iniciei, em 1977, tinha uma Kombi, então como o ensino era manhã e tarde, vinha a Kombi de manhã, trazia o pessoal que ia dar aula de manhã. Antes do meio dia um pouquinho, ela levava o pessoal e trazia outra turma para trabalhar de tarde. E tinha uns que permaneciam, como era o meu caso, eu vinha e ficava todo o dia. E quando eu tinha vinte horas, eu trabalhava quinta, sexta e sábado de manhã, tinha aula sábado sempre (...) quando eu peguei quarenta horas, aí eu fazia qualquer horário, qualquer dia da semana. E se trabalhava sábado tinha meio dia na semana e, bom, aí depois da Kombi, esse serviço de Kombi, nós ganhamos, isso acho já em 1985, eu não lembro o ano, venho de Sertão, da Escola de Sertão um caminhãozinho; um carro e veio lá do nordeste, não lembro, um micro-ônibus, uma escola doou. Isso aí era às vezes os diretores se encontravam e choravam as mágoas. Esse micro-ônibus foi usado por muito tempo, era assim com ... a janela bem ampla e depois que esse ônibus não deu mais para ser consertado, ele ficou no ferro velho, aí foi doado para Manoel Viana. Eles recuperaram, aí nesse meio tempo, já não lembro o ano, mas foi lá nos... o Carvalho era diretor, compraram o primeiro ônibus em Caxias do Sul até e aí depois, mais adiante teve um ônibus que bateu, se envolveu em um acidente (...) foi uma situação assim, os alojamentos que estavam mais organizados iam ganhar uma viagem, um alojamento ganhou e os alunos foram, no retorno o ônibus bateu em uma, acho que numa Kombi, coisa assim, e houve acidente, morreu uma pessoa da Kombi (...) e foi próximo a São Vicente, por ali nessa estrada (...) era terra de chão (batido) e depois desses ônibus que deram problema, começou a aumentar o número de alunos, aí teve o transporte pago. Teve uma época que tinha um ônibus dos professores, alguns viajavam com alunos, mas tinha um Planalto que levava e trazia, transportava professor e alguns alunos e servidores. Começou a aumentar o pessoal, aí virou esse transporte de hoje, cada um paga a passagem. (...) tinha sistema de carro, de lotação. Por exemplo, quatro pessoas, cada um ia no seu carro, mas não eram todas as pessoas e eram períodos.” (Gaspar)

Gleice: “Eu não precisava de transporte para me deslocar até o campus porque eu morava ali, a gente tinha antes de eu ir estudar na escola a tal da Kombi preta que era o seu Bromeu Lara, que era o motorista, e o seu Bromeu fazia viagens diárias para Alegrete e a gente acabava pegando carona do seu Bromeu em muitas dessas viagens, porque sempre quando alguém ia para a cidade, como a gente dizia, sempre alguém tinha alguma coisa para fazer na cidade, ou fazer compras ou para ir visitar alguém, mas a gente sempre dava um jeitinho de pegar carona lá com o seu Bromeu na tal da Kombi preta, tinha uma Kombi azul também, tá, pelo menos é o que tem aqui na minha memória, eu acho que tinha uma Kombi preta, depois teve uma Kombi azul.

E essas caronas, a gente na verdade dividia com quem fosse para Alegrete e às vezes ia de carona com o seu Bromeu, ou com quem fosse, com algum professor ou algum funcionário que fosse para Alegrete, na volta a gente tinha que vir de Tigrão, que o Tigrão é o mais famoso, até o meu marido, que me conheceu lá com vinte anos, ele lembra e seguido a gente fala no Tigrão, porque durante muitos anos, muitos anos, a gente ia para Alegrete e voltava de Alegrete no ônibus do tigre né, que era um ônibus que ali carregavam gato, cachorro, papagaio, periquito, galinha, nossa, tudo era carregado dentro do Tigrão, todo mundo, as pessoas iam pra Alegrete levavam galinha viva para dar de presente para médico, para família e tudo levava no Tigrão, no Tigrão podia levar tudo.” (Gleice)

Bento: “(Quando) eu entrei como professor, era totalmente diferente a locomoção, quando na época de aluno tinha poucos alunos externos, só tinha internos, os alunos não tinham esse deslocamento diário, os professores sim, eles vinham de Alegrete numa *Kombi* preta que chamavam de ‘porca’, porque a *Kombi* parecia uma porca mesmo, mas tu imagina uma *Kombi* preta, parece uma porca mesmo, então o apelido, eram tantos professores que vinham numa *Kombi*, e era interessante”. (Bento)

Luciano: “Carro poucas pessoas tinham, e quem tinha não andava toda hora de carro, assim, só saía para passear no domingo ((risos)). Eu comecei a trabalhar aí, fui morar em Passo Novo. Eu tinha que ir (...) do início eu trabalhava todas as noites, assim, trabalhava das dezessete horas à uma da manhã todas as noites. E aí ficou pesado, até andei um pouco a pé e não aguentei mais, aí comprei um carrinho, um fusquinha, e aí melhorou ((risos)). E naquele tempo não tinha asfalto, chovia muito e puro barro.” (Luciano)

José Luiz: (...) o nosso acesso, o nosso dia a dia de trabalho, ele era muito exigente, tá, era muito exigente o processo, porque o nosso deslocamento até o campus, diariamente, era muito problemático. Se a gente não persistisse, a gente desistiria no primeiro mês de deslocamento, porque todo dia era uma aventura diferente que a gente passava. Eu pessoalmente danifiquei várias, várias peças do meu vestuário ao me utilizar dos veículos da Instituição, porque nós tínhamos na verdade era uma *Kombi*. Inicialmente quando eu comecei a trabalhar lá, era uma *Kombi* que vinha na cidade e levava os professores para iniciar o turno da manhã, então eu passava todo dia lá. Eu ia na primeira hora da manhã, eu viajava de *Kombi*, praticamente quase um ano eu fiz esse deslocamento diário aí viajando de *Kombi*. Mas todo dia era uma aventura, porque a gente, estruturalmente, nós éramos paupérrimos e muitas vezes nós não tínhamos a viatura em condição com pneu para enfrentar as condições de rodagem numa estrada que era uma estrada de pedra, de cascalho, uma estrada que não era consolidada, ela era apenas patrolada, era chão batido como se diz aqui. Posteriormente, depois, quando nós passamos da fase de Colégio Agrícola para EAFA, onde nós passamos, portanto sobre a jurisdição da SEMTEC, era COAGRI no início né, Coordenação Nacional do Ensino Agropecuário, quando a gente começou a se chamar Escola Agrotécnica Federal de Alegrete era COAGRI, SEMTEC veio posteriormente.

A Coordenação Nacional do Ensino Agropecuário, ela acabou possibilitando às nossas 44 escolinhas, dentro de todo o Brasil, que são os embriões dos Centros Federais, do CEFET, são os embriões dos institutos hoje que a gente tem consolidados. Então essas 44 escolinhas aí elas começaram a partir daquele momento, de 1988 e 1989 por aí... era governo Sarney, que foi quem substituiu o ... Tancredo Neves, né, a partir de 1988, 1989, então nós começamos a ter um melhoramento nas nossas condições estruturais, não só as condições de transporte do pessoal, passou a ser feito num micro-ônibus, o qual também não deixava de ser uma aventura diária, porque era uma carroça já usada, então nosso micro, ele servia para o transporte das pessoas e para viagens e deslocamentos de aulas práticas ainda. Tudo era com o micro que atendia todo esse pessoal, toda essa freguesia que exigia esse serviço. Dessa época aí, pelo que tenho de lembrança, também, estruturalmente, as coisas começaram a acontecer. “ (José Luiz)

Carla: “A questão do deslocamento talvez fosse a situação mais precária e complexa que nós tínhamos, porque não havia comunicação asfáltica entre a cidade e a escola. O transporte era feito por um ônibus da escola, que recolhia na cidade os servidores, levava na primeira hora da manhã (...). Eu saía de casa seis e quarenta por aí, pegava quinze para as sete o ônibus, porque eu morava no centro e chegávamos um pouco antes das oito, que era quando começava o expediente da manhã e, depois, às cinco e pouco da tarde o ônibus ia embora. E nesse período não havia como sair de lá, porque não tinha ônibus regular como tem hoje. De carro era inviável ir, porque a estrada era muito ruim, muito ruim, uma estrada de terra. Então praticamente todo mundo usava o ônibus, praticamente não, todo mundo utilizava o ônibus, quem trabalhava utilizava o ônibus da escola e, se acontecesse alguma coisa, como muitas vezes aconteceram, que exigisse a ida para a cidade nesse intervalo durante o dia, alguém da família da gente tinha que vir da cidade até o campus e nos pegar.

Nós tivemos colegas que perderam familiares, ou que familiares adoeciam e era isso. A escola tinha um único carro, próprio da escola, mas que era um carro para uso de trabalho, não para transporte de servidores, então essa questão do transporte, sem dúvida era a condição mais precária que a gente tinha. Claro que o ônibus não tinha ar-condicionado, então nesse calorão do Alegrete aí, no inverno tranquilo, né, ia lá dentro calor humano resolvia, mas nesse calorão insuportável do Alegrete, a gente tinha que abrir abrir as janelas então chegávamos de volta na cidade em um estado lamentável, porque nós tínhamos que abrir os vidros, então os cabelos desse tamanho ((Fez um gesto com as mãos, mostrado o tamanho do cabelo)) e duros de terra, porque estrada sem pavimentação e ônibus de vidro aberto, então a gente chegava na cidade de tardezinha, a providencia um era tomar banho, porque nós chegávamos é, destruídos assim de terra.”

Otacílio: (...) claro a gente chegou lá na escola, os vinte e sete quilômetros, que, o quilômetro vinte e sete da RS 377, entre Alegrete e Manoel Viana, nós chegamos no Passo Novo, e essa questão do transporte é importante (...) ela era um dos grandes entraves que nós tínhamos para esse acesso lá na escola. Primeiro porque nós tínhamos

uma estrada de chão: são trinta quilômetros, vinte e sete quilômetros daqui... da cidade de Alegrete até a escola. E essa, realmente, essa estrada de chão, ela principalmente no inverno ou nos meses de chuva, nós tínhamos uma dificuldade, e a dificuldade (...) inclusive, de passar ali né, quando tinha muita chuva ali, ali na Palma, que a gente chama, que é um local já mais próximo, fica intermediário, próximo ali da escola, era um... lodo que se formava em função do solo ali, que não passava o ônibus.

E esse ônibus, como nós estávamos retornando ou vindo do Alegrete, muitas vezes tinha que fazer a volta, andar uma quilometragem bastante expressiva para ter acesso à escola. Então eu acho que é importante ressaltar para conhecimento, que um dos grandes entraves era assim, tanto para o deslocamento dos professores que sempre foi ônibus, pelo menos depois quando eu entrei lá. Antes nós tínhamos até Kombi, a gente sabe a história, e o deslocamento também de, próprio ... das pessoas com o seu carro, mas o ônibus era o deslocamento sempre dos servidores do campus. E os alunos com ônibus, é deles contratado também, que era além da estrada, nessa situação até virou asfalto, que aí sim, evidente que favoreceu bastante. Os alunos com os ônibus também precários, eram os ônibus ... não eram os ônibus de primeira, então também com a mesma dificuldade.

Então eu acho que é bastante ... reforçar que um dos grandes entraves que nós tínhamos era esse aí, e, e outra situação importante é dizer que nós também lá no campus, em função da falta de energia, que evidente até hoje ocorre né, naquela época com as transmissões ainda mais precárias, era outro problema, quando nós, faltava energia ali, lidando com a aula. E aí esperava um pouco e muitas vezes nós tínhamos que sustar as aulas, parar a aula, deixar para outro dia, se viesse a energia. Um grande problema que depois foi solucionado, claro, com avanço, investimento lá na escola, nós tínhamos possibilidade de ter aula com falta de energia. Então acho bastante importante, essa parte aí de resgatar essa questão do transporte, é a época que eu vivi lá, e principalmente nessa estrada ali, foi sim um grande problema para nós ali.” (Otacílio)

José Ernesto: “quando eu entrei na Escola, basicamente, a estrada era uma estrada de chão, não existia asfalto ainda. O deslocamento era feito de ônibus, nós saíamos de casa em torno das seis e trinta da manhã e chegávamos em casa passado das seis horas da tarde. Quase ninguém dos professores e funcionários vinha de carro particular, então o ônibus se tornava também um espaço de convivência bastante interessante, trocando ideias sobre questão do ensino, questão do funcionamento da Instituição, etc. Então isso foi basicamente até os anos 2000, quando foi inaugurada a estrada, se a memória não me falha, em torno dos anos 2000, então também nessa... trajetória a gente conviveu muito com a arrumação da... faixa, então tinha enormes transtornos, às vezes tinha que fazer desvios, etc. Então, basicamente, a faixa ficou pronta só depois dos anos 2000 e aí aquele agrupamento que vinha no ônibus, nós éramos poucos professores e funcionários na época, foi se quebrando, porque daí o pessoal foi já aproveitando a faixa, indo de carro.” (José Ernesto)

INFRAESTRUTURA, INSUMOS E MAQUINÁRIO

O assunto deste capítulo está diretamente atrelado à verba que a escola possuía, em diferentes épocas, sobre diferentes gestões. Conforme as entrevistas, no início da história da escola havia o mínimo necessário, era tudo precário. Podemos perceber através das falas, que existem dois momentos em que a escola passa a receber mais verba para a aquisição de insumos e maquinário e para a construção e reforma de prédios: um primeiro momento, na transição de Colégio Agrícola de Alegrete - CAA para a Escola Agrotécnica Federal de Alegrete- EAFA, que é quando sai a Universidade Federal de Santa Maria- UFSM e entra a COAGRI para administrar as escolas rurais; o segundo momento ocorre na transição de EAFA para Instituto Federal Farroupilha, em 2008.



Figura 4 - Quadra poliesportiva existente antes da configuração atual dos prédios.
Fonte: Acervo Instituto Federal Farroupilha - campus Alegrete

Eunice: “(...) Ah, era precária (a infraestrutura), aqueles pavilhões foram feitos logo que começaram a abrir para moças, estudar, foram fazer prédios novos, eram de madeira, bem precário. (...) eles não recebiam aluno assim de longe, nessa época só uns daqui de Alegrete, daqui da região aqui (...) Oficina assim, que faziam móveis, camas, essas coisas assim, depois lá do outro lado tinha uma oficina para arrumar os carros do Colégio, aquelas coisas. (...) Roupa da gente, não tinha uniforme (...) não tinha bota, não tinha nada, tu ia do jeito que tu ia no Colégio. Chegava lá e dizia: ‘vamos para tal lugar’ e tu ia do jeito que tu estava.” (Eunice)

José Nilton: “naquela época, a infraestrutura era a mínima indispensável para funcionar aulas, terem aquelas salas de aulas que condizesse com o número de alunos, ou por série e também para que funcionasse bem (...) os alojamentos e o refeitório que tinha que funcionar de acordo. Então existia uma estrutura, assim, muito limitada para o funcionamento de todos para dar as mínimas condições para que os alunos estudassem e tivessem condição até de... compreenderem seus estudos, porque um aluno deficiente, mal alimentado, sempre é problemático (...) a visão era essa, para ter uma boa educação tem que ter uma boa alimentação e o internato também tem que ser condizente. (...) na formação da Escola, lá nos anos de 1954 foi feita a estrutura básica da Escola para poder funcionar, então tinha que ter morador, tinha que ter casa para os funcionários, casa para professores, tinha que ter uma boa horta, tinha que ter um bom pomar, tinha que ter quebra-ventos, ou seja, matos, que esses eucaliptos que tão tudo em volta hoje aí, tudo já foi planejado, uns inclusive já foram detonados que é onde tá a biblioteca nova hoje, aí era um mato de eucalipto, coisa mais linda.

Nessa lagoa logo abaixo que nem aparece mais lagoa, era uma criação de ganso, coisa muito linda, lá na época lá dos, é 1965/1966, tinha essa criação de ganso ainda. (...) os insumos eram, assim, a maioria produzidos pela própria Escola, nas terras da Escola, por exemplo, o plantio do milho. O milho era plantado para o fabrico da farinha, para ajudar no pão, nos bolos do refeitório, então o milho já tinha esse destino: fazer farinha ou as sobras destinadas a animais, que eram poucos na época, poucos porcos, poucas vacas de leite, em torno de uma quinze, vinte vacas de leite, inclusive esses insumos para as vacas tinham que ser produzidos, fazer uma silagem, fazer uma pastagem, comprar semente, comprar o adubo para essas pastagens serem bem crescidas para os animais.

(...) o maquinário também era muito precário na época, existia na época, eu me lembro bem, de dois tratorzinhos pequenos, um 8-BR Ford, marca Ford, 8-BR, com os seus equipamentos; o equipamento do arado; a grade e uma plantadeira. Tinha o outro trator também, que era melhorzinho, era um Massey Ferguson 50x, pequeno. Também tinha outros implementos, e assim fazia o cultivo do solo, lavrar, gradear e plantar, aquelas áreas com as principais culturas que dava sempre na região, quer dizer, o milho, o sorgo, alguma coisa de trigo, bem pouquinho, feijão, plantava bastante feijão, feijão tinha que ter uma abundância para o refeitório e alguns outros insumos, aquela parte da horta tinha que lavrar os recantos lá para o cultivo das verduras e assim por diante.” (José Nilton)

Joaquina: “A infraestrutura era precária. Houve um tempo que a Escola foi teve uma intervenção militar, teve a intervenção militar porque os alunos reclamaram muito da comida... dos alojamentos de modo geral e eles fizeram uma revolução estudantil e fizeram umas casinhas (ranchos), uns... biombos ali perto daquela... sanga, por ali, fizeram várias, várias, casinhas, eles não moravam dentro do alojamento, que era péssimo. E eles não moravam dentro do alojamento, eles fizeram uma greve e dessa greve houve após uma intervenção militar, que era o major Jim, virou professor reitor, professor diretor lá do IF.

Após a greve a coisa melhorou bastante, aí não tinha mais, não tinha mais prato, era bandejão. Era bandejão e aí o aluno passou a trazer as cobertas dele de casa, o caneco dele, a coberta dele, os pratos e os talheres dele, porque aí o pessoal levava, roubava muito, levava talher para casa, quebrava prato, faltava prato, a estrutura era muito precária e aí teve uma tormenta uma vez que destelhou metade do colégio, aí eles construíram rápido e era um quadradão assim sabe, um quarteirão cercado de casa em roda, hoje tem prédios, ali onde tem aqueles prédios transversais dentro do... contorno, ali era uma cancha, uma quadra de futebol, de futebol não, de basquete, é uma quadra para... vôlei, basquete, salão, era ali, bem, e as salas de aula em roda.

A estrutura era bem precária, mas a gente usava a imaginação. O salão nobre era salão de aula que a gente tirava todas as classes e fazia, fazia as formaturas lá e o refeitório a gente fazia, fazia baile de formatura, limpava todo o refeitório e saía baile de formatura lá, muito bom, os bailes que acabavam meia-noite (...). (Joaquina)

Francisco: “(...) quando eu fui aluno em setenta, toda a década de setenta ali, até chegar à escola (EAFA), a produção de alimentos que era servida no refeitório era quase toda ela produzida aqui, desde arroz era plantado; o aviário sempre tinha 2 mil aves sempre, rodando ali dentro; e porcos e gado, tudo. Se comprava muito pouca coisa, bem pouca coisa se comprava, então a gente trabalhava, os alunos trabalhavam realmente para manter, fazer as coisas andar, mas os insumos, maquinários eram poucos, tinham dois tratores só e tal e faziam, o resto era na enxada, era na enxada mesmo, nós éramos especialistas em enxada, todos os setores que trabalhavam era enxada, mas aí já foi feito aquele refeitório novo que tá ali, já foi construído, que o refeitório velho era aqui em cima, onde hoje a Marcele trabalha com o CAE dela ali tudo, aquilo ali era o refeitório e aí foi feito aquele para lá, lá embaixo.(...)”

Nós tínhamos que sair a pescar nesse açude, nessa coisa aí para não passar fome. No Lajeado, no arroio. Lá em 1976 principalmente, nós tivemos um ano muito difícil aqui ... 1975 a gente entrou e estava bem, mas 1976 houve uma ... foi quando trocou, saiu... 1976 o José Scheid Ramos, que era um capitão da brigada, informava que era o diretor, José Scheid Ramos, então ele não era professor, era indicado militar. E aí primeiro professor que veio a ser diretor, que substituiu o José Scheid Ramos, é o Marcos Ruffo Goulart, marido da Greice, que aí em 1976 houve essa transição, saiu esse militar e entrou o Marcos, e deu uma dificuldade bastante grande aqui, até adequar, faltou dinheiro.

(...) 1976 foi um ano difícil, que a gente praticamente passou fome aqui, foi um ano de transição quando saiu o diretor que era militar e botaram professores no qua-

dro e aí mandaram uma ceifa zerada de lá de Santa Maria, zerada, uma ceifa para cortar as culturas, soja, milho, essas coisas e tudo mais, uma ceifa zerada, custava uns montes de dinheiro e não tinha dinheiro para comprar comida para nós. Eu fui um dos, que naquela época era presidente dos formandos, peguei turmas e fui para frente do diretor e brigar né, fizemos assembleias e tudo, porque a gente dizia que aquela ceifa não, ela vem para fazer serviço para os vizinhos só, porque nós não tínhamos grandes coisas aqui dentro do Colégio Agrícola que necessitasse uma ceifa para colher. Não se sabe nem porque, quem é que disse: ‘não, vamos mandar uma ceifa para Alegrete’, a pessoa que disse não conhecia nem Alegrete, não sabia o que se plantava, o que era colhido, não tinha noção realmente.

E o Marcos diretor, quando a gente cobrou dele, ele disse: ‘não, mas isso aqui veio pra Alegrete e nós tínhamos que receber, entende, não ia deixar de... vim a ceifa e ia vir dinheiro pra comida, o dinheiro pra comida aconteceu isso, aquilo e outra’, porque teve um tempo assim oh, que naquela época a gente plantava bastante, sabe, os alunos eram usados, nós éramos usados porque era um turno, você estava dentro da sala de aula e outro turno todo na prática, então a gente plantava bastante mandioca, lá onde depois eu fui fazer, acabei fazendo o pomar depois que eu vim trabalhar como servidor, plantar, eu acho que tinha quase 2 hectares de mandioca, que nós capinava tudo na enxada e tudo, o que que a maior parte era assim, era arroz e feijão e a... um açougue que vendia carne para Instituição em Alegrete, só mandava osso, só fervido, ela se calçou, não veio mais carne, ela não mandava, só mandava fervido, coisa que, era aquele ensopado de mandioca e um fervido e arroz e feijão, era o que tinha.

E nós que era interno, às vezes pegava as linhas, tinha linha e saia pescar no Lajeado, fazer um peixinho frito, um traíra, um... frito para poder, porque nem no pomar, a gente era proibido, os alunos eram proibidos, Deus o livre entrar no pomar e pegar uma laranja, você era punido se chegasse a entrar no pomar para pegar uma laranja pra comer, mesmo que estivesse com fome. (...) Em 1986 veio uma situação assim oh, que até então os funcionários todos eram ligados à Universidade Federal de Santa Maria, todos eram funcionários da Universidade Federal de Santa Maria, porque esse campus aqui era mantido, era uma UNED que se chamava, Unidade Descentralizada, comandada por Santa Maria as verbas, tudo, as migalhas que vinham, era da Universidade Federal de Santa Maria.

E lá em 1986, quando a COAGRI foi criada para comandar os Colégio Agrícolas do país todo, não era só aqui, essa COAGRI, ela agiu no país todo e aí então nessa hora houve assim oh, você tinha que escolher ou tu continuava em Alegrete e ia ser daí funcionário da COAGRI ou tu ia embora para Santa Maria e continuava funcionário da universidade lá de Santa Maria, então houve vários colegas nossos aqui que optaram por ir para lá, a maior parte já está aposentado, acho que ativos mesmo tem uns dois só, que fez na época a escolha de ir para Santa Maria.” (Francisco)

Gaspar: “(...) a Escola foi subordinada à Universidade de Santa Maria, que eu não sei quando começou, mas quando eu entrei em 1977 já era e ficou até 1985, mais ou menos. Nessa época a Universidade investia muito pouco na escola. (...) Essa parte de empenho, de compra, faziam aqui, ia para a Universidade e a Universidade comprava

as coisas (...) contratação era tudo pela Universidade, mas era muito pouco investimento na Escola. Então se fazia muita coisa, os alunos trabalhavam muito, os professores, mas assim, a infraestrutura era bem precária, mas o ensino não era ... vamos dizer, eu classificava assim como... não chegava a prejudicar tanto.

Por exemplo, se tu pensar a infraestrutura, de salas de aula, tinha os prédios velhos ali, prédio antigo, no tempo da Universidade, os setores de produção eram assim, a bovino era mais organizada, tinha um prédio lá embaixo, ordenha manual; a suinocultura tinha um prédio, tinha até uma maternidade e uns piquetes; fruticultura, o pomar; a horta era ali na entrada, naquela lagoa da entrada, a horta era para baixo, ali onde é os peixes, tinha uma horta boa ali e com irrigação por infiltração, entrava um val, a água corria no meio dos canteiros, era um sistema ali, uma coisa até interessante, mas tudo assim bem, tudo meio manual. O setor que era menos estruturado era o ovino, tinha umas mangueirinhas, alguma coisa para manejo e tinha uma peça que era quase um armário, não dava para entrar uma pessoa dentro, abria a porta e manuseava as ferramentas, fechava, uma porta de duas folhas. Era muito rudimentar, mas tinha as aulas de ovino e tudo, esquilavam e nem sei como é que acondicionavam lá, porque não tinha lugar.

Bom, isso aí no tempo da Universidade. Eu nunca entendi, porque eu estudei lá e a Universidade sempre foi bem desenvolvida, mas assim, eles não davam assessoria técnica para a Escola. Ela é ligada ao departamento de extensão rural, era muito forte o departamento, mas eles nunca viam, assim, quando eles estavam com dificuldade de técnico, tinha que se virar, e a gente, a nossa produção não era muito boa, principalmente na agricultura, era seca ou era chuva demais e sempre tinha um problema. Aí em 1985 a Universidade colocou assim oh, 'querem ficar como está ou eu saio?'. Eu até participei dessa reunião, aí nós estava quarenta e poucos, aí todo mundo quis sair. Existia a coordenação nacional, era a COAGRI, que era ligada ao MEC e tinha 33 escolas. Aí Alegrete e São Vicente passaram para a COAGRI, ficou com 35. Tinha Bento, Sertão aqui no Rio Grande do Sul e entrou Alegrete e São Vicente.

Bom, de 1985 para adiante, a gente começou a se dar conta de algumas coisas, a Universidade não deixava a gente crescer as asas, ninguém viajava, ninguém fazia curso. Eu fazia muito curso particular e sempre liderava, a gente tinha um evento em Porto Alegre e aí eu dizia, dá para sair, fazia um ofício para o diretor me liberar, mas eu ia por conta. De 1985 nós começamos a participar em todo o Brasil de eventos, e aí a gente começou a ver, bah, aquelas informações que eles dão, eles pegam lá e nos levam como deles, e assim oh, mas eu mesmo tive oportunidade de questionar isso aí. Em uma ocasião, eu falei com o reitor, até ele nos cobrou umas coisas e eu fiquei quieto, mas eu era muito novo e tem aquele respeito, e eu acho que se eu tivesse falado ele tinha auxiliado a escola, eu ia dizer para ele, nós somos carentes, nós precisamos disso e daquilo, eu acho que ele não tinha conhecimento, mas ele não era diretor da escola e estavam os diretores, ficaram quietos. Foi um ano que frustrou a safra, aí eles nos levaram lá para cobrar a produção. Bom, aí que nós passamos para a COAGRI, nós passamos a viajar e receber mais dinheiro.

(...) a infraestrutura desenvolveu de 1985 para cima, porque aí foi criado um... setor na escola para fazer projetos (...) deram para mim esse setor e foi em 1985, eu

dava aula nessa época, 85 eu já não dava mais irrigação, eu dava desenho e topografia e bovino de leite, eu era do setor de bovinos, aí não sei quem é que disse: 'não, mas tu tem que ir para lá!' e outro professor assumiu, um zootecnista assumiu a bovino, mas nessas alturas a bovino já estava bem desenvolvida, já tinha uma ordenhadeira de balde ou pé, a gente inseminava, já tinha comprado vinte vacas, porque no tempo da Universidade as vacas mais leiteira não davam dez litros, depois que a gente aumentou a produção. Deu 1985, começou assim, criaram a seção de projetos, aí eu fiquei dando as minhas aulas e só fazendo projeto, comecei a falar com os professores e eu desenhava, eu fazia as plantas baixa

(...) eu estudava os problemas, aí quem não tinha estudado eu questionava, por exemplo, quando eu fiz o projeto da suinocultura, um professor pediu para a EMBRAPA e veio três plantas da EMBRAPA. Das três plantas da EMBRAPA nós montamos a nossa, o bovino de leite ali, aquela sala de ordenha, a Universidade de Santa Maria nos deu orientação, nós fizemos o desenho e ali teve um grande questionamento, que eu não deixei botar ração dentro da sala de ordenha, era só eu que pensava que não, mas eu, como eu tinha sido chefe da bovino por uns quatro anos, eu sabia que podia tirar leite sem dar comida para a vaca na hora, porque a vaca que come mais é a que dá menos leite, então tu tem que dar separado e ia pó do farelo, da ração, e tem que ter uma pessoa alimentando. Funcionou 100%, eu fiz o projeto sem cocho, entrava três vacas, eu acho que é até o mesmo hoje, bah e já de cara seguiu funcionando, depois que ordenhava vinha as vacas melhores ordenhava primeiro e ia comer num lugar. Mas ali o pessoal me questionou bastante. Uma outra coisa que me questionaram bastante foi quando a gente mudou a suinocultura e ovino lá para cima, o vento bate de lá e tem dias que sente o cheiro aqui embaixo, sente ali nos prédios.

E aí eles me diziam, eu quando fiz esse projeto, alguém disse, tem escolas, uma escola de Mato Grosso, ela fez três quilômetros o setor, aí tinha que ir ônibus para levar os alunos e buscar; teve escolas que fizeram muito próximo, até tem escola se tu visita, que fizeram cinquenta metros das salas de aula o aviário; aí eles disseram, põem média distância que dê para ir a pé e espalha. Eu comecei a trabalhar em cima disso e deixei a horta lá onde estava, ficou só a bovino lá, mudei suíno e ovino para o outro lado, fruti para lá, e fui conversando, conversando, mas teve umas assim que, que eu tive que, essa do cheiro eles tinham razão, eu tinha que ter botado mais longe, mas a coxilha boa era ali, e o local bom era ali, isso do outro lado ia ficar longe e por causa dos furtos e coisa, mas não chega a ser um problema, é algum dia que bate o vento do lado do Passo Novo e levam.

Depois teve umas construções ali, por exemplo, no aviário fizeram um prédio bem perto da informática, mas aí já não era do meu tempo, ah, eu querendo tirar o aviário para longe e já era ali desde o início da escola (...) com esses projetos no tempo da COAGRI, o diretor chegou e disse: 'não, tem que criar esse setor aí, SPO', era Setor de Projeto Orientado, me deram aquilo ali, aí eu comecei a falar tudo o que eu achava que dava um projeto. Tinha um outro funcionário, administrativo, que ele tinha feito curso de desenho, aí o que eu fazia, eu conversava com o pessoal que fazia as plantas baixas, dimensionava, mas fazia em escala, aí ele dava um formato melhor e fazia alguns cortes para botar pé direito e mais detalhes e ele concluía, todos os projetos nós fizemos

assim (...) a gente tinha vários projetos, para mandar para lá a gente tinha que dizer onde é que ia construir, localização, mas essa etapa não saiu todos, por exemplo, era dois alojamentos, fizeram um; era duas casas de professores, saiu uma; porque depois muda e começaram a surgir outros projetos.

(...) na época da Universidade os insumos eram muito limitados, depois quando a gente passou para a COAGRI, a gente começou a opinar mais, então já melhorou ... assim, os insumos, e o maquinário, foram comprando máquina. (...) Eu lembro que até eu fui a Passo Fundo participar de um evento e a CAAL que me emprestou o distribuidor de calcário e máquina de plantio direto ... veio um trator com tratorista e fez uns serviços. Eles tinham um centro ali de pesquisa, experimentação e não tinham trator nem tratorista, e a gente fazia alguma troca assim. Nós não tínhamos máquina de plantio direto, a primeira lavoura de plantio direto e a primeira de calcário foi uma briga, porque nós arrumamos a máquina, tinha um monte de calcário e tinha que botar de pá para dentro da máquina. (...) bah, um dia eu ia na cidade aqui, dez horas, fiquei para fazer não sei o que, de carro, aí cheguei lá, tchê, estava uns dois guris e um funcionário, aí eu parei lá e fiquei enchendo caçamba até o meio-dia, porque tinha que entregar a máquina. Às vezes, a gente pegava uma turma de mecanização e uma turma de agricultura e revezava, cada um carregava um pouco. Conseguimos botar em toda a frente da Escola, do Lajeado até a entrada ali, calcário... eu nunca me lembro quantas toneladas, mas não foi muito, era uma máquina que ia largando, ela passava alguma largura e ia largando o calcário. E plantio direto nós fizemos, plantamos milho, o plantio com a máquina da CAAL. Depois a Escola comprou máquina, mas já era depois de 1985.” (Gaspar)

Gleice: “A estrutura física da escola na minha época não era grande coisa, a gente tinha o básico do básico, era tudo, era o que dava para o governo oferecer para a gente, era o que a gente tinha, era o básico do básico mesmo, a gente não tinha muita estrutura, não tinha uma grande biblioteca, não tinha laboratórios, tinha, mas a gente tinha o básico mesmo, a gente não tinha nada, é assim mesmo, a Escola Agrotécnica na época era das melhores escolas ali da região, tanto que todo mundo queria estudar ali, pela estrutura da época ela era maravilhosa né, nós tínhamos uma biblioteca, não era extremamente grande, nem muito estruturada, mas a gente tinha livros legais, os próprios professores compartilhavam seus livros e tudo, e a gente acabava usando todo mundo junto. Insumos e maquinários nas aulas práticas, isso sempre foi bem básico mesmo, eu me lembro que as aulas técnicas, as aulas práticas de mecânica era com um trator cinquentinha que era muito legal, eu adorava pegar aquele trator e andar, porque foi ali que eu aprendi, acho que a primeira coisa que eu dirigi na minha vida foi um trator, e aquele cinquentinha que tinha lá na escola na aula de mecânica (...) quando eu estudei na escola o Nenê já trabalhava lá, já morava lá, mas eu convivi bem menos com ele assim, dentro da escola, mais fora, como vizinho, sabe, sempre foi uma pessoa muito querida, moravam na frente da minha casa inclusive, o Nenê e a Julinta, moraram um tempo ali (...) no meu tempo era mais o Bráulio (Braulino) do que o Nenê.”

Bento: “(...) durante o período que eu fui aluno era uma situação de escassez de recursos, porque era vinculado a Universidade de Santa Maria e tudo o que a gente produzia era vendido ou consumido, então, e o dinheiro ia para os cofres da universidade e ela repassava muito pouco, então era muito, então a comida era escassa, a carne era basicamente frango e porco, de vez em quando uma carniinha de gado, mas era difícil, até tem umas histórias assim do colega Flávio Camargo, que hoje é diretor da CAPES, que ele diz assim: ‘o único lugar no mundo que eu comi um ensopado de mandioca sem carne, foi no Colégio Agrícola de Alegrete’ porque não tinha, o café da manhã era um pãozinho com margarina, quando tinha né, quando tinha ... tinha poucos funcionários, muito poucos, poucos mesmo assim, oh, então quem fazia tudo eram os alunos, os alunos desde da tirada de leite, ração para os animais, camperear, lavouras, tratores, basicamente só os alunos que faziam manutenção, capina, tudo era responsabilidade dos alunos, até com o juiz que a pouco tempo eu estive como testemunha de um colega para se aposentar, ele perguntou: ‘mas vocês produziam seus alimentos?’, eu disse: ‘olha, se a gente não produzisse na época, a gente não comia’, nós tínhamos que produzir porque isso ia para nossa mesa, era fundamental, fundamental, e os alunos inclusive ajudavam a cozinhar e a servir os alimentos, então os alunos eram responsáveis por tudo.

(...) Em questão de infraestrutura, na época de aluno nós tínhamos apenas o pavilhão central, que era em forma de forte, com uma quadra esportiva no meio, os dois alojamentos, o subúrbio e a cidade, um campo de futebol, uma quadra de areia que a gente chamava de panelão, lá perto da LEPEP, hoje, e as LEPEPs que nós tínhamos, que era Bovino de leite, Bovino de corte, Ovinocultura, Suíno, Ave e Apicultura, basicamente isso, e depois, com a entrada da COAGRI foi crescendo em estrutura física. Quando eu entrei como professor, tinha acabado de ter um vendaval e destruiu praticamente toda a parte da frente do pavilhão central, então nós trabalhávamos praticamente em ruínas, inclusive eu tenho uma foto da época, uma partida de futebol que está o prédio atrás assim oh, é uma coisa horrível (...) mudou COAGRI passou para SEMTEC e foram os primeiros prédios onde tem o prédio ali da administração e os prédios das salas de aula foram os primeiros prédios construídos e depois dos laboratórios, isso logo depois que eu entrei como professor. (...)” (Bento)

Luciano: “Lá tem um lugar que tem aqueles prédios bem bonito, que antes tinha um espumo de prédio, uns queimaram, outros machucaram com a tormenta, tudo eu acompanhei (...) a tormenta que demoliu tudo foi em 1989 (...) 1989 foi o ano que morreu o diretor, o professor José Carlos Carvalho. (...) A Escola ficou sem estrutura, usavam a sala de aula para alojamento, usavam... para fazer, usavam tudo conforme tinha espaço lá, porque a sala de aula demoliu tudo, arrancou tudo com cobertura e pedaço de parede, tirou lá por cima da cozinha.” (Luciano)

José Luiz: “Nós começamos a ter um aporte de estrutura física um pouco mais direcionado, no sentido de que a gente pudesse aumentar a nossa produtividade, aumentar o número de alunos dentro da Instituição. As unidades educativas de produção, que era onde era feita a complementação de estudos dos alunos, a parte técnica no

caso, era desenvolvida nas unidades educativas de produção. Hoje tem um outro nome aí, eu não estou lembrado, nessa estrutura do IF, mas essas unidades educativas de produção então começaram a ser consolidadas. São os prédios que a gente ainda tem hoje, a parte de produção leiteira; da bovinocultura de leite; a parte do aviário, que hoje está desativado, lamentavelmente; a parte da suinocultura, que eu também acredito que esteja desativado, tá. O que ainda funciona é a Agroindústria, e na atualidade ainda nós temos produção leiteira sendo praticada dentro do ambiente do IF. E as demais foram deixadas no plano secundário.

A parte de agricultura também, todas as unidades educativas de produção receberam equipamentos, tratores cultivadores, arados, grades, plantadeiras, foi um aporte, assim, bem interessante, que começou a nos proporcionar condições de realmente executar os preceitos do que a Revolução Verde disse para o agronegócio. Então a Escola Agrotécnica, as agrotécnicas, foram transformadas com essa finalidade, de preparar o nosso... produto aí, para vir a atender de forma facilitada de mão-de-obra barata, que é exigida pelo agro nos dias de hoje. Então essa é uma das razões da gente ter existido, a partir dessa época e ter sido também, vista com outros olhos dentro do 'sistema produtivo nacional' e do 'sistema de educação nacional'. (...) na chegada dos prédios principais aí da atualidade, aquele triângulo onde tem uns coqueiros e uma corrente, que parece uma corrente, na verdade não é uma corrente, são ferraduras de... animais, foi feita uma corrente ali, aquilo ali separava ... um dos alojamentos do corpo da Instituição, seria da planta antiga, na planta histórica antiga do Instituto, isso já não existe mais (...)” (José Luiz)

Carla: “(...) hoje onde tem os prédios, o segundo e o terceiro ali em cima, era uma quadra poliesportiva e os prédios cercavam toda a quadra poliesportiva. Hoje resta desses prédios, aquele prédio de sala de aula de trás, aquele mais velho, e aquele prédio onde está o auditório e a lancheria, mas ele fazia toda a volta. Então havia a quadra poliesportiva e os os prédios cercavam toda volta. Havia só um um acesso para a parte livre. (...) aquela quadra poliesportiva ela também, ela também se transformava no espaço de convivência dos estudantes nos intervalos, o pessoal ficava, ficava por ali também. E aí havia, onde hoje é o centro de informática, era o alojamento dos ingressantes do primeiro ano, e só haviam homens, não havia casa do estudante feminino.

A casa do estudante feminino foi criada no meu segundo mandato, no início do meu segundo mandato como diretora. Então eram só homens que residiam e os ingressantes, eram onde hoje é o centro de informática e os demais, os do segundo e terceiro ano, eram ali em cima naqueles dois alojamentos que existem até hoje ali atrás da sala dos professores. E por que tinha essa lógica? Porque o ingressante ele sofria muito é... havia a lógica dos trotes e eram trotes violentos nos alunos que eram chamados de bicho. Então havia todo uma, uma lógica de um dos veteranos, adotava o ingressante que eles chamavam de bicho, e ele por meses ele, ele ficava coordenando as judiarias que faziam. Então por isso, os do primeiro ano ficavam bem distantes e também, lógico, que com um vigilante de olho para que os veteranos não fossem até o alojamento, inclusive era proibido, o veterano não podia ingressar no alojamento dos ingressantes e vice-versa, né.

E aí nessa estrutura que cercava a quadra poliesportiva, um dos espaços era o refeitório, ele ficava bem onde hoje é na frente da assistência estudantil ali, entre o bloco de salas de aula antigo e onde é a assistência estudantil, ali era o refeitório, claro era um refeitório pequeno, porque como eu já disse, havia só um curso e doze turmas. (...) claro que se comparado com o que temos hoje era infinitamente menor, mas ela tinha uma estrutura, infraestrutura muito boa no que diz respeito ao desenvolvimento das atividades do curso técnico de agropecuária, que era o único curso que existia na época. Nós só tínhamos o técnico em agropecuária, que ingressavam quatro turmas por ano e nós tínhamos doze turmas sempre.

Eram quatro primeiros anos, quatro segundos e quatro terceiros, e esse modelo (...), porque ele foi formatado assim para desenvolver uma metodologia que chamava-se sistema escola-fazenda, que foi implementado no Brasil com o lema 'aprender a fazer fazendo'. Então a estrutura, ela era toda montada do ponto de vista da Escola- Fazenda, então era muito bom de trabalhar, porque a gente tinha tudo o que precisava: desde de instalações para manejo do gado, maquinário agrícola, sala de aula nas unidades educativas de produção, que a gente chamava UEPES, e que hoje são os LEPEPES, salas de aulas, escritório para o professor, alojamento para os alunos, é...plantonistas ficarem e ... toda a infraestrutura necessária para a gente desenvolver as aulas. Haviam salas de aula, sala para os professores, e isso é uma coisa que me incomodou muito, uma coisa que me incomodou muito quando eu cheguei lá, havia uma separação total entre professores e os técnicos administrativos em educação. A sala dos professores era só frequentada por professores.

Os técnicos não frequentavam o mesmo local de descanso e de convivência e essa foi uma questão que depois a gente trabalhou bastante para desconstruir e conseguimos. Mas do ponto de vista estrutural, era um lugar muito interessante, pelo menos para o desenvolvimento das nossas atividades de ensino, de desenvolvimento de projetos de extensão. Era uma estrutura bem legal, apesar da infraestrutura geral, ela ser bem mais precária comparando com o que a gente tem hoje. Claro que a questão tecnológica ela era diferente do que é hoje, então talvez fique até meio difícil das pessoas compreenderem, mas computador não existia, a gente preparava material impresso para os alunos através de um equipamento hoje jurássico chamado mimeógrafo. Máquina de escrever havia talvez duas ou três máquinas de escrever, de datilografia, em toda a escola, mas a infraestrutura para o desenvolvimento das atividades teóricas-práticas do curso eram muito boas (...).

(...) a escola tinha todos aqueles equipamentos básicos para a produção agropecuária: tratores, plantadeiras, roçadeiras ... até colheitadeira tinha quando eu fui para lá, uma colheitadeira antiga, o campus tinha.(...) o sistema metodológico utilizado lá na década de noventa, chamava-se sistema Escola- Fazenda, e esse sistema envolvia a questão das atividades de ensino, mas também a gestão da produção, e aí havia uma Cooperativa-Escola dos Alunos, onde os alunos faziam a gestão e essa cooperativa que comprava os insumos, repassava a ração, o adubo, a semente e depois comercializava o excedente da produção. A prioridade era o refeitório, mas como já falei a produção era maior que o consumo, a cooperativa comercializava o excedente de produção e com o que ela arrecadava, ela comprava os insumos e inclusive contratava trabalhado-

res terceirizados quando havia necessidade, quando o quantitativo de trabalhadores que a gente tinha da escola era insuficiente, principalmente época de safra. E aí isso funcionava como um elemento curricular.” (Carla)

Otacílio: “É ... em relação a estrutura, claro que tem que ser antes e depois do Instituto, acho que antes de 2008 e depois de 2008. Porque o grande, avanço que teve, os investimentos em construções, equipamentos, laboratórios, claro que se deu depois do investimento do governo federal. E aí foi no governo Lula e depois no governo da Dilma, onde a gente tem que falar o nome do governo, já falei lá do Fernando Henrique, porque isso é visão da gestão, é visão pública ou é visão privada da educação, então a gente não pode também ficar com receio de falar. Eu sempre fui pela educação ... a gente têm, claro como professor, e eu acho que não sou contra também, claro a educação privada, quem tem condições que vá, mas não é qualquer um que pode tirar um curso e pagar aí dois mil por mês, três mil, quatro mil, cinco mil, e na rede pública tu pode formar profissionais, gratuito, então investimento da educação, por justiça, ele tem que ser dado através do governo. Então é nesse sentido que às vezes a gente discute, o governo anterior eles investiram para que tenham bons professores, para que tenham uma boa remuneração, para que tenham condições de trabalho, estrutura mínima de trabalho, então é nesse sentido, é importante resgatar, assim, também a questão de quem investia antes e quem não investe em educação.

Então isso aí tem que se fazer. É evidente que antes de 2008, as escolas agrotécnicas sentiram dificuldade também, estrutura de... fazer construção, de mais salas de aula, de Ginásios, de equipamentos para laboratórios, para as próprias máquinas (...) os maquinários, nós tínhamos eu acho que a escola, a escola de São Vicente e a escola, nossa, de Alegrete sempre tinham uma boa possibilidade assim, sempre se investiu buscando equipamento, porque era a atividade prática, aí retorna aquilo que nós estávamos conversando, o aluno queria prática, então, por exemplo, lá tu tem que ter máquina lá para trabalhar lá na agricultura, era trator, tinha que ter trator e todos os equipamentos para se fazer as atividades práticas, então uma coisa levava a outra.” (Otacílio)

José Ernesto: “A formatação da escola, eu tenho assim como uma, era tipo de um desenho de um forte apache, as salas formavam um quadro e no meio tinha um jardimagem, tinha uma quadra de esportes, e basicamente, eram esses prédios que tinha, que hoje só resta aquelas salas do fundo ali, que a gente chamava ‘a chocadeira’ e aquela lateral onde fica a lancheria e o salão de atos. E fora desse quadrado tinha os alojamentos, ali para o lado direito do prédio. A formatação atual se deu por ocasião de um misterioso incêndio que teve na escola, que começou lá na cooperativa da escola, e onde ficou basicamente. (...) era o forte apache, era um quadrado, no meio jardimagem, uma quadra de esporte, que restou só aquelas salas do fundo lá e uma das laterais. Depois do incêndio é que veio esse formato que tem hoje, esse formato que tem hoje aí na área central da escola, com três agrupamentos de prédios: o da frente, o do meio e o dos fundos.

Basicamente, eu convivi a transição dessas duas estruturas que eu vi aí na escola, então é bem marcante essa questão de como era e como é. (...) quando veio um

recurso muito bom, eu acho que no final do governo Fernando Henrique Cardoso, para adquirir um prédio aqui na cidade e era um recurso bastante significativo, e eu, o Otacílio e mais outros, nós defendíamos que nós deveríamos ter, adquirir, encampar o IRMA, o Instituto Rural Metodista de Alegrete, que é dentro da cidade de Alegrete, que estava desativado, então a gente questionava, porque será que os alunos da Matemática, os alunos da Informática tem que pegar um ônibus e ir lá para fora e aí chegar maio, junho e desistirem dos cursos, porque os custos de locomoção com transporte era muito grande, então eu acho que foi o grande erro, se a escola tivesse na época encampado, nós teríamos um campus universitário dentro de Alegrete e todos esses cursos que foram formados posteriormente, eu não sei como é que é o nome que chamam aí, mas esses cursos que não precisam do território agrário, como é a Matemática, como é a Física, como a Química, como é outras mais, então poderiam ser acessado aqui dentro do próprio Alegrete, e aí com o dinheiro que veio eu sei que fizeram a compra daqueles dois andares aqui no escritório de Alegrete, então foi uma oportunidade perdida extraordinária aqui na nossa cidade. (...) aquele escritório da Venâncio, mas tinha dinheiro para comprar algo muito mais significativo e aí nós defendíamos que fosse feito, a encampação de uma escola que estava se desestruturando, que era o Instituto Rural Metodista de Alegrete, que oferecia atividades educacionais para os alunos. Nós teríamos... outro nível, nós estaríamos em outro nível de desenvolvimento, um campus do Instituto Federal dentro de Alegrete. E essa escola acabou e tá lá sendo demolida, infelizmente.(...)

(...) Como era, eu era um professor das propedêuticas, das ciências sociais, das ciências humanas, basicamente as disciplinas eram dadas aí na área central, enquanto que as disciplinas técnicas elas eram feitas lá... nas UEPEs, unidades de produção. E lá os insumos eram o que tinha necessário.(...) sempre teve um maquinário bastante significativo, muitas vezes esse maquinário estragava e as faltas de recursos e repasse de governo, enfim, o pessoal ali que trabalhava ali na mecânica dava um jeito e as máquinas funcionavam. Além disso, tinha uma mão de obra dos alunos, que era uma mão de obra que também era muito utilizada nas atividades práticas de plantio e no trato com os animais, então quando falhava as máquinas, as mão e os braços dos alunos substituíam.” (José Ernesto)

A VIDA DOS INTERNOS

Neste capítulo, temos a narrativa da experiência dos alunos moradores, do alojamento estudantil e também a visão que os demais alunos e professores tinham sobre as condições dos alunos internos. Foi mencionado diversas vezes a formação de vínculos afetivos e laços fraternais entre estes estudantes internos, e também a forte ligação deles com os servidores, que formavam parte de uma família dentro da instituição, já que eram poucas vezes que os alunos podiam ir para a casa durante o ano letivo. Outro aspecto interessante é a divisão entre os alojamentos 1 e 2, que durante uma época eram chamados pelos alunos de “subúrbio”, aquele prédio mais afastado, onde hoje fica o centro de informática e o alojamento chamado de “cidade”, pois era mais próximo dos prédios administrativos. Acompanhamos também a luta de uma gestão para criar os alojamentos femininos, nos anos noventa.



Figura 5- Alunos nas janelas do alojamento. Entre o final dos anos 1960 e início de 1970.
Fonte:Acervo Particular José Nilton Rodrigues Dorneles

Eunice: “Nunca teve alojamento para moça. Todos os colegas da gente eram homem, agora, a gente não entrava nos alojamentos deles. Era proibido. Ah, a não ser quando estavam de férias, que os alojamentos estavam livres, a gente ia lá às vezes, achava foto atirada por lá, a gente juntava, não, eles tinham uma responsabilidade com as moças. Ah teve uns que choravam quando chegaram lá, porque era uma, uma coisa muito rígida, tipo assim, tipo quartel, só claro, não era tanto, mas tinha horário para dormir, eles tinham horário para almoçar, eles tinham horário para o café, tinham horário para tudo, não podiam faltar e se passasse daquela hora ficava sem.” (Eunice)

José Nilton: “(...) existia nesse internato os alojamentos, que faziam parte da infraestrutura toda. Os alojamentos eram dois prédios e nesses dois prédios existia um espaço para em torno de 160 alunos, ou seja, oitenta em cada prédio. Quatro alojamentos, cada alojamento com quarenta camas, então dá quatro. Cada alojamento com vinte, vinte beliches, dava os quarenta alunos por alojamento (...) o armário, para o aluno guardar os seus pertences, então era uma cama e um armário, uma cama e um armário, e assim por diante, dentro do alojamento. Isso aí custava caro na época, vamos montar os beliches, vamos ter que ter os armários em condições, muitos armários às vezes eram até arrombados pelos os curiosos né, ver o que o colega tinha lá dentro e estragavam portas de armários, tinha que refazer, então era, era problemático.(...) tinha dois alojamentos, os alojamentos chamavam, tinha os apelidos do alojamento, que interessante até de colocar na história, e o alojamento 1, que era a parte, assim, próxima a administração, até existiu até hoje ali na Instituição, que é chamado o ‘alojamento da cidade’ e o alojamento 2, hoje funciona a informática lá embaixo, era chamado o ‘alojamento do subúrbio’. E sempre existia aquela rixa entre alunos, entre os colegas, ‘ah tu é do subúrbio’, ‘não, não eu sou da cidade, eu sou gente melhor... eu moro na cidade’.(...) o meu alojamento era o alojamento do subúrbio, o subúrbio inclusive era todo os dois prédios divididos em quatro, quatro quartos. O meu seria o alojamento número um, ou seja, o primeiro quarto, que era, ali funciona a primeira sala da informática hoje.” (José Nilton)

Joaquina: “Eu não era interna, não existia interno das meninas. Quando estava muito frio e chovendo eu parava na casa dos pais do inspetor de alunos, os pais do Denei, pai da Eunice, eu parava por lá ou na casa da vó Dadá, ou na casa de algum funcionário, que sempre tem alguém que acolhe a gente. Eu vestia roupa dos guris quando me molhava, os guris iam lá me dar roupa, mas assim, eu não tenho noção, assim, do alojamento como é que era, eu sei que eles eram muito punidos se deixavam a cama destendida, eles tinham que estender a cama; eles tinha que guardar tudo, não deixar calçado embaixo da cama. Tudo era certinho, os alunos que tinham que fazer isso, mas tinha um zelador para varrer todo o prédio, ele tirava os lixos e tudo mais, limpar os banheiros, isso eu sei que tinha, agora o que que acontecia lá dentro, como é que era, como é que não era, eu tenho só uma história para contar de uma, a Carla, em 2006 nós fizemos um encontro de agrotécnicos, que dessa turma o Heinze era colega nosso no Ginásio, dessa turma aí eles roubavam galinha dos funcionários, roubavam galinha, roubavam ovo, o que eles tinham vontade comer eles afanavam da vizinhança, porque tinha uma vila de funcionários e eles comiam a... e eles afanaram duas galinhas

e contaram para o inspetor de aluno, aí eles depenaram a galinha dentro do armário e colocaram num saco, em outro saco, em outro saco, botaram uma fronha, como se fosse um travesseiro para esconder.

A luz apagava as dez horas da noite e tinha um... inspetor de alunos, tinha um vigia do dia e o vigia do outro, e o seu Legório, que era um dos vigias ia no alojamento ali de cima e no alojamento lá embaixo, aí eles cuidavam quando o seu Legório saía com aquela lanterninha até lá embaixo. E faziam no canto do... escondidinho lá no canto do alojamento eles faziam galinhada, às vezes comiam galinha crua, sem sal, de qualquer jeito, mas eles escondiam as penas dentro e lá um dia 'x' eles lavavam as, normalmente quem vem para a Escola Agrotécnica eles eram pobres, então não mandava roupa para a lavanderia, o Colégio tinha lavanderia, não mandava roupa para a lavanderia, eles mesmo lavavam. Então eles iam na sanga lavar, quando eles iam na sanga lavar, eles davam um jeito de desovar aquelas penas lá dentro." (Joaquina)

Francisco: "(...) era subúrbio e a cidade, que era aqui (em cima). Lá em baixo era o bicharedo e aqui era os veteranos, então eles diziam: 'bom, nós moramos na cidade', mas a anarquia e a coisa era ... o nosso alojamento lá era bem melhor arrumado, mais limpo, porque cobravam da gente, mesmo. Aí chegava lá o Denei e o Mazi, o outro, o irmão do Marcos, que iam lá olhar: 'oh, esse alojamento aqui tá muito sujo, tem que organizar isso aí, vamos limpar!' e aí enquanto não limpava, não varria tudo... Era por quarto. Ele começou a mudar lá por, foi em 1989, 1990 por aí começou a mudar, que aí fizeram um alojamento, que hoje é feminino aqui em cima, era uns módulos para dez alunos com banheiro ali dentro, tudo, aí era para os terceiros anos, era para os ... como é que eles se chamavam? eram os doutores né, que aí: 'não, eu sou doutor', os formandos se chamavam de doutor, aí o terceiro ano ganhou aquela ala ali, eram dez camas, com banheiro dentro, tudo. E aí lá em baixo, onde era o subúrbio, se transformou num CENTREAFA, centro de formação da EAFA, fizeram um centro de formação, transformaram aquilo em um centro de formação de pessoas da comunidade e tal, curso de inseminação, de operação de máquinas... de trator.

Passo Novo, Alegrete, Manoel Viana, então vinha gente até de São Francisco passar uma semana, aí ficava hospedado lá no CENTREAFA, que lá tinha aqueles alojamentos, quando nós morávamos, aquilo tudo ficaram as camas para as pessoas que vinham fazer o curso ficavam lá, alojados lá, vinham comer no refeitório, mas aí ficavam lá, e aí foi terminando, aí parou o alojamento, subúrbio não houve mais daí, ficou só esses daqui, mas também diminuiu o número de internos, aí não era para todo mundo (...) limitaram assim... no número de vagas de internato, que eram só, me parece que dava 190 só, 190 internos, dali para adiante se tu passasse, tu tinha que ser semi-interno ou ia morar em Manoel Viana ou em Alegrete e vinha todos os dias.

Faziam uma pesquisa nas famílias, ver se aquele realmente precisava, que se fosse filho de fazendeiro, coisa assim, não ficava interno, se tivesse posses e coisa assim, não ficava interno, era realmente para quem era mais pobre, precisava e não tinha como se manter na região, os mais empoderados iam morar em Manoel Viana, iam morar em Alegrete e aí começou a ter ônibus, que trazia esses alunos para estudar, mas ônibus terceirizados, não era ônibus da Instituição." (Francisco)

Bento: “(...) inspetor de aluno, então ele era o xerifão lá, ele que mandava, era Ângelo Denei Gomes (...) Que era o chefão né, era ele que dava as punições para a gente, ele tinha um bigodão (...) o interessante assim, que ele chegava sete horas da manhã e tirava todo mundo da cama: ‘Vamos levantar, vamos levantar que aqui não é colônia de férias!’ ((risos)). E ia, e ia tirando as cobertas dos alunos. “ (Bento)

Luciano: “(...) chegava sexta-feira, na época que eu iniciei lá, chegava sexta-feira os professores vinham embora, e só iam... lá na hora da janta, do almoço, do café, não tinha mais ninguém. De noite o guarda, eles ficavam isolados do mundo, ainda quando tinha uns plantões lá, uns professores que gostavam dos alunos, ficavam por lá, conversavam com eles, ficavam no refeitório, visitavam eles no alojamento, mas não era todos que faziam, até porque tinha uns que lá davam a janta, mas o churrasquinho e a cerveja tinha ficado esperando eles lá nas casas ((risos)) (...) Eles davam férias para o pessoal da cozinha, todo mundo naquele período de férias ali (...) Mas, dependendo do motivo, tinha diretor que não davam feriadão assim, tinha uns mais carrasco que não davam feriadão ((risos))” (Luciano)

Carla: “(...) a casa do estudante feminino, que a gente não tinha e que foi muito, houve muita resistência. Eu levei todo um mandato, o meu primeiro mandato como diretora de 2003 a 2007, fazendo convencimento dos colegas para a gente abrir essa perspectiva. E aí, no início do segundo mandato, a gente consegue, e aí passou a ter a casa do estudante é ... das meninas, que foi uma conquista bem interessante, assim... Mas com aquela lógica, mesmo elas ficavam lá embaixo na casa lá, era bem separado. Hoje isso foi alterado.”(Carla)

Otacílio: “(...) prevaleceu até com tentativa de terminar o alojamento, dos gestores públicos, e ali no campus a gente sempre trabalhou, enquanto direção, enquanto grupo de professores, de servidores, para que se mantivesse sempre o alojamento. (...) e depois o grande avanço também de ter o alojamento feminino, e aí a gente ressalta, lembro bem do início do trabalho da professora Carla enquanto, depois diretora do campus, e foi um divisor ali também. Que sempre se dizia: ‘mas como é que vai ter as meninas aqui no alojamento, a trinta quilômetros de distância?’, então naquela visão de oportunizar a todos, o que a gente sempre busca enquanto docente, formadores, foi um grande avanço no nosso alojamento feminino. E o alojamento é, depois, claro, sempre uma dificuldade, aquele alojamento, inclusive masculino ali, aquele prédio é muito antigo naquele local ali, depois ele foi melhor, nós tínhamos muitos alunos... em um quarto, mas depois ele foi, ele foi melhorado, buscando uma melhor condição para o aluno ali no alojamento, com televisão, com sala de jogos.

(...) ficando menos aluno no quarto, com banheiro localizado em cada quarto, então assim também sempre houve essa preocupação dos gestores, oportunizar aos alunos, até porque tem uma situação também: poxa! mas o que esses alunos faziam, como é que eles, eu imagino assim, os alunos longe da família, trinta quilômetros de uma cidade, porque se o campus estivesse dentro da cidade tu teria outras possibilidades

de convívio, de sair, mas ali não. Quando chegava sexta-feira os alunos só retornariam segunda, então no sábado e no domingo ficavam no alojamento os que eram internos, claro, ficavam interno, então esses alunos tinham que ter, e não tinham muito, na verdade, a gente sabe qual é, o que eles tinham para fazer no final de semana, eram muito pouca coisa, porque não tinham cidade ali.

Tem uma vila né, que é o segundo distrito do Passo Novo, mas eles não poderiam sair para o Passo Novo, a não ser alguma fugidinha decerto ((risos)), saíam né., Eles tinham no verão ... mas onde é que o aluno no verão, o (rio) Lajeado era o mais próximo para ter água, com o calor, a gente sabia que com todos os cuidados que a gente sempre teve lá no campo, depois, até realmente houve uma legislação para proibir, era proibido o aluno sair dali para ir no lajeado, que é um rio que corre ali no fundo do nosso, do nosso campus, uma parte. E os alunos, sábado, às vezes domingo, iam para lá, e tinham ali na frente também - que a gente sempre teve muito cuidado os alunos - porque sempre teve o bar ao entorno ali, tem o famoso bar do seu Jaci, até hoje existe ali né, que aquilo ali também, o aluno ia para ali, para... com o outro grupo de alunos, e também, mas tudo fora da nossa legalidade ali.(...) claro que a escola, buscava nessa parte de entretenimento dos alunos ali, eu lembro bem que eu inclusive, eu e todos os professores, a gente levava para os alunos, levava filme para eles olharem, aí qual é o filme? Então a gente levava os cassetes, aqueles grandes, os filmes, levava para eles ficar, a gente tirava no nosso nome, a gente tinha autorização para tirar, deixava sexta-feira para eles, depois segunda trazia, e entregava aqui na cidade, no Alegrete, para eles olharem filme lá no final de semana, numa sala para eles olharem. Então essa parte de entretenimento dos alunos, é uma parte bem relevante, o que, que faziam, já adiantando, porque até hoje tem uma coisa que sempre faziam lá que é os jogos de, o joguinho deles de truco, que é um símbolo aqui na nossa região. É ... o jogo de truco até hoje, a gente sabe ali que às vezes a gente até questiona, eles ficam em uma mesa jogando, mas era o entretenimento deles.” (Otacilio)

José Ernesto: “Os alojamentos eram, basicamente, onde eles estão hoje. É bom salientar também que os alunos do meu tempo, que eu entrei na Escola, eles tinham uma vida, uma... idade mais avançada que os alunos de nível médio das outras escolas, porque esses alunos vinham de, basicamente, muito de escolas rurais, então a faixa etária que esses alunos chegavam aí eram de dezesseis, dezessete, dezoito anos ou mais e eram ... uma vida no internato, era uma ruptura que esses alunos tinham com a vida familiar, então era uma, a primeira experiência de sair de casa, era uma... questão importante, não era Ginásio, já era segundo grau, mas existia antes o Ginásio. O Ginásio que eu não cheguei a pegar, eu cheguei a pegar somente o segundo grau, o ensino médio, que era somente o curso de técnico agrícola, a única coisa que a Escola oferecia, a EAFA, que nós chamávamos, a Escola Agrotécnica Federal de Alegrete, era o Curso de Técnico Agrícola, que equivalia ao ensino médio ou ao segundo grau.

Então a vivência desses alunos, era uma vivência assim, de uma fraternidade entre eles muito grande e a relação que eles tinham com os professores era uma relação assim oh, de quem deixou a família e tinha o professor como uma espécie de substituto entre aspas, de conselheiro, de amizade, de... referência. Então existia um respeito mú-

tuos entre professor-aluno, aluno-professor e como era uma comunidade bem menor, em termos quantitativos de gente, a gente conhecia pelo nome, pelo apelido. Eu era professor de Sociologia e Extensão Rural, era uma disciplina técnica e uma disciplina propedêutica, mas eu basicamente lecionava aí, a minha sala de aula era a sala número, iniciei na chocadeira lá eu acho que na sala 5 ou 6, depois eu vim para a sala aqui de cima, um pouco mais acima.

Os alojamentos eram exclusivamente masculinos, infelizmente ainda tinha algumas alunas que não tinham acesso a esse alojamento, fruto de uma cultura machista que rondava a educação, até do ponto de vista estrutural da educação. Então as alunas que tinham aí na Escola eram das famílias, moravam nas casas de família aí da redondeza, isso era uma questão importante. Esses alunos, eles tinham muitas histórias, eles depois das cinco horas, que o ônibus vinha embora, eles ficavam basicamente órfãos, ficavam aí sobre os cuidados de um atendente de aluno, então permitiam eles fazerem várias atividades, desde pegar uma galinha, fazer uma galinhada no meio do mato, quicá uma ovelha, ir lá na porteira tomar um vinho. Então é muitas histórias que tem essa vida dos alojamentos, mas sempre foi uma relação fraterna, junto com os guardas, com os atendentes de aluno. E depois das dez horas tocava o silêncio, todo mundo deveria ir dormir, teoricamente, mas tinha alguns que quebravam essa lógica”. (José Ernesto)

COZINHA & REFEITÓRIO

Este capítulo tem muita história para contar: desde os bandejões de metal (vide figura 6) até os pratos atuais, muito aconteceu naquela cozinha. Tudo começou na época do fogão à lenha. Precisavam de tanta lenha para manter a cozinha que cortá-la era um serviço punitivo, feito pelos alunos, muitas vezes sobre a vigilância atenta do inspetor Denei. Alguns nomes para recordar: dona Maria, dona Santa, Belmira, Mosa, Tônico e João Carlos Leães trabalhavam na cozinha. Havia a condição de aluno-bolista, que ajudava a servir no refeitório. Os alunos gostavam de servir para serem os últimos a comerem, assim podiam comer mais. A história da cozinha e do refeitório passa também pela história dos alimentos produzidos na escola, que durante muito tempo foi quase autossustentável.



Figura 6 - Almoço no Refeitório, 12/10/1988.

Fonte: Acervo Instituto Federal Farroupilha - campus Alegrete

José Nilton: “(...) imagina também a estrutura da cozinha, do refeitório, então ter a cozinha em funcionamento, na época os fogões funcionavam a lenha, a lenha cortada no mato de eucalipto em frente da Escola ali, era todo aquele mato, foi instaurado na época para fornecer a lenha para o fogão da cozinha do internato. Então tudo tinha um planejamento por trás. Essa lenha era cortada no mato por funcionários, ali servi-

dores e esses servidores se desgastavam, eram fracos e tal, para cortar aquele monte de lenha. Todos os meses tinha que encostar tantos e tantos reboques de lenha para o funcionamento do fogão. Essa lenha era armazenada logo atrás da cozinha e ali também servia o fogão. E esse galpão de depósito de lenha servia também como um abrigo dos gauchinhos, faziam ali um fogo de chão, esquentavam uma água para o seu chimarrão, também para cozinhar ovo, cozinhar uma cambona de ovo, oito, dez ovos dentro daquela cambona para complemento da sua alimentação ou cozinham antes do almoço ou antes da janta, levavam na mesa do refeitório para o complemento do bandeirão que eram servidos. Então esse galpão começou assim a ser chamado o CTG dos alunos, era o depósito de lenha e um cantinho que tinha um fogo de chão, isso lá nos anos 1969, 1970 começou isso lá.(...) Essa parte aí do refeitório, alimentação isso aí foi muito marcante porque sempre foi com dificuldade. Houve uma época que não tinham dinheiro para comprar os gêneros principais, então ficava só às vezes só no feijão que era próprio e feijão com massa caseira, que faziam em casa, faziam ali o feijão com massa ou uma carne limitada, a carne inclusive era da pior qualidade, porque a carne que se servia no refeitório era daqueles animais já idosos, já velhos, que não prestavam mais para tirar o leite ou com defeito no úbere, então eles davam uma engordadinha, uma limpada e abatiam e era aquela carne que vinha para o refeitório, então era, era uma coisa, assim, de aproveitamento mesmo, então para o animal não morrer no campo morria para servir, servir o refeitório, e uma carne dura, as vacas velhas já que não davam mais para ordenha, não forneciam mais leite nem para criar um terneiro, então eram abatidos e serviam no refeitório, então carne, feijão, massa.

(...) O café da manhã era muito bom, até porque era o leite que era ordenhado lá em baixo na cabanha, antigamente era a cabanha, não era bovinos como é hoje, antigamente era chamada a cabanha, era o aluno ... tinha um grupo de alunos da disciplina de bovinos, de bovino de corte, que eles tiravam, se organizavam, tinha organização de grupos para ajudar na ordenha lá em baixo de madrugada, 4 da manhã, 4:15, tinha que estar chegando o grupinho dos alunos lá na cabanha para realizar a ordenha junto com um funcionário, às vezes dois no máximo, para tirar todo o leite para subir a tempo de ferver esse leite na cozinha e estar 7:30 a disposição do aluno que ia tomar o café. Então o café com leite, com pão e manteiga todos os dias ali no refeitório.

(...) Após o estudo noturno, 9 horas serviam um café, cada um tinha seu copo, seu caneco, então um caneco de café preto com um pão recheado com um queijinho dentro, tem uma manteiga, tudo caseiro de fabricação na própria agroindústria da Escola, que tinha uma agroindústria muito deficitária, mas tinha, o leite passava por lá, era desnatado, então tinha, extraia a manteiga, a gordura, faziam a manteiga, faziam os queijos e ali se direcionavam para o refeitório.(...) dona Belmira, foi uma cozinheira muito dedicada; outra senhora, a dona Santa, também da época do Ginásio Agrícola, foi cozinheira ali; o Pedro dos Santos foi cozinheiro, um dos caras que cortava lenha, cortava lenha e fazia, ele era o encarregado do feijão, é o homem do feijão na cozinha.” (José Nilton)

Joaquina: “(...) tinha um chefe de cozinha, no meu tempo sempre foi o mesmo chefe, que era o Inácio, um neguinho maravilhoso (...) e junto com ele tinha uma equi-

pe de mais quatro funcionários, ele delegava poderes, uma corta batata, outra faz isso, outra faz aquilo e a comida era assim, era servida exatamente quinze para o meio dia e até meio dia e quinze toda aquela fila tinha que ter acabado, então cada funcionário pegava, pegava uma panela para servir, que colocava panela, dentro do balcão, e aí iam servindo, um botava uma colher de feijão, outro colher de arroz, outro a carne, outro o suco, outro a verdura e assim sucessivamente, os primeiros que comiam ajudava a servir, dava folga para os... funcionários, porque eles se queixavam muito de dor no braço, que eles faziam exercício repetitivo, então sempre tinha aluno que ajudava a servir e conseqüentemente favorecia os amiguinhos, botava um pouquinho para mais para o amiguinho ((risos)).

Mas a comida, ela não era assim, como eu era muito pobre eu achava a comida boa, mas no fundo, no fundo ela não era, ela era bem temperadinha, os funcionários maravilhosos, todos, ainda tem dois funcionários da cozinha (...) a dona Santa, ela está cega, está com 102 anos; e o seu Tônico, que está com 99, que era do almoxarifado. (...) a comida era boa, mas às vezes não tinha, faltava muito. Falando na comida, houve uma época que faltou feijão, ficou acho que dez meses sem feijão, aí eles davam canjicão no horário do feijão, davam canjicão! e os alunos fizeram uma revolta... um certo dia eles juntaram todo o canjicão no caneco que eles levavam para tomar água junto com a refeição e juntaram, fizeram um trilho de canjicão da porta do refeitório até a porta do alojamento ((risos)) e relinchavam feito cavalo em coice, com aquele protesto do canjicão, essa era uma das histórias que eu queria te contar, porque eles não aguentavam mais canjica, canjica, canjica, manhã, tarde e noite.” (Joaquina)

Francisco: “(...) a gente no início assim oh, cozinhas aqui e levava as panelas agarradas até aquele outro lá e botava na linha de servir. Até aprontarem a cozinha mesmo lá e foi indo. (...) tinha o Denei, esse cara era o que comandava o refeitório também né, e tinha uns, acho que dez ou doze, entre mulheres, era dona Maria, a dona Santa, pessoas ali e seu João Carlos, esse seu João Leães também trabalhava na cozinha. (...) o nego Inácio foi bem já na saideira minha, quando eu estava saindo o nego Inácio estava chegando como chefe de cozinha (...) A Mosinha é bem depois, a Mosinha já é do meu tempo de funcionário daí, tia Mosa, Belmira Soares do Amaral. Naquela época eram essas pessoas que cozinham. Era fogão a lenha e a gente cortava lenha, então atrás ali ficava aqueles monte de lenha (...) o Denei chamava cinco ou seis, por punição, que sempre tinha né, gurizada não tem, aí tem que cortar lenha, fica lá cortando, eram cinco, seis machados lá, abrindo lenha pra poder cozinhar. E a comida era aquela dificuldade, a gente passava bandeirão, dos bandeirão de metal e você passava com o bandeirão ali e as pessoas estavam servindo e aí a gente gostava de servir ... quando chegavam o Denei: ‘quem é que quer ajudar a servir?’ e aí todo mundo: ‘ah, eu!’, porque aí quando tu ajudava a servir tu comia por último, mas aí você forrava a bandeja, aí era outros quinhentos, se não era aquilo ali, aquela pessoa botava uma porção ali e deu, e às vezes o cara dizia: ‘não, capricha, bota um pouquinho mais para mim aí’, aí eles: ‘não, não, tem que dar pra todo mundo’, era aquilo sabe, era aquela bandeja e deu.

(...) era só o café da manhã mesmo, café da manhã que vinha pão de Alegrete, compravam de uma padaria lá, tinha uma *Kombi* que trazia professores né, só uma

Kombi que trazia todos os professores, uma Kombi preta. Finado Bromeu Lara que era motorista daquela *Kombi*, que todos os dias ia buscar os professores de Alegrete. Tinham uns dois ou três que tinham carro, Benvindo Moutinho, Marne Borges, esses tinham carro, vinham de carro, mas os outros todos vinham numa Kombi. E aí vinha aqueles pão, quatro, cinco bolsas de pão assim (gesto amplo com os braços). Quando não ia a *Kombi* tinha um ônibus chamado ‘Tigrão’, que até hoje ainda tem o Tigrão, atirava no chão lá oh, lá em cima, atirava no chão na estrada e aí mandavam nós buscar aqueles sacos de pão de lá para, a gente comia, vinha três dias aqueles pãezinhos, ficavam, iam esquentando e a gente ia comer, tivesse duro ou não, tinha que comer se não era passar fome (...). Café com leite, leite sempre tinha, e era assim, a gente levantava quatro horas da manhã, ia lá, tirava leite e ainda tinha que vir para fazer o café no dia. Nós alunos, nós alunos, os guardas todos os dias já ficava, aqueles alunos, o guarda a hora que assumia sabia, oh, esses cinco aqui tem que acordar, então o Tambicu é alojamento B, o alojamento C, ou sei lá, terceira cama em cima, quarta cama à direita, aí aquele aluno, o guarda olhava e entrava no alojamento e pá! *toc toc toc*: ‘oh mocinho, tá na hora de levantar para tirar o leite.’” (Francisco)

Gaspar: “Ah o refeitório é uma história ... no tempo da Universidade fizeram a cozinha, porque era no prédio principal tudo, era ali um, tipo um forte, toda a volta assim era sala de aula e tudo as coisas era funcionava assim (...) tinha uma cancha de futebol no meio de toda essa volta, bom, aí fizeram a lavanderia eu acho e a cozinha ali em baixo e a Universidade não teve dinheiro para fazer o resto, aí o que que faziam, cozinhavam e traziam. Dia de chuva era uma história, tinham que vir com uma panela de feijão na chuva entre dois. Desses projetos da COAGRI, na primeira etapa saiu o refeitório ali, na primeira etapa, desse de 1985, onde é até hoje. O antigo era fogão, mas um enorme fogão, sabe, a lenha... era fogo de eucalipto, tinha sempre alguém cortando lenha.(...) sempre foi assim, plantava o máximo que dava, mas sempre faltava alguma coisa, mas o básico, o básico assim, não era comprado, por exemplo, tinha coisa assim tipo, hortaliças, hortaliças tinham cuidado alguém em fevereiro, janeiro, começava a horta, e produzir, produziam muita coisa, nessa época da cooperativa produziam muita coisa ali pro refeitório, era para só produção, mas sempre se comprou, eu me lembro uma época que até arroz saiu ali da Escola.” (Gaspar)

Gleice: “(...) a gente não podia comer no refeitório, porque a gente não era interna, mas a gente sempre dava um jeitinho de ir até o refeitório, às dez horas era o horário do nosso intervalo, então às dez horas a mãe da Rose, a tia Maria era uma pessoa incrível, carinhosa, cheia de amor, ela tratava todo mundo com muito carinho, então às vezes a gente tinha fome na hora do intervalo, tomava café muito cedo era sair de casa que as aulas começavam às sete e meia, e a gente às dez horas ia lá e a tia Maria nos dava galinha frita, é uma coisa que eu nunca vou esquecer, era a melhor galinha frita do mundo, era a que a tia Maria fazia quando trabalhava na cozinha da Escola, era uma galinha empanada assim, frita no óleo, crocante, gostosa, e a gente sempre ia lá, ela sempre arrumava uns dois, três pedaços de galinha para nós e daí a gente vinha e às vezes dividia com os guris, porque eles tinham o lanche, tinham tudo né, na hora

dos intervalos e nós não tínhamos essas, nós comprávamos no bar da Escola, aí ali a gente comprava bolachinha, chiclete, a gente comprava várias coisas no bar da Escola, no grêmio eu acho, se eu não me engano tinha um bar lá para gente comprar alguma coisa, eu lembro (...) “ (Gleice)

Bento: “(...) os professores eram tratados assim, tinham um tratamento de luxo, que eles desembarcavam da *Kombi* e iam para o refeitório tomar o seu café, todos eles, só que era totalmente diferente dos alunos, o café dos professores era com frutas, com mortadela, queijo, não tinha presunto na época, era mortadela mesmo, mas os professores tinham mortadela, tinham queijo, os alunos só tinham um pão com margarina, eles comiam na frente e depois também e o almoço também (...) eles tinham uma mesa diferente, o almoço deles era diferente, assim, eles tinham um cardápio à parte (...) cada sala tinha cafezinho, levavam cafezinho para eles, levavam chimarrão, eram bem tratados (...)” (Bento)

Luciano: “A gente ajudava a reparar a janta, o guarda da noite ajudava a cuidar a janta. Era quem reparava, é ... tinha que ficar ali, parado de pé, olhando todo mundo. (...) Uma vez que os alunos passaram o Lajeado ali e carnearam uma ovelha, ali do fazendeiro do lado ali. O cara pegou eles, o cara decerto estava rondando, já faziam antes, e pegou os guris esse dia, esse dia! Até eu estava trabalhando na cozinha nessa época, faltou um pessoal lá na cozinha e me pediram para mim trabalhar uns dias, trabalhei um ano, esses dias durou um ano ((risos))(...) aprendi na marra... aí eu estava trabalhando de tarde e os guris passaram lá e estavam pedindo pão, mas os pão, pão velho, mas a gente botava uns segundo ali no forno, no fogão, aquecia e eles comiam de tarde, que o pão ia daqui (Alegrete), pelo ônibus do tigrão ((risos)), o pão do café ia de Alegrete, e sexta feira ia pão para sábado e domingo, e o café de segunda- feira. Imagina como é que tava esse pão lá segunda-feira ((risos)), ia nas bolsas.” (Luciano)

José Luiz: “(...) um dos grandes pontos de preocupação da nossa entidade educacional era no tocante à alimentação dos jovens. Exigências de várias refeições ao dia, café da manhã, almoço, lanche à tarde, no mínimo, tá, o jantar, mobilizavam bastante gente. A nossa cozinha, que não era assim, uma cozinha tão ampla, quanto a gente tem capacidade hoje de atender, acredito eu, tranquilamente, mais de 750 refeições ao dia. Naquela época, nós chegamos a ter, tenho lembrança, número aproximado então, de 220, 240 alunos, internos, né. Então a gente trabalhava... com essa disponibilidade da alimentação dentro da Instituição, ninguém fazia refeição fora da Instituição, tanto os professores se deslocavam para o meio rural para lá irem ministrar as suas aulas, quanto os técnicos administrativos, basicamente, em sua grande maioria, eram residentes lá, mas e atender todo esse alunado aí? então as coisas muitas vezes não ... o funcionamento era bem paupérrimo (...) uma infraestrutura muito bem direcionada para atender essa especificidade que é uma cozinha, quando a gente prima pelos pontos de vista de ordem sanitária dentro do ambiente de alimentação.

As condições elétricas não eram as melhores, isso historicamente, porque a nossa luz era muito suscetível às condições... de clima, quando o tempo variava, qualquer

ventinho a escola já ficava sem energia. Então nós tínhamos problema de armazenagem de alimentos, coisas que depois foram sendo resolvidas a medida que a gente foi estruturando melhor todos esses os processos, desde a parte de refrigeração até a cozinha industrial que a gente tem hoje. Então... eram várias pessoas envolvidas. Nós tínhamos dois turnos sempre de cozinheiros, eram o pessoal do dia e o pessoal mais da noite, ou o pessoal do dia em alguns anos fazia também a mesma refeição da noite, já ficava tudo pronto, só para ser servido à noite.

Eram tempos assim de que, não se tinha um quadro de pessoas, vamos dizer assim, direcionado para atender a demanda, eram poucas vagas, vamos dizer assim, as vagas não eram adequadas às exigências, no caso. Os alunos faziam todas as refeições nesse ambiente. Inicialmente, dos prédios mais antigos, de construção mais antiga, nós temos o refeitório, está entre eles, apesar das várias reformas que ele tem sofrido ao longo do tempo. E toda a alimentação produzida em parte dentro de um ambiente institucional, porque naquela época as coisas eram um pouquinho diferentes de hoje, da nossa Instituição enquanto detentora de um orçamento bem volumoso como nós temos, apesar dos recortes que a educação tem sofrido na atualidade, a estrutura que a gente tem hoje ela é bastante adaptado, bastante apropriada, tanto que a gente se dá o luxo de não explorarmos todas as nossas potencialidades a nível de campo, a nível de setor primário.

Renegamos aos alunos a oportunidade deles terem um maior contato, caso desenvolvesse, caso desenvolvêssemos as, todas essas atividades que nós temos potencial, mas estamos de braço cruzados. Então a Direção Geral acha melhor ir no mercado e comprar alimentação para colocar para os alunos comerem lá, do que produzir uma alimentação mais saudável, mais econômica e também proporcionar para os alunos a oportunidade deles terem melhores condições de... práticas, porque somente através da prática que a gente consegue aprender as coisas. Então veja bem, da alimentação necessária, grande parte do volume indispensável para manter esses alunos daquela época, tudo era produzido dentro do ambiente escolar, tá, carne, leite, ovos, carne de frango, carne suína, carne bovina, tudo se produzia aí, arroz, muita hortaliça. Então era uma mesa muito farta, com produtos de alta qualidade, produzidos dentro, do interior, tá, da EAFA no caso, naquela época e ...com a certeza de que a gente não estava lá envenenando os nossos alimentandos.” (José Luiz)

Carla: “(...) era um refeitório pequeno. Basicamente havia uma equipe de cozinheiros, funcionários de carreira, da escola, primeiro do colégio, depois da escola. Eu mesma inclusive conheci vários deles quando ingressei, vários, vários deles ainda atuavam lá, eles é que preparavam as refeições, mas sempre com auxílio dos alunos. Porque havia uma modalidade de bolsa, chamava aluno bolsista, mas, na verdade, o aluno bolsista ele pagava a sua alimentação, a sua residência com o trabalho, então eles atuavam também, eles ajudavam, assim como ajudavam no refeitório, ajudavam todas as outras atividades do campus. Porque apesar de ser público, o ensino era gratuito, mas o que eles chamavam de internato tinha uma taxa que tinha que ser paga, a gratuidade disso fomos nós que demos, também quando assumi a direção que tornou, absolutamente gratuito o acesso ao refeitório.

(...) a grande maioria dos produtos, eram aqueles produtos produzidos no próprio, na própria escola.

A horta era muito grande. Se produzia muito ovo, frangos, suíno, leite, gado leiteiro, o rebanho grande com bastante produção. A carne bovina, frutas, então a grande maioria dos produtos preparados no refeitório eram de produção própria. Agora, claro que haviam outros produtos que eram adquiridos, mas é... naquela época, quando eu ingressei, o orçamento era muito pequeno, então tinha épocas em que o refeitório só preparava aquilo que efetivamente era produzido na escola, era o arroz, era o feijão, era o ovo, o frango. Porque muitas vezes não havia orçamento para adquirir, então, predominantemente, mas como sempre se produziu muito, a área do campus de trezentos e dezoito hectares, à época a gente tinha muita produção então a qualidade, ela era muito boa em função disso, mas teve períodos em que faltava recurso inclusive para comprar ração para os animais, então a situação ficava um pouco mais complexa.” (Carla)

José Ernesto: “(...) tinha a dona Mosa, que era a chefe da cozinha, mas tinha os alunos também, bolsistas, que trabalhavam na cozinha, que iam ajudar lá na cozinha, controle da fila do refeitório, mas ajudavam no servir a cozinha, servir o material, hoje basicamente isso tudo é feito com funcionário, na época não. E grande parte do que se comia se produzia aí, a horta da Escola era grande, maravilhosa, na produção de carne de porco, carne de galinha, tudo era produzido, bovino, leite, tudo isso era produzido aí, se comprava pouca coisa, se comprava fora o feijão, o sal e outras coisas mais, então tudo era produzido e levado para a cooperativa da Escola, a cooperativa supria o refeitório, tudo com produção local.” (José Ernesto)

ROTINAS, TURNOS E HORÁRIOS

Neste capítulo os antigos alunos e servidores recordam como funcionava a rotina de um educandário com a especificidade de ser uma escola-fazenda, onde o lema era aprender a fazer fazendo. Abordam aqui como esta característica modificava o dia-a-dia dos estudantes, professores e dos técnicos que trabalhavam nos diferentes setores da escola. Falam também sobre o cotidiano do funcionamento das aulas em dois turnos, o revezamento de disciplinas propedêuticas e técnicas e como eram ocupados os horários dos estudantes. Além disso, os entrevistados narraram parte de rotinas que não existem mais, como é o caso do chamado estudo noturno para os alunos internos. Diversas falas concordam que antes de 2008, da criação do Instituto Federal, os alunos tinham mais aulas práticas e passavam mais tempo nos setores onde trabalhavam diretamente com a terra e com os animais. Era uma época com poucos funcionários e maquinário, na qual a mão-de-obra era toda do aluno.



Figura 7 - Trabalho na horta. Setembro/1988.

Fonte: Acervo Instituto Federal Farroupilha - campus Alegrete

Eunice: “Na minha época era Colégio Agrícola do Alegrete (...) a gente tinha que estudar para a gente mesmo. Estava mal de nota, a gente tinha que recuperar por nossos esforços, procurando quem sabia mais para dar uma aula para gente, para os colegas (...) sábado era para lazer, sábado e domingo, descanso. Mas a gente tinha aula de manhã e de tarde. Almoçava e voltava, as mulheres. Os homens que eram internos ficavam lá, e tinha os semi-internos que faziam as refeições. Os que moravam em Alegrete eram semi-internos, eles faziam as refeições na escola, inclusive pessoas assim, na minha época já tinha as moças de Passo Novo, eu estava saindo já, mas quando elas entraram, elas faziam a refeição na escola, tomavam o café da manhã na escola, eram semi-internas. (...) Mas eram poucas alunas naquela época. Até hoje eu acho que não tem tanta mulher lá, né?”. (Eunice)

José Nilton: “A gente tinha uma rotina, assim, mínima, ou seja, aquela rotina, assim, de sair, por exemplo, da escola ou sair das aulas e ir direto para o alojamento. (...) o pessoal saía, estava no alojamento ou estava jogando um futebol final de tarde ou ainda estava preparando os estudos para o noturno, que existia outra rotina também, que é o estudo noturno, uma coisa que funcionou bem sempre lá na escola na minha época, estudo noturno, que era das 07:30 da noite até às 9, ou seja, às 21 horas. Nesse estudo noturno ali se estudava tudo o que era do dia, passou o dia, tinha uma matéria com dificuldade, então se concentrava os estudos naquela matéria durante aquele período da noite ali na sala de aula. E tinha um controle de frequência, tinha os monitores que faziam a chamada sala por sala e a gente ficava estudando aquilo que tinha mais dificuldade ou até passando a limpo a matéria. Naquela época se passava muito a limpo, tinha o caderno do diário aquele caderno rascunho, caderno borrão, como a gente dizia, e à noite então passava a limpo aquela matéria que estava muito, assim, mal completa ou incompleta (...) diversas fases, o aluno saía da sala de aula para o alojamento ou fazia futebol e tal, mas a noite então tinha o café noturno e o estudo noturno.” (José Nilton)

Gleice: “naquela época que não era campus, a nossa rotina era das sete e meia ao meio dia, e depois as aulas práticas ou vice-versa, de manhã aula prática e de tarde aula teórica (. . .) nós tínhamos uma rotina todos os dias era aulas teóricas e aulas práticas, todos os dias, cada semana em um setor diferente da escola, na Mecânica, na Olericultura, na Fruticultura, na Avicultura, que era o Rubens, que a gente tinha uma proximidade muito grande(...)” (Gleice)

Bento: “(...) na época entravam quatro turmas de primeiro ano e aí no segundo ano tinha só duas turmas de segundo e duas de terceiro, então como é que funcionava, a turma que tinha aula teórica de manhã, tinha toda a tarde com prática e o inverso também, então quem tinha aula teórica a tarde, tinha prática pela manhã, e assim era dividido, então o primeiro ano, era mais ou menos como funciona agora, eram pequenos animais e Olericultura, então Olericultura era lá embaixo, era uma horta grande, então as primeiras séries trabalhavam com Olericultura, Apicultura e Avicultura, então a gente fazia tudo, na horta do preparo do solo, a colheita, o transporte, tudo, tudo,

tudo, na Apicultura, que é o professor Abelhão, é o Ivone Garcia, que depois inclusive trabalhou comigo, eu como gestor na época, e como ele tinha uma deficiência física, ele não tinha uma perna, eu puxei ele para trabalhar comigo como auxiliar de escritório, mas na verdade ele era professor, Avicultura, que a gente fazia tudo também, inclusive a gurizada quando ficava um pouco com fome à noite levavam umas galinhas para o Lajeado para comer (...).” (Bento)

Luciano: “ (...) as aulas eram bem intensas, os professores não falhavam aula quando iniciou, ah não falhavam aula... e eram turno das, tinha as aulas práticas no campo, nos setores e vinha uma gurizada! saía...cada turma para um setor. De manhã tinha aquela turma, tinha uma turma que estava em um setor, outra estava... porque não tinha aquelas salas de aula que eles, que tem nas unidades de produção lá, não tinha na época”. (Luciano)

José Luiz: “(...) relativo ao dia a dia dessa moçada, desses nossos estudantes, a rotina deles era bem intensa... atividades a nível de sala de aula em dois turnos, o matutino e o vespertino. No turno matutino, normalmente quando eles estavam em aula, dentro do horário de estudos da... Cultura geral, que eles passavam todo um período e no próximo período eles faziam revezamento para a área técnica, no caso, a área mais específica. Então eram dois turnos de aula, dois turnos de atividade. Eles tinham um horário de alvorada, os alunos tinham um horário de alvorada para irem para o café, para iniciar as atividades a partir das oito horas da manhã, então era onde se iniciava as aulas, das 8 até o meio dia, arredondando, e de 13:30 até 17:30, então eram oito horas contínuas, com essa alternância. O acesso deles, que eu lembro, a nível de... internato né, que seria lá a residência dos alunos, não era a casa do estudante, eles não tinham total liberdade como na atualidade a gente imagina uma casa do estudante. Era um ambiente bem mais regrado, eles tinham horário para chegarem de um tipo de atividade, de irem para a educação física, de terem horário para poderem tomar banho, tá, tudo compatível com os horários de aula e com os horários de funcionamento do refeitório. Então essa me parece, era a prática funcional dos... internatos (...) nós chegamos a ter três prédios de internato, tá, eram turmas diferenciadas, tá. Então era uma atividade assim, bem exigente da Instituição, porque além da responsabilidade em abrigar esses jovens lá no interior da escola, essa necessidade de se manter uma sociabilidade entre eles de forma tranquila e equilibrada.

Então isso era um desafio constante, seguidamente se tinha problemas de ... ordem comportamental desses jovens. Na época não se tinha um administrativo de amparo, um acompanhamento psicopedagógico, então a nossa estrutura era muito, era muito escassa, ela era muito rasa, não atendia realmente as necessidades ali. Então os trabalhadores lá eram psicólogos, eram pais, eram mães, eram professores, eram alunos, porque a gente sempre estava aprendendo no meio dessa malandragem toda que a gente conviveu lá, né. A gente sabe que jovem sempre tem as cartinhas na manga para enfrentar determinadas situações da vida. E muita malandragem dessa gurizada, né, porque sala dos professores, especialmente, era um ambiente que era muito perseguido para eles tentarem pescar alguma prova,

quando eles não entravam pelo alçapão da cobertura do prédio, eles tinham as suas artimanhas.

Bem, ainda dessa época, o funcionamento escolar então, ele se dava em dois momentos diferenciados, durante um período do dia era Cultura geral, as disciplinas do núcleo diversificado e no outro momento as disciplinas do núcleo comum, para fazer essa complementação dessa carga horária deles de oito horas diárias. Também com professores-plantões, com administrativos-plantões, ficavam durante a noite lá para acompanhá-los, porque o turno noturno não existia, processo de aprendizagem em si (...) eram somente durante turno vespertino e o matutino que se desenvolviam ensino, vamos dizer assim, a nível de sala de aula. Mas durante os plantões noturnos, os departamentos de pedagogia que a gente conviveu, normalmente, eles orientavam os professores para prestar atendimento, não só de acompanhamento, mas também um período de resolução de alguma dúvida de ordem mais particulares deles, eles aproveitavam esses momentos aí e as pessoas que os acompanhavam durante a noite para isso. Então nós éramos lá, consultores sentimentais, pai, mãe, aluno, irmão ((risos)) e assim vai.

(...) o método funcional sempre era esse de alternância, vamos dizer, se a gente trabalhasse com quatro turmas: duas turmas de primeira série, duas turmas de segunda série, duas turmas de terceira série, todas as séries tinham normalmente quatro turmas né, depois se estabeleceu a reforma, ficou tudo ... na régua, então, em torno de... quatro turmas. Então, normalmente, duas dessas quatro turmas, elas ficavam em uma atividade durante o período matutino, à tarde essas duas turmas que estavam em Cultura geral, por exemplo, elas tinham acesso às disciplinas técnicas, que eram as aulas de campo. O pessoal que estava de manhã tinha esse rodízio, quem estava de manhã no campo, vinha para a sala de aula na parte da tarde, então existia uma rotação entre essas quatro turmas, que possibilitava o atendimento funcional do nosso ensino seriado.” (José Luiz)

José Ernesto: “Os turnos de aula na Escola era o seguinte, nós chegávamos em torno de dez para às oito, oito horas tocava o sinal. Geralmente as aulas tinham cinquenta minutos, dois períodos que daria cem minutos e terminava. Tinha um recreio no intervalo de dez e quinze à dez e trinta e as aulas pela manhã terminavam onze horas e quarenta minutos, depois tinha um intervalo para o almoço, retornava uma hora e vinte minutos e ia até às cinco da tarde, com intervalo também perto das três até às três e quinze.” (José Ernesto)

CURSOS E DISCIPLINAS

Por meio deste capítulo podemos acompanhar o histórico dos cursos que a escola foi tendo com o passar do tempo. Durante muito tempo havia apenas o Técnico Agrícola. Depois, com a EAFA, a escola passa a criar mais cursos. Foram criados os primeiros cursos federais da fronteira oeste, o Tecnólogo em Agroindústria e o Tecnólogo em Produção de Grãos. Os entrevistados aqui narram como era o funcionamento dos cursos, desde a sua criação até a rotina de aulas e disciplinas, passando pela recordação dos professores que mais os marcaram. Alguns nomes são recorrentes e muitos vêm acompanhados de memórias inesquecíveis e demonstram como era a relação professor e aluno. Neste capítulo também podemos saber mais sobre como era o funcionamento das UEP - Unidades Educativas de Produção, hoje LEPEP - Laboratório de Ensino, Pesquisa, Extensão e Produção.



Figura 8 - Alunas do curso Técnico em Informática desmontando um computador.
Fonte: Acervo Instituto Federal Farroupilha - campus Alegrete

Eunice: “(...) eu terminei o Ginásio, naquela época o primário, era a quinta série, depois passou um ano e a gente estudou a sexta série, então a gente não fez nem admissão, a gente da sexta série já passou direto para o Ginásio Agrícola e a gente fazia prática junto com os homens, igual, não tinha diferença, ia para campo, ia para lavoura colher. A gente tinha aula prática de motores, a gente tinha aula prática de topografia, de colheita de sorgo, de milho. A gente chegava a mentir que estava menstruada para não ir para lavoura, então um dos professores até ... uma vez: ‘mas que menina, que coisa que vocês passam só menstruada’((risos)) ‘Não tem de tá menstruada, vamos pra lavoura!’ (...) mas a gente não ficava na Escola, a gente ia para casa, essas de lavoura era uma manhã inteira, não podia, não podia ficar na Escola assim, sem estar estudando, não podia, tinha que ir para casa.

(...) se não ia na aula prática, para casa. No caso da horta que a gente passava uma manhã de colher milho, de colher sorgo, era uma manhã inteira, então ia para casa, se não ia na aula prática, ia para casa, não podia ficar e se ficasse era chamado a atenção. (...) Sabe do Lajeado onde é o posto, que tem o posto ali, que agora virou não sei o que ali? Lá em cima perto da ponte do Lajeado, ali tinha uma lavoura e nós tinha que colher ali, sorgo. A gente ia para a horta, trabalhava junto com os funcionários. Sempre teve aula prática, sempre, sempre. Por isso nós não tivemos estágio, quando nós nos formamos, nós já tínhamos feito a teoria e a prática junto.

(...) Fazia igual, que nem os homens. Era as mãos, a enxada e a força, só o que tinha ((risos)). O professor Bruno, tinha tudo ali para dar uma aula de topografia, tinha tudo ali para a gente medir a distância, fazer ... A aula de máquinas também e motores também, tinha as peças, tinha os motores para a gente estudar e o pessoal tirava quatro, não queria saber daquilo. O professor, inclusive o professor Pinheirinho me passou, senão eu tinha ficado. Máquinas e motores e a biologia, mas a biologia não tinha nada a ver com a técnica (...) Quatorze, quinze matérias eram, tudo, tinha indústria, embutidos, que era o professor Benvindo, nós apelidamos ele de Embutido, que só falava em embutido, embutido. (...) A não ser essas aulas de embutido, que não tinha uma sala especializada para fazer um embutido, para te dar uma aula prática, não tinha. Por exemplo, professor de desenho, professor ... o Kaabas, morreu há pouco (...) desenho mesmo, de fazer a gente desenhar, ele botava uma coisa na frente da gente e a gente tinha que copiar e fazer bem direitinho (...) Ele não era daquilo, ele foi desempenhar essa função porque faltava um professor, ele era agrícola também e esses meus professores todos foram formados em Viamão. Todos se formaram em Viamão e vieram, foram contratados já para vir dar aula e depois se tornaram efetivos, mas eles já foram contratados no início, aí veio aquele monte de professor, tudo junto quando criaram o curso técnico. Desenho também era no Ginásio, não tinha no curso técnico, ali eram só as matérias mesmo, matemática, física, química, português, história, aquelas coisas ali (...) e as técnicas, que somando tudo dava umas quatorze matérias.

(...) Tinha a professora Eni que dava aula de música, Eni Pavani. Antes a gente tinha aula no Ginásio até de corte e costura, bordado, era Ester Marun que dava aula ali, de técnicas domésticas. E nós não quisemos mais continuar na aula de corte e costura, eu e a Ester, minha irmã, que nós frequentávamos, porque o nosso irmão dizia assim: ‘vocês vão ficar solteirona! vocês vão fazer corte e costura, vocês vão ficar tudo

solteirona!’, porque tinha uma funcionária da Escola que trabalhava na secretaria que era solteirona e era costureira e a irmã dela também era costureira. E era solteirona as duas, até hoje, elas moram aqui perto de casa, elas são solteironas, ‘e vocês vão ficar tudo solteirona igual a Alcir e a irmã dela!’. Nós não quisemos mais corte e costura. Era optativa. Só as moças, só as moças, aí inclusive a gente chegou a fazer um vestido, todo mundo o mesmo vestido, tipo um uniforme, de brim com uns botões, eu nunca esqueci, botões vermelhos aqui na frente, aberto até em baixo, muito bonito ficou até os vestidos ((risos)). Mas foi só um, que ela queria um uniforme (...) ela fez nós fazermos, mas foi só aquele, não fizemos mais.

(...) tinha o laticínio que a gente fazia queijo, a parte de... laticínio, era com Marne (Marne Borges). Era... e a gente fazia, era subterrâneo para poder pegar frio os queijos lá para não estragar, a gente descia lá e fazia os queijos lá em cima, era uma peça pequena assim, acho que do tamanho disso aqui (...) no curso técnico, o Marne foi o professor no curso técnico, inclusive uma vez ele passou, nós ia subindo lá, não sei o que que a gente estava fazendo lá, era aula prática, e vinha vindo... pro prédio lá em cima e ele me passa de carro em uma poça d’ água, tinha chovido, e ele me deu um banho de barro, eu gritei (...) e ele parou o carro, deu uma ré e veio: ‘mas uma moça dizendo um nome desses’. Eu fiz ele se lembrar agora, no último encontro que nós fomos aqui no Colégio Agrícola, ele estava, e assim ‘eu me lembro disso’ ((risos)). Eu estava voltando da aula prática... para os prédios onde ficava a sala de aula. As aulas práticas eram no pomar, o pomar ainda é o mesmo lugar, lá naquele lugar onde é, lá embaixo.” (Eunice)

José Nilton: “(...) a gente tinha uma rotina, assim de, as disciplinas básicas, ou seja, português, matemática, história, geografia, estudos sociais, quer dizer, entrava moral e cívica, no tempo da moral e cívica (...) tinha outras disciplinas de ensino básico, e o desenho (...) a questão da parte técnica, já aí já interessava mais para nós alunos que vinham do interior, que às vezes até já, assim, solicitado até pelo próprio familiar, o pai mesmo perguntava: ‘e vocês vão trabalhar lá com inseminação em bovinos?’, ‘não, não é agora pai, é lá no final do ano, final do curso’. Então tinha que dar aquela explicação.(...) na produção de grãos, de feijão, do milho, o aluno tinha que capinar. O aluno tinha nas horas da parte prática, aulas práticas, às vezes se reuniam duas turmas de alunos. Por exemplo, quarenta alunos, cada um com a sua enxada e desciam para a lavoura, porque tinha que capinar o feijão que estava na hora, tá no ponto da capina, não podia passar daquela semana.

Então reunia duas turmas, por exemplo, as duas turmas da tarde, que as aulas práticas sempre eram realizadas no período da tarde; as aulas teóricas, parte da formação geral, eram pela parte da manhã. Então, às vezes, as aulas eram práticas diretamente ou às vezes eram aulas técnicas teóricas, que aí nós ficávamos na sala de aula com o professor. Por exemplo, professor de Zootecnia ministrando sua aula, os conhecimentos zootécnicos e tal, raças bovinas, raças suínas, raças ovinas, enfim, esse assunto dentro da Zootecnia, então ficava em sala de aula, depois saía para uma outra oportunidade reconhecer essas raças de animais lá no campo, lá vão ver qual é que dispõem na Escola ou às vezes ir até em um vizinho mostrar: ó aquela raça ali é holandesa ela é branco e preto, ela tem essas características; todas da raça e assim

por diante, então as aulas teóricas práticas, realmente eram teóricas e eram práticas também, realmente no bom da palavra aí, teórico/prático.

(...) Então se fazia muita prática. A prática de mecânica, o professor de mecânica dava aula e fazia nós executarmos. Por exemplo, desmanchou um motor, hoje o aluno sai de lá às vezes não conhece o motor, não sabe onde é que está o virabrequim do motor, nós passamos lá dentro de uma sala de aula a mecânica e desmanchava, desmanchava o motor, um motor que tinha dentro da sala de mecânica, um motor em corte, tinha que desmanchar o motor e montar de novo; ou lá na oficina mecânica, dentro de um trator velho que tinha lá, também, nós desmanchava o motor e fazia de novo, então ia às vezes numa aula era só sobre as peças móveis do motor, outra as peças fixas, outro lá virabrequim, carburador, outro setor de alimentação, tipo de óleo, então dentro, assim, era muito bem estruturada as aulas práticas técnicas dessa, do nosso tempo lá.

(...) os professores, que eram bastante também técnicos e muito didáticos também, porque o momento exigia, teve muitos professores da parte do Ginásio (...) daqueles velhos tempos, todos eles a gente guarda com bastante emoção até, tinha o Manueirão; o Moreira; Pedro Kaabas, vou ler essa relaçãozinha, Pedro Kaabas; o Bosco; Alceu Fonseca; tia Eli Pinheiro essa velinha era da geografia, foi até diretora da Escola na época da greve, ela assumiu uns dias; a professora Ivone que era história; Eni Camargo a professora de música, professora de artística; Wilson Campos, professor da biologia; Terezinha Moutinho, de português, depois passou para química; Urbano Miranda era professor de matemática; Tasso Siqueira, esse velho Tasso foi diretor na época da greve também, ele muito bondoso, até por isso que ... até estourou a greve em função de ele acolher muita coisa, 'tá menino, tá, um cantinho para ti', ou dizer para o fulano 'vou arrumar um cantinho para ti, fica no alojamento', e foi somando assim, quando ele se deu conta, tinha trezentos alunos internos e sem comer, sem boia para se alimentar, então o Tasso Siqueira foi professor; o Pedro Passos, professor de matemática, terror da gurizada; tinha o KGF, também, foi meu professor e depois meu colega, professor José Carlos Prates, KGF o apelido; Laurindo Camargo meu professor, eu entrei na Escola na vaga dele; José Carlos Carvalho, muito bom professor também, foi diretor, muito bem quisto; Benvindo Moutinho, falecido a pouco (...) e o Marne Borges, que é um dos remanescentes hoje (...) foi professor de laticínios, processamento do leite e derivados e também um grande professor, um grande conhecedor da área técnica.

(...) Eu lecionei a Fruticultura no segundo ano de Técnico Agrícola, ou seja, na sala de aula do segundo ano e depois em 1985, foi com a chegada da COAGRI a mudança de nome da Escola. Mudou a grade curricular e, dali então, passou a Fruticultura para o terceiro ano. De 1985 em diante, Fruticultura do terceiro ano e Silvicultura junto, então foi classificado dentro da grade curricular a área técnica era classificada em três agriculturas e três zootecnia, sendo Agricultura I, das primeiras, as agriculturas de pequeno porte; Agricultura II, as de segundo porte e a Agricultura III, era de grande porte. Então a primeiro, pequeno porte; médio porte e grande porte. Assim como a Zootecnia I, animais de pequeno porte, as abelhas, as galinhas; a Zootecnia II, animais de médio porte, que é os porcos e as ovelhas e a Zootecnia III, que é os de grande porte, que é as vacas de leite e gado de corte e assim por diante, mais a Agroindústria e o Desenho Topografia. Essas eram as matérias do curso técnico na mudança

de grade curricular com a entrada da COAGRI em 1986, final de 1985 encerrou a vida da Escola Agrotécnica de Alegrete, 1986 mudou de nome, Escola Agrotécnica Federal de Alegrete, nomeada na época da COAGRI.” (José Nilton)

Joaquina: “() aula prática era só na base da enxada, do rastilho, da pá, da gadanha, da foice, existia só um trator velho e era só um funcionário que pegava aquele trator, o tratorista era seu o Khalil, a mão-de-obra toda era do aluno, tinha muitos funcionários para continuar as aulas práticas nossas, mas a mão de obra era praticamente do aluno, sempre tinha três, quatro turmas, uma, uma na lavoura de milho, outra na lavoura de mandioca, outra na horta, outra lá nas galinhas. O colégio criava muita galinha de corte e galinha de postura e a gente que tratava os bichos, o Colégio era praticamente auto suficiente. Tinha pocilga de criação de porco, de vaca, abatia as vacas lá embaixo e levavam para o suprimento do... colégio. O colégio não comprava verdura, não comprava leite, não comprava carne, nada disso, tudo isso era produzido na Escola. Praticamente eles compravam o café, o pão, o açúcar, essas coisas e arroz e feijão, o resto o Colégio tinha, abóbora, batata, mandioca, tudo isso o colégio tinha.

(...) No Ginásio a gente não tinha aula prática, tinha bastante história, geografia, português, matemática, essas coisas e não tinha muita aula prática, no último ano que tinha mais aula prática, mas as aulas práticas elas eram intensificadas no segundo grau, no segundo grau nós tínhamos no mínimo três tardes e uma manhã, ou três manhãs e dois, eram cinco, cinco turnos de aula prática que nós tínhamos, então tu estudava ou tu estava na aula prática ou estava na sala de aula, estava às oito horas do dia ocupadas com aula normal e aula prática era na lavoura de milho, de mandioca, de batata, na lavoura, na horta, era lá no aviário.

Aula prática a gente fazia também muito na... ordenha, na, na sacrifício dos, sacrifício de matar os bichos, os porcos, era muito ruim, até eu lembro de uma aula prática que nós fomos fazer ali, e o professor, esse tá vivo, doutor Mauro Quinteiro, fazia pouco tempo que estava lá e ele me mandou castrar um porco e eu não conseguia castrar, todo mundo ria de mim, todo mundo ria de mim e aquele porco todo embarrado, desculpa a expressão, todo cagado e eu não conseguia pegar e eles riram de mim que eu errei, eu errei o local e ... abriu um buraco maior do que devia e eu não consegui castrar o bicho, aí um colega meu, o Jader, que... me ajudou a castrar o bicho, mas eu fiquei com a nota mínima, tinha nota a aula prática, e ele dizia assim oh: ‘tira!’ era um bisturi, tinha que manear o porco e com aquele bisturi tirar os dois testículos do animal e depois costurar. Eu sofri muito, eu sofri muito, essa aula prática eu chorava, eu não sei se eu chorava de raiva, de nojo ou porque os guris riam de mim, os colegas riam de mim, porque eu, nossa! era só eu, a única mulher do Colégio, imagina, rainha do colégio, rainha três anos ((risos)) eu não rodei, eu nunca rodei, mas eu tirei a pior nota da minha vida, foi com a castração do porco que eu não consegui castrar.(...) normalmente os professores que davam aula prática era os mesmos que davam a matéria, tinha um professor que chegava na sala de aula e dava silvicultura e ele chegava com três sacolas na sala de aula, uma sacola com semente, uma sacola com flor, outra com folha, e a gente tinha que dizer o que era aquilo. É o professor Floriano.” (Joaquina)

Francisco: “Na hora da aula, aquilo era um turno dentro da sala de aula, outro turno era dentro dos setores. O professor dava aula teórica, mas na prática mesmo, raramente eles entravam, chegavam junto com a gente, aí quem ministrava, normalmente tomava conta, era o terceiro ano, o terceiro ano estava estagiando, se ele tivesse dentro de uma UEP (Unidade Educativa de Produção), ali estava estagiando era ele que coordenava os outros alunos do primeiro, segundo ano, tudo, aí falava com os funcionários, aí acertava lá com o professor, tem que fazer isso.

(...) então os alunos que tomavam conta daquilo ali, o terceiro ano comandava, falava com funcionário e tudo e professor dizia para eles e tudo mais e eles iam fazendo e buscando meios e vendo como é que se transformava melhor aquilo ali, e o aviário a gente matava ali, dia de abate, sempre caía para nós, chegava 500 lotes de pinto de um dia, mas você ia terminar 430, 450, porque morre ao longo do tempo, mas o dia de abater era ali, era até 450 frangos de bota em bota, aluno e funcionário e todo mundo depenando e tudo e depois vinha aqui para cima, para os *freezers* e aquilo tudo era consumo nosso.(...) a instituição começou a ganhar estrutura, começou a pegar essa gente, começou a ganhar estrutura, começou a época do computador, primeiro computador montado aqui foi pelo professor Olinto Araújo. Primeiro computador que existiu aqui dentro foi o professor Olinto Araújo que montou e começou a trabalhar com informática aqui dentro, não sei onde é que está o Olinto Araújo hoje, se já tá, não sei, acho que até já se aposentou, o Olinto.” (Francisco)

Gaspar: “A Universidade tinha um sistema de ensino, ela tinha uma grade curricular que era a mesma de todas as escolas e uma orientação, era mais ou menos a mesma. A COAGRI tinha, mas era algo mais evoluído... era o aprender a fazer fazendo, então eles davam muita importância para a atividade do aluno. O que eles faziam? eles fortaleciam as unidades de produção. Então ao invés de setor, eles chamavam de unidade educativa de produção. Tinha a unidade de Zoo I que era a ave, peixe; Zoo II que era ovino, suíno; Zootecnia III, que era bovino de leite e de corte; e Agri I era olericultura, jardinagem; Agri II era mecanização, culturas anuais... e tinha mais coisa; e a Agri III fruticultura e silvicultura. Eles fortaleciam esses setores, para esses setores desenvolverem o ensino com mais qualidade, e eles tinham um outro componente que era a Cooperativa-Escola dos Alunos, porque até então a escola não podia comercializar produtos, através da cooperativa podia.

A cooperativa vendia os produtos, era uma cooperativa de alunos, diretoria de alunos e tinha um professor orientador. (...) esse sistema com a COAGRI, eu não me lembro que lei foi que extinguiu uma série de órgãos e extinguiu o BNH, extinguiu COAGRI, muitos órgãos foram extintos com a portaria do governo, quando terminou a COAGRI, criaram a Secretaria de Educação Média e Tecnológica, ou nome parecido, ligada ao MEC, essas escolas passaram para essa secretaria e começou outro caminho, depois veio essas reformas do ensino de educação técnica, acho que começou no Fernando Henrique, que dividiu o ensino técnico e ficou duas matrículas, depois, mais adiante foi criado um outro projeto que permitiu juntar. E também nesse meio tempo a gente tinha épocas que era semestral os cursos, depois era anual.

Em 1985, quando nós passamos para a COAGRI, nós saímos da Universidade (...) a Escola sempre teve problemas polêmicos para resolver e toda a vez que o pessoal se reuniu, resolveu, eles pegaram o melhor caminho. Pode criticar, sim. Quando começou a reforma do ensino a gente foi devagar, mas não errou, a gente sabe. (...) a reforma do ensino... eles queriam mudar totalmente, por exemplo, olericultura ou suinocultura ia ficar um curso técnico e queriam terminar com o ensino médio, ficar só ensino profissionalizante. E a estratégia que se usou foi assim, começaram a criar cursos, mais curso técnico e ficou o mesmo ... ficou mais gente fazendo curso técnico, ficou o mesmo ensino médio que tinha.

Eu participei de uma reunião que eles estavam pensando assim oh, o pessoal de português, história, geografia, como é que eles diziam, tu era instrutor, não era mais professor, tu fazia um estudo, uma coisa e ia dar matéria técnica. Até isso pensaram, aí o pessoal começou a bater, bater em cima e foi melhorando o projeto de reforma, os cursos não ficaram muito diferentes, não perderam a qualidade e surgiram esses cursos ... que é só um curso técnico, por exemplo, faz informática, só informáticos; os pós-técnicos. E isso foi da reforma do ensino, que regulamentava isso aí, depois teve um que mudou, mas lá adiante. Era assim, o aluno ia fazer curso técnico agrícola, ele fazia uma matrícula no ensino médio e uma no técnico agrícola, fazia o mesmo curso concomitante que é hoje, mas com duas matrículas.

Se o aluno ia fazer informática que era só técnico, fazia só o curso técnico e o ensino médio fazia em outra escola, ou já vinha com o ensino médio (...) no tempo da Universidade ele era integrado, porque era ensino médio e técnico juntos. Era um curso assim, dentro da Universidade eu lembro assim oh, era umas trinta disciplinas e 3,900 horas, todo o curso de três anos, e ele era um integrado (...) no tempo da COAGRI ele era integrado também, o ensino separou com esse decreto, que para mim é de 1997, isso aí é tudo mais recente.” (Gaspar)

Gleice: “(...) não tinha modernidade e realmente a gente tinha que botar a mão na massa, não tinha esse mimimi de hoje, que não pode isso, não pode ficar no sol, não pode, lá a gente tinha que realmente botar a mão na massa, na época que, por exemplo, estava na Olericultura, que era o tio Zé Carlos Carvalho que era o professor de Oleri, a gente ia lá para horta lá embaixo e tinha que trabalhar, botar a mão na massa mesmo, sujar a mão, plantar, colher, lavar as verduras, levar lá para a escola, eu estagiei na Ovinocultura, na Ovino, o Iracildes, que era meu professor, a gente não tinha nada de estrutura lá, aquelas ovelhas tinham uns quinhentos mil bernes mais ou menos, bichos e tinha que limpar com pauzinho, pegava um pedacinho de pau no mato e tinha que tirar os bernes das ovelhas com um pedacinho de pau, e tacava *Lepicid* e ali fosse o que Deus quisesse.

Nós não tínhamos muita estrutura, eu lembro que quando eu comecei na Bovino a gente tirava leite com a mão, depois de alguns meses ali que começou a vim, que veio a ordenhadeira e a gente começou a usar a ordenhadeira, mas era na mão, na mão, tinha que fazer tudo, tinha que ir para a Fruticultura, lá tinha que carpir em volta das árvores, colher as frutas e a gente carregava e não tinha de frescura ali, não tinha frescura mesmo, a gente enquanto meninas, a gente pode até dizer que os guris nos

poupavam bastante, eles faziam muita coisa para nós, a gente foi bem poupada, a gente foi bem mimada pelos guris naquela época, porque eu acho que eram 160 homens e 5 mulheres, se eu não me engano, no tempo que eu estudei na escola, então essa relação sempre foi muito saudável assim, é porque quando a gente falava que estudava na Escola Agrotécnica, não tinha machismo, não tinha frescura, ali as pessoas que, às vezes quando tu conversava com alguma menina que não era dali sempre tinham curiosidade de saber como é que era a relação, elas achavam que a gente pegava tudo e que todo mundo nos pegava né, mas não, a gente sempre teve uma relação muito saudável com todo mundo.” (Gleice)

Bento: “(...) então aí já em noventa, que eu entrei como professor com o professor Iracildes, depois foi o professor Oviedo, foi diretor, aí com o professor Oviedo eu fui diretor de produção por dois anos, depois eu fui, tinha o diretor adjunto, eu fui diretor adjunto também do professor Oviedo, então eu tive esse período de gestão também, depois com o professor Rivadávia Leite, voltei para parte de departamento de produção e no período que tem o professor Rivadávia em 2000 e 2001, que nós criamos os dois primeiros cursos superiores federais da fronteira oeste, que foi o curso de Tecnólogo em Agroindústria e o Tecnólogo em Produção de grãos, eu, a professora Lilianna (Lilianna Bolsson Loebler) foi a responsável pelo de agroindústria, e eu fui o responsável pelo de grãos, todo o projeto do curso de Tecnologia em Produção de grãos, não existia outro curso no Brasil igual, a ideia era a gente fazer um curso de Agronomia, mas como era Escola Agrotécnica nós não podíamos ter bacharelado, só de tecnologia, e para transformar em CEFET, e para minha surpresa, e eu fui levar pessoalmente o projeto em Brasília, e acho que engavetaram lá, porque quando eu cheguei lá tinha uma sala imensa lotada... de projeto físico, grosso, tem até agora lá na sala da coordenação do grãos, então eu posso dizer assim, sem modéstia nenhuma, que o curso de Tecnologia em Produção de grãos fui eu que criei, claro, com a ajuda dos colegas que foram montando também, mas a criação dele em si, inclusive o nome, fui eu que defini.

E daí entrou a professora Carla como diretora, e no meio de 2004, eu estava, inclusive, numa festividade aqui em Manoel Viana a hora que tocou meu celular, eu atendi, tinha sido, era um rapaz que foi meu contemporâneo de faculdade dizendo: ‘é o professor Bento?’ ‘sim’, ‘não, só queremos lhe avisar que nós estamos indo, eu sou da comissão do Ministério da Educação, nós estamos indo para fazer a vistoria para autorizar ou não o curso de Tecnologia em Produção de grãos’ aí me caiu os braços, mas como: ‘é, nós estamos indo’, aí marcou a data, que era novembro, disse tal data nós estamos aí, no outro dia eu fui lá na Escola Agrotécnica, fui lá falar com a Carla, a professora Tanira (Tanira Marinho Fabres) era do departamento de ensino, eu disse: ‘olha, não sei se vocês estão preparados, não sei se é uma coisa boa ou se é uma coisa ruim, só que a comissão do MEC está vindo daqui a vinte e poucos dias’, e não tinha estrutura nenhuma, a maioria das coisas que a gente colocou no projeto, é que a gente ia fazer.

Então a parte de... *Internet*, de informática, só tinha uma linha telefônica, celular não pegava, e eles exigiam inclusive que tivesse uma sala com Internet, mas nós tínhamos só uma linha telefônica, muito bem, e eles vieram mesmo, vieram, vieram

e aí a direção preparou a sala para eles, desviou o telefone e a Internet para eles, a escola ficou incomunicável, porque só eles podiam usar a *Internet*, só eles podiam usar o telefone, aí o Sandro ficou assessorando eles lá naquela sala, e aí enquanto eles faziam toda a documentação e pediam, eu tive que reformular tudo o que a gente tinha feito, eu fiquei os três dias que eles ficaram aí eu não dormi nem um minuto, porque eu tive que reformular tudo e ir repassando para eles, mas deu tudo certo, eles autorizaram, e com a professora Carla deu uma boa melhoria no campus, e aí com o governo depois que entrou, injetou recurso nas Escolas Agrotécnicas, na época que eu fui aluno o horário é só diurno, não tinha noturno, aí o noturno nós que inventamos. Bueno, aí na época inclusive eu era diretor adjunto, que surgiu inclusive o curso de Informática.

(...)tem um colega meu inclusive, do Técnico Agrícola, que a gente pagava os cadernos dos outros colegas que eram um pouco mais completos, para a gente estudar, porque a gente tinha que se virar nos setores também, eu no da informática, muito bem, então nós tínhamos, nós construímos, aonde é a informática hoje no prédio velho nós construímos um centro de treinamento, que a gente imaginava fazer cursos de curta duração tipo SENAI assim, aí acabamos fazendo uns cursos tal, tinha um professor de Informática, o Cavalheiro, que ele disse para nós, eu era da gestão na época também, eu era vice-diretor: ‘por que nós não criamos um curso de Informática aqui, aproveitar aquele centro de treinamento lá’, eu disse: ‘mas é mesmo’... aí nós falamos, Cavalheiro então monta o curso que nós vamos atrás.

E o Cavalheiro e mais algumas pessoas montaram o curso de Informática, aí o professor Darlon (Darlon Alves de Almeida) também foi trabalhar lá, nós montamos um curso de Informática sem ter computador, o Olinto também, o foi parceiro, o Olinto é um gênio, na época era a única pessoa que mexia com DOS, MS-DOS não tinha Windows, e ele inclusive falava que: ‘bah, já tem lugares no mundo que estão até se comunicando entre computadores’, e aí o Olinto e o Cavalheiro, mas o Olinto foi embora depois, quem montou mesmo o curso de Informática foi o Cavalheiro, e foi interessante porque aí foi na época do professor Rivadávia que nós montamos o curso de Informática, não foi na época do professor Oviedo, foi na época do professor Rivadávia, e nós não tínhamos nem computadores para o curso, então o que que nós fizemos assim, até o professor Darlon que sugeriu: ‘olha, tem um pessoal de São Francisco que eles alugam computadores’, só que até a gente fazer o aluguel dessas máquinas demorou quase um ano, então os alunos, a primeira turma de Informática, inclusive a professora Mariana (Mariana Seguí Pereira) é da primeira turma de informática, que acabou namorando o professor, o professor Darlon era professor da professora Mariana e hoje eles são, começou o namoro e eles são casados, acho que a quase vinte anos (...) e aí criou-se o curso técnico em Informática (...) ficou o curso Técnico em Informática e Agroindústria por um bom tempo só os dois à noite.

(...) tenho trinta anos de docência e sou técnico agrícola e... nós conseguimos, e eu, nós, porque eu querendo ou não eu fiz parte, nós estragamos o, a profissão de técnico agrícola, porque o técnico agrícola (...) era o lema... das Escolas Agrotécnicas Federais, que era aprender fazendo, então o aprender fazendo é que o aluno ia para os setores, para as UEPs, depois Unidades Educativas de Produção, e agora LEPEPs,

os alunos eles realmente colocavam a mão na massa, da enxada ao trator eles faziam tudo, então eu fui professor de Olericultura, fui professor de Mecanização Agrícola.

(...) todos os meus alunos de Mecanização Agrícola saíam aptos a pilotar um trator e trabalhar com trator e implemento como grade, arado, reboque, semeadora, eles faziam isso na prática, inclusive eles tinham uma prova prática, então o aluno tinha que subir no trator, revisar ele antes, água, óleo, etc, subir no trator, ligar o trator, operar o trator, fazer baliza, fazer a parte de regulagem dos implementos, o aluno obrigatoriamente tinha que fazer isso, a prova teórica era banal, era pouca coisa, porque a disciplina era tudo prática, o aluno tinha que saber na prática, e o que que nós fizemos, nós teorizamos isso, nós acabamos com a prática, então nada pode, a última turma que eu fui professor de Mecanização Agrícola, foi logo depois que eu voltei do doutorado em 2011, eu ainda fiz isso, aí daqui a pouco alguém me disse: ‘olha, os alunos não podem nem subir em cima do trator’ e eu disse: ‘então eu não sou professor de Mecanização Agrícola, porque aluno meu de Mecanização Agrícola vai operar o trator também’.

Então desde esse momento eu me neguei a trabalhar com Mecanização Agrícola no curso técnico, e eu disse: ‘e eu também não vou dar aula para o Técnico Agrícola, porque do jeito que está para mim não me serve, nós não estamos formando ninguém, a gente está dando aula teórica, isso aí pode dar aula em qualquer sala de aula, pode ser na cidade, não precisa ter uma Escola Agrotécnica, não precisa ter todo um campus para essa parte, vai estar dando aula no *Datashow* mesmo’, é, essa mudança ela começou lá, acho que foi no governo Fernando Henrique, e aí depois assim, ah, pessoal muito teórico, porque aí nós deixamos de ter professores ligados a, ou formados pelo sistema escola-fazenda, então aí nós começamos com a função dos concursos importar muita gente de fora (...) o que aconteceu hoje, os alunos do Técnico Agrícola não tem prática nenhuma, praticamente.” (Bento)

José Luiz: “(...) eu queria só fazer um comentário a respeito... da condição de funcionamento do âmbito escolar e as suas mudanças ao longo do tempo. Por muito tempo o ensino técnico ele também tinha nuances de... administração rural, juntamente com contabilidade rural, então o gerenciamento dos projetos agropecuários, que eram desenvolvidos dentro do âmbito da Escola Agrotécnica, esses projetos, basicamente, eram projetos de produção, para que esse bem produzido, ele fosse incorporado à alimentação dos alunos, como já tinha te colocado anteriormente.

Então todos esses projetos, eles eram financiados pela Cooperativa-Escola dos Alunos. Os alunos quando ingressavam na Instituição, após o exame de... admissão, eles tinham uma taxa de... manutenção que eles deveriam recolher naquele momento, para as despesas de... internato, de alimentação, de manutenção de zeladoria, essas despesas, vamos dizer de ordem mais funcional da coisa, porque realmente o nosso orçamento ele não dava conta de toda a exigência que existia naquela época.

Então os alunos, normalmente, recolhiam taxas e para eles ingressarem no sistema Escola- Fazenda, eles se tornavam sócios dessa cooperativa, porque eles recolhiam uma taxa que os capacitava para serem sócios da cooperativa, então no momento em que eles ingressavam e durante todo o tempo que eles permanecessem no âmbito da escola, todos projetos que foram desenvolvidos ao longo daquele tempo, geravam lá

um certo indexador financeiro, um certo valor para eles terem direito de retirar a partir do momento que eles concluíam o curso de formação.

Então, basicamente, a Cooperativa-Escola, além dela financiar, e aí nós estamos naturalmente falando de dinheiro, a cooperativa financiava a existência desses projetos de produção. Por exemplo, produção de ovos, comprava desde o pinto até nós obtermos a galinha para produzirmos ovos. Então produção de alface, produção de repolho, produção de cenoura, tudo tinha custo e todos esses custos eram atendidos pela Cooperativa-Escola. Então a Cooperativa-Escola era quem fazia o gerenciamento de toda a produção dos produtos obtidos com a participação dos alunos.

Os alunos não só iam para a Escola Agrotécnica para ficarem na sala de aula, eles tinham por ocasião do desenvolvimento das aulas práticas, a convivência com o campo, a convivência com o meio rural, né, que justificava a nossa presença na comunidade. Então durante esse tempo que o aluno permanecia em estudos ele ia agregando, na verdade, ele ia gerando valores para ele, ele supostamente teria ao término... do tempo que ele esteve como aluno. Então esse sistema, ele funcionou por vários anos, o sistema Escola-Fazenda. Nós tivemos uma Cooperativa-Escola e, posteriormente, esse modelo foi invalidado por um acidente estrutural que nós tivemos, onde ocorreu um incêndio no... âmbito... da Escola Agrotécnica e esse incêndio dizimou toda a contabilidade da... Cooperativa-Escola, dizimou toda a reserva de alimentação que existia para atender os alunos.

A escola teve uns dias fechados, nós tivemos que interromper as atividades a partir desse sinistro, tá. Então a partir dessa época a Cooperativa-Escola deixou de... ter uma, uma existência ... em seguida esse modelo, ele ficou ultrapassado ao longo do tempo e veio já uma nova reforma de educação, nós passamos por várias modificações estruturais, dentro do sistema de ensino brasileiro e todas essas modificações, obviamente, que também alteraram o nosso ritmo funcional.” (José Luiz)

Carla: (...) as quatro turmas de primeiro ano, elas eram divididas por semanas, então duas turmas tinham aulas da área Agrícola e duas turmas da área Zootecnia e mais cooperativa. E essas duas turmas, era uma de manhã e uma de tarde, elas eram subdivididas em três, então só para exemplificar assim, o pessoal da zootecnia, que era Zootecnia I, na semana 1. Na semana 1 a gente tinha o 1a A e o 1a B na Zootecnia e 1a C e o 1a D na Agricultura, então a turma que estava na Zootecnia ela era subdividida em três, um terço da turma ficava na Avicultura, um terço na Api e Pisci, e um terço na Cooperativa-Escola. E eles iam para a cooperativa e ficavam lá, fazendo a contabilidade, recebendo insumo, distribuindo insumo, levando o adubo lá para a UEP de agricultura, levando a ração lá para a Zootecnia. E as duas turmas que estavam na Agricultura da mesma forma, elas eram subdivididas uma pela manhã e outra pela tarde, e aí um terço da turma tinha Olericultura, um terço tinha Jardinagem e um terço tinha um terceiro elemento que a gente chamava, que estava dentro da Agricultura I.

E no turno inverso eles tinham as disciplinas do ensino médio, na época do segundo grau, e isso fazia também para o segundo ano e para o terceiro ano. Isso fazia com que nós tivéssemos alunos nas UEPs e nas cooperativas, todos os dias nos dois turnos, exceto no horário de educação física. O único horário em que não havia alunos

nas UEPs e na cooperativa, era os três períodos em que eles tinham aula de educação física, porque aí era turma cheia. Então para dar um exemplo, quando eu entrei eu fui trabalhar na Zootecnia II, eu era professora de Ovinocultura e de Agroindústria então eu tinha uma turma de manhã e uma de tarde, numa semana.

Na semana seguinte vinham as outras duas, e elas eram subdivididas, ficavam um terço da turma na Ovinocultura, um terço na Suínocultura e um terço na Agroindústria, e na Agricultura funcionava da mesma forma. Então a gente só não tinha aluno, os três períodos em cada turno em que eles tinham educação física, ou seja, a gente trabalhava com aluno trinta e quatro horas-aula semanais, sempre, um tempo a turma cheia e, depois, um tempo a turma subdividida por três.

Então isso fazia com que a gente tivesse sempre estudantes nas atividades práticas, até porque eram eles que faziam absolutamente todo o serviço, toda a atividade, a gente não tinha trabalhadores terceirizados, tínhamos só os tratoristas, o Braulino e o seu Nenê, que eram os nossos colegas de carreira, mas no restante das atividades práticas e trabalho mesmo, limpeza, higienização, castração, banho, tudo era feito com o professor e o grupo de alunos. E isso acontecia manhã e tarde, não havia atividade pedagógica de noite. Pela noite permaneciam lá só o pessoal que era responsável pela casa do estudante, que na época chamavam de internato, mas eles residiam nas casas que tem aí dentro do campus, então o coordenador de internato que permanecia à noite e nos finais de semana havia um rodízio de plantão.

Nós, todos os professores, havia um rodízio onde a gente ... havia uma escala e a gente já sabia, que no final de semana tal o sábado e domingo cabia a mim, inclusive as minhas filhas, eu tenho filhas trigêmeas, e elas eram pequenas na época, quando eu estava de plantão eu levava elas comigo ... e elas passavam o dia lá e inclusive tem muitos alunos da época é... claro eles ficavam ajudando a cuidar delas e brincando, então até hoje eu tenho alunos ... que ficaram meus amigos e que ... tem uma familiaridade muito grande com as minhas filhas, por conta disso, porque a gente tinha que levar, final de semana não é, não tinha com quem deixar os filhos e tinha essa questão do plantão.

E lembrando, o plantão não era remunerado tá, a gente fazia parte, né, da jornada de trabalho da gente, e não éramos muitos, se eu não me engano, em noventa e dois quando eu ingressei nós éramos vinte e sete professores na na escola e... aí essa escala de plantão de final de semana era feita, com todos os todos os profes que trabalhavam lá na época. E a casa do estudante tinha uma equipe, que era a equipe da assistência estudantil, que morava dentro do campus para tomar conta da gurizada de noite e também nos finais de semana. Porque o nosso trabalho, o nosso foco no plantão de fim de semana era atender as atividades das UEPs, era atender as necessidades dos animais, das culturas, das lavouras, então funcionava mais ou menos assim.

(...) tem que sempre deixar claro assim é... uma escola-fazenda, ela funciona trezentos e sessenta e cinco dias por ano, vinte e quatro horas por dia, completamente diferente de uma instituição que não tenha esse caráter agrícola. Um campus industrial, um campus que trabalhe com serviços, terminou o expediente, terminou a atividade, fecham-se as portas e volta no dia seguinte. Num colégio agrícola, que é a essência do nosso campus, era diariamente. Eu só vou reforçar aqui, porque hoje a gente tem contratos terceirizados para os serviços rurais, para os serviços de limpeza, à época

não existia, os alunos que faziam absolutamente todas as atividades, sejam elas de natureza técnica ou a própria limpeza, eram sala de aula, alojamento, era tudo feito pelos alunos sob supervisão de algum professor.” (Carla)

Otacílio: “(...) a Escola Agrotécnica ... ela tem um perfil, claro que hoje a gente até debate, discute isso, e puxa um pouco para aquele lado, que se perdeu, que é o aluno. Tinha até um... a gente até tinha uma frase, que não é minha a frase, mas que era ‘aprender fazendo’. Eu acho que essa parte, realmente, o aluno perdeu muito na parte de agricultura e pecuária, em função de várias questões (...) porque as horas dele na parte prática, tanto é que, hoje faz uma reunião com os alunos, a gente faz sempre o pedido deles ... eu acho que dos 25 anos que eu estou lá, quando eu entrei lá, as primeiras reuniões pedagógicas, depois reunião com os alunos, a gente discutia.

O aluno mesmo tendo quase lá 50% ou mais da sua carga horária de prática efetiva ... porque nós temos um campus que tem um diferencial enorme, que nós temos mais de trezentos hectares. Então nós temos uma área muito grande, e o aluno nas unidades, que era primeira unidade de produção, as nossas antigas UEPs que hoje é as LEPEPs, hoje elas se transformaram em laboratório. (...) O aluno gostava do agir, até porque muitos, pela própria origem deles, do meio rural e outros, porque tinham opção de querer ir para lá para tirar um curso técnico.

Claro que até 2008, depois, com a nova legislação, nós passamos a Instituto, aí houve a possibilidade da licenciatura, curso superior e os tecnólogos. Mas o aluno técnico é um perfil nosso, que a gente não deve, não pode perder, que é a parte prática, da execução daquelas atividades que o profissional depois vai atingir fora da escola, com o seu diploma, principalmente de técnico que eu estou falando. Então isso, claro, vamos dizer ... nos últimos anos se perdeu, se perdeu. Ele saía realmente um aluno capacitado, porque tinha atividade prática, atividade né... no campo, no solo né, e nas mangueiras, como a gente diz para ser... mais popular no palavreado agora.

O aluno gosta da atividade prática, que é fazer atividade na máquina, no trator, lidar com os bovinos, com os ovinos, com as aves, com aquele, com aquela... com a Api, com a Piscicultura, na horta. O aluno receber a teoria, mas saber fazer a prática, para que depois ele não saia fora, quando fizer, pode ser estágio ou quando for trabalhar, ele não tem atividade prática (...) isso até tem que se debater cada vez mais até hoje, se nós, se tem uma deficiência hoje do nosso aluno técnico enquanto profissional, tu pode ter certeza, pelo menos a minha opinião, é de que faltam mais horas de atividade prática, que eles gostam, que eles querem, então está em uma situação em que a gente deixa um ponto de interrogação, até que ponto a gente pode avançar enquanto Instituto para resgatar essa possibilidade de atividade técnica.

Então, claro que ... então, antes eles tinham horas práticas das disciplinas, técnicas, bastante, e ainda tinham possibilidade de ficar. Nós tínhamos alunos que ficavam né, nas UEPs, ficavam toda semana, ficavam no final da semana, então nesse aspecto se perdeu, né é, essa parte de horas do profissional técnico, então hoje né, a gente deve ressaltar isso aí, tinha antes e não, não, se perdeu muito ao longo dos anos, essa parte aí que eu queria ressaltar.(...) investimentos nas unidades dos nossos setores, nós todos... são setorizados, área de agricultura, área de pecuária. Claro que hoje a gente tem

que ressaltar eu até ... é um orgulho para nós é a questão da entrada da informática, é quase outra unidade que nós temos dentro do campus, aquele investimento que foi feito ali, trouxe um benefício enorme, enorme para nós e o grupo de professores que se dedicaram para iniciar naquela parte da informática ali.

(...) tem que ser muito bem ressaltado, também, porque aquilo foi avanço no aspecto também para o aluno, evidente que o aluno, quando o mundo estava trabalhando com informática e a gente conseguir ter uma estrutura inicial. (...) o setor de informática ele veio a trazer um benefício e depois, claro, avançou... para os cursos, que o nosso setor de informática trouxe para melhoria das condições de... conhecimento e informação do nosso cidadão. (...) mas nós temos também, um novo perfil de formação humana com o nosso alunado tendo o setor de informática lá no campus. (Otacílio)

José Ernesto: “Somente em 2002 que começou o ensino noturno e eu fui um dos professores que estreou o ensino noturno, porque eu dava Sociologia no curso médio de Informática e dava Extensão Rural no curso médio de Agroindústria, então o ensino noturno aí na Escola Agrotécnica Federal, que depois virou Instituto, começa em 2002 com esses dois cursos, Informática e Agroindústria. (...) o curso de Informática de nível técnico foi em 2002, só se eu tiver muito enganado, foi quando começou o ensino noturno, depois os cursos, esses curso de superiores, eles foram feitos depois que a escola se tornou Instituto, que foi em 2008, aí que surgiu esses cursos que nós temos.

Inclusive vou abrir um parênteses aqui, quando houve a transformação de escola para Instituto, a gente estava discutindo quais seriam os cursos seria bom que o Instituto implantasse para que viesse a atender os anseios da comunidade e tal, então o meu grupo, o nosso grupo lá, nós sugerimos que fosse feita uma consulta pública, fizesse uma consulta pública em Alegrete, na câmara de vereadores onde a comunidade pudesse se manifestar, mas infelizmente não foi o que aconteceu. O que aconteceu é que foram enviadas duas cartas, uma para o Sindicato Rural Patronal de Alegrete e a outra para a Cooperativa Rural de Alegrete, da CAAL, para saber quais os cursos que eles gostariam que o Instituto implementasse, aí nasceu os cursos de Grãos e Sementes e o curso de Agroindústria Industrial.

Então o que deveria ter sido uma consulta à comunidade do Alegrete em geral e até da... região, o que se deu foi a escolha de cursos, oriundos da iniciativa privada, então essa foi uma questão que é importante de salientar. E outra coisa assim, o curso de Informática é porque a Informática estava sendo uma nova ferramenta do futuro, todo mundo, vai terminar todos aqueles apetrechos da antiguidade como máquina de escrever, retroprojeter e outras coisas mais, então se... decidiu que o curso de Informática seria um curso bem interessante.(...) Na verdade, as disciplinas técnicas, elas apresentavam a preferência pelos alunos por ser técnica agrícola, por ter vínculo com o cavalo, com as práticas culturais da nossa região, então as disciplinas técnicas elas pareciam que tinham uma certa preferência dos alunos.

Então a gente tinha que quebrar essa resistência e, na verdade, o enfoque que eu sempre coloquei, quer dizer, não adianta você saber plantar uma produção agrícola ou criar determinadas vacas, se tu não entender a sociedade humana que tu vive, quer dizer, então o que é prioridade para, do ponto de vista do conhecimento, é a gente saber

em que época vivemos, o que a humanidade acumulou de conhecimento até agora e o que que a gente pode fazer para mudar essa realidade. Então o enfoque sempre teve essa importância, de todas as disciplinas para formação integral do indivíduo, uma formação integral.

Não adianta ter uma formação parcelada, fragmentada, nós somos humanos como todos, como um todo (...) Então eu acho que todas as disciplinas são importantes, não sei como é que está aí, mas eu fazia questão de traçar a disciplina de Sociologia com a mesma importância que as demais, então não pensa que aqui o aluno vai ter facilidade ou ter que virar as costas, porque ela não é uma disciplina técnica, pelo contrário, quer dizer, o aluno tem que encarar essa sua formação que mais cedo ou mais tarde. Inclusive depois a gente tem o reconhecimento dos alunos: 'bah, professor, quando o senhor falava que esse capitalismo aí que a gente vive, ele é explorador, que ele é desumano né, a gente na época até duvidava disso, mas agora a gente está vendo o quanto é verdade isso, principalmente quando a gente vai acessar o mundo do trabalho né, tu vai ver exploração humana né, todas essas questões que tem aí, né?'

Então eu acho assim, oh, que nós tentávamos fazer uma unidade entre as ciências propedêuticas aí da área das humanas, História, Geografia, Sociologia. Eu fui professor de Sociologia e Extensão Rural no concurso, mas eu dei Psicologia, eu dei aula de Filosofia, eu dei aula de Administração Rural, eu dei aula de Economia Rural. No meu tempo eu tinha 32 horas/aula dentro da sala de aula, porque eu tinha que dar para todas turmas, eu era o único professor de Filosofia, era o único professor de Sociologia, eu era o único professor de Extensão Rural, então assim oh, essa conquista que nós tivemos, que depois do Instituto, professor com 15 horas/aula, 12 horas/aula, não, na minha época cada professor tinha no mínimo vinte e oito horas/aula, de todas as disciplinas, tanto o é que nós éramos somente dezoito professores, então...era uma super exploração da mão de obra, vamos dizer assim.

(...) Sociologia tinha, tinha 2 horas semanais, mas Filosofia era uma só, tinha disciplina de, parece que Recursos Humanos, que depois acabaram tirando, bom, eu não estou muito lembrado, mas era uma grade muito grande para aluno, para essa dupla carga horária que tinha na época. E tem outra coisa, quem fazia as aulas práticas e quem fazia as atividades práticas junto às unidades de produção era os alunos, não existia funcionário nas unidades de produção, existia... era os plantões, cada semana tinha plantão nessas unidades de produção, então terminava às aulas cinco horas, o cara tinha que baixar para o plantão lá e fazer as atividades práticas, alimentar os animais, limpar o local, fazer ração, hoje, depois de dois mil e pouco, já entrou os funcionários fazerem isso, mas antigamente era tudo feito pelo aluno." (José Ernesto)

CONVIVÊNCIA E RELACIONAMENTO

Este é o capítulo que trouxe mais à tona a emocionalidade dos entrevistados. Isso porque aqui eles narram suas memórias acerca do convívio com os colegas que se tornaram amigos, isso graças a proximidade entre as pessoas imposta pelo distanciamento da cidade e pela ausência de um transporte frequente. Entre os alunos internos ou não, pelo mesmo motivo acima mencionado eram igualmente próximos. Os servidores aposentados e aqueles da ativa que estão há bastante tempo na instituição mostram o lado positivo e também negativo das relações humanas no âmbito profissional e destacam os tensionamentos entre professores e os técnicos-administrativos.



Figura 9 - Colégio Agrícola, 1985.

Fonte: Acervo Particular Bento Alvenir Dornelles

Eunice: “(...) os professores eram maravilhosos, eles tinham que ser, porque a gente longe, eu não, no caso os que estavam lá, todo mundo longe da família e tal, eles

tinham aquele, aquela psicologia de tratar bem, claro que quando aprontavam levavam castigo, castigo ou suspendiam e ia para casa ou ficava, sabe, sem poder sair dois, três, fim de semanas sem poder sair, porque davam liberdade no fim de semana. (...) agora, os professores também tudo tinham apelido, a gente apelidava. Tinha o pé de embolo, o pé de embolo é um veterinário que dava curso de inseminação, essas aulas eu não assistia, não me deixaram assistir, porque era lá embaixo, nas mangueiras. Tinha o professor Laurindo que era enorme, ele calçava 47 era o terror das formiguinhas.

(...) professor Alceu, nós era apaixonado, porque ele era baixinho, mas lindo, lindo, lindo, cabelinho bem lisinho, eu até visitei eles lá em Viamão, ele foi transferido para Viamão, casou com a... Greta daqui de Alegrete e foi morar na casa da... Escola, sabe, e é no meio do campo assim, e a gente foi visitar em Viamão lá, os cursos lá, depois de formada (...) eu sei que um dia que ele entrou na sala de aula era uma bagunça dessa gurizada, dos guris, e o outro colega que veio no mesmo dia que ele, que chegou, morreu agora a pouquinhos dias, professor Félix (Luis Carlos Félix de Oliveira) me passou um aviso me pedindo para mim participar no grupo dos agrotécnicos (...). Morou na Escola o Bruno Mariot; o Benvindo Moutinho, morreu agora a pouquinhos dias, morou na Escola; o professor Pedro Kaabas, de São Sepé também já faleceu, o Enéas já faleceu. Tudo moravam lá. Tudo chegaram solteiro.

(...) Tinha a professora de música Eni Pavani. O hino nacional eu aprendi a cantar direitinho com ela. E fazia nós interpretar as letras das músicas, era muito bacana, era gostoso de ter, pena que ela faleceu, a pobrezinha era uma rica pessoa, ela morou lá, ela era casada com o professor Laurindo e morou na, a casa foi feita para eles ali, onde o Mazzi morava, quase em frente ali a da Sandra, onde a minha sobrinha e o Batista moram, aquela casa grande ali era deles, foi feita para eles e a outra casa lá do lado foi feita para o professor Félix e a professora Clotilde, quando eles casaram que eles vieram morar ali e ela foi minha professora também, no primário.(...)

Ely Pinheiro Machado, minha professora de geografia. Maravilhosa, até na casa dela, ela levava a gente, coisa mais querida. Morava ali ao lado das freiras, até isso eu sei hoje, é ali Hotel Expresso... do lado ali. Querida, querida, era nossa professora de geografia, ela era uma mãe para gente, uma mãe, uma mãe, tratava a gente com um carinho, um carinho, todo mundo era apaixonado por ela, tanto que ela foi convidada para paraninfa de uma turma antes de me formar, Ginásio, porque Técnico já, ela já não dava mais aula, eu acho.(...) eu tive a Neusa, que era casada com um professor, finado professor, Manoel, Manoel Pereira, 'Manoelão' que a gente chamava, ele era bem grandão.

A Neusa foi professora de português. A professora Terezinha Moutinho, irmã do professor Benvindo, de química, a Terezinha mora lá na mesma casa, ela tinha uma farmácia também. Era a Ivone, a professora Ely, a professora Terezinha, a professora Eni Pavani e a professora Estela Brum, é o que eu lembro. A Estela Brum é essa que dava artes para a gente, que a gente fazia costura e bordado, artesanato.(...) em 1972, na reforma de ensino, que eu fui uma das recicladoras da reforma, porque criaram a área técnica e eu era professora da área técnica agrícola, então eu ajudei a fazer a reciclagem de professor, inclusive os meus professores, que eram meus professores lá, foram ser meus colegas depois, professores aqui em Alegrete: Professor Bruno Mariot,

o Enéas, finado Enéas, bah, eu tive muito professor e a gente se cria bem, sabe, eles cuidavam a gente, tratavam muito bem a gente.” (Eunice)

José Nilton: “(...) de colegas também as recordações são muito boas, interessante, formava os grupinhos que nós chamávamos de panela, até hoje, vamos formar as panelinhas, as panelinhas. Então iniciava o ano, assim, com uma turma lá de 32 alunos, por exemplo, em uma sala de aula e uns externos e outros internos, mas os externos daquela sala de aula ali às vezes estavam em três alojamentos, lá em baixo e, às vezes, o meu alojamento que era número um, o alojamento, o primeiro alojamento, nós se reunia, assim, em oito e por ali passava o ano com aqueles entre aqueles oito se revezando, se trocando ideia, se trocando até roupa, às vezes faltava uma roupa para um: ‘não, pega do fulano, casaco dele tá ali’, até, a gente até a chave a gente liberava, a chave do armário, a gente liberava para o colega, ‘bah, porque esqueci do meu livro, tal, tal, tu tem o teu lá em baixo?’, ‘tem, tá lá, pega a chave vai lá e pega o livro’, então fazia aquele revezamento, aquela, aquilo ali era uma família, gente, aquela moradia que a gente conquistava, aquele espaço conquistado ali dentro, muito interessante.

A gente fazia também, às vezes na, na calada da noite, a janta era fraca e a gente inventava de fazer um arrozinho com galinha dentro do alojamento ou fora tinha um galpãozinho também fora, assim, um puxadinho a gente tinha um fogareiro, ia por lá e dava jeito em fazer uma panelada de arroz com galinha ou arroz com linguiça, que às vezes nós levava linguiça de casa e fazia aquele complemento da janta ali e tudo entre amigos, entre, aquilo era entre familiares, como eu já digo, aquilo era uma família. E a convivência, relacionamento era 100% entre a gente, nunca houve, assim, briga, fora raras exceções, assim, de um brigar, às vezes um brigavam no futebol, as brincadeiras de... final de tarde, final de semana... o futebolzinho que tinha uma quadrinha de futebol em areia, ali embaixo, hoje funciona a extensão rural, logo abaixo daquele, aquele prédio de reuniões, ali hoje funciona até, eu acho que tem uns canteiros de, de forrageiras, ali era uma quadrinha de areia e nós jogávamos futebol nos finais de tarde, final de semana e fazia uns torneiozinhos, às vezes, e assim, alojamento um contra alojamento dois, formava o futebol ali e ali que dava briga às vezes, às vezes um se descontentava com o outro que chutou, que deu um coice. Eu tenho uma marca na canela esquerda de um colega de Quaraí, eu vou dar o nome dele ... Luiz Fernando, apelido Manhosa, era o Luiz Manhosa. Esse era um meio brutão que jogava futebol meio ferrenho e me acertou a canela que eu tenho a marca até hoje na canela.

E muitos outros colegas gente, a gente tem uma relação assim, que é imensa, os nomes de colega, nós tínhamos uns colegas de Candelária, formamos uma panela boa ali, eu de, de ... com as minhas origens espanholas integrei com os alemão e realmente não sei, combinou até o hábito de fazer as comidas, comer as comidas de alemão, eu fazia, levava umas coisas de casa para contribuir com eles e fomos trocando os préstimos ali e formamos uma amizade muito grande que até hoje nós se comunicamos através do *whatsapp* aí trocamos mensagem, que é o Darci, Vagner, tem o João Roberto Baque, tem o Bento Vagner, esses colegas marcaram muito, lá em Guarani das Missões tinha o Cassandra, tinha o Casemiro Kornowisk, polaco lá de Guarani das Missões, é uma turma muito grande aí.

(...) era muito interessante, a família da Escola dos servidores era uma coisa muito, assim, amigável, gente querida mesmo, nós criamos um círculo de amizade interno ali, dos moradores da Escola. Nós éramos em torno de quatro, cinco professores e o que, uns dez, tinha mais dez casas de, dez ou onze casas com funcionários, com servidores, então nós éramos em torno de dezoito famílias que moravam dentro da Escola, cada um na sua casa, cada um no seu recinto, mas existia um recinto comunitário que era um galpãozinho que nós tínhamos, hoje está um lixão, um monte de lixo ali, quem desce para a bovino, lado direito, vai descendo em uns matos, em uns eucalipto ali tem um galpão caído, então aquele galpão ali, nós, eu ajudei a levantar, construir, existia um galpãozinho pequeno dos antigamente ali, dos anos ... até como aluno eu participei de umas festas, umas reuniões de funcionário ali.

(...) foi até no ano de 1972, que eu fazia um... curso de inseminação artificial de fêrias e passei por ali, tinha uma festa grande e aí nós chegamos na festa, houve até uma briga entre funcionários, houve tiros, nessa situação de tiros eu levei um tiro, fui baleado na nádega, não por estar disparando, mas porque estava tentando tirar o revólver do cara que estava bêbado e tentando atirar em direção ao outro colega e nós se reunimos entre três ou quatro ali e resolvemos agarrar o cara com revólver e eu agarrei mal e sentei em cima do braço dele, em cima do revólver, no chão, e disparou um tiro ali e me pegou na nádega, foi uma marca boa naquela época.

(...) Eu, como professor... lecionei bastante. O meu setor sempre foi Fruticultura e Silvicultura, muitos alunos todos os anos passando. Inicialmente, o ano de 1983, que eu fui homenageado da turma de 1985, que até hoje nós temos um grupo e vamos formar um encontro, no dia 18 dezembro, já tem encontro desses alunos aí em Manoel Viana, já o segundo encontro. Então essa turma me fez, assim, me marcou muito porque foi a primeira turma lá, quando eu cheguei como professor em Alegrete. (...) para mim hoje é uma grande satisfação, assim, um orgulho ter passado pela Escola, não sei assim, dá para dizer que foi a minha segunda casa, porque ali eu aprendi muito, eu convivi com gente de tudo o que é jeito.” (José Nilton)

Joaquina: “(...) os professores, mesmo que eles tivessem a maioria apenas o segundo grau, elas não eram formados em faculdade, terminava o segundo grau já ia lecionar, mas eles tinham um certo limite, o professor aqui em cima e o aluno mais embaixo, sabe, sempre foi assim. No tempo da ditadura, mesmo, o aluno não podia abrir a boca para nada, só abria quando fosse arguido pelo professor. Mas nós tínhamos professores maravilhosos, Terezinha Moutinho, que era a minha musa inspiradora, que Deus a tenha, era professora de química. Eu odiava química, mas eu gostava da professora, eu consigo separar. Nós tínhamos o Tonilson Canto, que ele era, acho que bioquímico e ele dava biologia para nós, mas ele sentava e lia o livro. A dona Ivone também, sentava e lia o livro, e a dona Ely, essa que a gente proporcionou um desmaio para ela ((risos)) ela falava só gritando, gritando, gritando e aí judiava muito da gente, a gente era tido como ... não vou te dizer que fosse escrava, mas a gente era escravizado, existia uma distância entre professor e o aluno, mas a gente tinha alunos bem-bons, professores bem-bons. Na época nós tínhamos o professor Almiron, que era um advogado que dava português. Nós tivemos o professor, também outro que substituiu ele,

o professor Paulo Legório, maravilhoso. Nós tínhamos o Sá Brito que era de biologia, também muito bom no segundo grau. Assim, de modo geral os professores eram amigos, na sala de aula eles eram rei, mas fora da sala de aula eles eram bem amigão, sabe, eles separavam a profissão... da amizade.

E eu não tenho nada, nada, absolutamente que me marcasse negativo, eu gostava muito dos professores e eles me poupavam muita ... a educação física eu não fazia, era professor Pavani que dava (...) Então o Elci Pavani me poupava de educação física para não fazer o mesmo exercício dos guris e porque pegava feio uma menina botar calção, porque a educação física era com calção e camiseta. Eu não fazia e aí eu ia para o refeitório, limpar o refeitório, servir as bandejas. Nós tínhamos o Enéas, o professor Enéas era uma lenda, ele nos levou uma vez para a aula prática, isso no Ginásio, na horta e ele saiu, pegou o cigarro e foi fumar lá longe.

Sumiu e nós começamos a limpar, fazer a repicagem das plantinhas e limpar, tirar as urtigas e tinha muita urtiga e eu peguei um galho grande, e a minha amiga, a outra, pegou um galho grande e nós fizemos, todas as gurias pegamos o galho de urtiga e a gente fez uma correria, jogando urtiga na outra e a gente desmontou dois canteiros de ((risos)) dentro da horta. E o professor viu de lá e nós puniu, sabe qual é a punição? Nós ficamos uma semana, meio dia era a última a comer, a gente ajudava a servir e depois que a gente comesse a gente tinha que lavar os bandejões, para castigar, porque eles não poupavam a gente, eles. A pena era, a pena mínima era essa, ajudar a servir no bandejão, depois ficava a penalidade de cinco dias sem aulas, ajudando a trabalhar como fosse, como se fosse funcionário, trabalhando pesado, mesmo, até expulsão. Eu me lembro que nós tivemos duas expulsões no meu tempo, essa do rapaz que fez um desenho obscuro na sala de aula e a outra do rapaz que assediou um outro coleguinha nosso, aí ele foi expulso.

(...) Os meus colegas eram maravilhosos, como eu ia a pé, ia cinco quilômetros para ir e voltar a pé no, no colégio (...) pé descalço, porque os calçados sujavam muito no sereno e eu levava um paninho para limpar (...) os pés rachados, e aí eu chegava lá, levava uma toalhinha e lá na cozinha tinha um banheiro e aí me ajeitava um pouquinho, já cheirando a asa, mas ia igual para a sala de aula, fazer o que. Aí chegava na sala de aula, todo mundo me ajudava. Ele tinha dificuldade em física e eu tinha facilidade em química, então a gente trocava conteúdo, esse rapaz, o Borrego, que é de São Chico, que hoje tá em Panambi, Clóvis Medeiros, o nome dele, me ajudou muito. E eu tinha no Ginásio, eu tinha o Brunel, que me ajudava em matemática. A gente era muito, muito, muito ajudava, todo mundo ajudava os outros. Quando tinha um doente sempre ia o outro e levava comida, levava chá e fazia, levava lá no ... pedia para um funcionário fazer na cozinha, lá levar para o colega no alojamento. Todo mundo era unido ali, eu não lembro, assim, de dizer que tinha alguém que fosse inimigo. (Joaquina)”

Francisco: “(...) uma curiosidade nessa época eu vou te dizer assim oh, que a gente comia lá no refeitório e tinha uma coisa engraçada que terminou já na década de noventa que conseguiram transformar isso, que tu não podia sentar na mesa onde os professores almoçavam, tinha um funcionário que ficava ali de pé com um guardanapo exclusivo, as mesas deles ali, tudo, panela deles, não era a mesma comida dos

alunos (...) as cabeças pensantes tinham que ser separadas, tinha que, o resto ninguém pensava, as cabeças pensantes eram aqueles que sentavam naquela mesa separada lá, bem assim, era bem, quem influenciou muito nisso e fez transformar isso aí foi a professora Carla Jardim, porque naquela época a gente não podia se misturar com os professores, nós funcionários, nós ficava na fila, aguentando na fila até chegar e passar o bandeirão, junto com os alunos, como se fosse, mas eles não, eles era lá separado, as cabeças pensantes eram separadas, tinha essa característica, uma coisa bem... Era a mesa dos professores separado, tu pode perguntar para a Carla que está aí. Não, não era não, as cabeças pensantes eram bem diferentes.

O pessoal administrativo, os TAE na época, eram muito submissos, pessoas que naquela época eram, obedecia ou obedecia, sabe, naquela época o troço era mais ferrenho se tu, mandavam embora mesmo, se houvesse qualquer problema, então o pessoal ficava né, a gente ficava olhando, não gostava, mas tinha que engolir seco, era aquilo ali. Até que depois começaram, ah nas reuniões mesmo, que quando entrou a Carla entrou uma leva de professores novos, com outras ideias e tudo mais, porque esses professores, o Edi Goulart; aí o Hércules, que foi embora; outros que quiseram ir; tinha a Ana Lúcia, também já foi embora; todo mundo, mas os professores que entraram já começaram a olhar diferente, começaram a dizer: ‘não, porque que tem que ser separados?’ e aí depois, lá fora, quando a gente saía fazer outras coisas, a gente sentava com os professores, estava ali junto, trabalhando junto com eles, então não tinha muito razão em ser separado, podia, mas só que a comida era diferente, era melhor que a dos alunos, que o boião que a gente chamava, o boião sempre a gente comia, mas era o que tinha, era o que tinha.

(...) nós entramos em 1986 uma leva de dez ou doze, naquele concurso, só que dois anos depois, aí houve outro concurso público, mas aí sim era para as instituições mesmo, aí entrou outra leva, que hoje ainda existe, que tá trabalhando, a Rosenara Keller, que é chefe de recursos humanos é desse concurso, a Rosenara, quem mais, quase todo mundo foi embora eu acho. (...) A Maria Consuelo é dessa época, deixa eu ver quem mais que tem ali ... tem o seu Jacinto (Jacinto Prates da Costa), que era o jardineiro; Araci, o Araci é dessa época, que está também, é guarda, o Araci. Seu Antônio Roberto, que é guarda também, já faleceu. Seu Rubens, que era guarda ... e aí começou a vir uma leva de gente que não está mais, o Glênio, o Júlio César, João Carlos Cacati, José Carlos Soares, Tieta que chamavam.

Depois de mim houve uma leva bem grande de técnicos que entraram. O Antônio Morcelli e a Marilene Morcelli, esses foram os ... a Zelide Bayer Zuchetto, Jeferson Bayer Zuchetto, Antônio Ugulini, toda essa gente entrou lá em 1988 e aí foi montando uma leva bem maior de técnicos administrativos, que a gente começou a mesclar, aí começou a ser bem mais, como é que se diz assim, uma convivência era bem melhor, muito mais unida, muito mais, como se diz assim, virou a família agrotécnica mesmo, e a gente teve muito unido nessa época. Mas aí a convivência ficou melhor entre servidores e professores, ficou muito bom da gente trabalhar e começou a ganhar em estrutura também.” (Francisco)

Gleice: “(...) convivi muito com o tio Marcos e a tia Dirce, que até hoje chamam assim né, o tio Marcos, a tia Dirce, o tio Mazzi, a tia Miriam, a gente convivia todo mundo

muito junto ali, a gente realmente era uma família (...) mas os guris iam muito lá para o Bolicho do Jaci, para a tia Zilá, e tinham muitas histórias e (...) a gente não, a gente estava sempre meio que de fora, a gente escutava as conversas no outro dia quando a gente tinha os intervalos que a gente se reunia, daí eles contavam, a gente ria muito (...). Tem um pessoal de Passo Novo, seu Miguel Carpes, que era, era guarda também, era o seu Miguel e o seu Alvarim, os guardas da escola, naquele tempo se faziam, falando do pessoal da comunidade ali que a gente convivia junto, faziam muitas serenatas, muitas serenatas, sexta para sábado, sábado para domingo a gente sempre reunia as famílias e combinava, hoje a serenata vai ser lá no Miguel, hoje a serenata vai ser lá no seu Alvarim, sei lá, nós, a gente ia fazendo serenata em várias casas.

(...) a gente tinha missa na escola, sempre, e a gente sempre queria ir na missa, mas não porque a gente queria rezar, a gente queria ir para ver os guris, os *crush-zinhos* que a gente tinha por lá, então a tia Maria, a mãe da Rose quando tinha, não tinha capela, nem padre, a missa era no salão nobre da escola, e a gente quando tinha missa que a gente queria ir, os nossos pais não queriam deixar: ‘não, vocês não vão sozinhas de noite para a escola’, porque as missas sempre eram à noite e daí a gente tinha que se desdobrar para convencer alguém mais velho para nos levar na missa. (...) os professores eram todos nossos amigos, a maioria dos professores mais antigos conviviam muito na minha casa junto com o meu pai, era muito próximo deles todos, era muito amigo, então todos os professores quando eu entrei, inclusive, às vezes, os guris mexiam comigo, que o seu Benvindo sempre quando ele falava pastagens disso, pastagem daquilo, ele dizia sempre, as pastagens da Gleice, a fazenda da Gleice, e os guris diziam: ‘tudo do seu Benvindo é da Gleice’, porque ele tinha um carinho muito especial por mim, então quando ele faleceu ano esse ano, fiquei muito triste (...).

Eu me lembro do KGF, meu Deus do céu, o KGF era triste, todo mundo tinha medo, porque antes de eu entrar na Escola eu não queria entrar porque eu sabia que eu ia rodar em física, porque era o mal do século daquela época era física do KGF, então quando eu entrei na Escola, eu já entrei com aquilo na cabeça, eu vou rodar, eu vou rodar, eu não vou saber, a gente, olha, eu consegui colar uma prova inteirinha do Marci Dornelles, eu tirei no primeiro bimestre eu tirei eu acho que 1,5, no segundo bimestre eu coleí uma prova inteirinha do Marci.

Eu peguei a prova do Marci, ele se distraiu e eu peguei a prova dele, passei para minha classe, eu copieí inteirinha, porque o Marci era CDF, o Marci sabia tudo, eu peguei a prova do Marci, copieí todinha, e eu tinha feito um trabalho que eu tinha ganho um ponto e eu tirei dez na prova e sobrou um ponto para o outro bimestre, porque sobrou, e o seu, e ele dizia assim: ‘não, tu colou, só pode que tu colou’, ‘não coleí professor, eu aprendi a matéria’, depois os outros bimestres que ele me tirou de perto do Marci eu tirava 2,5,3 foi o ano que eu rodeí, foi em 1982, gente eu não sabia nada de física. (...) a dona Terezinha Moutinho, irmã do seu Benvindo, era professora de Química, a dona Terezinha ela judiava da gente; tinha a dona Ivone, professora de História; tinha a Elizodete, que era professora de Matemática; tinha a tia Dirce, era professora de Artes; tinha a Aldema Menini Trindade, era professora de português, uma das pessoas mais inteligentes e carismáticas que eu conheci na minha vida.(...) eu lembro da Zaíra (

Zaíra Vieira Pes); ah tinha o Ivone, da Apicultura , o Ivone morreu, que era casado com a Gleusa; tinha o professor Iracildes, ele tinha uns cacoetes dando aula (...)” (Gleice)

Bento: “(...) acho que agora nessa, agora com a meia idade posso dizer que para nós eram pessoas idosas , com exceção do professor Rubem Corrêa e do Oviedo, que eram mais novos, os outros todos eles eram pessoas com mais de 60 anos, da parte técnica, mas eram pessoas que tinham uma vivência profissional muito grande, por exemplo, professor Benvindo Moutinho, que faleceu a pouco tempo; professor Marne Borges, que é vivo ainda; o professor Mauro Quinteiro; o professor Iracildes, todos eles tinham propriedade rural, então eles além do conhecimento que eles tinham teórico, eles passavam a vivência do dia a dia deles na fazenda, nas granjas deles, e inclusive o professor Marne Borges, que eu lembro dele como um dos melhores professores que eu já tive.

(...) isso aí é época da ditadura militar, então nós cantávamos o hino, fazia tudo assim oh, inclusive o professor Marcos Goulart, que era o diretor, ele foi nomeado em função do regime militar, que ele tinha ligação lá com, família dele que era militar, e ele sucedeu dois coronéis, coronel Jim Meireles e outro que eu não recordo o nome, era um regime bem sério, então eu lembro do professor Marne Borges, que ele não admitia em hipótese alguma ir de chinelo havaianas na sala de aula dele, ele não admitia calça arremangada e nem camisa cavada, então, boné nem se fala né, eu não falei no boné, em todos os departamentos do grêmio era proibido a entrada de boné, eles podiam ir pilchados, mas não podia ir de bombacha arremangada, de chapéu não podia entrar em lugar nenhum, era questão de... respeito, nas salas de aula também assim, não podia entrar de boné ou chapéu, de forma alguma, não podia entrar de shorts, não podia entrar de camiseta cavada e tinha toda uma ordem, tinha toda, era muito disciplinado, muito disciplinado mesmo.

(...) a professora Rosa Galvão também foi minha professora; a Elizodete ,que faleceu de *Covid* até agora a pouco; o próprio Marcão; o professor José Nílton, eu fui aluno do professor José Nílton no terceiro ano, professor de Fruticultura; o professor Ramos que hoje é presidente da CAAL, ele foi meu professor e depois foi meu colega, nós, eu como professor e ele como professor também, ele acabou se exonerando como professor quando assumiu a cooperativa, excelente professor também. (...) e todos os professores tinham apelido também, tinha o KGF, a gente chamava de KGF, que era o professor de física, era o terror, o KGF ele era o professor que reprovava, reprovava mesmo, porque ele era maluco, a aula dele era uma coisa e a prova era totalmente diferente, a gente não tinha nem noção, então se não fosse, o professor de Física, o professor KGF...

E aí nós tínhamos dois colegas que eram um crânio, e até agora são, tanto que o Flávio Camargo, que eu cito que ele é hoje uma das pessoas mais importante na área de Solos do mundo, é professor da UFRGS e diretor da CAPES, se não fosse ele essa turma aí dificilmente ia se formar, porque na época as provas eram feitas com mimeógrafo e o faziam dentro da secretaria e tinha uma forma de entrar na secretaria ((risos)) tinha um alçapão lá no forro e num dos banheiros tinha um alçapão também que tinha, que chegava pelo forro lá na secretaria, então dos três anos que nós passamos lá, o

menorzinho da turma, nas madrugadas antes da provas do KGF ia lá e pegava a matriz da prova, e aí o Flávio Camargo e o Marci resolviam as provas para nós e, e aí a gente ia para a prova do KGF pelo menos com 70% para passar, porque se não ninguém ia ter passado (...) é José Carlos Prates (...) é que o KGF por causa da cadeira, Física, então tinha muito KGF, ficou apelidado de KGF.(...) e tinha o falecido José Carlos também e que era professor de Olericultura, e o professor de Ovino era o professor Iracildes Goulart de Souza, muito bom professor, ele tem inclusive um livro; professor Gaspar, foi meu professor, depois meu colega por muitos anos; tem uma professora de História, que era a dona Ivone (...). “ (Bento)

Luciano: “(...) eu não vou buscar saudades, eu achava falta dos colegas, assim, tem uns colegas que a gente tinha mais convivência assim, que ... não sei, traziam mais energia para a gente, que esses sinto falta até hoje ((choro)). É, e tinha pessoas que procuravam mais, o contato (...) Ah, tem, a Marcele, é uma colega, sempre dava uma força para a gente... aquela guria que está em Uruguaiana agora ... a Jéssica, começou a trabalhar com nós ali de assistente de aluno, e a gente ficou muito amigo, então a gente... se vê no *Face*. (...) quando ele (Iracildes) entrou de diretor, inventou com uma política que ele fez, deu uma rasteira nos colegas lá, era no tempo da lista tríplice. Aí a gente elegia, os servidores elegiam três candidatos, tinha votação nos técnicos administrativos, os professores e os alunos, tudo individuais.

É, aí a gente elegia a lista, e a gente elegeu dois candidatos, que a gente queria ser diretor, e que todo mundo queria, e deixou, e entrou, no fim entrou o Iracildes como terceira opção, ele era um cara bom, só que ele não estava preparado para ser diretor, e aí ele já estava bem organizado com o Ministro da Educação ((risos). E nós aqui, os caras aqui, só trabalhando aqui. Foi quando o Chiarelli (Carlos Alberto Chiarelli) entrou, foi candidato, foi Ministro da Educação do Governo Collor de Mello. E aí o Iracildes saiu terceiro da lista e o Chiarelli nomeou ele diretor. Os caras ficaram indignados e aí tinha uns ... que gostavam da baixaria lá, aí começaram a incitar os alunos a fazerem... colocou os alunos contra, aí tiraram ele de diretor. Aí tinha uns negócios lá que induziram ele a fazer também. Ele desviou um dinheiro do refeitório, que estava sobrando no refeitório, para comprar uma peça para uma máquina lá que estava quebrada, que estava precisando, e o cara que fez denunciou (...) agora não sei como é que tá, mas eles tinham sobrando recurso, dinheiro para o refeitório, para o internato, e estava faltando na agricultura, e ele mandou usar o dinheiro. E aí o cara que fez tudo denunciou... desviou dinheiro de função, e ele, largaram ele lá no tribunal de contas.(...) Mas teve uma revolta geral (...) quebravam os vidro ... , chegaram, saíam de madrugada, assim, uma turma de quarenta, cinquenta alunos com paus, e quebrando de um em um os vidros (...) Tinha bastante aluno, no internato tinha mais de trezentos alunos no internato”. (Luciano)

José Luiz: “Das lembranças boas que a gente tem, né, são as lembranças relacionadas aos nossos dias de... luta, que não foram poucos, dentro do nosso âmbito tem vários, eu vou citar alguns nomes de colegas que tem uma importância muito grande, todos foram importantes para mim, mas tem colegas que foram muito importantes na

minha vida, tá, e eu começo... pelo saudoso José Carlos Carvalho, que foi meu primeiro diretor, foi a primeira pessoa que eu conheci como diretor. Tenho um grande apreço pelo José Alberto Pacheco Ramos, que é meu colega profissional, além de ter sido também colega na docência, ele também é zootecnista. O professor Gaspar Paines Guterres (...) ele é o nosso manual vivo da Instituição, é um cara que desempenhou várias funções, conhece o funcionamento muito a fundo da Instituição, porque eu, apesar da experiência que eu tenho enquanto docente, eu não passei trabalhando em todas as atividades administrativas dentro da escola.

A minha função era dar aula, a função administrativa era de outros. Eu, apesar de ter tido um cargo de direção, só passei uma gestão, e não passei mais tempo que isso. Então, normalmente, o nosso vínculo foi a nível de sala de aula. Essas pessoas que eu citei, o meu ex-diretor, tá, só para a gente não esquecer de cultuar a memória dessas pessoas, José Carlos Carvalho e dos diretores de produção da época, José Alberto Pacheco Ramos e do diretor de ensino da época, Gaspar Paines Guterres. Essas pessoas (...) tiveram um envolvimento maior a nível da Universidade Federal de Santa Maria, porque eles eram docentes enquanto o Colégio Agrícola de Alegrete era uma unidade descentralizada de ensino de Santa Maria.

(...) Lembranças até hoje a gente tem né, tem vários colegas que já passaram, das pessoas que a gente conviveu, mas ficaram boas lembranças, ficaram boas recordações e, também, recordações que a gente consegue filtrar com o passar do tempo e que não foram lembranças muito boas que a gente teve. Eu fui um... profissional muito assediado, ainda que no meu tempo essa palavra não fosse claramente definida, mas é uma prática infelizmente lamentável e que parece que as pessoas têm a satisfação pessoal de exercitarem ela a pleno.

Apesar da minha capacitação profissional, de especialista, de mestre, de doutor, eu quero deixar registrado para vocês que, como força de assédio, dentro do ambiente laboral, eu não procurei o meu diretor, eu não procurei a pessoa que desenvolvia o assédio, que me impugnou, que me tolheu o direito de eu exercitar a minha profissão dentro do meu ambiente de trabalho, que me tolheu a liberdade de executar um projeto de pesquisa, só que eu não fui me queixar para essas pessoas, eu fui direto para o Ministro da Educação, eu mandei uma correspondência direto para o Ministro da Educação, que determinou ao reitor deste Instituto que fosse feita uma acareação, e eu tive o prazer de ver essas pessoas tendo que se explicar por esse tipo de assédio indevido e nojento que muitos sofrem dentro do Serviço Público. Assédio é uma coisa muito presente, especialmente professor assediado... se não tiver com a cabeça dele em dia, ele desiste, porque a especialidade da casa, do meu Instituto, aí, lamentavelmente, é o assédio às pessoas que se dedicam de corpo e alma.

Desculpa o desabafo, mas isso é uma necessidade. Eu tenho aqui comigo documentos que provam isso que eu estou te dizendo, caso queira ficar para esses anais, desse relato histórico. Eu tenho também uma nota do Ministério Público Federal, guardada aqui comigo, como documento também, e essa nota ela me engrandece, ela... me deu um grau de respeitabilidade dentro da minha Instituição. E, por essa razão, eu não fui transferido 'extra office' do Instituto, porque o 'modus operandi' dos gestores era esse. Se o cara começa a incomodar ou começa a reclamar, e tem razão, vamos dar

uma transferência ‘*extra office*’ para ele, que ele não enche o saco de mais ninguém. Eu estive amparado, porque eu sempre fui sindicalista dentro do meu Instituto. Eu tenho orgulho de dizer que eu fui um dos fundadores do meu sindicato, eu fui coordenador por duas gestões, eu fui tesoureiro, eu fui secretário desse sindicato, que existe até hoje, que muito me orgulha ainda, se tiver que voltar para brigar por ele eu volto.” (José Luiz)

Carla: “(...) o fato de ficarmos o dia todo sem possibilidade de sair, porque não havia transporte aproximou muito. Na verdade, as pessoas eram muito próximas e passávamos o dia inteiro juntos lá e inclusive grandes amizades se formaram naquele período. Como hoje, com certeza isso também continua acontecendo, mas claro hoje a questão da mobilidade, o fato de não precisar estar todo o tempo dentro do campus ... talvez o sentimento seja um é um tanto diferente, mas na época, nós não tínhamos alternativa, então as pessoas se aproximavam muito, tanto os servidores entre si, quanto os estudantes.

Como a grande maioria era residente na casa do estudante, que na época chamavam de internato, só não morava na casa do estudante aqueles alunos que eram filhos de funcionários e moravam nas casas do campus ou no Passo Novo. Então a grande maioria dos alunos viviam juntos vinte e quatro horas por dia durante todo o ano. Então eles tinham uma relação praticamente familiar entre si, de afeto, de amizade, de parceria, porque, na verdade, a escola se tornou, se tornava a casa deles, durante aqueles três anos, quatro anos às vezes, quem reprovava, que eles permaneciam lá. E inclusive era uma das questões que sempre me emocionou muito foi exatamente isso, essa relação de afetividade, de parceria que se estabelecia entre os alunos. Porque todos vinham das suas casas e permaneciam lá dentro do campus, dentro da escola, durante todo esse tempo, dividindo toda a vida com os seus colegas, então é essa relação... ou contexto de estarmos lá o tempo todo, e o contexto dos alunos residirem na sua quase totalidade lá, aproximava muito as pessoas e grandes amizades se estabeleceram lá.

E com relação a essa questão da relação entre técnicos administrativos e professores, realmente havia um distanciamento muito grande, tanto que se a gente for ver, a Escola Agrotécnica Federal de Alegrete ela foi é desmembrada da UFSM, né, ela era um colégio agrícola vinculado à UFSM e a gente sabe que historicamente na universidade existe essa separação e esse tratamento distinto que é dado a professores e a técnicos administrativos. Tanto que eles não chamavam técnicos administrativos, eles chamavam funcionários.

Então era os professores e os funcionários. Essa mudança de entendimento, né, e aproximação e uso compartilhado de espaços, e a maior valorização do trabalho dos técnicos administrativos, ela foi uma conquista que a gente foi trabalhando. Quando eu digo ‘a gente’ é esse pessoal da minha geração,, ingressou lá na escola.. Sabemos que até hoje há um certo ranço na cabeça de algumas pessoas, mas houve uma evolução muito grande do ponto de vista do entendimento da importância do papel das duas carreiras e da valorização do papel das duas carreiras. Mas quando eu ingressei lá era, é...comportamento típico da universidade, professor em um lugar e, normalmente, em um lugar entendido como o mais importante, e os técnicos eram chamados de funcio-

nários. (...) E, depois, isso foi graças ao esforço de muita gente, a gente foi conseguindo desconstruir isso e criar um outro ambiente nas relações.

É ... a questão dos colegas, nós éramos um grupo pequeno de pessoas que passávamos praticamente o dia inteiro juntos, então, com certeza, a gente tem muito boas memórias dessas pessoas. O professor Gaspar Paines era um dos servidores mais antigos quando eu ingressei lá. O Marcos Ruffo Goulart foi diretor da escola, do colégio agrícola por um tempo e a esposa dele, a Dirce, me parece que também. Nós tínhamos a professora Greice, que está aposentada, mas que já estava lá quando eu ingressei, que também é professora de inglês e de português. Nós ... a professora Elizodete, que era professora de matemática na época,, infelizmente, a Elizodete faleceu recentemente. O Carlos Eugênio, que casualmente é o meu marido, também já estava lá. O professor Carlos Airton, professor de educação física, aposentado também, é... eu acho que esses eram os professores mais antigos. Aí a gente tinha o pessoal da cozinha, mas também, a dona Rosa, que era a principal cozinheira, ela já faleceu depois de aposentada.

Como eu falei, o seu Braulino e o seu Nenê, que eram tratoristas de carreira e que também já estão aposentados. (...) E aí teve o grupo... ah não, eles já estavam, eles são da mesma geração que eu. Mas aí é o José Luíz Aires, a Rose Mari Aires, que era a esposa dele, ambos já aposentados também, mas eles já são da mesma faixa de idade da minha. E depois, quando nós entramos, entramos eu, o professor Hércules Nogueira, que hoje trabalha aqui no... no politécnico da UFSM e o Bento, eram três vagas e nós três fomos nomeados, depois começou a entrar mais um grupo de pessoas (...) Aí veio um monte de gente né, mas os mais antigos, se minha memória não falha são esses (...) tinha o Rubem Corrêa, de Manoel Viana, que faleceu também já. O Rubem, que era professor de agricultura e o José Nilton também professor da área da agricultura e que eram professores mais antigos e depois, claro, começou a entrar o pessoal, depois entrou o Otacílio, a Tanira, a Lilliana e... a gente se constitui assim um grupo de afetividades. Então, realmente, eu fiz amizades muito, muito sólidas em função dessa convivência que a gente tinha lá e das afinidades também. Claro que não eram só flores, umas pessoas que tinham mais afinidades e outras tinham mais diferenças, principalmente pela questão mais... esse histórico mais rançoso do pessoal antigo, essa questão da diferença com o técnico-administrativo, a questão do machismo que é uma questão, é algo muito presente, nesse período.

Havia nas disciplinas técnicas quando eu ingressei, só a Rosemari trabalhava, que ela era da agricultura e... a gente sentia até nos próprios alunos. No início logo que eu ingressei um... uma certa discriminação por ser mulher, eles achavam que nós não daríamos conta de imobilizar um animal, de fazer as atividades que são agropecuárias pelo fato de ser mulher e... alguns colegas também tinham esse mesmo entendimento. Claro que a gente conseguiu desmontar isso mostrando serviço, mas é ... então essa questão do machismo é... da discriminação por ser mulher e... também desse... esse sentimento de pseudo superioridade que alguns professores tinham em relação aos demais é... fazia com que nós tivéssemos algumas diferenças com alguns colegas, ao tempo que com outros tínhamos mais afinidades e se estabeleceram mais amizades". (Carla)

José Ernesto: “os professores, que são os meus colegas que eu mais lembro, basicamente assim, nós tínhamos alguma identidade, eu posso dizer assim que tinha três grupos formados aí e eu me incluía em um grupo que nós nos intitulávamos da resistência. Então assim oh, os mais antigos, que foram contemporâneos meu, foi o Iracildes Goulart, que faleceu; o Mauro Barro Quinteiro, que está vivo; o Araújo, que é aposentado, está vivo; e a Elizodete que faleceu agora, em função do, do covid, também era uma professora que era os mais antigos quando eu entrei aí; e o Marcos Ruffo Goulart também era um dos mais antigos. Mas a minha afinidade mais era com o professor José Luiz, nós éramos amigos de infância.

A professora Rose Mari; a professora Marta; a professora Rosângela, que foi embora e hoje vai ser uma boa entrevista dela, hoje está em Pelotas; professor Lauren; professor Joãozinho, que é um professor que era... contratado, ele e o Carlos Alberto eram contratados ... os sobrenomes eu não me recordo muito, mas José Luiz Aires, a Rose Mari também foi Aires; a Marta Borela; a Rosângela Rodrigues; o Lauren, eu não estou recordando o sobrenome; depois tinha o professor Joãozinho, que era um contratado aí de Manoel Viana, que era agroecologista, bastante interessante; o Carlos Alberto, professor de matemática; e depois, também tinha uma relação muito boa com a Consuelo, embora eles não participassem desse nosso grupo da resistência.

O professor Otacílio, o qual também fui, convivemos juntos desde a infância e adolescência; o Rubens, professor que faleceu também, ali de Manoel Viana e o José Nílton. E os funcionários que eu tinha mais relação, era com o seu Nenê, que era tratorista ali da mecânica; o José Carlos, que trabalhava com a bovinocultura, que mora ainda no Passo Novo; o Ramon, finado Ramon, um sindicalista, agente administrativo, que faleceu também eu acho que em 2014; o Braulino, que era outro tratorista, que vive até hoje, que tem histórias fantásticas; mais a Noeli, que foi uma pessoa que muito me ajudou, porque eu peguei nessa transição de um professor tradicional, do ponto de vista assim, de uso dos recursos para essa transição para os recursos audiovisuais, e eu tinha bastante dificuldade aí de mexer com a internet, até hoje tenho, e a Noeli me salvou muito. E muitos alunos também me salvavam, porque quando veio os *power points* aí para cada sala de aula, eu preparava as aulas e pedia para os alunos fazer, digitar aí no *power point*, para passar no *Data Show*, botar as imagens, então tinham vários alunos, em cada turma tinha um, dois, três alunos, assim, que me socorriam, que faziam essas ilustrações para mim e as minhas aulas, eu gostava muito das minhas aulas e eles também.” (José Ernesto)

MOMENTOS DE INTERVALO E LAZER

Os entrevistados apresentam aqui os locais de encontro, onde era o “point” de cada época dentro e fora da escola. O jogo de truco, elemento da cultura gaúcha, sempre esteve presente no campus. Nos anos setenta havia bailes com frequência mensal no refeitório do CAA. Os jovens dos anos setenta e oitenta frequentavam a boate do grêmio e tinham sala de jogos. Nos anos noventa havia sessões de filmes que os professores alugavam e deixavam para os alunos assistirem nos finais de semana. Antigamente, estudantes e servidores frequentavam o Bolicho da Zilé. Desde os anos noventa existe o Bolicho do Jaci, que passou de pai para filha e fica bem na entrada do campus.



Figura 10 - 34o aniversário da Eafa, 1988.

Fonte: Acervo Instituto Federal Farroupilha - campus Alegrete

Eunice: “Entre uma aula saía um professor e entrava o outro. Tinha o recreio sim, de quinze minutos, mas a gente ficava ali pela frente da sala de aula, por ali, con-

versando.(...) tinha um boteco lá na frente, no coisa, mas quem ia lá era os guris que bebiam, que iam lá beber e coisa, aprontavam horrores lá, mas eu não, a gente não, não participava disso. (Bolicho) da Zilá, e as filhas da Zilá foram ser minhas alunas depois. Queridas, elas me chamam até hoje de professora”. (Eunice)

José Nilton: “Bem, naquela época, gente, o aluno, tinha muitos fumantes e podia fumar assim, só dentro da sala de aula que não podia fumar, mas sendo maior de idade já, dezoito anos já, já podia fumar. Então tinha, era um dos points que a gente se refere que é marcante era o fumódromo, ou seja, o lugarzinho de sair da sala de aula no recreio e ir ali no fumódromo fazer aquela fumacinha, dizia vamos fumar e já corria um ou outro pedindo a bia, a bia é minha, a bia é minha, o que, que era isso? Então olhava, o cara não tinha cigarro, aquele colega que tinha fumava até a metade do cigarro e passava aquele restante do cigarro para outros, um ou dois, até três fumar um pouquinho ali daquele cigarro, então era compartilhado, cigarro compartilhado, então a gente pedia a bia, já saindo assim, me dá a bia, me dá a bia, então a gente já sabia que fumava até a metade e passava para mim e dali eu dava duas, três fumadas e passava para o outro colega, aquilo era muito interessante como o, e esse localzinho existe aí, é onde está essa passada da sala de aula para o refeitório, nessa passarela aí, nesse ambientezinho, esse canto aí era o fumódromo e da biblioteca, onde tá a biblioteca hoje, aí não existia a biblioteca, ali era um pátio aberto só com os pilares iniciais, assim, as sapatas para dar seguimento a uma obra, então ficou só o muro, o muro e umas sapatas, assim, aleatoriamente ali que só foi construída agora, lá 2008, 2009, foi construído a biblioteca,então antes era, era livre ali e aí era o *point* realmente, onde ficava os grupinhos, quatro, cinco no ponto do muro, outros quatro, cinco mais adiante, mais adiante outros fumantes no fumódromo. E era o point ali da turma, e assim, outros locais, outros já se iam no alojamento, às vezes fazer uma merenda no armário, às vezes tinha alguma coisinha para comer, saiam da sala de aula no recreio já direto ao alojamento fazer um lanchezinho.” (José Nilton)

Joaquina: “O intervalo do almoço tinha na primeira entrada do alojamento ali de cima, à direita, tinha um salão de recreação, ali a gente jogava botão, jogava pingue-pongue, jogava quebra-cabeça, mas depois eles nos proibiram de jogar ali, por causa que a porta seguinte era o alojamento e aí eles não queriam muito. Os guris passavam por ali enrolados na toalha para tomar banho, coisa assim, e aí aquilo era muito feio, não dava, então proibiram nós, fecharam, eles fecharam o ponto de recreação do intervalo. E tinha uma outra sala também, que eles demoliram já, fizeram de grêmio estudantil, tinha uma sede do grêmio estudantil e tinha esse *point* que era após o almoço.

(...) era brincadeira (...) os guris faziam faixa de papel higiênico, lógico desfilavam... os guris faziam assim oh, claro eu desfilava na sala de aula (...) claro que eu ia ter que ganhar, porque imagina se eu vou perder para um guri (..) Os guris faziam desfile só para forçar eu desfilava para bater palmas, para eu ter uma faixa de papel higiênico, com a rosa aqui, rainha do ano ((risos)) de brincadeira, isso aí a gente fazia na hora do, entre o almoço e a aula da tarde.” (Joaquina)

Francisco: “(...) antigamente, onde é a biblioteca aqui em cima, naquele prédio da biblioteca ele era assim, ele era só um ‘L’ de alicerce, essa altura mais ou menos, meio metro, um pouco mais, era aquilo ali assim oh, e da caixa d’água pra cá, aquele prédio não existia, então ali ficava aquele solzinho, ali era o *point*, todo mundo sentava ali, almoçava ia lá e sentava ali, conversando e tal... ali que era aquele ‘L’, até tem muita gente que tem foto, todo mundo ficava ali naquele ‘L’ conversando, era um ‘L’ assim, era só alicerce, então ali o pessoal se juntava, porque não tinha outras coisas mais naquela época aqui, era só ali, ficava conversando, porque o intervalo era extremamente, do meio dia à uma hora, só. (...) a sala dos professores foi criada só agora em, não, naquela época tinha dos professores, tinha uma, mas para servidores coisa assim não tem, aí já foi criado depois do IF, aí sim, aquele canto lá e tal, aquela divisão ali, tudo ali foi feito já IF. EAFA não tinha, não tinha nada disso.

(...) lá em setenta, a boate, nossa boate era linda, só boate, mas quem pintou, fez as pinturas, o Solitária. O Solitária, é Paulo Ademir Marques, foi o cara que pintou e ele pintou umas pinturas assim, muito bonitas ... em preto, uns bichos, umas naves assim muito e tinha uma luz. Tudo muito bom, era o *point* ali, de noite, nós internos, era depois que jantava ia lá, tinha um cara que botava som lá, ia lá para dentro, sentava naquelas mesas lá, que tinha mesinha por toda volta assim, sentava ali e ficava ouvindo som ali até, porque tudo isso era controlado pelo grêmio.(...) tinha aquele CTG que a gente usava, dos Amigos, e faziam festa, vou te contar as festas, a gente amanhecia bêbado por aí, no meio desses eucalipto aí. Umas festas! Tinha música ao vivo, tudo, depois começamos a alugar em Alegrete o Clube de Subtenentes e Sargentos lá, se fazia lá cada festa que eu vou te contar! A Lucimara era casada com um militar e conseguiu aquele espaço, então a gente fazia uns festões lá, a coisa mais linda! Qualquer coisa que dava ali, aí tinha a ASEAFA, associação dos servidores, então todo mundo colaborava, tinha dinheiro.” (Francisco)

Gleice: “quando a gente se encontrava para fazer festa, para, depois do horário de aula, a gente se encontrava, o nosso *point* era no CTG Aconchego dos Amigos, ali a gente dançava, os guris tocavam violão, a gente cantava, a gente roubava galinha dos vizinhos, olha só, nós roubávamos galinha dos vizinhos, para os guris fazerem risoto, carreteiro, arroz com galinha, eu comprava cachaça lá no seu Eurípedes na conta do pai para nós fazermos caipirinha lá no CTG nesses momentos que a gente ensaiava, porque a gente tinha um grupo de dança dentro da Escola, então a gente fazia, nosso *point* era ali no CTG, se não dentro da sede do CTG era ali fora, que tinha uns balanços e a gente se reunia ali e ficava até tarde cantando, dançando, dando risada, contando histórias, realmente foram momentos muito legais que a gente passou ali, eu, as minhas primas, a Cláudia, a Sandra, que era com quem a gente convivia mais (...).” (Gleice)

Bento: “(...) não tinha um lugar de lazer mesmo, no intervalo a gente ficava, como aluno a gente ficava do lado de fora conversando, tomando chimarrão, os que fumavam iam fumar, até é um assunto bem interessante assim, que hoje ninguém fuma, praticamente ninguém fuma, quando na época eu fui estudante e até boa parte de como pro-

fessor, todo mundo fumava, inclusive os professores, até eu fui fumante numa época, a gente estava em aula, daqui a um pouquinho saia um pouquinho para fora para fumar, fazia um intervalo para fumar, coisa absurda (...).” (Bento)

José Luiz: “(...) nós não tínhamos a possibilidade de escolher o local para a gente se encontrar, o local que a gente tinha disponível era exclusivamente a sala de professores, que era onde tinha um sanitário, tá, para trinta pessoas, somente um sanitário para trinta pessoas, e ele era unissex (...) Então a nossa condição social era essa, nos intervalos, tá... os intervalos de aula eram de 8 a 12, tá, normalmente o recreio 10 horas da manhã, 9:50 até 10 horas ou mais, mas esses 10 minutos eram os mais sociais, né, onde normalmente a gente estava junto para se encontrar, para se inteirar do dia a dia, para dar uma risada, né.

Então são muitas coisas boas, assim, que ficaram para sempre, apesar da nossa limitação física, nós tínhamos uma vida social bem interessante, porque a gente encontrava possibilidade de... reencontros extraordinários aos nossos horários de aula dentro do ambiente da cidade. Então era dessa forma que o nosso convívio era um pouco mais efetivo. A Instituição em si era paupérrima, nós não tínhamos, e até hoje não temos um ambiente físico onde cada indivíduo tem um gabinete, não funciona assim. Nós temos um grande inchaço, né, físico, mas nada direcionado para o docente trabalhar com toda a tranquilidade, num espaço que seja seu, para que ele possa ter convívio entre colegas e atender necessidades especiais de alunos, então isso não se dispõem, é muito necessário.” (José Luiz)

Carla: “(...) quando eu ingressei havia uma sala pequena que chamava sala dos professores e ali era o *point*, era ali que os professores que não estavam dando aula ficavam. Era ali que se ficava no intervalo do almoço, porque não tinha lancheria terceirizada, nós usávamos o mesmo refeitório dos meninos é... então a gente almoçava no refeitório e ia para essa sala. Depois, outro ambiente que se usava no intervalo era a biblioteca. A biblioteca funcionava onde hoje ... eu acho que a coordenação de licenciatura e a secretaria ali (...) A biblioteca era um lugar em que só as professoras ficavam, só as mulheres, os homens não, os homens ficavam na sala dos professores e algumas professoras utilizavam a biblioteca. Depois que a gente construiu, que teve o Ginásio de esportes, a sala lá em cima do Ginásio também era um lugar que o pessoal, um grupo mais de amigos frequentava, lá na parte de cima do Ginásio de esportes.

Então se ia bastante no intervalo do almoço conversar, confraternizar... (...) teve uma época em que o laboratório de biologia também era *point* de um grupo, que foi em uma época que nós tivemos um período bem difícil. Tivemos um diretor que assumiu uma postura bem ditatorial e aí nós entramos em um litígio, nós tínhamos os dois grupos, o grupo que apoiava a direção e o grupo de oposição e esse grupo de oposição, no qual eu fazia parte (...) nos reuníamos no laboratório de biologia e no Ginásio de esportes, porque sempre tinha alguém atrás das portas tentando escutar o que a gente tava falando, eles achavam que a gente vivia o tempo inteiro é... armando contra, quando na verdade não era nada disso. E tanto não era que depois o Ministério Público afastou

esse diretor, ele respondeu na justiça, inclusive o segundo mandato dele foi tornado sem efeito pela justiça. Mas os lugares, os espaços para nós servidores, eram basicamente esses. Claro que isso mudou com o tempo, depois, mais adiante, conseguiu se construir, ajeitar aquele espaço da sala dos professores, onde hoje são os gabinetes, mas antes era um espaço só coletivo e ali, também era um lugar que o pessoal frequentava nos intervalos. (Carla)

Otacílio: “(...) quando eu entrei lá, em 1995, se eu não me recordo, nós tínhamos trinta docentes, então para fazer uma reunião dos professores era fácil. Até em uma mesa grande ali, quem sabe, não botava ali todo mundo. Então, só para dar uma noção do crescimento enquanto escola, enquanto instituto (...) claro que sempre teve os que ficavam de segunda a sexta lá no campus. Professores iam de manhã e voltavam de tarde. Eu era de um grupo que ficava ali, tinham outros. A gente fazia um grupo, não só dos professores, fazia um grupo também que tinha os servidores, depois dos almoço.

O almoço era no alojamento (...) sempre foi o almoço dos alunados, dos professores, depois, claro, a gente tinha também uma possibilidade de almoçar num tercerizado. Nós tínhamos um local que os professores iam almoçar, como até a pouco tempo ainda, ainda tinha ali também para a gente almoçar. Mas depois que terminava, depois do almoço, os alunos almoçavam e iam para o seu alojamento ou ficavam realmente ali no ... como é até hoje. Ficavam em grupos (...) uns escutando música, uns jogando truco, até iniciar as aulas (...) depois melhorou com aquela sala de estar para os alunos, e aí com televisão, com aquelas mesas para eles se reunirem e estudarem ou jogarem, aquela ali foi uma sala bem, bem ampla, feita e até hoje tem ali.

Mas antes, realmente, ou era em uma sala ... nós éramos em uma sala de aula, às vezes pegava, porque não tinha sala assim do professor, professor tinha uma chave de uma, que dava só naquela sala, então naquela sala ali, por exemplo, eu tinha um grupo ali com o professor José Ernesto; professor José Luiz; o seu Nenê, que é um servidor, se aposentou; a própria professora Carla gostava também de jogar um. Nós fazíamos um grupo para jogar truco, então ali já ia aquela turminha ali para jogar um truco (...) então tinha uma integração, mas sempre de grupo, outros não... tinha outras atividades, iam lá para outra sala dos professores, mas ... só dei uma noção assim, que tinha cada um com os seus grupos.

(...) é porque ali, eu acho que tem que ressaltar também assim, como isso é normal, claro, hoje ainda é assim, em qualquer local, em uma instituição, em uma repartição, tu tem aquela, grupo de afinidades, de... amizades que tu se aproxima, às vezes até porque... tu ... é professor de uma área, os outros também são, são professores que estão junto contigo e outros por afinidade mesmo, de amizade. (...) claro que nós tivemos algumas passagens na Escola, é muito difícil no aspecto de relação humana, que aí foi questão de... relação de grupos de, por exemplo, tu dizer assim, mas tu é, tinha o grupo da direção, que era o diretor, os seus assessores, que não tinham aquele grupo e ele não era tão afinado com os outros grupos. Os outros grupos, professores, porque daí uma questão política que também ocorre, a gente sabe, é que isso aí ocorre, lá na Escola ocorreu, foi bem, foi bem difícil até para a própria Instituição quando houve essa

divisão forte de grupos. E nós passamos por isso e depois, claro, depois se terminou essa parte (...) através de nova eleição, então nós tivemos uma passagem bem difícil lá, nesse aspecto.” (Otacílio)

José Ernesto: “nos intervalos do meio dia, nós, da turma da resistência, que nós chamávamos, nós tínhamos um point que nós nos encontrávamos lá na marcenaria, que é lá, lá fora, lá quase que depois da faixa lá, na marcenaria da Escola, na frente da mecânica. Dali a gente ou ia na casa de alguém pegar bergamota ou laranja, enfim, nós dávamos uma caminhada em grupo ou nós jogávamos um truco, ou jogávamos botão. Uma vez o professor José Luiz botou uma mesa de futebol de botão, nós jogávamos. Ele morava aí na Escola, lá nas casas para os servidores e nós jogávamos botão. Então depois da marcenaria, nós ganhamos a sala dos professores e nosso grupo ia jogar truco, basicamente jogar conversa fora.” (José Ernesto)

FESTAS E COMEMORAÇÕES

Sempre o aniversário da instituição foi comemorado. Em 2024 completará 70 anos de funcionamento. Durante a semana do aniversário, no mês de março, havia gincanas entre os cursos. A boate do grêmio, na época do CAA, realizava todo o sábado uma reunião dançante. O refeitório tinha um grande salão e durante muito tempo foi utilizado para fazer comemorações, assim como o CTG pequeno, perto dos alojamentos. Alguns professores se encontravam fora da escola, nos finais de semana. Em uma época anterior houve um CTG maior, comemoravam aniversários e faziam churrascos (vide Figura 11).



Figura 11 - Servidores reunidos no antigo CTG. Década de 1990.

Fonte: Acervo Particular Gaspar Panes Guterres

Eunice: “(...) faziam baile no refeitório, era aquele salão enorme, vinha conjunto fazer, vinha gente daqui de Alegrete para os bailes no Colégio Agrícola, bem famosos. (...) Baile, baile. ‘O’ baile, esse baile era uma vez por mês, às vezes dois. Mas ia gen-

te daqui de Alegrete para os baile lá. Claro que é mais homem que mulher. E o meu irmão (Angel Denei) junto, né, e saia do baile tinha que ir junto embora e às vezes a gente arrumava um namorado, saia de mão dada com o namorado e ele bufando de brabo ((risos)) eu e a cunhada dele que ia comigo, a Rosa pobrezinha, que se foi já (...). Sempre fim de semana. Mas era só baile. Pessoal só durante a noite, terminou o baile, terminou tudo, foi todo mundo embora e os alunos iam pro alojamento. Vinha daqui de Alegrete, tinha um conjunto, até hoje ele tem o conjunto em Itaqui, o Paulo Afonso, que tocava, tocavam lá.(...) tinha uma sala só da boate, mas era pequena.

A boate ... coisa mais linda! Ia gente daqui de Alegrete para a boate lá, era bem frequentado, só aquelas músicas antigas (...). Eram eles, o pessoal do grêmio (que organizavam) tudo, na minha época era o Guest, que mora em Brasília agora, é, Guest, que foi o primeiro do... grêmio estudantil, que criou as boates, Guest, mora em Brasília ele, a mulher dele é minha amiga. (...) A gente ia, ia as filhas de funcionário, tudo iam, a gente ia, mas com permissão dos pais, não é, a gente ia assim, era uma delícia. Eu até aprendi a dançar, porque eu nem sabia dançar quando eu comecei a frequentar (...) É bem na esquina da, eu não sei se ainda tá aquele prédio daquele jeito ali, sabe o prédio lá de cima, que tem ali com os campos de casa, na esquina do outro prédio que dá paras salas de aula, tinha uma caixa da água que a gente passava por cima, por baixo assim, que para cá era o refeitório, para cá tinha o almoxarifado. Depois era não sei o que e no canto lá era a boate, que depois mudaram tudo e fizeram tudo de banheiro ali.” (Eunice)

Joaquina: “O grêmio fazia reunião dançante no sábado... com boate com luz negra, tinha um rapaz chamado, apelido de Minhoca, não lembro o nome dele. O Minhoca, lá de São Luiz, pintou todas as paredes daquela peça e tinha luz negra (...) tinha uns carros, umas coisas assim (a pintura). Agora, moça de bem não ia na boate, o pai Deus o livre, não deixava a gente ir. E as gurias iam (filhas) dos funcionários do colégio moravam ali tudo, mas para o meu pai eu não podia ir, Deus o livre, porque imagina! Eu tinha... quando o Minhoca fez aquela boate ali, eu tinha uns 15 anos, eu acho. (...) O grêmio estudantil, a ideia foi do Guaresque, que já morreu e do Vincentini, de uma gurizada lá, porque naquela época entravam no segundo grau com 20, 22 anos.

É os que criaram o grêmio estudantil, o GREAGA, que fizeram essa sala de, fizeram vaquinha, compraram cadeiras, compraram as mesinhas, bem ajeitadinho, era uma, era um point bem, bem legal, mas a gente não podia ficar muito tempo lá porque fechava, a luz apagava as dez horas da noite, era à motor, era um motor a diesel que iluminava tudo, não existia rede elétrica, depois quando eu fui para o segundo grau, aí sim, aí já tinha rede elétrica, já tinha caixa d’água. Eram mais cedo (as festinhas), começava às seis horas, às nove horas, ali um pouco terminava a festinha. (...) quando a minha irmã mais velha ia ela me levava, ela me levou duas vezes, mas uma vez a Eunice me levou, também. Dançavam de rosto colado, de sainha bem curtinha, por aqui assim, se espichava muito o braço aparecia a calçola ((risos)). No tempo da mini saia, ali já no segundo grau a mini saia já não era tão curta, mas já era, compridinha assim. (...) Foi lá no salão nobre (a formatura), é uma sala enorme que eles deixaram só numa e a gente tirava as classes, era lá mesmo e o baile de formatura, foi lá mesmo no refeitó-

rio, que depois incendiou o refeitório, no tempo do Marcos diretor, eu não estava mais lá (...) algum curto circuito.” (Joaquina)

José Nilton: “(...) tinha outra questão também, das festas internas, sempre existiu. No meu tempo, lá do Ginásio Agrícola e do Técnico, existia os bailes, bailes de aniversário do grêmio, baile de aniversário da escola, sempre tinha, achavam um motivo de fazer, assim, a cada dois meses ou a cada data importante, um baile dentro da escola. No refeitório da escola funcionava um salão de baile, festa organizada, com rainha, desfile de rainhas agrotécnicas também, as gurias se dispunham (...) a desfilarem e conseguir também outras meninas, colegas da cidade e tal para participar do desfile.(...) Existia também a boate, a boate dos alunos. A boate que foi, assim, na minha época de Ginásio ali já funcionava, lembro até do primeiro mobiliário que a boate conseguiu com o antigo ... da época da intervenção militar, antigo diretor Jim Meirelles, que foi o interventor militar e ele, em uma passagem de pouco tempo pela escola, foi um ano e meio, eu acho, um ano, não chegou a dois anos.

Naquele período, ele mobiliou a boate com cadeiras estofadas; banquinhos; mesinhas, assim, para ficarem quatro sentados do lado; uma boa Eletrola, no tempo da Eletrola, que não é o toca disco atual, o três em um, não, era uma Eletrola da moda da época, isso lá em 1966, 1967, 1968. Tinha a boate, que funcionava muito bem e também ali era um point da gurizada que gostava de música, então a mínima coisa, acontecia: ‘Não, vamos para a boate, eu to com a chave da boate, vamos lá escutar umas músicas’, bem assim que fazia o comentário: ‘Ah! de noite vamos fazer aquela listinha das músicas e vamos atender pedidos’, ficava assim e as músicas que ouviam, até ontem eu acho que faleceu um dos grandes bateristas do *Rolling Stones* que era o xodó da época, junto com *Rolling Stones*, Renato e os seus *Blue Caps*, os bem lembrados, Renato era um dos meus preferidos (...) depois começou o lado da música nativista, a música mais regionalista, aí começou a aparecer os violonistas, os cantores... aí nesse, nesse lado da, da tradição, não só do DTG de hoje, que naquela época era um CTGzinho que tinha atrás da cozinha no galpão da lenha, por ali começou, apareceu os declamadores, os cantores, os violonistas, duplas de violonistas, na época eu me lembro do Erano Nouro e Pedro Comaceto, grandes, grandes violonistas e cantores, tinha um grande declamador, hoje falecido, era o... Compadre, nós tratava o Compadre Pacudo, o apelido dele, mas o nome é José Dicemar Machado, é de São Pedro. E muitos artistas, tinha Jerônimo Prates Afonso, cantava músicas românticas do Nelson Nede e assim por diante.

(...) depois, o grêmio organizou o chamado ‘auditório’, todas as sextas de noite tinha auditório. Era no salão de festas da Escola, ou seja, nós chamávamos o salão nobre, ali organizava o espaço para os artistas se apresentarem e a gente ficava em uma grande plateia assistindo aqueles alunos ali, aqueles colegas se apresentando e divulgando o tradicionalismo, o regionalismo e até coisa muito boa. Lá tinha também o cinema, na época o grêmio organizou o cinema, organizou também a compra da, foi na época do Jim Meirelles também que mobiliou a boate e comprou a primeira televisão para esse salão nobre.

Então nós assistia ali os primeiros filmes, tinha no cinema mesmo. Tinha máquina projetora de filme, que alugavam os filmes, tinha ah muitos filmes, Sete Cavaleiros

Negros, Zorro e tudo nessa base assim, lá na televisão a novela da época, é ... os Irmãos Coragem. Então tinha o momento de assistir o cinema lá, as novelas. Esse cinema funcionou até 1971, que daí quebrou a máquina e não dava mais, passava no concerto, passava em concerto e foi um ponto que tiveram que abandonar a máquina e terminou o cinema que aí já tiveram. Trocaram a televisão, então aí já tinha filmes melhores na televisão. Tinha sala da TV, nessa época melhorou bastante.” (José Nilton)

Bento: “(...) logo que eu entrei como professor tinha um churrasco uma vez por mês, só dos homens, que era a turma do Bolinha, então a gente se reunia na casa ou do professor Mauro Quinteiro ou do professor Ramos, sempre tinha, era numa quinta-feira, não me lembro se era na primeira do mês ou na última, eu acho que era na primeira do mês que fazia o churrasco a turma do Bolinha, era muito interessante, mas depois foi se apagando e hoje, com o crescimento... com o IF né, que criou essa enormidade de cursos e estrutura, o número de servidores, de técnicos administrativos, de professores é tão grande (...).” (Bento)

Luciano: “ (...) guarda nunca é bem-visto, porque se faz aquelas festinhas da turma de alunos, eles fazem para contar as histórias, e guardinha nunca é bem-visto. Porque a vitória deles era a conquista sobre o guarda. Então eles não fazem questão de convidar. Até... a pouco tempo atrás um amigo meu me convidou... me convidou para a festinha, não sei quantos anos dele, aí eu prometi de ir, mas chegou no dia aí eu não fui ((risos)). Ele me cobrou depois, “bah, não foi lá”, eu disse, só faziam gozação comigo, de me botar numa lata de água fria ((risos)).” (Luciano)

José Luiz: “A vida social das pessoas (...) era dentro da comunidade alegretense(...). O bruto de professores, técnicos, normalmente era constituído por homens, era normal a gente, duas vezes em média, duas vezes ao mês, a gente fazia um jantar de fim de semana, nos encontrávamos para jogar carta, para dar risada, para beber um pouco, enfim, para se ter uma interação. Um reforço de convivência, porque o nosso dia a dia lá, muitas vezes não permitia um contato mais efetivo, em função da exigência laboral da gente, que era muito grande. Nós tínhamos um horário, assim, que era bem concentrado dentro das necessidades da Instituição.”(José Luiz)

Carla: “(...) tinha já quando eu fui para lá, lá em baixo, atrás das casas, nem sei como é que tá lá agora, faz tempo que eu não vou, lá tinha um CTG, lá era um lugar onde o pessoal se reunia, fazia churrasco, comemorava aniversários, tinha churrasqueira e tinha mesas ... aquelas coisas típicas de um CTG. Mas também sempre se usou muito o refeitório. O refeitório era um lugar usado com frequência para fazer comemorações, depois se construiu aquele CTG pequenininho perto dos alojamentos ali de cima, que também era bastante usado de base, principalmente nos eventos mais de cunho tradicionalista, Semana Farroupilha, essas atividades assim.

E depois a gente conseguiu, por comodato com o Sindicato Rural de Alegrete, aquela sede lá no parque de exposições, aí lá também passou a ser um lugar que a gente usava bastante para fazer confraternizações entre os servidores, com os alunos,

durante a exposição agropecuária. Na Semana Farroupilha, depois que o grupo aumentou de tamanho, é que o CTG deixou de ser suficiente e aí passamos a usar aquela sede que tem lá no parque de exposições. Claro colocava um lonão, melhorava, ampliava o espaço. Então é ... essa questão das confraternizações e comemorações isso sempre foi muito forte, tanto do ponto de vista de comemorações de datas e quanto de a questão de realização de eventos.

A questão do Colégio Agrícola é muito associado assim, um evento é... junto tinha que ter a comemoração, e a comemoração ela implicava necessariamente, em se ter ou um almoço ou uma janta, e, normalmente, um churrasco, pela questão cultural ou um bolo frito. Então, assim, todos os eventos eles sempre conversaram muito com juntar, agregar as pessoas e comer junto, então isso (...) sempre foi muito forte e os espaços eram basicamente esses: o CTG lá de baixo, o CTG lá de cima, o refeitório sempre foi muito usado e também, depois, o estande lá no parque de exposições, em Alegrete.”
(Carla

ATIVIDADES ARTÍSTICAS E CULTURAIS

A escola fez história com os seus desfiles no 7 de setembro e no 20 de setembro, onde faziam encenações, tinham carros alegóricos, banda e balizas. Hoje já não temos mais aqueles desfiles gloriosos, onde Alegrete parava para assistir. Nas gincanas do mês de aniversário havia também uma espécie de show de talentos com provas artísticas. As atividades ligadas ao tradicionalismo sempre foram estimuladas pela gestão. O DTG Herança Farrapa, localizado dentro do campus, foi inaugurado em 1986 e contava já com uma internada artística. A semana farroupilha é comemorada desde sempre com diversas festividades. A festa junina era uma festa recorrente na escola ao longo dos anos. A professora Dirce e o técnico Francisco Lima aparecem como incentivadores da arte e da cultura dentro da escola.



Figura 12- Joaquina e o colega do Técnico Agropecuária, Zelavir, representando dois colonos no tradicional desfile 7 de Setembro. Fonte:Acervo Particular de Joaquina Loriz Adolpho.

Eunice: “Desfilava e na frente, de porta-estandarte do Colégio, eu era a mais alta (...) aqui em Alegrete, traziam a gente de lá. Era lindo os desfiles no Colégio Agrícola.

Tinha um rapaz de São Borja, como é o nome dele, era gauchão, gauchão, que se pintava todo o corpo, se fazia uma estátua e desfilava, do laçador, e desfilava assim, com o corpo todo pintado, que tu dizia que era o laçador que tinham trazido (...) ele não chegou a se formar, esqueci o nome do guri, era gaúcho, gaúcho. Isso aí na minha época, eu estou falando de setenta para trás, de setenta para frente eu já não posso falar nada. (...) Era no sete de setembro.

E ganhava nota quem vinha desfilando, nessa época davam nota, presença. Ia desfilando, marchando mesmo, banda do quartel para tocar (...). (Uniforme) tinha só para desfile, que eu dei para minha irmã até, a roupa do uniforme, a saia azul e a blusa branca e o sapato escuro. Tinha o símbolo da escola, GREAGA, era o símbolo, era um leão. GREAGA, Grêmio do Colégio, Grêmio da Agrícola, era assim, alguma coisa. (...) o Colégio Agrícola separado de todo mundo, nós éramos sempre os últimos a passar. Dali para o ônibus, para casa. Por que o colégio era responsável por todos os alunos, se alguma coisa acontecesse com um aluno, a escola é que ia responder, então não deixavam ficar, se viessem era nos dias de folga, que fim de semana aí podiam vir na cidade fazer o que quisesse, a escola não se responsabilizava, mas quando eles nós estávamos sobre a proteção do colégio, era assim.” (Eunice)

Joaquina: “(...) tinha apresentação de talentos, tinha gincana, tinha vaquinha, a gente fez vaquinha e quando chovia não conseguia atravessar de um prédio para o outro porque era muito molhado, ali era uma grama que tinha uma, agora eles fizeram prédio ali, mas a gente fez uma, um dreno e a gente fez vaquinha para comprar cimento, para cimentar o espaço para passar, fizemos um passeio entre um prédio e tinha uma área, uma área que a pessoa fazia a volta todo, para ir para a sala de aula, e aquilo ali era um ganho para nós, porque o professor fazia a volta, toda a volta na área para chegar na nossa, no canto, aí a gente ficava de bagunça. (...) a gente não tinha assim, muita estrutura (...) matéria-prima para ti trabalhar um desfile bem-feito, era só na base da imaginação.(...) Tinha (desfiles) temáticos.

(...) eu desfilei de imigrante (vide Figura 12), toda dourada, dourada dos pés à cabeça, com a boneca como se fosse um bebê e o Ezelavir, que tá vivo, parece que em Santa Maria, com a enxada (...) o desfile era assim oh, o máximo que eu, o máximo que a gente podia apresentar em pleno asfalto, encenação da Revolução Farroupilha a gente fazia(...)carro alegórico de montão, com batata, com mandioca, com tudo o que produzia, com taco de leite, esquilando a ovelha. Tinha um caminhão, montava aqui (em Alegrete) desfilando e esquilando a ovelha, fazendo como se estivesse fazendo um queijo, a gente trazia tudo de lá da escola) e fazia os desfiles assim. (...) Eu não sei o que que aconteceu depois, eu saí de lá depois de 1973, se ainda existiu, estátua eu acho que não, mas até, o Irion (Irion Pujol, esposo) entrou em 1987 e ele carregava, existia desfile temático (...) tinha banda, tinha as balizas (...) e a Escola tinha um grupo de dança que se apresentava em tudo o que era lugar e a Dirce era madrinha deles.” (Joaquina)

Francisco: “(...) eu tinha umas fotos boas, mas no fim, nas minhas mudanças eu perdi as fotos antigas que eram fantásticas, eu desfilando no tempo de CAA. Eu desfilei

puxando um carrinho cheio de verduras e com chapéu, ia outros montados nas roupas de melar, fumegando, botando fumaça e tudo, era um desfile temático, a coisa era tão boa que assim oh, a praça Getúlio Vargas de Alegrete, ela ficava cheia, até o Colégio Agrícola passar as pessoas não arredavam o pé: 'ai eu quero ver o Colégio Agrícola!'. A gente levava gado, levava ovelha, tudo, tinha cabresto e tudo. Mas, era uma função de caminhão, de trator e coisa levando. Mas isso durou ... até virar IF praticamente, até 2006, 2007.

Assim, era desfiles temáticos, mas megas desfiles temáticos, que a gente trabalhava e fazia as coisas que, eram uns desfiles bonitos, sabe, lindos, lindos. Do sete (de setembro) montava, ah se montava tudo, a gente arrumava caminhões, arrumava reboques, tudo. E era obrigado, o aluno tinha que passar marchando sempre tinha professores e alunos e funcionários ali, que eles coordenavam tudo, como é que ia, os pelotões, normalmente os professores da educação física (...) e eu fui um cara que desde que entrei, sempre fui tradicionalista, sabe, desde que entrei aqui já comecei a trabalhar dentro do... grupo de internada aqui de dentro, fui eu que criei (...) mas depois, aí quando eu vim ser funcionário, em Manoel Viana eu já era participante do Grupo Ramotim, é um grupo de dança e grupo de ginetes Tropolha Gaviona, que fui patrão duas vezes (...) dançava e tudo, e aí cheguei (CAA) aqui já fui direto junto com os guris que eu conhecia para o grupo de dança daqui, DTG que a gente chamava, Departamento Tradicionalista Gaúcho aqui.

Esse DTG foi aberto em 1986, o ano que eu entrei. E aí, depois, em 1990, eu criei aqui dentro, criei eu, o professor Marcos, o Antônio Morcelli, que já morreu, nós criamos ... é que lá em Manoel Viana, normalmente eu era coordenador lá de uns encontros de ginete e de uns encontros de internada, aí inventei de criar um encontro de tradicionalista de, tradicionalista, como é que o primeiro foi, encontro tradicionalista de folclore e cultura, para poder agregar outras coisas, não ficar só o gaúcho ali, só o tradicionalista, porque já tinha o ENART, tinha aquelas outras coisas ali. Criamos aqui, convidamos São Vicente, Bento Gonçalves, Sertão e Alegrete, quatro escolas, só Sertão veio com toda a equipe dela e veio, as outras escolas não vieram participar, não compraram a ideia na hora e tal, mas aí nós fizemos esse encontrão aqui, aí era uma coisa bonita assim oh, porque era um encontrão que tu, tu competia com as coisas da... atividade, quem tirava leite mais ligeiro, era isso que a gente fazia, aí tu escolhia o peão e a prenda agrotécnicos nesses ...Encontrão, porque tinha gente de fora, era um encontro tradicionalista que nós criamos, mas aí no segundo já foi lá em Sertão, depois o Marquinhos fez em Sertão, aí já foi Bento e já foi São Vicente também, aí começou a tomar conta.

Tinha premiação de laço e tudo, tudo tá premiado e aí a gente levava os melhores alunos sempre. E aí nós convidamos Santa Catarina, aí começou a vir Concórdia de Santa Catarina, Sombrio de Santa Catarina, depois Rio do Sul nós conseguimos trazer também e aí virou das Instituições Federais da região sul. (...) 27 anos, a única coisa que perdurou 27 sem faltar nem um ano, era esse encontrão, que os alunos ficavam já, entravam em março pensando: 'esse ano eu quero ir no encontrão, vou fazer alguma coisa' (...) laço e outras coisas, declamação, internadas, sempre apresentação de internada, quatro dias às vezes chegava a se envolver.

Mas eram no início sete instituições, aí quando criou, criou-se os IFs né, aí deu aquela lenga lenga, tá, mas agora não é só esses, vai ter que entrar os outros também, uma briga, nós os mais antigos tentamos trancar os pés e tal, mas não, acabamos perdendo, na força acabamos perdendo, tinha que abrir para todos os IFs que fizessem parte da região sul, tinha direito de participar, só que aí transformou bastante, aí virou quantidade e não qualidade mais. Aí junta 600 pessoas hoje, um montão desses, aí você não consegue trabalhar mais com aquela coisa bem, até as modalidades tiveram que mudar, aquelas coisas rápidas, aí já não deixaram sair mais, mais que dois dias, é só sexta e sábado e domingo era da volta, antes não.

(...) eu fiz aqui dentro em 1996, quando nós sediamos aqui, que aí já veio as sete escolas mesmo, eu fiz a reconstituição da batalha da ponte do Alegrete. (...) Em 1996 é a batalha que o Honório Lemes, o leão do Caverá e o Flores da Cunha, fizeram aqui em Alegrete na ponte Borges de Medeiros, na Revolução de 1923. Aqui, ali, a gente tem, transformaram o prédio novo e aquela biblioteca se formando ali oh, ali é uma lagoa, era uma lagoa bem grande na época, cheia assim, eu consegui com o quartel de engenharia, esse de Alegrete ali, o IBE, veio e montou uma ponte em cima daquela lagoa para nós... gente do Honório Lemes para cá desse campo de futebol, para cá e ia daqui para lá e vinha os Flores da Cunha, que estavam defendendo Alegrete, vinham de lá para cá e bala e bala e muita coisa e muito tiro...mandava carregar com festim, naquela época dava para fazer, nós tínhamos grupo de gente, Tropicilha Gaviona, nós fazia todas essas reconstituições.

(...) *Ketchup* furado e caia ali, e aí nós deixava uns assim atrás das trincheira, sempre umas coisas aí, com aqueles morteiros, só... atirado aquele *bum, bum, bum*. (...) foi filmado, foi até para os Estados Unidos isso (...) Nós temos que conseguir e eu preciso conseguir, porque o nosso aqui começou a rodar, aí uma professora, a dona Elisa, nem sei se existe, coitada da dona Elisa, era de São Vicente, pegou para levar, para apresentar, não sei para quem, diz ela que daí lá estragaram, trancaram, ainda era naquela de fita, diz que enrolou, tentaram tirar e não prestou mais, ficou essa história, não conseguimos reverter, mas o Marquinhos de Sertão tem uma dele gravada e original, duas vezes ele me disse: 'não, quando tu quiser, tu vai ter que vir aqui na minha casa buscar essa cópia, porque eu não vou te mandar por correio, tu tem que vir na minha casa'. Porque a gente é muito amigo, sempre fomos, foi o cara que veio de Sertão que me ajudou a fazer o primeiro aqui (...) Marcos Oliveira, da Escola de Sertão, o filho dele veio no carrinho, com o filho dele no carrinho de bebê, ele e a Denise, a mulher dele, vieram no encontrão e a prenda deles foi que ganhou da nossa, foi escolhida a prenda agrotécnica, o peão agrotécnico foi nosso e a prenda agrotécnica era deles, a guria que ganhou. (...) nós contratamos esse grupo de ginetes, o Tropicilha Gaviona, que sempre fez, nós fomos praticamente a primeira Instituição aqui, Manoel Viana foi, que criou esses desfiles temáticos, fui eu que criei desfiles temáticos lá em 1984 (...) gaúcho, vinte de setembro.

Estava com o DTG instalado, tudo mais e tá, e aí esse grupo veio... eu peguei todos esses caras que eram praticamente os profissionais da época, porque nós fazíamos as representações durante o desfile da semana dos gaúchos, no meio dos cavalos, fazia as representações e ali corria bala, corria tudo naquelas encenações que a gente tinha

que fazer e tinha gente que tinha que se atirar, tinha que morrer. E só com os meus guris de Manoel Viana, que eu tinha uma galera, eu treinei todos eles, aqueles guris se atiravam, morriam lá no meio do asfalto e tudo, sem problema nenhum. E aí tu tinha que ter essas pessoas que eram treinadas, outra pessoa não vai saber sair, cair de um cavalo lá e não se machucar (...) a EAFA foi até 2008, 2008 que começou o Instituto, até 2007, 2006 era uns desfiles de apaixonar mesmo, porque a gente tinha e eu sempre fui apaixonado, sabe porque que eu criei esses desfiles temáticos lá em Manoel Viana? porque eu era apaixonado, eu ia até quatro horas, cinco horas da manhã olhando os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro naquela época, adorava aqueles coisas, que era os desfiles temáticos, naquele tempo ali.

(...) a primeira vez que eu fiz a reunião em Manoel Viana, que eu era coordenador do desfile do Tropicilha, eu propus, eu comecei a trabalhar e falei com uns lá antes, lá por março, abril, maio por ali, não sei o que, digo: 'nós podia fazer esse ano... desfile temático do Tropicilha para, fazer diferente, que só passam gente aí a cavalo, bebendo canha e dando grito, vamos fazer uma coisa diferente'. Tá, aí tive apoio de uns, de umas gurias ali também, o pessoal que estava fazendo faculdade, cabeça mais aberta também, a Sonja, o Gilmar, 'bah, mas seria legal fazer isso aí e tal'. E aí fiz uma reunião lá e aí os parceiros mais tradicionalista: 'bah, tá louco, aí vão transformar nosso desfile agora em carnaval' (...).

Cabo João, que está aí em Alegrete, é tradicionalista e locutor ia junto, sempre ia junto no Tropicilha, desfilava conosco, foi o que bateu muito contra: 'ah tchê, bah... isso não vai ser tradicionalismo mais', aí comecei a dizer para eles: 'mas dentro disso aí tem uma história, tem cultura, tem um monte de coisa para você falar e passar', e começamos a fazer essas coisas, primeiro... primeiro que fizemos aí foi, comprovamos, aí colocamos como base mais, assim, chamativo mesmo, botamos cavalheiros, mas transformei em blocos, alas, transformei em blocos, cada bloco tinha um coordenador e tudo mais, aí nós botamos, puxando... começou, a Sonja que sugeriu ... foi a evolução da pilcha gaúcha desde lá dos peões da Vacaria, da onde veio até chegar o gaúcho atual e aí nós fomos desfilando e falando, cada um que desfilava, era aquele ali à cavalo, a prenda e a gente ia dizendo porque que aquele, que época reinou aquilo ali, como é que foi, que é que usava, se era as filhas de fazendeiro ou se era da (...) era só nós diferente ali.

E aí em Alegrete também, a gente formava aquilo ali, ajeitava aqueles desfiles, que eram fantásticos! a praça não saia embora enquanto a EAFA não entrasse com tudo aquele... Naquela época eles tinham um acerto assim, não coincidia, Alegrete fazia o dia 20/09 que fosse perto ali, domingo; sexta era aqui no Passo Novo; sábado era Manoel Viana e domingo Alegrete, então você podia ir nos três (desfiles). E nós fazíamos montagem lá e fazia montagem em Alegrete (...) e ali na praça Getúlio Vargas, naquele prédio quase em frente onde tem um pórtico ali, na frente ali tem um museu, parece que um museu não sei das quantas, agora ali (...) vê que tem umas escadinhas e tem umas grades, aquilo ali transformamos no quartel-general que o Oswaldo Aranha tomou.

O cenário e tudo mais, trouxemos os milicos lá da companhia de cima, enchemos de milico lá, de guarda e tudo mais e aí tu vai ver que tem gente morta pelo chão ali,

tudo, tudo, aquilo tudo foi feito assim ao vivo e à cores, sem ter que voltar: ‘volta que deu errado’, não! era o desfile andando (...) terminava, mas aí eles... mandava alguém segurar o outro, a outra entidade que estava atrás, dava uma seguradinha que tem uma representação lá e aí a gente fazia a representação, mas não era muito assim, mas dez, quinze minutos a gente ficava tomando conta daquilo ali, e aí morria gente daqui e eu fui preso e eu saí num carro preso, num carro modelo ‘A’ da época, que o dono tinha em Alegrete, tem, ele disse: ‘eu não empresto, eu vou dirigindo pra ti, mas não empresto pra ninguém’, e eu vou preso com a minha família no carro modelo ‘A’ que era lá de Porto Alegre na época.

(...) então a gente pesquisava e buscava as coisas assim tudo, para fazer isso (...) ‘busca meios’, é o que diziam, nós não ganhava nada da Escola, nós fazia rifa, nós fazia baile, nós fazia jantar, fazia tudo, trazia daqui, arrumava de gente de lá, um me dava uma vaca e ... de noite e para... ensaiar e olhar e tudo e montar aquilo ali e algumas coisas nós tínhamos que treinar, fazia em Manoel Viana lá. Ah, o professor José Nilton foi desde o início, sempre... A Dirce e a Greice, também, foram pessoas que na parte feminina e com os alunos, era elas que tomavam conta, ajudavam e tudo, tudo. Essa parte era a Dirce e a Greice que tomavam conta dos alunos ali, ajeitavam e tudo mais e eu com os guris a gente pegava outra parte de fora, de logística, de achar isso, achar aquilo, laço e coisa... levar para as representações a gente levava. (...) coisa emprestado, tudo, tudo.” (Francisco)

José Nilton: “(...) hoje funciona o... DTG, inclusive nesse momento, acho que uns três anos para cá, está meio parado. Sempre funcionou o DTG, sempre funcionou as internadas artísticas, todo ano sempre tinha uma internada artística. De um ano passava para outro e iam deixando sua marca e despertava o interesse de outros meninos ou meninas, as prendas e os peões, se interessarem em participar do DTG em função da internada artística (...) um destaque muito grande do DTG do meu tempo, eu toquei aí muitos, muitos anos de orientador do DTG. Eu fui orientador do DTG (por) bastante tempo para participar nos encontros de escolas federais, encontros tradicionalistas das escolas federais da região sul, então houve já em torno, eu perdi a conta até, mas eu acho que está na vigésima oitava edição.

Esses encontros, encontros tradicionalistas das escolas federais da região sul e já estávamos se reunindo por último aí quinze escolas, então imagina quinze ônibus, delegação de cada escola chegando em determinado local, por exemplo, se deslocar de Alegrete para ir a Sertão, Escola de Sertão, participar do encontro tradicionalista lá por até três dias às vezes.(...) eu até vou deixar um pedido que deem ênfase no DTG do Instituto Federal Farroupilha de Alegrete, DTG tá muito caído e os nossos alunos precisam, necessitam de um algo mais, principalmente na região da campanha onde eles estão inseridos, que existe muita tradição gaúcha e o DTG tem que fomentar essa tradição gaúcha e levar para outros pagos, como acontecia antes nos encontros tradicionalistas das escolas federais da região sul, que eu inclusive participei na maioria dos encontros, não lembro quantos, uns doze ou quinze eu participei, às vezes diretamente ou até indiretamente.” (José Nilton)

Gleice: “(...) a gente tinha um grupo de danças que a gente se encontrava, a gente fazia apresentações na Escola, em outros lugares fora da Escola, o DTG na verdade, foi criado ali dentro, mas já foi quase na época que eu já estava saindo, porque a gente usava mesmo era o CTG Aconchego dos Amigos, no último ano que eu estava na Escola, que o DTG foi criado, daí os guris se reuniam entre eles e faziam apresentações e tudo (...) a gente era apaixonado por fazer isso, a gente ensaiava quase que todos os dias, a gente não tinha nem dinheiro para mandar fazer as roupas e a gente dava um jeitinho daqui, um jeitinho dali e a gente conseguiu fazer todos os vestidos iguais, a gente se apresentava em Alegrete no Aconchego dos Caranchos, ali em Passo Novo no CTG Quero-Quero, a gente fez várias apresentações em vários lugares, onde os professores tinham uma festinha, alguma coisa, eles levavam a gente para nos incentivar e tudo, nos levavam para a gente se apresentar com o nosso grupo de danças.” (Gleice)

Bento: “(...) impressionante, assim oh, como nós éramos respeitados, claro que nos desfiles do sete de setembro a gente ouvia de tudo: ‘Ah! os batateiros do Colégio Agrícola’, ‘Ah! os pé vermelho’, ‘vão pra roça!’, ‘cadê a enxada de vocês?’... desfilando e ouvindo isso né, mas desfiles do Colégio Agrícola sempre eram lindos, lindos, lindos, lindos, mas a gente era chamado de batateiro e pé vermelho, isso era normal, isso era normal (...) vinte de setembro também a gente sempre participou, porque como o pessoal era muito do campo, então sempre teve ligados aos desfiles de vinte de setembro, eu mesmo desfilei várias vezes pela Escola Agrotécnica (...) antes um pouquinho de Instituto, tinha umas professoras que faziam varal cultural, umas coisas, mais essa parte artística, tinha a professora Dirce, acho que ela está no campus ainda, ela sempre estava envolvida e o esposo dela, que é o Marcos, que era o diretor, mas a Dirce era a mãezona lá de todo mundo, da gurizada (...).” (Bento)

Luciano: “Eu participei do desfile da semana da pátria em um ano com a escola. Tinha banda e tinha os alunos que vinham desfilando aqui, os professores, funcionários, teve uns anos que a gente veio. (...) Ainda mais que, a cidade tudo o que queria era ver um desfile da EAFA (...) na minha época desfilava aquelas mostras... aquilo lá de produção. Reboque com caixa de abelha, com cordeirinho, com, tudo o que não tem nos outros desfiles, o nosso desfile tinha, tipo uma temática assim. E a EAFA tinha isso tudo. E então era muito, muito prestigiado o desfile da Escola (...) É porque tinha o desfile de todas as escolas, então o encerramento era sempre ‘a’ Escola Agrotécnica.” (Luciano)

José Luiz: “(...) a escola como amplitude do nome descreve, ela não pode ser um ambiente de silêncio, toda escola tem que ter vida, tem que pulsar de forma latente, tem que ter um certo desarranjo social, vamos dizer assim, porque é um ambiente bem interessante, são várias culturas, são vários gostos, então a escola felizmente ela pulsa bastante nesse aspecto. E dentro das atividades culturais que a gente tinha, a Semana da Pátria normalmente também tinha o acompanhamento da Semana Farroupilha, onde o pessoal sempre gostava de cultivar as ditas tradições, andar a cavalo, de ir para baile pilchado, etc. e tal. Nós tínhamos internada artística dentro da Instituição, meninas aos pares com os meninos para fazer as danças de internadas. Nós tínhamos

nas... programações anuais, também um momento, assim, de bastante interação, com gincanas culturais realizadas dentro das áreas técnicas que o Instituto desenvolvia atividades, ou seja, todas as áreas, né, Informática, Agroindústria, Suinocultura, Zootécnica, Bovinocultura, área de Agricultura, todas essas áreas participavam de forma efetiva, fazendo com que essa gincana tivesse realmente um envolvimento maciço de todos os partícipes e uma preparação toda especial também da Instituição, para viver essa semana de... interações, que normalmente se dava por ocasião da semana do aniversário do Instituto.

Aliás, nesse campo tem uma coisa bem curiosa (...) nós temos no histórico de fundação do nosso Instituto, lá nos meados de 1950 e poucos, tá, onde consta que a Escola foi fundada em 1954 né, me parece que é isso, tá, eu quando eu fui estagiário, dentro do Colégio Agrícola de Alegrete, veja bem, eu fui estagiário da universidade da qual eu fazia um curso de formação pedagógica, aqui em Alegrete. Então para fazer o meu TCC da época, eu tive que acessar os documentos da época, que existiam ... de onde eu pesquisei, que na verdade, o Colégio Agrícola foi fundado em 1953, a primeira turma, sim, iniciou em 1954. (...) a gente acabou esquecendo, na verdade o que aconteceu foi isso, oh, uma ex-diretora que eu tive, ela esqueceu de comemorar o cinquentenário da Instituição, e isso foi uma coisa vexaminosa, e aí no outro, próximo ano seguinte, eles inventaram então que seria ali o cinquentenário, que a partir de 1954, tá, para terem a oportunidade de a gente voltar a comemorar então o cinquentenário da instituição.

(...) o Colégio Agrícola de Alegrete, ele é muito polêmico ao longo da história, vamos dizer assim, da história política de Alegrete, tá ... o Colégio Agrícola de Alegrete ele sofreu intervenção militar, nós tivemos um coronel lá dentro, que era quem começou a dar os rumos da Instituição, aliás, essa característica nós temos marcadamente né, nós fomos governados, não somente por um militar, mas também por vários outros, outras pessoas, pelo menos duas, três outras pessoas, que passaram que eram interventores. Nós sempre tivemos um histórico meio de convulsão ao interior, no Instituto. Eu mesmo participei de várias greves, eu participei da deposição de dois diretores, eu negociei diretamente com o Ministério Público Federal a exoneração de um diretor, e eu tenho esse documento guardado aqui junto comigo, foi uma nota de esclarecimento que o Ministério Público Federal prestou à cidade de Alegrete, da exoneração desse diretor. Então o nosso histórico político é bastante conturbado (...).

Durante alguns anos o Colégio Agrícola passou por uma intervenção militar, esse interventor militar, ele por sua vez, ele teve que fazer uma distribuição desses alunos que estavam aqui em Alegrete para Frederico Westphalen ... uma zona próxima de Passo Fundo lá, que se chama Sertão, tá, e para (...) São Vicente, aliás, esse pessoal todo foi redistribuído como forma de minimizar um pouco essa convulsão social que houve. Então veja bem o nível, o histórico nosso, como é que é.” (José Luiz)

Carla: “(...) quando eu fui para lá em 92 eu acho que não tinha professor de artes não, eu, se não me engano, era a Dirce, esposa do Marcos, que era professora de geografia, que liderava isso, é... e o Chico Lima, o Chiquinho, o Francisco Lima também, depois a Gláucia é mais recentemente, sempre tiveram muito envolvidos com, principalmente a questão tradicionalista. (...) a Semana Farroupilha sempre foi sagrado,

a questão de apresentações artísticas, declamação, dança, concurso de ... poesia, é... eventos de almoço, churrasco, aquela coisa, recheado sempre com questões é... de basicamente música, declamação, provas campeiras, essas provas que a gurizada gosta, vaca parada, uns troço que nem me lembro o nome, mas que puxam com couro, vai um em cima do couro e aquele couro vai sendo puxado, é... laço, então, então... é... isso sempre foi muito forte, mas principalmente associado à questão tradicionalista. Até porque o público, a grande massa de estudantes que a gente teve (...) sempre foi da fronteira oeste e os servidores também, da mesma forma, na época todo mundo era daí então, então... é a questão tradicionalista sempre foi muito forte. Mas depois, mais recentemente, começamos a ter outras iniciativas, os varais poéticos. Ah! fazíamos todo ano, por muitos anos, uma gincana na semana de aniversário do campus, que é no mês de março, então gincanas envolvendo equipes, composta por estudantes, por professores. Todas as equipes tinham que ter alunos de todas as séries, tinha que ter é ... representante dos professores, dos técnicos.

Essas gincanas, elas envolviam, provas das mais diversas naturezas, inclusive, provas artísticas que envolviam as habilidades, de canto, de dança, de declamação do pessoal, então isso sempre foi muito forte a questão é... de atividades coletivas, assim envolvendo todo o pessoal, envolvendo manifestações artísticas-culturais. (...) sempre foi muito forte a participação da escola no desfile de sete de setembro, era a atração principal da cidade, porque a gente fazia isso, levava (...) a gente levava as coisas, os animais, as pessoas, os alunos fazendo coisas sabe, então era uma atração à parte o desfile da Escola Agrotécnica no Sete de Setembro em Alegrete.” (Carla)

Otacílio: “(...) o entretenimento dos alunos, que eles gostavam muito, é das gincanas. As gincanas tinham que ter, e eu lembro bem que a professora Greice, que hoje está aposentada; e a professora Dirce Goulart, que é a esposa do professor Marcos Goulart, que foi diretor (...) as gincanas eram um momento de entretenimento, momento cultural ... de integração e também, há de se ressaltar, e era mais, eu acredito que até mais, mais forte no sentido assim de... ter a presença do alunado (...) década de noventa, eu acho que até anos 2000, 2005 talvez, depois se perdeu um pouco (...) é uma atividade muito integradora e os alunos gostavam muito.

(...) a professora Dirce (...) sempre quando falava, olha... a gincana, aí aquilo já era automático, entende, assim, ah vamos falar com a professora Dirce e vamos falar com a professora Greice, claro que todos participavam, todos ajudavam (...) uma situação bem, muito integradora também, muito motivadora, principalmente o pessoal que é ligado às tradições gaúchas, era o trabalho do nosso DTG, o Departamento de Tradições Gaúchas. Sempre teve os desfiles da Semana Farroupilha, a participação efetiva, numerosa, porque aí integrava aqueles que iam representar a nossa Instituição, de público, comunidade no desfile.

Existia um preparo muito grande, agora me veio na memória o Francisco Lima, ele sempre atuou bastante nessa área (...) tem professor, outros professores, o professor Zé Nilton, que hoje está aposentado, claro, da área de fruticultura também, a gente faz uma referência, assim, daqueles que, que sempre estavam muito entusiasmados. Professor Bento, ainda tá na ativa ... juntavam muito os alunados, os alunos e alunas

para essa festividade e já vinham se preparando. Nós temos inclusive, até hoje o DTG, que não era ali, eu quando cheguei na escola já ele, já estava se mudando, ele era lá... mais deslocado, não era tão ali no centro do campus.

Hoje ele tem, até hoje tá ali o DTG, com uma integração muito forte de... professores que gostavam da atividade, servidores em geral, docentes ou não (...) é os alunos através do DTG, onde tinha o peão, tinha a prenda, tinha os eventos, inclusive se fazia escolha de, de peão e prenda e iam daqui da cidade, convidavam pessoas para participar, para ajudar a escolher, para organizar (...) era muito mais vivo, era muito mais participativo, fazendo desfiles, tanto aqui no Passo Novo, perto do nosso campus, porque era em dias, não é no mesmo dia o desfile do Passo Novo e o daqui da cidade de Alegrete. E se tinham essas condições de dar o suporte, de novo a professora, agora me veio a professora Dirce, ajudava também nessa parte que ela gostava muito dessa questão de arte e tradição, ela se envolvia bastante, junto com outros. É, era um momento realmente bem, bem, bem marcante e significativo para os alunos, claro, gostavam muito, aqueles que ficavam, até para a Semana Farroupilha, tinha essa participação efetiva do nosso DTG (...)” (Otacílio)

José Ernesto: “(...) as festas na EAFA, no Instituto, elas basicamente se concentravam mais na época da semana tradicional farroupilha. A cultura do tradicionalismo é hegemônica aí e quase que única na minha época, no meu ponto de vista. Então a direção facilitava muito nessa relação com os alunos, fazendo uma semana de atividades da semana do gaúcho ... folga para os alunos participarem da chama crioula, sim, a cultura dominante era o tradicionalismo e eu tinha uma crítica profunda a isso, porque na verdade, não dava-se espaço ou não valorizava-se espaços culturais de outras manifestações culturais, nem de... da cultura afrodescendente, nem de outros tipos de manifestação cultural, como poesia, teatro, dança e essas coisas mais. As festas eram organizadas, em alguns anos tinha a festa de São João, que tinha atividade de quermesse para os alunos arrecadarem dinheiro para formatura, mas as festas sempre, quando elas existiam, elas tinham orientação ou ligação com as atividades ligadas ao tradicionalismo, então basicamente era isso.” (José Ernesto)

A PRÁTICA DESPORTIVA

Vários entrevistados concordam que a prática desportiva sempre foi muito forte na instituição. Havia atletismo com corrida, salto em altura, salto em distância e também futebol de salão e futebol de campo, basquete, vôlei e handebol. Os estudantes participavam de competições locais e regionais, como os jogos da juventude, jogos intermunicipais, JECA, JERGS, JIMPS. Quando pisavam nas quadras em Alegrete eram chamados de “pé vermelho”, numa referência à cor da terra no Passo Novo e também ao fato de virem de uma escola rural. Muito da supremacia dos times e atletas desta escola vinham do fato da maioria dos alunos, até a época do CAA, serem mais velhos e pela força que adquiriram com o trabalho no campo. O maior aniversário em Alegrete era o Colégio Oswaldo Aranha. Aqui são recordados os nomes de professores que atuaram nos anos sessenta e setenta, com Elci Pavani dando aulas do ginásio e, mais tarde, Getúlio Lemos treinava os alunos do Técnico Agrícola, observando a aptidão de cada um.



Figura 13- Corrida na pista de saibro, 1991.

Fonte: Acervo Instituto Federal Farroupilha - campus Alegrete

Eunice: “(...) era só aula de educação física, levei muita varada nas pernas também, do Pavani, Elci Pavani. Sabe o que ele fazia? A gente usava liga, não tinha cinta liga nessa época, e a gente botava liga no inverno para segurar as meias, e claro, fazia aquelas cintas nas pernas da gente. Então tu botava o calção e ficava amostra e ele dava varada nas pernas da gente: ‘tu vai ficar cheia de varizes eu já te avisei, quando tu ficares moça tu vais ver’, mas a gente era umas gurias também nessa época. (...) Ah era só jogo, só jogo, assim jogo de handebol, jogo de voleibol. No Ginásio era só menina, mas no técnico era tudo junto, não tinha o que fazer. Lá era campeonato de bola, futebol, que ia times daqui de Alegrete, a gente tinha que pedir permissão para os pais para deixarem olhar (...) uma vez a Vera, que é cunhada do meu irmão, esse Denei, que é minha comadre hoje, foi lá pedir para o pai para mim ir olhar: ‘seu Ângelo, dá para a Eunice ir olhar o jogo conosco?’, era os times daqui de Alegrete e os times de lá. Era um campeonato ali, de um dia só, na quadra do Colégio, e o pai disse não, ‘Ai pai, vai todo mundo’, ‘Todo mundo não, eu não vou’, e a Vera até hoje se lembra, da gaitada do seu Ângelo, aí no fim ele acabou deixando, eu fui assistir os jogos com elas, aí ela me emprestou roupa dela, me pintou, me penteou, para mim ir bem bonita.” (Eunice)

José Nilton: “(...) por exemplo, da área do atletismo, faziam as suas corridas lá no campo, outros pulavam, faziam os saltos em altura, salto em distância sempre tinha. E um detalhe, a Escola naquela época sempre foi destaque nos esportes regionais, jogos da juventude, jogos intermunicipais até. Isso aí foi muito, assim, relevante para os alunos. Tinham oportunidade de uma disputa para vir em Alegrete, fazer o chamado JECA, JECA, Jogos Estudantis Integrados de Alegrete, JECA e aí a Escola participava, mas já participava com aquele espacinho no coração, assim, de trazer todas as taças. E tinha um apelido, toda a Instituição tinha o apelido de ‘Papa-Taça’, então tudo o que é taça que existia na redondeza, nos jogos do Alegrete, jogos em Rosário, Jogos em Itaquí, levantavam todas as taças, não tinha, não deixavam nada para os outros, mínima coisa, às vezes por peninha.

(...) o grêmio estudantil foi sempre muito, assim, muito participativo. O grêmio se organizava, tinha voz ativa na direção, então tinha os projetinhos de fazerem as atividades, apresentava e lá eram liberados até alunos que precisavam alimentação diferenciada ... eram atletas específicos para representar a Escola em Alegrete, representar Escola até em campeonato, em corrida estadual, a nível estadual, tinha alimentação diferenciada para esses alunos, tudo organizado pelo grêmio, então o professor de educação física se dispunha a ser o técnico desses alunos, desses desportistas e o professor então organizava toda aquela rotina deles e o que precisava a Escola dava um jeito.” (José Nilton)

Joaquina: “No Ginásio o Elci Pavani fez a gente participar de corrida e salto em distância e altura, a gente participou no JECA, que é os Estudos Estudantis da cidade de Alegrete, nós viemos participar aqui no quartel, mas foi só no primeiro e no segundo ano, depois terminou, depois acabou. Ele treinava nós lá, treinava nós lá e no evento ele trazia. Tinha um enfermeiro chamado seu Romi, coitado, seu Romi não entendia de nada, mas era enfermeiro, ele dava injeção, ele curava, fazia curativo, tudo mais, tinha

um... esses inspetores de aluno, dois inspetores, o Denei e o Loe, tinha mais aqueles que cuidavam durante a noite, os vigias, a gente era bem vigiado, mas a criançada saía.” (Joaquina)

Francisco: “(...) professor Getúlio Lemos, nego Getúlio que nós chamava, era sargento do exército, negão 18x24. Mas é o cara assim oh, que transformava nós de simples guarapas em atletas, era fantástico aquele homem, ele fazia na educação física, de 1975 a 1978 que eu tive aqui, jogos, atletismo, era tão forte assim oh, que chamavam os ‘pé vermelho’, Alegrete chamava os pé vermelho né. Aqueles pé vermelho, quando entrava lá no Sete, no Real, Oswaldo Aranha, já gritavam: ‘pé vermelho, pé vermelho’, todo mundo em cima de nós. (...) eu estudava no Oswaldo Aranha, todo o ensino médio até a quarta série ginásial antigo, foi a última quarta série ginásial, que aí já começou depois a ter oitava série, ser séries, eu estudava lá e jogava bola lá e tudo, mas nunca fui chamado para atletismo nem coisa nenhuma, nunca, era, simplesmente ignoravam a gente lá, os professores Pavani, os outros, Geovani, outros lá e ignoravam nós, eu jogava bola mais ou menos lá e tal, nuns times lá, mas atleta não, nunca.

E aí nós viemos para cá, com o Getúlio aqui e aí ele pegava cada um da gente, fazia os testes e via a aptidão de cada um. Para tu ver e eu nunca tinha corrido e aí eu cheguei em 1976, eu acho que eu ia ser campeão gaúcho... 1.500 metros, eu ia ser campeão gaúcho naquele ano, porque aqui nessas regiões tinha ganhado todas já e treinava assim, eu ia daqui (guarita do IF) ia lá naquele bolicho (Jaci), dava quatro voltas, daqui da frente do Colégio lá, treinando com saco de areia, tudo, para fortalecer e eu me transformei num, num meio maratonista que chamam ... meio fundiário, não era, era fundiário, 1.500 metros eu ganhei todas essas regionais aqui, quando foi para Alegrete, que ia para Porto Alegre, ia ser na SOGIPA, aí jogando bola eu distendi os meniscos, passei três meses com essa perna engessada, dura pra não, pra não operar. Que aí distendeu, doutor Marco Paulo disse pro meu padrinho: ‘ou opera ou tem que botar uma tala nesse guri pra deixar esse menisco voltar’ aí o padrinho, mentalidade na época, disse: ‘não, não, bota uns paus, ata uns pau aí, não vai operar nada’, aí o cara botou uma tala, uns dois pedaços de pau assim, passei três meses até eu me (...).

Acabou a minha carreira de atleta, assim de bola também, passei dois anos sem jogar praticamente, não podia jogar porque não tinha, essa perna, não aguentava, me doía e aí terminou, mas aí eu digo, o cara (Getúlio Lemos) era, ele transformava, sabe, ele transformava essa gurizada daqui. Lá nós chamavam de ‘polentero’, tudo com a meia de, mas era assim oh, eu me lembro, essa última que nós fomos disputar que era o JECA, Jogos Estudantis Cidade de Alegrete, que nós podíamos participar e convidado, era obrigado a nos convidar né, nós disputamos vinte provas, ganhamos dezenove primeiros lugares e um segundo, imagina, então o poderio que era assim esse, sempre a gurizada daqui se superava, se transformava e preparo físico, por causa disso aqui, ele exigia também, e você trabalhando na enxada aqui e copiando bolsa. Então a gente foi muito forte nessa época, era bom.” (Francisco)

Bento: “(...) na parte esportiva do Colégio Agrícola, tinha o time de futebol de salão, era futebol de salão, não é, futsal é agora né, futebol de salão, futebol de cam-

po, vôlei, handebol e basquete, era muito fortes nessas modalidades, então tinha uns campeonatos, não sei se era JERGS, mas era algo assim, que se jogava em Alegrete, no Oswaldo Aranha, então o nosso grande rival na época, era o Oswaldo Aranha, então assim, era o Ginásio do Oswaldo Aranha lotado, nós, o pessoal do Colégio Agrícola nas arquibancadas, inclusive tinha até uma musiquinha: ‘futebol pra nós é piada, basquete e vôlei é canjicada, mas nós adoramos a Escola amada, mas se a galera precisar da macacada, nós estamos na arquibancada’... eu tenho a letra bem certinho assim oh: ‘futebol pra nós é canja, basquete e vôlei é canjicada’ e assim oh, a gente ganhava tudo, tinha hino do Colégio Agrícola, tinha música. (...) e imagina no estádio, nos jogos, era lindo de ver, então os nossos jogadores, os nossos atletas eram muito bons, assim, muito competitivos, então se ganhava muita coisa.” (Bento)

José Luiz: “(...) a vida sempre pulsou muito forte dentro do Instituto, os nossos alunos sempre foram muito... dados as atividades esportivas e eles promoviam torneios entre escolas. Participavam dos JIMPIS, dos JERGS daquela década, Jogos Estudantis do Rio Grande do Sul, queria dizer JERGS né, então nós sempre tínhamos uma representação, ou era representação atlética ou era representação de um determinado esporte, handebol, futebol de salão, basquete, vôlei, e do atletismo em si, né. A Escola Agrotécnica sempre foi muito conhecida entre a cidade de Alegrete, como bons atletas os alunos, então o atletismo era muito difundido. Posteriormente... a educação física, apesar de fazer parte... das exigências dos nossos educandos, já que não são todos os alunos que tem uma queda, vamos dizer assim... à medida que a gente tem tanta tecnologia disponível. Mas historicamente, né, sempre tivemos bons times, de... futsal, bons times de... futebol de campo e os professores, de forma geral, também tinham esse envolvimento dentro da nossa história, porque aos fins de semana, sempre nós tínhamos ainda, além de... acompanhá-los aos finais de semana, também participávamos juntos das brincadeiras com bola, de forma também a gente ser feliz um pouquinho (...).” (José Luiz)

Carla: “(...) Eu sempre fui muito ligada ao esporte, eu sempre pratiquei muito esporte, estudei no Oswaldo Aranha que tinha equipes esportivas bem fortes, e a EAFA, que na época chamavam de Colégio Agrícola, era muito forte na questão do esporte masculino. Então desde a minha adolescência a gente frequentava o Passo Novo, frequentava o Colégio Agrícola, em função do esporte, e também participamos de torneios. As equipes do Oswaldo Aranha, femininas, eram as mais fortes da cidade; e a do Colégio Agrícola, as equipes masculinas eram as mais fortes, então a gente participava de torneios juntos, viajava para eventos esportivos: os times do Colégio Agrícola e os times do Oswaldo Aranha.

Então a gente ia com frequência lá para praticar esporte. (...) sempre foi muito forte a questão esportiva (...) As equipes, tanto de esportes coletivos, como de atletismo do Colégio Agrícola eram fortíssimas. Havia muito muito.....empenho dos estudantes e dos professores no sentido da prática esportiva. (...) ela era praticada na quadra central ali, que era a quadra poliesportiva, que não era coberta, era uma quadra de laje, que tinha estrutura ali para vôlei, basquete, para handebol, mas era tudo na laje e sem, e sem

cobertura () Não havia pista de atletismo na época, essa pista de atletismo que tem hoje ali é bem mais recente, a gente fez, eu acho que foi no meu primeiro mandato, em 2003, 2004, por aí. Mas a prática esportiva era muito forte, havia quando eu fui para lá dois professores de educação física, que era o Carlos Eugênio e o Carlos Airton (...) e... sempre foi alguma coisa assim, muito valorizada ... tanto no Colégio Agrícola, quanto na Escola Agrotécnica”. (Carla)

Otacílio: “Eu queria ressaltar uma coisa que muito soma e que somou muito, é o esporte, eu acho que os alunos, quando aqueles alunos que tem um perfil para esporte, que aí tinham possibilidade de sair em viagem para outras cidades; os próprios jogos aqui na cidade, que até hoje. Claro, hoje tem ali um grupo de professores que coordena essa parte, lidera, trabalham muito bem, com explorar o máximo dos alunos no aspecto desportivo. para também darem uma condição de integração (...) naqueles jogos, inclusive interno ali, isso aí tem que ressaltar, e sempre foi assim, lá tinha jogos dos alunos também, tinha jogos interno, aqueles jogos internos, sempre, desde que eu entrei lá sempre teve. Os professores, o professor Carlos Airton, o professor Carlos Eugênio, que foram os primeiros ali que trabalhavam também com os alunos, como professor de educação física. (..) Então há de se ressaltar que esse foi um momento que tinha antes e se repete até hoje a importância de ter”. (Otacílio)

José Ernesto: “as práticas esportivas que existiam na escola, basicamente, eram a prática esportiva ali do... futebol de salão. Eu conheci a escola anterior quando ela tinha todas as atividades, atletismo, todas as atividades olímpicas, porque existia na minha época de estudante também, os Jogos Estudantis de Alegrete e a Agrotécnica, ela ganhava quase tudo, ela ganhava quase tudo porque, como eu disse anteriormente, os alunos do Ginásio da Agrotécnica eram com idade mais avançada que os alunos do Ginásio da zona urbana, por isso eles, na verdade, eles tinham uma atividade mais intensa, tinham uma força física maior, então eles nos ganhavam.

Eu joguei defendendo o Oswaldo Aranha, eu joguei futebol de salão, joguei futebol de campo contra a Agrotécnica e era muito difícil arrumar um empate com eles, geralmente, eles nos ganhavam. Eu me lembro assim, que o professor que coordenava os jogos aí antigamente era o professor Getúlio, eu não conheci o Pavani ainda como professor aí, soube que ele foi professor de educação física da Escola, mas à época que a escola ganhou grandes troféus, etc., era o professor Getúlio.” (José Ernesto)

O GRÊMIO ESTUDANTIL

Neste capítulo os entrevistados apresentam a importância do grêmio na instituição ao longo dos anos, mas destacam o período de atuação do GREAGA. Não mencionam, mas antes do GREAGA havia o CECATA, que tinha programa no rádio e coluna semanal no jornal Gazeta de Alegrete. Comentam aqui sobre as atividades realizadas pelo grêmio, desde manter o silêncio na biblioteca até organizar as festas na boate do GREAGA. Mostram que o GREAGA sempre foi muito atuante, não se limitava apenas às carteirinhas. O grêmio montou o salão de jogos para os alunos e arrecadava dinheiro através de um bar existente na boate. A eleição para presidência do grêmio até meados dos anos oitenta era muito concorrida, o grêmio era muito respeitado e os alunos respeitavam as regras. O grêmio assinava revistas e comprava livros para a biblioteca. Os alunos se mantinham atualizados sobre o mundo da música, uma vez que o Tonioto ia com frequência a Santa Maria trazer os últimos vinis lançados.



Figura 14 - Boate GREAGA, 1978

Fonte:Acervo Particular de Jerson Carús Guedes.

José Nilton: “Essa parte das... atividades internas com alunos, era tudo fazia parte do grêmio, o grêmio levava o nome de GREAGA - Grêmio Estudantil Agrotécnico de Alegrete, esse GREAGA ainda tem histórias lá internas por lá, é uma pena que tinha um último quadro na época da... cooperativa, a diretoria da cooperativa que a Escola tem uma época de, olha agora não lembro da cooperativa, mas foi fundada a cooperativa em 1982, é, 1981/1982 foi fundada a cooperativa, então ... nessa época, é na época era COAGRI que mudou o nome, a Escola passou a Escola Agrotécnica Federal de Alegrete e os alunos tinham a cooperativa, então na época da cooperativa funcionava paralelo o grêmio também, mas o grêmio logo foi extinto aí ficou só a cooperativa e hoje em dia eu não sei como é que está esse lado da cooperativa.” (José Nilton)

Joaquina: “O GREAGA foi criado pelo Guaresque, o Vincentini, tem uns quantos desses que estão vivos, a gente se encontra de vez em quando, a gente faz um encontro de vez em quando com eles.” (Joaquina)

Francisco: “(...) esse GREAGA era uma coisa tão organizada e forte que tu não imagina, super, super, então a diretoria mandava e comandava os alunos sim, o presidente do GREAGA era ‘o cara’, era um cara que se respeitava, e você tinha punição e era... obedecia, se tu fizesse qualquer coisa dentro da biblioteca e o cara do grêmio que estava lá, sempre tinha o responsável pela biblioteca e aquelas coisas de sempre, não pode falar alto aí, para aí. (...) e tinha o Raposão, Matungo, mas era aqueles cavalos quando eles entravam lá para dentro (...) Aí dava aquele rebu, e aí o cara dizia: ‘não, pára! que isso? não sei o que’, mas se tu tivesse qualquer problema ali que o cara dissesse depois para diretoria: ‘ah, o fulano lá, já tinha um bilhete ali, ah, o Francisco Lima impedir quinze dias, não pode entrar na biblioteca’, não entra, quinze dias tu não pode jogar bola, nem vai lá que tu não vai jogar (...) tudo, estatuto do grêmio era e você entrava e pagava, quando a gente entrava tinha carteirinha do grêmio, pagava a carteirinha, tudo, e era comandado pelos alunos, mas ele era forte, porque qualquer coisa que tinha dentro da Instituição o grêmio ia lá.” (Francisco)

Gleice: “eu lembro assim, que a gente ia lá para o grêmio, e daí se juntava só para conversar, jogar conversa fora, tinha boate, tinha boate na Escola, no grêmio, (...) às vezes a gente ia mais cedo para dar uma dançada, porque ainda a gente chegava um pouquinho antes do horário da aula (...).” (Gleice)

Bento: “(...) nós tínhamos um grêmio estudantil, era GREAGA, Grêmio Estudantil Agrotécnico de Alegrete, o grêmio estudantil ele funcionava assim oh, ele era praticamente um clube, porque o grêmio era responsável pela boate, nós tínhamos uma boate, nessa boate o grêmio tinha um bar, então, então o grêmio tinha uma diretoria e tinha os departamentos, então tinha o departamento de futebol, tinha departamento, o que é o departamento esportivo, departamento de divulgação, o DDI, Departamento de Divulgação Interno, quando eu entrei o diretor era o professor Marcos Valdemar Ruffo Goulart, o Marcão. Então o grêmio estudantil, o GREAGA, inclusive assim oh, a eleição do GREAGA era extremamente concorrida, porque (...). Por exemplo, assim, como

praticamente inexistia dinheiro vindo da universidade, desde livros, a biblioteca do Colégio Agrícola, da Escola Agrotécnica depois, ela era mantida pelos alunos do grêmio.

O grêmio que assinava revistas, o grêmio comprava livros e quem cuidava da biblioteca eram os alunos, o grêmio tinha uma sala de jogos, quem cuidava da sala de jogos era o pessoal do departamento de jogos e impressionante assim, as bolas de futebol, de vôlei, as camisetas dos times, era o grêmio que viabilizava, então era muito interessante, o grêmio tinha uma sala, a sala de jogos, hoje seria, deixa eu, deixa eu tentar localizar, inclusive o prédio continua o mesmo, foi a única parte que é nova, ali aonde é a lancheria hoje era a biblioteca e aonde é a cozinha da lancheria era a sala da diretoria do grêmio, a sala de jogos era atrás ali, atrás que eu digo naquela porta que entra para o auditório, aquela, ali era a sala de jogos, então, e o grêmio estudantil tinha uma hierarquia muito grande, ninguém gritava, porque se durante, na sala de jogos estavam lá, alguém gritava, ele já era punido, então os próprios alunos, então tinha uma, uma lista do que que podia, o que não podia comer, fazer, dentro da sala de jogos, dentro... da boate, da biblioteca, tinha regras, regras que eram cumpridas pelos alunos, e os próprios alunos que puniam, então alguém, por exemplo, entrava comendo dentro da sala de jogos, ah era suspenso por três dias, por três dias não podia frequentar a sala de jogos, ou se repetia, aí já não, já não podia entrar nos outros ambientes também, era, era uma hierarquia que funcionava, na boate mesmo, na época era LP né, discos de vinil, e a cada três, quatro meses alguém ia a Santa Maria, que aí tinha um aluno, o Tonioto, que era de Santa Maria, quando o Tonioto ia para Santa Maria, os alunos faziam uma enquete de qual, ou quais discos ele ia comprar em Santa Maria, porque é só Santa Maria que tinha os lançamentos né, e aí Tonioto trazia.

(...) e aí na boate, como é que funcionava a boate, tinha os responsáveis pela boate, e aí por ordem de chegada, por ordem de chegada faziam, por ordem de chegada tinha direito a pedir as músicas, então assim que funcionava, então dentro da boate o aluno independente de ser veterano ou calouro era por ordem de chegada a pedir as músicas. (...) a boate funcionava de domingo a domingo, mas aí só, ela tinha horário para abrir né, então era depois do jantar e nos sábados e domingos aí ela abria também a tarde, mas a boate era assim oh, era só para ouvir música mesmo, tinha umas mesinhas e tal, e uma vez por ano, uma vez por ano tinha uma festa de integração lá, que a gente fazia na boate, que era a festa junina, era um dos eventos do grêmio para arrecadar dinheiro, então fazia uma fogueira lá, perto do campo de futebol e vendia comida, bebida, vendia cerveja, vendia refrigerante, era, era liberado né, e aí como tinha 99% dos alunos eram homens, então vinha excursão de Alegrete e excursão de Manoel Viana, com... aí maioria mulheres né, porque até para o pessoal poder dançar, porque enquanto só nós, lá era um público só masculino mesmo, e essas festas eram, eram esperadas o ano inteiro, a festa junina do Colégio Agrícola era muito boa.” (Bento)

José Luiz: “(...) nós tínhamos também o grêmio recreativo, historicamente nós tivemos um prédio do grêmio, uma boate, que era uma sala escura, naturalmente. Uma boate para, para quem não sabe, é um local onde se... dançava, e esse era um ambiente muito rico, porque culturalmente ele era muito importante. As paredes eram todas preenchidas por gravuras (...) esse mural com todos os desenhos que eu conheci nes-

sas paredes (...) bastante amplas (...) e esses desenhos em todo o entorno dessa... boate, isso era uma coisa muito legal. O grêmio funcionava junto, que era o ponto de encontro dos alunos, no momento que eles estavam, ou em recreio, ou em intervalo, entre períodos, ou melhor, entre ... turnos (...) do matutino para o vespertino né, período de meio dia, eles iam, almoçavam, e, normalmente, depois era no grêmio onde eles se reuniam. Mas o grêmio, dentro da estrutura educacional... ele perdeu por poucos anos, depois, quando eu passei a conviver lá.

A partir dos anos 1990, me parece que (...) ele era meramente existencial. Porque o grêmio dentro de uma estrutura anterior, que eu cheguei a conhecer, o representante do grêmio ele tinha poder de decisão, poder de voto, junto à decisão do (...) Conselho Consultivo da Instituição. Então o grêmio ia e levava lá a posição dos seus pares, a posição dos alunos da época, eles promoviam debates para apontar alternativas que viessem a atender as necessidades deles e que também viessem a atender a necessidade da comunidade de onde eles vinham.

Então existia um interesse, no fundo, um interesse pedagógico, deles terem aquela interação, deles terem aquele convívio para servirem de agentes transformadores do meio deles, que na verdade esse era um dos objetivos do... nosso programa de ensino, enquanto Instituição... Essa é a lembrança que eu tenho do grêmio. Também, claramente, marcada por gente que era, eram maiores de idade, os alunos dessa época, grande parte deles eram maiores de idade, veja bem, maiores de idade e internos, imagina o grau de periculosidade que muitas vezes não era a coisa, né, porque, uma brincadeira aqui, mas eu te fazendo um relato, eu sabia que tinha muitos professores, em determinadas turmas, onde tinha gente muito velha, que eles tinham medo de ministrar as suas aulas. Então era uma coisa, assim, bem... diferente do que é hoje a nossa clientela educacional, né, o pessoal parece que vinha para cá, porque eram gente que tinham deixado de estudar, muitas vezes retomavam os estudos, então eles já vinham bem mais vividos, bem mais velhos para cá (...).”

Carla: “(...) o grêmio estudantil é... antes de eu ir trabalhar lá, ele era muito forte, inclusive eles tinham, o grêmio tinha uma sede ali onde hoje é uma sala, os... gabinetes dos profs ali em cima, ali era uma boate, que eles faziam boate final de semana, o pessoal ia é... para arrecadar recurso. Depois, quando eu fui trabalhar lá, a questão do grêmio continuava, mas era, já era uma... atuação... bem mais focada só, na verdade, em carteirinha de estudante, em representação dos estudantes junto a gestão do campus. Depois por um tempo o grêmio... praticamente adormeceu, nós tivemos uma temporada assim que não... é... havia reconstituição do grêmio estudantil e depois, quando a gente assumiu o instituto, aí nós criamos uma política de incentivo à organização estudantil, que foi quando os grêmios estudantis de todos os *campus* começaram a ser ou reconstituídos ou criados para aqueles campus que não tinham.

Mas se vocês olharem na história é o grêmio do GREAGA que era o grêmio estudantil do Colégio Agrícola. Ele foi muito forte na década anterior, na década de oitenta. Mas isso foi uma tendência do movimento estudantil, o movimento estudantil foi muito forte durante a ditadura militar, depois que o processo de redemocratização do país se estabeleceu, a mobilização estudantil foi reduzindo a sua atuação, e aí na escola não foi

diferente. Então, foi inclusive, aí na escola havia um posto que era o professor, não me lembro como é que era o nome, se era professor-orientador do grêmio, eu ocupei essa função durante um período.” (Carla)

Otacílio: “(...)sempre, sempre teve o grupo do grêmio, mas o aluno eu acho que pelo seu próprio, pelo seu próprio perfil de aluno assim, não são muitos que aderem (...) eu, na minha percepção, acredito, porque eles ficam até com receio de... um grêmio estudantil, como é que ele é ? é político ? não é político? Será que tem influência de... direção, de professores, mas o importante é a existência. Os alunos, claro, sempre eram chamados para ter a representação, sempre teve a representação, eles fazendo as reuniões devidas deles para determinado tema, determinado questionamento, sempre houve participação. (...) Eu acredito que os grêmios, de maneira geral, o estudantil é muito importante, é uma formação fantástica, também da vida deles e eu digo isso porque sempre se fala, nossa missão é a formação do aluno, então essa questão política, essa questão de democracia, de representatividade, através do grêmio, eu acho que tem que sempre se fazer ser representado, sempre se fazer representado. Essa questão do grêmio sempre teve, mas eu acredito que poderia ser muito maior a representatividade, com a mobilização de mais alunos.” (Otacílio)

José Ernesto: “(...) sobre a história do grêmio estudantil, o grêmio estudantil teve um passado bastante importante, mas já na minha época o grêmio estudantil já não... existia, nós tentamos muitas vezes formar o grêmio estudantil e umas vezes conseguimos montar o grêmio estudantil, só que o grêmio estudantil, na minha época eles foram cooptados, basicamente foram cooptados pela direção da Escola e, na verdade, teve um fato muito interessante que um dos presidentes do grêmio, cooptado, ele era o cara que entregava os professores para a direção, quem criticava a direção em sala de aula e outras coisas mais, é uma passagem muito triste inclusive, de lembrança muito triste que eu tinha em relação a esse tempo. ” (José Ernesto).

OUTRAS HISTÓRIAS...



Figura 15 - Festa na casa da Profª Aldema. Estão os professores: KGF e Aldema; e os alunos: Ferrugem, Landrace Vasco, Chorão do Macaca, Vira bosta, Leonel, Jumento e Goiabada.
Fonte: Acervo Particular Nelci Posser

Eunice

A tormenta de 64: “(...) a estrutura não era aquilo ali que tá ali, na tormenta de sessenta e quatro. Aí já era, foi quando os militares tomaram conta, demoliu, demoliu o refeitório todinho, demoliu várias salas de aula, demoliu horrores de coisa, que nós não podia ter aula ali. Nós fomos mudar, sabe um pavilhão que tem lá embaixo, perto do açude, quase na entrada para a Escola, não sei se aquele pavilhão ainda está de pé. Tem uns eucaliptos, a estrada, uns eucaliptos e um pavilhão para cá, então mudaram, só ficou... a quarta... do Ginásio funcionando ali e os outros alunos foram transferidos para Viamão e outros pararam com o estudo porque não tinha sala de aula. Os que estavam no último ano foram para Viamão e nós ficamos ali, que não éramos internos

(...) morávamos ali, funcionando naqueles pavilhões, nós ficamos terceiro e quarto ano ali, do Ginásio (...) Ficaram os internos.

Como educação física, o Pavani, votou na daqui (Alegrete), que é a Vera, a Vera Freitas, porque ele também dava aula para a Vera. Por um voto eu perdi, se ele tivesse votado em mim eu tinha saído, me lembro até hoje, como se fosse hoje, com os vestidos de renda rosa, com forro rosa por... dentro, por baixo, sabe assim. A Vera Freitas é professora de educação física hoje, mas aposentada também (...) não era minha colega, ela era do grêmio aqui de Alegrete, eu fui representando o grêmio de lá do Colégio (...). Era uma torcida, uma torcida.” (Eunice)

Tragédia na formatura: “Na minha formatura o nosso paraninfo foi o reitor da universidade federal, aí já era federal. O Mariano da Rocha, foi quem entregou o diploma para nós, foi nosso paraninfo. E depois do curso técnico aí já não, era outro reitor (...). Fizemos formatura e foi uma festa! a nossa formatura de Ginásio foi uma festa, foi o... bolão de ouro que nós chamávamos aquele dono do museu Bicca ali, que deu a festa para nós, ele era fazendeiro, nos deu a festa todinha, todinha, inclusive houve um acidente horrível com um aluno, um colega meu, o João Martin, pegou o carro de um que estava na formatura e saiu com... criança junto para Manoel Viana, acho que para comprar mais bebida, não sei o que que ele foi fazer e pechou, tinha aqueles postes da telefonia, aqueles de ferro no meio da, e pechou o carro e saltaram as crianças que estavam na carroceria, saltaram fora, inclusive um que foi professor lá depois, o Ivoni (Ivoni Garcia dos Santos), quebrou as pernas, ficou todo aleijado.

Sofreu esse acidente ...ele foi o que mais se machucou, mas ele se recuperou, ele conseguiu ficar caminhando, mas todo aleijado e, por fim, ele ficou numa cadeira de roda. Ele caminhava de muleta, ele caminhava todo torto, o pobre do Ivoni. Ele foi daquela turma quando criaram os polivalentes, sabe? Que tem um que agora não é mais polivalente, que era só a área técnica e que formaram alunos para dar aula para esses polivalentes, onde foi ele e outro rapaz que foi que ficou diretor lá na Escola, o Oviedo (...) lá nos anos que passaram, o Oviedo também fez esse curso para polivalente e ficou, no fim acabou ficando de diretor lá no Colégio Agrícola.” (Eunice)

José Nilton:

Punições: “(...) a Escola tinha essa estrutura de casas para professores, casas para professores e funcionários. E ali moravam uns cinco, seis professores, inclusive um era vice-diretor, outro era o chefe de aluno. Então tinha que aquele acompanhamento do aluno fora de horas, na noite, ou o funcionário chamado inspetor, era aquele inspetor que cuidava o refeitório para não, para distribuir certo as refeições, cuidar o aluno para não furar fila e, às vezes, aquele que dava punição porque o cara xingou o outro ou faziam bater fundo de caneco, às vezes um puxador do bater fundo de canecos, ele era punido depois, e essa punição, às vezes, ia até, dependendo do caso, se o cara se ... ofendia o inspetor ... aí dava até suspensão, três dias, cinco dias de suspensão ou impedimento. Na época falavam muito no impedimento, então o que era o impedimento para o aluno interno? era não sair, estava impedido de sair final de semana ou

às vezes dois final de semana, você está impedido por dois final de semana, então não saia da escola naqueles dois próximos final de semana, daí a família tinha que ir lá saber porquê ou levar a roupa limpa ou trocar a roupa, leva a suja e pega a limpa ou leva mais um bolinho, biscoito e assim por diante.

Punições mais severas aí era quinze dias de suspensão, ia para casa com o ofício para os pais dizendo que o aluno ofendeu os professores e foi suspenso por quinze dias ou outras punições: quinze dias era roubo de laranja, roubavam laranja no pomar; roubavam ovo no aviário ou próprio; roubavam galinha, pegavam roubando galinha, ovo, ou fruta, era quinze dias de suspensão e às vezes era quinze dias que não podia sair da escola, tinha que ficar prestando serviço. E um dos serviços prestados pelo aluno, assim, infrator, era cortar lenha. então tinha no mato da escola, esse mato que tá chegando aí no pórtico, que tá chegando na escola, no IF hoje no pórtico a direita, todo esse mato foi uma vez foi cortado por quatro alunos infratores, quinze dias de machado, cortar no machado e amontoar lenha. Então era as punições severas que tinha na época e depois foi terminando aí foi melhorando, isso aí tudo estava em regimento interno do internato, o aluno que era infrator recebia essas punições e lá também uma severa, mais severa ainda, era a expulsão, aí cabia o caso de expulsão e o aluno já pegava as malas e ia embora, não entrava em outra escola da rede, iria perder o ano todo, aí com a referência de entrar em outra escola no ano seguinte e não podia voltar para a mesma escola”. (José Nilton)

Construção da Escola: “(...) o cara que.... esculpiu a primeira pedra, quando começou as obras na Escola Agrotécnica de Alegrete, o homem da primeira pedra, Eurípides Bayalard, ele já tá velhão, quase noventa anos. E tem outra pessoa que foi chefe do Eurípides, Antônio França, ele mora em Alegrete. O Antônio França é carioca, ele veio do Rio de Janeiro como secretário do ... como é que era naquela época, o intendente, que não era diretor da escola ainda, mas era um mandante ligado ao chamado Instituto Zootécnico, como é de Zootecnia e Veterinária do Estado. Esse cara veio para comandar as obras e o seu Antônio França veio junto como mestre de obras. Antônio França, mestre de obras e Eurípides que ajudava na, era pedreiro, ou seja, ainda, um detalhe, ele diz, conta a história que ele foi em num cerro ali perto, inclusive se tu tiver, assim, saindo da escola em direção ao pórtico de entrada tem uns moradores ali a esquerda, tem umas casinhas, atrás daquelas casinhas tem uns buracos num cerro aberto, assim, por pedreiro, dali saiu a primeira pedra para a construção do primeiro alicerce desse prédio principal que funcionava as... secretarias e salas de aula da antiga Escola Agrotécnica de Alegrete. (...) Eurípides, por último ele se aposentou na marcenaria, marcenaria é aquele galpão lá que vai saindo para os lados do trator, um galpão comprido que tem, que aquilo tá virado em num lixão tem só caco lá dentro e as máquinas que funcionavam antigamente, as plainas, as serras, trabalhava com madeira ali, faziam as portas e janelas da primeira obra da Escola, tudo foi feito lá dentro, depois que foram mudando para ferro nas reformas”. (José Nilton)

Incêndio de 1994: “(...) eu estava na Escola naquela noite. Era morador, eu fui morador, e naquela noite, quando estourou o incêndio eu estava em casa e os alunos bateram lá: ‘Professor, professor, tá incendiando a Escola!’, começou na cooperativa,

disse, o incêndio, o guri assim, então o foco foi na cooperativa na... como é, na sede da cooperativa e ... comentários extras dizem que foi um rádio que ficou ligado na tomada e esquentou a tomada e pegou fogo o rádio e dali pegou nos papéis da secretaria da cooperativa e tomou conta, o começo do fogo foi ali onde é hoje o grêmio estudantil, é ali naquele canto, que é, hoje está novo, reconstruíram tudo.

Consumiu toda a cooperativa, escritório da cooperativa que era ali, passou por cima, tem uma passada por baixo, os alunos passam lá pro alojamento, uma passarela ali, o fogo passou pelo telhado e atingiu o laboratório de física, biologia e química, era no lado; depois a boate, que é bem no canto lá, na sala dos professores hoje, aquele cantinho ali do banheiro dos alunos que tem ali, ali era a boate, consumiu a boate também e pegou para lado direito, ali onde é a área de convivência, por ali tudo foi queimado e atingiu a secretaria de alunos, onde queimou muito documento, o fogo parou realmente na sala do diretor, queimou uma parede da sala e uns armários e na outra já não queimou, parou na, se barrou assim.

Nós demos um jeito também, nós salvamos também muitas gêneros alimentícios que estavam no almoxarifado, um monte de farinha, de açúcar, era um monte mesmo, nós salvamos com água, atirando água de trator, enchemos um pulverizador a balde, que dizer, a gurizada se reuniu e botava de balde no pulverizador de quatrocentos litros e o Braulio (Braulino), o tratorista que era pronome Braulio, ligava o trator e naquele jato do pulverizador molhando, molhando as paredes, molhando o telhado e salvou muitos gêneros alimentícios ali, então...” (José Nilton)

Joaquina

Aula macabra: “O colégio era praticamente autossustentável, a gente colhia, plantava, capinava e colhia, uma certa vez o professor Moreira nos levou para uma prática lá atrás da apicultura, lá no fundão onde tem umas oliveiras. E aí veio uma pessoa ligeiro lá e disse para ele que a esposa dele tinha ido para a cidade passando muito mal, que ia ganhar filho e ele disse: ‘eu já mando uma pessoa para ficar com vocês’, era Ginásio, nós estávamos em seis gurias e mais os gurus, todo mundo capinando milho... era de manhã e o professor não vinha nunca e aí uma colega disse: ‘por aqui tinha um cemitério que o meu bisavô tá enterrado’, aí nós fomos ao cemitério e nós pegamos uma cabeça de um defunto para jogar vôlei, quando a gente estava com a mãos sangrando já de jogar de volta aquela cabeça, veio um colega nosso e nos roubou a cabeça do nosso defunto. (...) nós tínhamos uma professora, a dona Ely Pinheiro Machado, que Deus a tenha, ela tinha mais largura do que altura, era muito gorda e baixinha e era tihosa, furiosa, até pela ditadura a gente sofre.

(...) aí a dona Ely, ela chegava na sala de aula e tomava o ponto do dia seguinte, do dia anterior, e aí os gurus fizeram sacanagem, pegaram aquela cabeça de defunto e pegaram uma moita de barba de bode, é uma planta que dá, é um inço que dá no campo e ela parece uns cabelos, aí eles podaram ela e fizeram tipo de uma franjinha e um cabelinho e botaram naquela cabeça e botaram no armário no fundo da aula, e a nossa sala, ela tinha um porão e tinha aquelas janelas grandes de persiana, e a dona Ely Pinheiro Machado chegou, largou aquela pasta e aquela sacola imensa na primeira

classe e disse: ‘Vou tomar o ponto de vocês, tu aí!’, mas quando ela apontou o dedo para o último aluno lá da fila, que estava conversando, ela enxergou aquele esqueleto e ela, assim: ‘Ahh!’ e desmaiou. Aí um colega bem da frente correu, pegou aquela cabeça e enfiou debaixo do porão da sala de aula e voltou bem quietinho, aí foram chamar o inspetor de aluno, que era o seu Denei, foram chamar seu Denei para abanar a dona Ely Pinheiro Machado, que tinha desmaiado e ela tentando acordar e : ‘Eu vi, tinha ali sim’, aí a aula inteira ficou suspensa uma semana. (...) Ela chorou muito, não deu aula, não tomou o ponto ((risos)), a aula virou uma bagunça, mas graças a Deus que os guris se vingaram por nós, porque eu odiava geografia e história, eu odiava, odiava.” (Joaquina)

Agrotécnica no CTG: “(...) A gente não tinha lazer, ali não tinha, mas tinha o CTG Quero-Quero, ali no Passo Novo (...) e a Vanda, a minha irmã, namorava o Jair Sangel, um rapaz muito bom ali da agrotécnica, que era nosso colega, mas ele rodou um ano, eu sei que ele ficou um ano para trás ele se formou na turma depois da minha. E aí nós fomos para o CTG, sempre 20 de setembro chove, é um tempo chuvoso, e aí o CTG também era com liquinho e aqueles bailes terminavam quatro horas, um pouco passado da meia-noite, e tinha chovido muito, mas muito mesmo e aí os guris da agrotécnica não puderam entrar, porque naquela época tinha que ter o cartão de sociedade, cartão com fotografia da sociedade da onde ele vinha, seja São Luiz, Santo Ângelo, tinha que ter um cartãozinho de apresentação, se não, não era considerado, moreno não dançava, filho de mãe solteira não dançava, peão de estância não dançava, era muito rígido, mas houve um grupo de guris que entraram, conseguiram entrar, mas teve outros que não entraram, aí eles ficaram um pouco na janela e resolveram se vingar.

O que eles fizeram? Eles verificam que saiam os gaúchos de lá de dentro do salão para ir no banheiro, que os homens eram as patentes, latrina, lá longe e dentro tinha dois, tinha dois banheiros, dois espaços, espaços com uma dúzia de pinico em cada banheiro, a prenda chegava levantando o vestido e fazia xixi, mas os homens iam lá naquela latrina lá no fundo. E estava muito molhado, mas muito, era um lago assim, oh. Aí o que que os guris fizeram? Em um intervalo daqueles eles pegaram aquelas latrinas e na mesma, eles observavam que os gaúchos tiravam um espelhinho, até tem um guardado ali, o espelhinho e se olhava ainda no lusco-fusco da luz... do CTG e iam se olhando assim, daqui a pouco eles guardavam, iam lá fazer o xixi e voltavam, o que que os guris fizeram, pegaram aquela, aquela latrina e botaram mais uns quatro passos adiante, ficou todo aquele buraco aberto... aí os guris saiam de lá distraído, estavam penteando o cabelo, e *cloc!* dentro do buraco ((risos)), da patente que tinha, caía na fossa, no buraco da patente, aquele nunca mais voltava, imagina! Aí eles tinham que ir embora para a casa deles. (...) Imagina, os agrotécnicos, fizeram isso, mudaram as latrinas na mesma direção, aí o cara ia, o cara no escuro ele mirava aquela, aquela latrina e olhava só para lá oh, e *cloc!* ((risos)) caía, ah Deus! se a tia Chica aparecesse (...) eles tinham um pé atrás, os guris da Escola eram muito namorador, então eles tinham uma barreira com o pessoal da Escola, tinha uma barreira que impedia os alunos de chegarem até a sociedade, no sentido assim, que tinha que ter uma carteira social (...) filho de mãe solteira não dançava, mãe solteira não dançava, empregada doméstica não dançava, negro não dançava, era bem assim, o CTG Quero-Quero foi criado assim.

Depois com o tempo o CTG deu uma aliviada, mas teve um grupo que não gostou, que estava muita rafuagem, aí o que que fizeram, criaram o da elite que é o Nico Dornelles. O Nico Dornelles nasceu da elite, daquele povo que não aceitou a mistura dos morenos lá no... Quero-Quero.” (Joaquina)

Francisco

COPEAFA:“(...) aí depois uma certa, já EAFA, determinado ponto da EAFA, melhorou bastante essa parte de infraestrutura, começaram a ter mais dinheiro e aí se montou a Agroindústria e tudo mais e a gente começou a trabalhar bastante na questão de produção para vender, aí se vendia, a EAFA mesmo, eu trabalhei na parte de venda uma vez, acho que quase um ano junto com a Carla, era coordenadora do CGP, da parte de produção e eu também trabalhava na parte de produção, mas fazia venda, atendia todo o departamento de vendas, fazia feira em Alegrete, então a gente fazia, chegava a produzir quase meio milhão de reais aqui dentro e isso o que que era bom, esse dinheiro, tudo o que nós produzíamos, que tu produzia, aquele dinheiro que tu vendia caía na conta 250, que nós chamava e aí tesouro nacional direto, mas ficava o relatório que tu fez, oh esse ano produziu 450, 300 mil, esses 300 mil volta para ti, para tu reinvestir, então tinha aqueles dinheiros que a gente conseguia trabalhar com ele (...) aí depois se criou a COPEAFA, a cooperativa que juntou alunos e professores, até gente da região aqui.

A COPEAFA trabalhou um bom tempo, aí o dinheiro vinha para a COPEAFA, para a cooperativa, ela que geria, mandava pro aviário, mandava lá pro gado, pro suíno, mandava isso para lá, lavouras, aí era COPEAFA, tinha um professor que era coordenador do cooperativismo e aí tinha funcionário também da COPEAFA, tinha alunos que faziam parte da diretoria da COPEAFA, tinha alunos que faziam tudo aquilo ali e aí andou, eu fui o último coordenador da COPEAFA, antes dela terminar, literalmente fecharem ela. Ela começou, eu acho que foi em 1985, 1986, quando eu entrei ela estava engatinhando, já estava trabalhando, professor Oviedo que depois foi diretor, que foi caçado, que correram daí, tudo mais, deu esse bololô bem grande. Ele era o coordenador da cooperativa e quando eu cheguei aqui, que ele já me conhecia quando ele tinha sido aluno também e eu fui aluno, a gente já se conhecia, aí ele me disse: ‘bah, tu vai trabalhar comigo na cooperativa, vou pedir pra tu ficar na cooperativa ali pra me ajudar, tu já conhece bem o embalo’, eu trabalhei com o Oviedo, eu acho que uns seis meses, na COPEAFA ali. Mas ela era gerida, muito por alunos, tanto que o presidente da COPEAFA era aluno, tinha que ser aluno, o regimento, o estatuto (...) era uma disciplina, era o professor Marcos até que estava dando cooperativismo quando eu entrei (...) 1985 até 1992, eu acho.

Terminou porque aí não... houve mais interesse dos alunos em participar daquele trabalho ali e ela tinha dado um, deu um bololô muito grande nesse incêndio, esse incêndio que realmente terminou ela, foi esse incêndio que queimou todo o material que tinha ali de registro e de coisas e tudo. Terminou, terminou com tudo, então não ficou, aí tentamos agrupar alguns produtores que ainda eram associados, servidores associados, porque tinha um espaço ali que a gente tinha tipo um mercado mesmo, o pessoal

do Passo Novo vinha fazer rancho ali, os funcionários faziam rancho ali na COPEAFA, tudo, tudo, e ela estava tentando se recuperar e tudo mais, mas ficou muito difícil, aí veio um cara, o Nilvon, finado, já faleceu o Nilvon, que era técnico cooperativismo, veio para tocar ali, mas ficou um tempo e foi embora para Santa Maria, pediu transferência e foi embora e aí me nomearam como coordenador da COPEAFA, professor Oviedo esse, trabalhei dois anos coordenando.

Fui o primeiro que montou um refeitório separado, uma cantina que tem, que se diz, que aí eu montei porque os professores não queriam mais almoçar lá na fila dos alunos, lá no refeitório e aí eu montei duas peças ali, montamos uma cozinha e fiz um refeitório para servir comida para os professores ali, onde está a cantina agora, ali em cima. (...) os alunos mesmo começaram a se juntar, já depois que se transformou em IF, Instituto Federal, porque no tempo da EAFA ainda eles não, não iam comer lá, quase todo mundo comia, não era permitido eles comerem lá, eles comiam lá na cooperativa ali onde estava aquele pessoal. (...) nem funcionários, nem professor era permitido comer lá no refeitório dos alunos (...) tinha três cozinheiras que contratei pela cooperativa, foi contratado pela cooperativa, não era da União, era a cooperativa que administrava e eu administrava, mas era ali a gente fazia tudo, porque nós mesmo comprava vaca e matava para nós usar ali no refeitório nosso, ali na cantina que chamavam, e aí os professores e funcionários começaram todo mundo vim ali, aí todo mundo almoçava ali.

Quando começou estava andando bem, com os incêndios ficou umas dívidas e eu já estava pagando tudo, já tinha melhorado, quando transformei a cooperativa, ficou um lugar bom, assim, com mesas novas, tudo mais, aí uma senhora que tinha sido funcionária da cooperativa lá atrás, acho que passou seis, oito anos atrás, tinha entrado na justiça e aí ganhou, aí eu sei que a Instituição teve que pagar na época, sei lá, treze, quatorze mil para ela de indenização e tudo mais e aí o diretor na época, professor Rivadávia Leite, que era daqueles professores indicados politicamente, ele me disse: ‘bah, não, vou terminar com isso aí, pode, tem que pagar esse monte de dinheiro agora, tem que pagar para essa mulher aí, porque não sei o que, aí esses funcionários tudo aí são terceirizados, vão começar a entrar na justiça e tudo mais, vão terminar com isso’, aí deu um canetaço e terminou com a COPEAFA, pronto, aí começaram a terceirizar a cantina, aí vieram pessoas físicas, firmas, começaram a cobrar aluguel e as pessoas entram com todo o maquinário, todo material, todo e pagam aluguel para a Instituição, para União.” (Francisco)

Tretas internas: “(...) lá em 1995, 1996 essa Escola passou por um período de briga, de uma, como é que se diz, de uma coisa interna, uma briga interna muito grande, muito forte, foi quando conseguiram depor esse diretor, o José Oviedo, levaram dois anos brigando, assim com clima muito ruim dentro da Escola, que as pessoas escolheram lado, ou tu é desse time ou tu é desse time né, então ficou chato. Mas a gente meio que se respeitava, trabalhava do jeito que dava, mas era um puxando para cá, outro puxando para lá, até que foi que, aí depuseram esse diretor, tudo mais, mas aí veio diretores pro tempore, não era escolhido ainda dos diretores aqui de dentro. Diretores pro tempore que chamavam, vinha gente de fora, vem lá de São João Evangelista, de Minas

Gerais veio ser diretor aí. E mais esses políticos, que eram indicados pelo governador ou lá de cima, Amir Peres dos Anjos foi diretor indicado, depois o Rivadávia foi diretor indicado, todas essas coisas aconteceram. E aí nessa época, houve uma animosidade bem forte entre professores e servidores, umas coisas chatas, assim de brigarem, de briga mesmo, de se ameaçarem de revólver, de tiro e tudo, de os caras andarem armados.” (Francisco)

Dois incêndios: 1994 e 1996: “(...) Essa boate foi até o incêndio, mas a boate não foi num incêndio criminoso, foi um incêndio já depois que veio, quando foi instalada a primeira câmara fria aqui, uma câmara grande que instalaram, onde é o consultório da dentista ali, tem um túnel que entra pro lado da Marcele e para o lado de cá, naquelas paredes ali, é o consultório da dentista ali e ali foi instalado uma câmara fria, enorme, grandona assim, tamanho disso aqui...incendiou. O problema assim, quando incendiou, eu me lembro muito bem de ter passado ali e o cara estava falando com o pessoal de Alegrete, dali, me lembro, acho que finado Denei que estavam junto ali olhando, o cara disse: ‘acho que esses fios dessas ligações, dessa rede de vocês não vai aguentar’, o eletricitista que estava instalando a câmara fria essa.

E aí ele disse ‘não vai aguentar esses fios, tem fio muito velho aí, vocês vão ter que ajeitar’ e nunca ajeitaram, aí uma noite deu um curto, estourou e deu um curto, aí queimou tudo, de madrugada começou o incêndio, a biblioteca, um banheiro, almoxarifado e duas salas de aula que vinha até aqui, tudo queimou, esse ‘L’ queimou tudo. (...) agora, esse outro que queimou a COPEAFA é o contrário, queimou toda aquela ala aonde a Marcele tem aqueles grupos todos (...) foram dois incêndios (...) no primeiro, não passou naquele túnel que tem que vai lá para os alojamentos, não passou ali, só queimou dali para cá. Esse até hoje não se sabe (...) envolveu todos esses documentos da cooperativa que estavam guardados lá e acabou ficando meio chato ali aquela coisa ali, mas nunca se soube realmente como iniciou primeiro foi em 1994. O da câmara frigorífica, esse já foi dois anos depois, em 1996 por aí já, toda essa ala pegou, mas foi, a gente acha quase que, com certeza, que foi realmente a câmara fria que começou a puxar aquela energia e aí não aguentou.” (Francisco)

Gleice

O Lobisomem do Passo Novo: “O meu tempo é do seu Miguel, que era guarda, do seu Alvarim, era o lobisomem, que a gente se (...) de medo do seu Alvarim, porque todo mundo contava (...) Seu Alvarim era guarda, junto com o seu Miguel, cada noite era um guarda da Escola, lá na Escola antigamente, quando eu era criança, tinha um gerador, a luz apagava às nove horas da noite, então criança sabe como é que é né, adora andar correndo, então a gente, a mãe sempre dizia: ‘tem que vir antes das nove, da luz apagar, se não o seu Alvarim vai te pegar, porque seu Alvarim é lobisomem’, todo mundo dizia que seu Alvarim era lobisomem, e a gente viveu a vida inteira todo mundo dizendo que seu Alvarim era lobisomem, e ele era magrinho, feio, ele era muito estranho seu Alvarim, então realmente ele era uma pessoa que passava medo para a gente, sabe, e daí tinha uma noite era seu Alvarim, o guarda da Escola e na outra noite era o seu

Miguel Carpes, então eram os dois guardinhas da Escola que se revezavam as noites inteiras assim cuidando da Escola, eles ficavam caminhando a noite inteira (...) Identificava todo mundo, ele sabia o nome de todos os guris, todos, seu Alvarim tinha muita história, os guris contavam muita coisa do seu Alvarim, alguns inclusive contavam que já tinham visto seu Alvarim virar lobisomem né, o que é uma coisa que eu não acredito até hoje, mas tinha histórias de que realmente sue Alvarim virava lobisomem.” (Gleice)

Bento

Os rapazes da agrotécnica: “(...) nos finais de semana, quando a gente tinha para sair, os internos iam para o Passo Novo ou Manoel Viana, então aí sempre tinha confusão né, sempre tinha confusão... os alunos do Colégio Agrícola, eles chegavam em Passo Novo, ou chegavam em Manoel Viana, eles eram diferentes do pessoal da cidade né, então uns jovens bonitos e, geralmente, namoravam, o pessoal na época era muito paquerador, então nas discotecas namoravam as gurias da cidade e, geralmente, os rapazes não ficavam muito felizes, só um pouquinho, então não tinha ida ao Passo Novo e Manoel Viana que não tivesse uma peleia com os guris do Colégio Agrícola, sempre tinha, era certo, ou no futebol ou nas boates sempre tinha uma briguinha, então certa feita aqui em Manoel Viana o pessoal (...) eles terminaram com uma boate no salão paroquial, e a polícia só tinha um fusquinha e não sabia o que iam fazer com 30, 40 homens né.

Eles levaram a turma inteira até a tal escola, Instituto Federal ali no campus Alegrete, a pé, os alunos, os guris foram a pé de Manoel Viana até o campus e o fusquinha atrás ((risos)) porque não tinha como prender, não tinha como bater neles, aí foram levaram eles, como gurizada aprontava! aprontava eles, mas era umas pessoas muito bacanas assim, muito, porque na convivência lá, a gente brinca até hoje, a gente convivia com pessoas de... todos os lugares, de todas as classes sociais e de tudo, então o que que acontece, lá tinha maconheiro, tinha ladrão, tinha gente da elite e tinha umas pessoas paupérrimas que precisavam de, ficar lá o ano inteiro para poder estudar, então a gente fala até hoje assim, nós demos certo, porque tinha que dar certo mesmo, porque se a gente fosse pegar para o lado errado tinha todas as condições, então a gente fala até hoje que os três anos de Colégio Agrícola foram fundamentais para nós, principalmente para ter outra visão de mundo.” (Bento)

Luciano

Alarme falso: “(...) Ali dava muita história, coisa de armadilha que eles faziam com a gente, às vezes pegavam, as vezes não ((risos)) (...) eles botavam, no inverno eles botavam lata d’água em cima das portas (...) acho que fazem até hoje, porque pouco tempo antes de me aposentar, botaram lixo para mim ((risos)). Eu fui acordar um aluno que ia para a bovino, e ele pediu para chamar ele, aí eu fui lá acordar, empurrei a porta do alojamento, o lixo virou, caiu na minha cabeça, eu cheio de roupa, e pala, e manta, caiu toda aquela terra para dentro ((risos)) às seis e, às cinco e meia da manhã. (...) Era tudo, era tudo o que eles queriam, era ganhar do guardinha, porque o guardinha que

chamava eles na caneta. Eles colocaram um balde de água gelada uma vez, para pegar o Araci, que o Araci era muito ‘casquinha’ com os alunos.

E tava eu e ele de serviço, aí quando colocaram um balde com vinte litros d’água em cima de uma porta, para pegar ele, e ele tava, e ele não tava no alojamento na hora, tava eu. O alojamento era ali embaixo, onde é a informática agora, e eles aproveitaram, apresentaram uma bagunça no alojamento, pra chamar, para a gente ir lá, e eu tava ali e fui, e aí quando eu cheguei, eu falei, era umas portas de duas folhas, assim, que abria para dentro, então ficava na feição. Quando eu ia levar a mão assim ((fez um gesto de empurrar a porta)), cruzou um aluno correndo no corredor, de dentro de um alojamento, para outro assim, e sabia que tinha água ali, e sabia que não era para mim e empurrou a porta e a água caiu nos meus pés (...) aí depois o guri me disse, não, não era para ti que nós tinha feito a judiaria, mas tu ia cair, e eu, pois é, ia ficar até dez horas da manhã, porque nessa época eu já morava aqui na cidade (Alegrete).

(...) outra noite eu estava de serviço sozinho e um colega passou meio embriagado lá, e eu tava lá na, estava ali na informática, aqui embaixo, e o colega passou lá em cima, apagou todas as luzes. Ele, de férias, não tinha ninguém, estava só eu no Colégio. Eu voltei lá em cima e tava tudo apagado, só pode ser ladrão! me dando medo já. Nesse tempo eu não tinha arma, estava proibido trazer arma (...) peguei meu carro, fui lá no Passo Novo, trouxe a polícia (...) fui lá, e falei com os policiais, quase entraram,(...) tu ligou tudo, saiu de lá tava tudo apagado, uma meia hora depois. Aí foi dois policiais na mata também, com lanterna, e, aí fomos... e aí eles revisaram tudo lá também, não achamos nada, levei eles de volta, e o cara olhando, o colega ali, outro dia tirava sarro de mim. (...) Outro dia o cara contava e dava risada ((risos)).” (Luciano)

O atirador do Lajeado: “(...) seu Alvarim, disse que uma vez viu uma bruxa, podando as pontas dos eucaliptos lá... Seu Alvarim via assombração, eu nunca, eu nunca vi nada. Outra vez, ele disse que andava na lagoa ali, e ele ainda assim, e disse que viu um tatu, e tá, vou dar um tiro nesse tatu e levar, aí deu dois tiros, cada tiro que ele dava o tatu ficava maior ((risos)). Ele disse que no terceiro tiro, o revólver dele negou, mas eu não sei se era verdade isso, se era lenda aquilo, ele era um homem velho, assim muito difícil, não dava para a gente duvidar, ele assim... que antes de ser funcionário foi até criminoso de morte, assim, mas é isso... mas não dá para a gente duvidar nada, que ele ficava brabo. O Lajeado (Rio) tem muitas histórias, do Lajeado ((risos)) O seu Alvarim disse que ia para o Lajeado pescar, só que ele não levava anzol, ele ia para aquela cachoeira que tem ali para baixo da ponte com a arma, e quando o dourado dava um vôo... ele matava à bala ((risos)) é história dele também.” (Luciano)

Experiência Quase-roubo: “(...) À noite, outra coisa engraçada também. Era tempo de férias e estavam reformando aquele pavilhão do alojamento grande lá na frente, e não tinha nada de luz, o Colégio estava totalmente sem, sem lâmpada, sem iluminação e deixaram os pedreiros, deixaram um monte de cano PVC, esses canos grossos de esgoto enfiado na janela e tinha um cara roubando, e eu... eu ouvi o barulho, não tinha como enxergar, e se eu acendo lanterna não adianta, lanterna no escuro não pode usar. Aí eu me abaixei bem naquele túnel ali que passa na parte central para o alojamento,

e me abaixei, quando eu ouvi o barulho eu dei um tiro ... e o cara tinha um cachorro com ele ((risos)), o cachorro se assustou muito mais do que ele, fez a voltapela frente e entrou no túnel atrás de mim. E o túnel não tinha piso, era de brita solta, mas esse cachorro me deu um susto, que eu me esqueci até que estava com o revólver na mão e o cara tinha disparado, aí o cachorro, o cachorro vinha voltando, porque o cara era ali de perto, e fez toda aquela volta pela frente e voltou por dentro para sair para o lado da casa dele (...) entrou correndo na brita, fez aquele barulhão, e eu me assustei e dei uma sapateada e assustei ele, ele esbarrou e veio até perto de mim assim ((risos)), mas eu me esqueci que estava com o revólver na mão, tal foi o susto que eu levei.” (Luciano)

Triste partida: “(...) O aluno morreu jogando futebol no campo. Eles almoçavam e depois do almoço eles costumavam jogar futebol, e aí eles estavam jogando futebol. O guri ia correndo, driblando, e aí caiu morto(...) Atenderam, colocaram em um carro do professor Paines... O seu Adonis tinha um carro zero quilômetro, acho que não levou cinco minutos até chegar no hospital, não adiantou, já caiu morto... Era um gurizão, acho que dezoito, dezenove anos (...) chegaram aqui, foram para o hospital... veio a família, gente rica, e o guri era muito conceituado, era presidente do grêmio, um líder (...) sei que nunca esqueci o apelido, que era Ratinho (...)todo mundo se conhecia pelo apelido naquela época lá.” (Luciano)

Incêndio de 1994 “(...) Meu colega que tava de assistente... e na parte de cima, lá no alojamento do segundo ano, me chamou, aí eu desci correndo para lá, cheguei lá, já estavam... tomando conta aí ... eu só assisti, fiquei só assistindo ele gritando, pulando, eles estavam querendo tirar coisas do almoxarifado, que é ali onde é o posto de saúde agora ali, era o almoxarifado, o fogo começou por ali, ali onde é a sala dos alojamentos ali, que era o escritório da cooperativa, o fogo começou ali. Queimou tudo, toda aquela travessa ali, queimou tudo.

Quando chegou os bombeiros, chegaram lá, tinha vazado a... ((risos)), a estrada era de chão, de pedra, muito ruim, e com a vibração, caiu a tampa do tanque, e vazou toda a água deles, fizeram toda a armação para seguir apagando o fogo e tava seco o tanque, tiveram que encher o tanque, aí queimou, aí só livraram aquelas salas de aula que tem, aquelas antigas que tem a saída para o refeitório ali, aquelas não deixou queimar, e a outra parte lá, aqueles prédios do centro ali, que tava pegando já nas pontas ali (...). O almoxarifado tinha alimento para o mês todo para os alunos, tinha acabado de descarregar um caminhão e foi completando ali de (...).

Queimou a biblioteca. A biblioteca tinha... aquela passagem que tem no alojamento, tinha os escritórios da cooperativa, depois tinha a biblioteca que construíram lá, e queimou tudo, queimou tudo, as coisas da cooperativa queimou tudo, aquela parte onde tem aqueles banheiros, uns banheiros femininos que tinha ali, ali era parte da, pertencia ao refeitório antigo, que tava sendo usado pela cooperativa, aquilo ali queimou tudo, e eles evitaram de passar o fogo para aquela sala de aula ali (...) começou era cinco horas da madrugada (...) foi curto elétrico (...).” (Luciano)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ebook é resultado do projeto de extensão: “Memória Institucional do campus Alegrete: da Escola Agrotécnica ao Instituto Federal” (2021), através do qual buscou-se o resgate da memória institucional do IFFar – Instituto Federal Farroupilha, Campus Alegrete -RS, desde sua criação como Escola Agrícola. O texto teve por objetivo contar parte dessas décadas de ensino no interior do Rio Grande do Sul ao mesmo tempo em que demonstra a importância do método história oral face à ausência de documentos escritos. Tendo em conta as aproximações e afastamentos de suas memórias expressas em doze diferentes depoimentos, esperamos contribuir com uma história que resista ao tempo.

O projeto realizou doze entrevistas com alunos egressos e servidores aposentados, seguindo a metodologia da História Oral - do roteiro até a transcrição. Conforme Meihy (2021,p.56): “como método, a História Oral se ergue segundo pressupostos que privilegiam as entrevistas como motivo central(...)”. Naquele primeiro momento não houve uma análise e interpretação dos dados mais aprofundada, conforme a ideia de publicar em um *ebook* com as transcrições dos depoimentos praticamente na íntegra. Estes trazem narrativas representativas da diversidade de trajetórias percorridas no IFFar de Alegrete em cada uma das décadas de 1950, 1960, 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010.

Dentro do corpus teórico da História Oral, o teórico italiano Alessandro Portelli foi fundamental (1997), principalmente no que diz respeito à ética e à responsabilidade no trabalho de campo, à importância da escuta, e às especificidades deste método tão sensível porque lida justamente com as pessoas como “fontes”, destacando as questões relativas à subjetividade do diálogo. Chantal Tourtier-Bonazzi (2006) foi relevante para o entendimento de que a entrevista semi-dirigida está situada entre um monólogo e um interrogatório, não podendo estar muito desprendida, nem muito presa.

Outra contribuição importante partiu da historiadora Verena Alberti (2013), sobre a noção de que a História Oral auxilia no entendimento da existência das “histórias dentro da história” e permite, com isso, a abertura de um leque interpretativo e de uma visão mais crítica da realidade. Esta mesma autora apresentou- nos detalhadamente os aspectos técnicos das fases que envolvem a preparação, a realização e a transcrição das entrevistas neste momento da presente pesquisa, que precede a interpretação e a análise do material. Esperamos que o texto sirva como fonte para quem desejar trabalhar com a história e a memória do IFFar, campus Alegrete ou mesmo para inspirar estudos sobre a memória institucional escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Janaína (Org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006

CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. 1a.ed.São Paulo: Contexto, 2019.

CHANTAL Tourtier-Bonazzi. Arquivos:propostas metodológicas. IN:Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2006. (p.236-246)

MEIHY, José Carlos Sebe B. *História Oral: como fazer, o que pensar*. 2a edição. Editora Contexto: São Paulo, 2021.

PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho – Algumas reflexões sobre a ética na História Oral* (Conferências). In: Proj. História, São Paulo (15),abr.1997, p.13-49.

VERENA, Alberti. *Manual de História Oral*. 3a edição. Rio de Janeiro:Editora FGV, 2013,



Instituto Federal Farroupilha/ 2022
Campus Alegrete
RS 377- Km 27-Passo Novo -RS
CEP :97555-000 Telefone: (55)3421-9600